



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

CLAUSI MARIA DO PORTO GOMES

**MUSEUS TEMÁTICOS DO HOLOCAUSTO: UMA ANÁLISE DOS *WEBSITES* À LUZ
DA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS**

BELO HORIZONTE

2020

CLAUSI MARIA DO PORTO GOMES

**MUSEUS TEMÁTICOS DO HOLOCAUSTO: UMA ANÁLISE DOS *WEBSITES* À
LUZ DA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão e Organização do Conhecimento da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do grau de Doutora em Gestão e Organização do Conhecimento.

Linha de Pesquisa: Gestão e Tecnologia.
Área de concentração: Representação do Conhecimento.

Orientadora: Profa. Dra. Cátia Rodrigues Barbosa.

BELO HORIZONTE

2020

G633m

Gomes, Clausi Maria do Porto.

Museus temáticos do holocausto [recurso eletrônico] : uma análise dos websites à luz da declaração universal dos direitos humanos. / Clausi Maria do Porto Gomes. - 2020.

1 recurso eletrônico (197f.: il., color): pdf.

Orientadora: Cátia Rodrigues Barbosa.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

Referências: f. 183-195.

Apêndices: f. 196-197.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader

1. Ciência da informação - Teses. 2. Museus - Teses. 3. Direitos humanos - Teses. 4. Sites da web - Teses. I. Título. II. Barbosa, Cátia Rodrigues. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

CDU: 069:342.7



FOLHA DE APROVAÇÃO

MUSEUS TEMÁTICOS DO HOLOCAUSTO: UMA ANÁLISE DOS WEBSITES À LUZ DA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

CLAUSI MARIA DO PORTO GOMES

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em GESTÃO E ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO, como requisito para obtenção do grau de Doutor em GESTÃO E ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO, área de concentração CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, linha de pesquisa Gestão e Tecnologia.

Aprovada em 30 de junho de 2020, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Cátia Rodrigues Barbosa (Orientadora)
Aposentada/UFGM [por videoconferência]

Prof(a). Renata Maria Abrantes Baracho Porto
EA/UFGM [por videoconferência]

Prof(a). Pablo Alexandre Gobira de Souza Ricardo
UEMG [por videoconferência]

Prof(a). Rita de Cássia Marques Lima de Castro
USP [por videoconferência]

Prof(a). Júlio César Suzuki
USP [por videoconferência]

Belo Horizonte, 30 de junho de 2020.



ATA DA DEFESA DE TESE DA ALUNA **CLAUSI MARIA DO PORTO GOMES**

Realizou-se, no dia 30 de junho de 2020, às 14:00 horas, Videoconferência, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de tese, intitulada *MUSEUS TEMÁTICOS DO HOLOCAUSTO: UMA ANÁLISE DOS WEBSITES À LUZ DA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS*, apresentada por CLAUSI MARIA DO PORTO GOMES, por videoconferência, número de registro 2016712168, graduada no curso de SERVIÇO SOCIAL, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em GESTÃO E ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Cátia Rodrigues Barbosa - Aposentada/UFGM [por videoconferência] (Orientadora), Prof(a). Renata Maria Abrantes Baracho Porto - EA/UFGM [por videoconferência], Prof(a). Pablo Alexandre Gobira de Souza Ricardo - UEMG [por videoconferência], Prof(a). Rita de Cássia Marques Lima de Castro - USP [por videoconferência], Prof(a). Júlio César Suzuki - USP [por videoconferência].

A Comissão considerou a tese:

☒ (X) Aprovada

☐ () Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.
Belo Horizonte, 30 de junho de 2020.

Prof(a). Cátia Rodrigues Barbosa

Prof(a). Renata Maria Abrantes Baracho Porto

Prof(a). Pablo Alexandre Gobira de Souza Ricardo

Prof(a). Rita de Cássia Marques Lima de Castro

Prof(a). Júlio César Suzuki

À minha querida família.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me presenteou com a oportunidade de cursar o doutorado, e por me conduzir quando eu sequer conseguia seguir em frente. A Deus seja a Glória! Agradeço a Jesus pela força e saúde para encarar todos os desafios durante estes quatro anos intensos, motivada pela fé que “tudo posso naquele que me fortalece”.

Agradeço à minha mãe Maria José de Oliveira Gomes e ao meu pai Osvaldo José Gomes (*in memoriam*), pela educação e pelos valores recebidos. Aos meus irmãos, cunhados (as), sobrinhos e familiares, grata pela ajuda, companheirismo e apoio em todos os momentos.

Aos amigos e irmãos na fé, pelas contínuas orações e por todo apoio durante a vida acadêmica. Em especial agradeço aos meus pastores John e Marialva Martin, aos professores Cleide Maciel, Karol Reynolds, Sara e Nahum Burgeson, Miralva, Luzimar Antunes, Josi Ribeiro e aos profissionais Felipe Moraes, Aline Faleiro, Alexandra Oliveira, Mark Martin e Jacira Ferracio.

Um agradecimento especial à minha orientadora Cátia Rodrigues Barbosa pela orientação, pelo aprendizado, pela dedicação e, acima de tudo, por dividir o conhecimento.

Agradeço imensamente às contribuições dos professores Pablo Gobira, Renata Maria Abrantes Baracho Porto, Rita de Cássia Marques Lima de Castro e Julio César Suzuki, por todo conhecimento compartilhado, pelo incentivo e pela paciência, pelas contribuições para um melhor direcionamento da tese. Profissionalmente, aprendi muito com vocês!

Aos professores, amigos e colegas do PPGGOC e do PPGCI, pela convivência, pela troca de experiência e, em especial, à Carla Vieira, Wilimar Ruas, Adriana Torres, Fernanda Matos e a Jorge Santa Anna. Principalmente, agradeço à Gildenara da Costa, Gisele, Álvaro, Cláudia Márcia, Lucimary e demais funcionários pelo exemplo e gentileza em atender às minhas solicitações.

Agradeço imensamente à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde sou servidora há 29 anos, e em especial, aos colegas do DAP/UFMG Hélio, Fatima e Marisa Feliciano que contribuíram muito para que eu pudesse terminar a minha graduação, sou eternamente grata!.

Agradeço muitíssimo à Escola de Engenharia da UFMG, aos diretores Prof. Alessandro Fernandes Moreira e Prof. Cícero Murta pelo incentivo e apoio, certa de que não seria possível essa jornada sem o apoio incondicional dessa instituição.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram, de alguma forma, para que esse momento se tornasse realidade.

*Não a nós, Senhor, nenhuma glória para nós, mas sim
ao teu Nome, por teu amor e por tua fidelidade! (Salmos 115:1).*

Nós jamais poderemos nos silenciar ou ficarmos indiferentes quando seres humanos sofrem tanto. Temos que defender sempre as pessoas vulneráveis e levar os algozes à justiça. [...]um futuro melhor depende da educação. Após os horrores do Século 20, não pode haver nenhum espaço para intolerância no Século 21. Eu garanto que como Secretário-Geral das Nações Unidas, estarei na frente de batalha contra o antissemitismo e todas as formas de ódio. Vamos construir um futuro de dignidade e igualdade para todos – e assim honrar as vítimas do Holocausto que nós jamais permitiremos que sejam esquecidas.

*(António Guterres, Secretário Geral da ONU).
Mensagem sobre o Dia Internacional em
Memória das Vítimas do Holocausto - 2017.*

RESUMO

Mediante pesquisa exploratória e aplicação de análise de conteúdo, este trabalho buscou contribuir para o estudo de *websites* de museus do Holocausto e outros museus temáticos na inserção dos direitos às pessoas, pela criação de um modelo por meio de indicadores de Direitos Humanos (DH), com ênfase na abordagem da educação nessa temática. Ao responder à pergunta de pesquisa: os museus do Holocausto abordam direitos humanos em seus *websites*? E em caso afirmativo, como se utilizam de ferramentas virtuais para interagir com seu público e buscar a efetividade da sua missão? Identificou-se que: os resultados obtidos da avaliação de 20 museus estudados demonstram que os elementos nos conteúdos dos *websites* de museus do Holocausto fazem referências aos direitos humanos, seguindo um padrão baseado na Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). Os museus estudados apresentam efetividade no uso das técnicas de mobilização e sensibilização que a tecnologia permite aplicar, para levar à conscientização sobre abusos de poder e sobre os direitos humanos, utilizando as estratégias digitais no espaço expográfico que levam ao encorajamento do envolvimento dos visitantes com a temática e à sua conscientização sobre o tema. No entanto, em relação à interação social nos *sites* dos museus estudados, os resultados demonstram que os sites não oferecem interação *on-line* síncrona com o visitante. Após análise dos *websites* dos 20 museus, construiu-se um modelo de referência para a criação de indicadores de DH, o qual comporta ações administrativas de identificação do problema, implementação de ações solucionadoras, monitoramento, avaliação. A proposição do modelo abrange, então, questões que envolvem identificar se a educação em DH foi claramente definida em termos da missão e dos objetivos do museu, se as diretrizes incentivam a criação do *menu* educação com atividades que promovam educação em DH e se as diretrizes, após a criação do *menu* educação, incluem ferramentas colaborativas no site. Ressalta-se que, como as mídias sociais são ferramentas que proporcionam uma maior interação social entre o museu e o visitante *on-line* e não foi encontrado interação *on-line* síncrona, recomenda-se, para futuros estudos, a análise das mídias sociais e a interação com o público *on-line* dos museus. Cabe ressaltar também que a gestão da informação nos museus poderá contribuir para o mapeamento das informações sobre os seus acervos, levando em consideração os aspectos sociais e culturais dos artefatos que, quando apresentadas ao público, ponderarão seu significado social e cultural.

Palavras-chave: Museus do Holocausto. *Website*. Direitos Humanos. Ciência da Informação.

ABSTRACT

Through exploratory research and application of content analysis, this work sought to contribute to the study of websites of Holocaust museums and other thematic museums in the insertion of people's rights, through the creation of a model using Human Rights (DH) indicators, with emphasis on the approach of education in this theme. In answering the research question: do Holocaust museums address human rights on their websites? And if so, how do they use virtual tools to interact with their audience and seek the effectiveness of their mission? It was identified that: the results obtained from the evaluation of 20 studied museums demonstrate that the elements in the contents of the Holocaust museum websites make references to human rights, following a pattern based on the Universal Declaration of Human Rights (UDHR). The museums studied are effective in using the mobilization and awareness techniques that technology allows to apply, to raise awareness about abuses of power and human rights, using digital strategies in the exhibition space that lead to encouraging the involvement of visitors with thematic and their awareness of the topic. However, in relation to social interaction on the websites of the studied museums, the results demonstrate that the websites do not offer synchronous online interaction with the visitor. After analyzing the websites of the 20 museums, a reference model was built for the creation of HD indicators, which includes administrative actions for identifying the problem, implementing solving actions, monitoring and evaluation. The model proposal then covers issues that involve identifying whether HD education was clearly defined in terms of the museum's mission and objectives, whether the guidelines encourage the creation of the education menu with activities that promote HD education and whether the guidelines, after creating the education menu, include collaborative tools on the website. It is noteworthy that, since social media are tools that provide greater social interaction between the museum and the online visitor and no synchronous online interaction was found, it is recommended, for future studies, the analysis of social media and interaction with museums online audiences. It is also worth mentioning that information management in museums can contribute to the mapping of information about their collections, taking into account the social and cultural aspects of the artifacts that, when presented to the public, will consider their social and cultural significance.

Keywords: Museums Holocaust. *Website*. Human Rights. Information Science.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Espaço Externo do Museu do Holocausto de Curitiba.....	67
Figura 2 - Mapa do Memorial <i>Yad Vashem</i>	68
Figura 3 - Acervo Fotográfico do Museu <i>Yad Vashem</i>	70
Figura 4 - Vista Externa de Parte do Museu <i>Yad Vahem</i> – Israel	71
Figura 5 - Museu Memorial do Holocausto dos EUA.....	72
Figura 6 - Primeiro Site do Mundo <i>WEB</i> - 1991	76
Figura 7 - A evolução da <i>web</i>	77
Figura 8 - Componentes de Verificação de Acessibilidade na <i>WEB</i>	78
Figura 9 - Diagrama das Facetas da Experiência do Usuário em ambiente Digital	80
Figura 10 - Plataforma do ASES.....	88
Figura 11 - Inauguração dos Museus do Holocausto.....	94
Figura 12 - Acessibilidade dos <i>Websites</i> dos Museus do Holocausto da <i>Global Directory of Holocaust Museums</i>	97
Figura 13 - <i>The Florida Holocaust Museum</i>	99
Figura 14 - <i>Corrie Ten Boom Museum</i>	101
Figura 15 - A história da família	102
Figura 16 - <i>Museum of Jewish Heritage</i>	103
Figura 17 - <i>Holocaust Museum Houston</i>	105
Figura 18 - <i>Holocaust Resource Center</i>	106
Figura 19 - <i>Website</i> do <i>Jewish Holocaust Museum and Research Center</i>	108
Figura 20 - <i>Memorial Museum for Children of Izieu</i>	110
Figura 21 - <i>Holocaust Awareness Museum</i>	112
Figura 22 - <i>Anne Frank House</i>	114
Figura 23 - Casa dos Lutadores do Gueto - Holocausto e Museu do Patrimônio da Resistência Judaica.....	115

Figura 24 - <i>Website</i> do museu Holocausto de Montreal.....	117
Figura 25 - <i>Holocaust Education Center</i>	120
Figura 26 - <i>National Holocaust Centre and Museum</i>	121
Figura 27- <i>Holocaust Museum and Study Center</i>	123
Figura 28 - <i>El Paso Holocaust Museum and Study Center</i>	125
Figura 29 - <i>State Museum at Majdanek Concentration Camp</i>	127
Figura 30 - <i>Website</i> do Museu Mauthausen	128
Figura 31 - <i>Tour Virtual</i> ao Mauthausen Concentration Camp Memorial	129
Figura 32 - <i>Holocaust Memorial Resource and Education Center</i>	132
Figura 33 - <i>Beit Haedut - The Testimony House</i>	134
Figura 34 - <i>Website</i> do Museu e Centro de Documentação Kazerne Dossin	136
Figura 35 - Resultado da estrutura dos <i>websites</i> dos museus do Holocausto.....	144
Figura 36 - Ações educativas dos <i>websites</i> dos museus do Holocausto.....	147
Figura 37 - Ações e opções dadas pelos museus direcionadas à educação	150
Figura 38 - Atividades voltadas à educação oferecidas pelos Museus do Holocausto.....	153
Figura 39 - Mídias Sociais presentes nos <i>websites</i> dos museus do Holocausto	154
Figura 40 - Concentração das Mídias Sociais presentes nos <i>websites</i> dos museus do Holocausto.....	157
Figura 41 - Formas de documentação – Museus do Holocausto.....	160

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Evolução do Conceito de Informação.....	27
Quadro 2 - Análise dos artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948	32
Quadro 3 - Características gerais dos indicadores.....	40
Quadro 4 - Relações entre categoria de indicadores de Direitos Humanos	42
Quadro 5 - Síntese dos Doze Direitos Substantivos e seus Indicadores de Direitos Humanos.....	43
Quadro 6 - Características da Anatomia dos <i>Websites</i> dos Museus do Holocausto.....	73
Quadro 7 - Síntese das quatro fases na evolução dos sites.....	81
Quadro 8 - Indicadores de qualidade de um site educativo.....	82
Quadro 9 - Locais e anos de inauguração dos Museus do Holocausto da GDHM.....	92
Quadro 10 - Relação dos 20 Primeiros Museus do Holocausto com maior porcentagem de acessibilidade	98
Quadro 11 - Missão dos Museus do Holocausto.....	137
Quadro 12 - Categorias encontradas nas missões dos museus do Holocausto.....	139
Quadro 13 - Resultado da estrutura dos <i>websites</i> dos museus do Holocausto	143
Quadro 14 - Ações Educativas dos <i>websites</i> dos museus do Holocausto	146
Quadro 15 - Ações e opções dadas pelos museus direcionadas à educação.....	149
Quadro 16 -As atividades voltadas à educação adotadas pelos Museus temáticos pesquisados.....	152
Quadro 17 - Ações educacionais promovidas pelos Museus do Holocausto – quantidades encontradas, agrupando-se os museus.....	154
Quadro 18 - Mídias Sociais dos Museus do Holocausto.....	156
Quadro 19 - Frequência de Mídias Sociais encontradas nos Museus do Holocausto	156
Quadro 20 - Distintas formas de documentação destacadas nos <i>websites</i> dos museus do Holocausto.....	159
Quadro 21 - Descrição das categorias para a menção da expressão ‘Direitos Humanos’ nos Museus do Holocausto	161

Quadro 22 - Resultado para a busca da expressão “Direitos Humanos (DH)” nos <i>websites</i> dos Museus do Holocausto.....	162
Quadro 23 - Resultado Geral da análise dos <i>websites</i> dos museus do Holocausto	169
Quadro 24 - Modelo de referência para criação de Indicadores de Direitos Humanos para <i>Websites</i> de Museus do Holocausto (IDHWMH)	170
Quadro 25 - Modelo de Indicadores de Direitos Humanos para <i>website</i> de museus do Holocausto (IDHWMH).....	171
Quadro 26 - Educação em direitos humanos em programação escolar não formal extracurricular	175

ABREVIATURAS

ACNUDH	-	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos
CI	-	Ciência da Informação
DH	-	Direitos Humanos
DUDH	-	Declaração Universal dos Direitos Humanos
EUA	-	Estados Unidos da América
FIHRM	-	<i>Federation of International Human Rights Museums</i>
ICOM	-	Conselho Internacional de Museus
MHC	-	Museu do Holocausto de Curitiba
MIDH	-	Manual de indicadores de direitos humanos
NEJ	-	Núcleo de Estudos Judaicos
OHCHR	-	<i>Office of the United Nations High Commissioner for Human Rights</i>
OI	-	Organização Internacional
ONU	-	Organização das Nações Unidas
RI	-	Recuperação da Informação
TIC	-	Tecnologias da Informação e Comunicação
UFMG	-	Universidade Federal de Minas Gerais
UNESCO	-	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
WEB	-	<i>Web Wide Web</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS	20
CAPÍTULO 2 INFORMAÇÃO E DIREITOS HUMANOS NA CONTEMPORANEIDADE	24
2.1 DIREITOS HUMANOS NA CONTEMPORANEIDADE.....	30
2.1.1 Indicadores de Direitos Humanos	38
CAPÍTULO 3 MUSEUS CONTEMPORÂNEOS	49
3.1 EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE MUSEU	49
3.2 MUSEUS E DIREITOS HUMANOS: UMA PERSPECTIVA MUSEOLÓGICA	56
3.3 RAZÕES PARA A MEMORIZAÇÃO E MUSEALIZAÇÃO DO HOLOCAUSTO.....	61
3.3.1 Conhecendo alguns museus do Holocausto	65
CAPÍTULO 4 WEBSITE – UMA FERRAMENTA COMUNICACIONAL DOS MUSEUS NA WEB.....	75
CAPÍTULO 5 - METODOLOGIA	85
5.1 REVISÃO DA BIBLIOGRAFIA.....	86
5.2 ESTUDO DOS WEBSITES DOS MUSEUS DO HOLOCAUSTO.....	87
5.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS INFORMAÇÕES CONTIDAS NA HOMEPAGE DOS MUSEUS DO HOLOCAUSTO	90
CAPÍTULO 6 - RESULTADOS E DISCUSSÕES	92
6.1 RESULTADO DA AVALIAÇÃO DE ACESSIBILIDADE E SELEÇÃO DE 20 WEBSITES DOS MUSEUS DO HOLOCAUSTO.....	94
6.2 DESCRIÇÃO DA ANATOMIA DOS 20 WEBSITES DOS MUSEUS DO HOLOCAUSTO	98
6.2.1 Florida Holocaust Museum (FHM).....	98
6.2.2 Corrie ten Boom Museum, "The Hiding Place"	100
6.2.3 Museum of Jewish Heritage - Memorial to the Holocaust.....	102
6.2.4 Holocaust Museum Houston.....	104
6.2.5 Holocaust Resource Center	106
6.2.6 Jewish Holocaust Museum and Research Center.....	107
6.2.7 Memorial Museum for Children of Izieu	109
6.2.8 Holocaust Awareness Museum	112
6.2.9 Anne Frank House	113
6.2.10 Ghetto Fighters' House - Holocaust and Jewish Resistance Heritage Museum	115

6.2.11 <i>Montreal Holocaust Museum</i>	116
6.2.12 <i>Holocaust Education Center</i>	119
6.2.13 <i>National Holocaust Centre and Museum (NHCM)</i>	120
6.2.14 <i>Holocaust Museum & Center for Tolerance and Education</i>	122
6.2.15 <i>El Paso Holocaust Museum and Study Center</i>	124
6.2.16 <i>State Museum at Majdanek Concentration Camp</i>	126
6.2.17 <i>Mauthausen Concentration Camp Memorial</i>	128
6.2.18 <i>Holocaust Memorial Resource and Education Center</i>	131
6.2.19 <i>Beit Haedut - The Testimony House</i>	133
6.2.20 <i>Kazerne Dossin: Memorial, Museum and Documentation Centre on Holocaust</i>	135
6.3. INFORMAÇÕES DOS WEBSITES À LUZ DA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS (DUDH)	137
6.3.1 <i>Análise da Missão</i>	137
6.3.2. <i>Aspectos estruturais e ações educativas dos websites dos museus do Holocausto</i>	141
6.3.3 <i>Análise da Comunicação dos Museus em seus Websites</i>	154
6.3.4 <i>Identificando direitos humanos (DH) nos websites dos museus do Holocausto</i>	161
6.4. DEFININDO INDICADORES DE DH PARA MUSEUS EM SEUS WEBSITES	166
6.4.1 - <i>Modelo de indicadores de Direitos Humanos para Websites de Museus do Holocausto (IDHWMH)</i>	168
6.5 RECOMENDAÇÕES GERAIS, APÓS ANÁLISE DOS WEBSITES DOS MUSEUS DO HOLOCAUSTO	172
CONSIDERAÇÕES FINAIS	178
REFERÊNCIAS	183
APÊNDICE A - FORMULÁRIO PARA ANOTAÇÃO DE ELEMENTOS TRADUZIDOS DOS WEBSITES PARA CATEGORIZAÇÃO E ANÁLISE DOS SITES, À LUZ DA DUDH	196

INTRODUÇÃO

Esta tese visa trazer uma contribuição científica para o estudo de museus temáticos sobre o Holocausto, fornecendo aos gestores desses espaços indicadores que possibilitem a identificação do alcance de sua missão no que se refere ao estímulo à conscientização das pessoas quanto ao tema de que tratam. Dessa maneira, a presente tese busca contribuir para a ciência apresentando os indicadores de Direitos Humanos (doravante, DH) e uma recomendação de modelo que possa reforçar os objetivos dos museus temáticos sobre o Holocausto.

Os museus modernos sempre tiveram o conceito de “direito” em seu núcleo principal, em uma relação contínua e evolutiva. À medida que as sociedades ficaram mais atuantes em termos de defesa dos direitos humanos e reforço ao respeito de uma cultura mais democrática e de respeito aos seres humanos, independentemente de etnia ou crenças, os museus foram se tornando, também, mais ativistas, no que se refere à defesa de direitos humanos, conforme salientam Orange e Carter (2012).

Atualmente, há uma indicação clara de que os museus ao redor do mundo, sejam museus de arte, de história, de genocídio ou de escravidão, estão surgindo como instituições dedicadas a facilitar a educação em direitos humanos, respondendo a uma cultura em evolução dos direitos humanos por meio de suas missões, exposições e iniciativas de programação, como destacam, por exemplo, Orange e Carter (2012) e Hoffman e Frota (2019), sendo que estes últimos dão ênfase aos museus como espaços de representação da memória e do esforço em prol de uma cultura democrática.

Até o século passado, esse espaço de representação demandava, primordialmente, o deslocamento físico do visitante para o conhecimento do que o museu apresentava. Contudo, com o advento da internet, os museus se abriram para experiências em ambientes digitais na *World Wide Web* e, como destacam Ferreira e Vidotti (2016), nesses ambientes informacionais digitais os museus consideram o ciberespaço como um possível caminho para divulgação de acervos e da própria marca do museu, uma vez que os recursos digitais na *web* favorecem o armazenamento, o acesso e o uso de grande quantidade de informação.

Desse modo, com as novas tecnologias digitais, o museu contemporâneo tem a possibilidade de se tornar mais atrativo, sem deixar de cumprir um de seus objetivos principais, que é o de disponibilizar para o público, por meio de suas exposições, fatos, informações, documentos e, nesse contexto, inserem-se os museus do Holocausto, cuja temática é de relevância social e cultural no que concerne aos direitos humanos.

Na presente tese, a atenção é direcionada para os *websites* dos museus temáticos do Holocausto, em um recorte analítico quanto a suas páginas na internet. O foco no tema Holocausto deriva da compreensão de que esse acontecimento é um dos eventos históricos mais violentos e traumatizantes do século XX, cujo impacto reverbera até os dias atuais, levando os seres humanos à reflexão sobre o sentido dos direitos humanos e de como se posicionar para que fatos como o Holocausto não se repitam. Autores como Abrahan (1976); Carneiro (2010); Carter (2015); Hoffman e Frota (2019), para exemplificar, sintetizam o posicionamento dos museus face às exigências sociais de criação de espaços de memória que relembrem eventos históricos relacionados a direitos humanos, como uma prestação de contas à sociedade.

A II Guerra Mundial resultou na perda de um número significativo de pessoas, ocorrendo violações a direitos individuais cometidas por governos fascistas. A história relata que, no período das duas grandes guerras (I Guerra Mundial 1914-1918 e II Guerra Mundial 1939-1945), a perseguição nazista contra os judeus recrudesceu, resultando no extermínio de mais de seis milhões de pessoas, em um episódio histórico conhecido como Holocausto.¹

Devido a atrocidades como essa, em 1946, no pós-Segunda Guerra, foi fundada a Organização das Nações Unidas (ONU)², que é uma organização internacional formada por países que se reuniram voluntariamente para trabalhar pela paz e o desenvolvimento mundial. (ONU, 2018).

No intuito de criar um documento que ressaltasse os direitos das pessoas para que genocídios como o Holocausto não viessem mais a acontecer na sociedade contemporânea, uma comissão da ONU, liderada por Eleanor Roosevelt, criou a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) em 1948, formada por 30 artigos que versam sobre os direitos inalienáveis que devem garantir a liberdade, a justiça e a paz mundial. Cumpre ressaltar que a DUDH é considerada o primeiro documento na definição de normas e padrões internacionais em relação aos direitos das pessoas. Em 2018, nas comemorações dos 70 anos da DUDH, o documento já havia sido traduzido para mais de 500 línguas, sendo considerado um dos documentos mais traduzidos do mundo e que inspirou as constituições de muitos Estados e democracias recentes (XAVIER *et al*, 2007; ONU BRASIL, 2018).

¹ Autores como Abraham (1976); Carneiro (2010); Levy e Sznajder (2012) e Bertonha (2019), por exemplo, abordam a temática do registro do Holocausto e sua rememoração na sociedade contemporânea. No decorrer deste estudo, a abordagem específica de cada um deles será utilizada para a construção da argumentação sobre os museus temáticos que apresentam o acontecimento histórico conhecido como Holocausto.

² A ONU é uma Organização Internacional com vocação universal, mas que não pretende substituir os Estados nem se transformar em um governo mundial (XAVIER *et al*., 2007).

A DUDH é, por conseguinte, um instrumento que traz uma base estrutural para a defesa dos direitos humanos e, como tal, reveste-se de importância para a análise ora proposta de abordar os museus temáticos que focam no Holocausto, pelas razões a seguir apresentadas. Mazzuolli (2012, p. 832) ressalta que “o legado do Holocausto para a internacionalização dos direitos humanos, portanto constituiu na preocupação que gerou na consciência coletiva mundial da falta de uma arquitetura internacional de proteção desses direitos”.

Logo, era necessário que se criassem estruturas protetivas para os direitos humanos e que tais estruturas tivessem uma representatividade e uma efetividade no tocante à sua comunicação, disseminação e acesso.

Para Barbosa (2018, p.58), a consolidação dos direitos humanos pela DUDH foi desencadeada pela percepção de que: “o indivíduo não poderia mais ser tratado como objeto, mas sim como sujeito de direitos internacionais, principalmente pós Era Hitler, com todas as monstruosidades cometidas no Holocausto”.

Também a partir da II Guerra Mundial ocorreu o desenvolvimento de uma série de tendências sobre os museus que influenciaram os seus aspectos teórico-conceituais e pragmáticos, por meio da criação do *International Council of Museums* (ICOM), em 1946, que é uma organização não governamental que mantém relações formais com a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), executando parte de seu programa para museus, e tem *status* consultivo no Conselho Econômico e Social na ONU (PACHECO; OLIVEIRA, 2018). Ao longo das décadas seguintes, cresce o número de instituições culturais que abordam tematicamente eventos históricos violentos e traumatizantes do século XX e XXI. Dentre essas instituições destacam-se o *Ghetto Fighters' House - Holocaust and Jewish Resistance Heritage Museum*, fundado em 1949, e o *Yad Vashem - Holocaust Martyrs' and Heroes Remembrance Memorial*, fundado em 1953, ambos em Israel.

Os museus que abrangem tal temática destacam-se como importante elemento disseminador de informação sobre os direitos humanos, contribuindo para a propagação de fatos marcantes da história que precisavam ser objeto de reflexão e ação em prol da defesa das liberdades fundamentais dos seres humanos, independente de sua etnia, formação, preferências.

Nessa conformação, a ligação entre os objetos desta tese deu-se da seguinte forma: em uma pesquisa realizada no ano de 2015 para a dissertação de mestrado sobre a gestão da informação nos Centros de Memória da UFMG, foi utilizado o conceito de memória coletiva

do teórico Maurice Halbwachs³. Ao tomar ciência de sua trajetória profissional, sabendo que por ser judeu esse teórico foi uma das vítimas do Holocausto judaico, falecendo em 1945 no campo de concentração de *Buchenwald* (Alemanha)⁴, despertou-se o interesse de pesquisa para a questão temática nos museus. Adicionalmente, após visita realizada a um museu do Holocausto nos EUA, o *Holocaust Museum*⁵, em 2015, ampliou-se o mote para o amadurecimento de algumas perguntas de pesquisa do doutorado que é o objeto desta proposta. Algumas questões começaram a reverberar, levando a uma investigação científica mais aprofundada no âmbito dos museus temáticos, mais especificamente, no que se refere aos direitos humanos nos museus cujos espaços temáticos tratam do Holocausto.

No contexto em que na atualidade a *web* é um caminho de acesso à informação, um modelo de domínio público de informação, que permite a busca de conteúdos informacionais, por meio de diretórios, mecanismos de busca e meta buscadores (MIRANDA, 2005), surgiram algumas indagações em relação a essas instituições museais que tratam do Holocausto e a inserção das tecnologias da informação como ferramentas estratégicas para que tais museus alcancem os objetivos institucionais propostos. No caso desses museus do Holocausto, uma questão apresentou-se como de interesse de pesquisa: se os museus do Holocausto abordam direitos humanos em seus *websites* e, em caso afirmativo, como se utilizam de ferramentas virtuais para interagir com seu público e buscar a efetividade da sua missão?

Justificativa e Objetivos

A temática do Holocausto é relevante no século XXI, sobretudo pelo fato de que a maioria dos sobreviventes desse período estão na faixa etária de 90 anos, encerrando, assim, a oportunidade de contato direto com fontes testemunhais primárias de fatos que precisam ser

³ Maurice Halbwachs foi um sociólogo francês da Escola Durkheimiana. Sua obra mais célebre é o estudo do conceito de memória coletiva, que ele criou. Na École Normale Supérieure, em Paris, estudou filosofia com Henri Bergson, o qual o influenciou enormemente. Ele viveu no período entre as duas Grandes Guerras Mundiais, sendo preso em 1945 pela Gestapo, e enviado para o campo de concentração de Buchenwald, falecendo no mesmo ano (COSENTINO, 2013).

⁴ *Buchenwald* foi um campo de concentração construído em 1937 na cidade de Weimar, na Alemanha, cujos primeiros 149 prisioneiros do campo de Sachsenhausen chegam a Ettersberg (combatentes da resistência, Testemunhas de Jeová, reincidentes e homossexuais) e eles mesmos tiveram que construir o campo. É o maior dos campos de concentração existente em 1945, e um terço dos homens e mulheres era judeu. (BUCHENWALD AND MITTELBAU-DORA MEMORIALS FOUNDATION, 2018, tradução própria).

⁵ *Holocaust Museum* é um museu no norte do Estado da Carolina do Norte/EUA. Disponível em: <http://theholocaustmuseum.br>.

repassados para as novas gerações, comprovando a importância da temática para os museus e para sociedade.

Fatores presentes na sociedade contemporânea antes da II Guerra Mundial favoreceram a ocorrência de eventos catastróficos na história mundial. O mundo continua a testemunhar eventos espantosos ligados às violações maciças de direitos humanos, “o recrudescimento do racismo e da xenofobia e o revigoração dos movimentos neonazistas são outros fenômenos inquietantes nesse contexto” (LAFER, 1995, p.182). Por conseguinte, o conhecimento sobre o Holocausto dos judeus poderá contribuir para que os visitantes dos museus possam ter ações reflexivas sobre os direitos das pessoas e o respeito à diversidade.

Uma vez que os *websites* dos museus do Holocausto, além de retratarem a história de fatos relativos aos acontecimentos, são também instituições com um engajamento político, social e cultural, é esperado que apresentem elementos informacionais em seus conteúdos que façam referências aos direitos humanos, dando ênfase à conscientização da importância desses direitos.

É importante ressaltar que foi considerado o conteúdo da página inicial do *website* de cada museu, e em havendo a presença de elementos comuns à estrutura da página inicial de seus *websites*, buscou-se identificar se essa estrutura atinge à missão informacional, em termos de conscientização das pessoas que o acessam sobre a temática direitos humanos.

Assim, tem-se como objetivo geral contribuir para o estudo de *websites* de museus do Holocausto na inserção dos direitos das pessoas, por meio da criação de um modelo de indicadores de Direitos Humanos (DH), com ênfase na abordagem da educação nessa temática. Como objetivos específicos, apresentam-se:

- Identificar os museus do Holocausto na esfera global e seus *websites*;
- Selecionar *websites* dos museus do Holocausto, a fim de analisar que elementos estão presentes nas páginas principais, cujo conteúdo faz referência aos direitos das pessoas, conforme a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH);
- Estabelecer elementos comparativos entre *websites* dos museus do Holocausto estudados, a fim de identificar a dimensão que apresentam os direitos das pessoas nesses sites;
- Criar um modelo de indicadores de direitos humanos (DH) para *websites* de museus do Holocausto que evidenciem a competência no alcance dos objetivos planejados dos museus em relação à educação que valoriza os direitos das pessoas no século XXI.

As memórias do Holocausto estendem-se para além das fronteiras nacionais e criam espaços transnacionais nos quais as normas de direitos humanos estão se espalhando e se tornando um fenômeno globalizado (BRYSK, 2002). A ligação entre o Holocausto e a emergência de um consenso moral sobre os direitos humanos é particularmente evidente na gênese e na consolidação da Declaração Universal de Direitos Humanos (DUDH), que foi adotada pela Assembleia Geral da ONU, em 10 de dezembro de 1948. A DUDH faz referência à importância dos direitos humanos na contemporaneidade, cujo documento, como mencionado anteriormente, já foi traduzido para mais de 500 idiomas no mundo, servindo de base para o direito internacional e criação de constituições de vários países (ONU BRASIL, 2018).

Com a vocação social e política, o museu transformou-se em um importante meio de “promoção dos direitos humanos, do exercício da cidadania e da dignidade humana ao promover o reconhecimento e valorização de identidades culturais e memórias de comunidades locais, aproximando o homem de seu patrimônio” (COELHO, 2015, p.5). Um número crescente de instituições culturais musealiza os eventos históricos violentos e traumatizantes a partir do século XX, destarte, escravidão e genocídio, entre outros eventos, aparecem no discurso e na expografia museal (CARTER, 2015).

Os museus que abordam os direitos apostam nas novas técnicas da mobilização e da sensibilização aos abusos de poder, utilizando-se de estratégias no espaço expográfico que encorajem o compromisso ou um engajamento da parte dos visitantes, trabalhando a mesma pedagogia dos direitos humanos que é aplicada pela ONU (SOTO, 2010; CARTER, 2015).

Acrescente-se que os museus podem ser transformadores no âmbito social-político, sublinhando o que não pode e não deve ser esquecido, e dentre esses estão os museus que tematizam o Holocausto. Esses museus de direito atuam em espaços públicos diferentes, com conceitos museográficos sujeitos às políticas memoriais e discursivas, e são consequentemente influenciados pelas grandes transformações sociais, culturais e políticas da era contemporânea (MOSES, 2012).

Nos contextos digitais em que se inserem os museus do Holocausto, cuja temática é de importância social e cultural, entende-se que se amplia, consideravelmente, sua abrangência e, consequentemente, seu impacto, no sentido de alertar a sociedade para que fatos de intolerância e desrespeito aos direitos das pessoas não se repitam no século XXI.

Como apontado na introdução, à importância em identificar, no âmbito desta tese, se os museus do Holocausto abordam direitos humanos em seus websites e, em caso afirmativo, como se utilizam de ferramentas virtuais para interagir com seu público e buscar a efetividade

da sua missão está diretamente relacionada ao uso de ferramentas digitais e à estruturação de museus virtuais para reforçar a conscientização das pessoas para os direitos humanos (DH).

Assim, a presente tese traz um aporte à ciência apresentando uma contribuição para o estudo dessas instituições museais, fornecendo um modelo de indicadores e recomendações que possibilitem aos gestores dos museus reforçar o alcance de sua missão, no que se refere ao estímulo à conscientização em direitos humanos em seus *websites*.

Esta tese está organizada em seis capítulos: o presente capítulo introdutório, que aborda o problema da pesquisa, o objetivo geral e os específicos, bem como a justificativa, seguido do segundo capítulo, que aborda a informação e direitos humanos na contemporaneidade, com a apresentação da Declaração Universal dos Direitos Humanos e a análise de cada um dos seus artigos. O terceiro capítulo trata dos museus contemporâneos, abordando a perspectiva museológica de direitos humanos e a temática do Holocausto, culminando com a apresentação de museus do Holocausto que são considerados referências. O quarto capítulo apresenta *websites* como ferramenta comunicacional. No capítulo cinco, apresentam-se os métodos e técnicas utilizados na pesquisa. No sexto capítulo, são apresentados os resultados dos vinte *websites* de museus do Holocausto estudados e a proposta de um modelo-síntese de análise dos direitos humanos desses museus, analisando os resultados da validação do modelo proposto. Por fim, apresentam-se as considerações finais, as contribuições do estudo e sugestões para novas pesquisas.

CAPÍTULO 2 INFORMAÇÃO E DIREITOS HUMANOS NA CONTEMPORANEIDADE

Na pós-Segunda Guerra Mundial, evidenciou-se uma ambiência de eventual “revolução” informacional, razão pela qual líderes de Estado, em associação com profissionais e com a iniciativa privada, empregaram esforços para desenvolver mecanismos de proteção, nos mais diversos campos do conhecimento, para viabilizar, de forma segura, o acesso à informação, considerada o principal instrumento de multiplicação do conhecimento. (SARACEVIC, 1996). Conforme Barreto (2002), com o término da guerra a informação ganhou status social. Nas palavras do autor:

Acabava a guerra e a informação mantida secreta naquele período seria colocada à disposição do mundo. Designado pelo presidente Roosevelt, o Dr. Vannevar Bush foi de 1938 a 1942 o responsável pelo Comitê Nacional de Pesquisa depois *Office for Scientific Research and Development*; sua missão foi congrega cerca de 6 mil cientistas americanos e europeus para direcioná-los ao esforço de guerra. Em 1945, Bush escreveu *As we may think* e o problema da informação em ciência e tecnologia e possíveis entraves que haveria para organizar e repassar à sociedade as informações mantidas secretas durante a guerra. Os entraves eram: a) na formação dos recursos humanos; b) no instrumental de armazenamento e recuperação; e c) no arcabouço teórico existente para a organização e controle da explosão de informação gerada durante a guerra (BARRETO, 2002, p.69).

Nesse contexto histórico, sobretudo diante da necessidade premente de expansão do conhecimento decorrente do desenvolvimento da ciência e tecnologia, a Ciência da Informação (CI) despontou. Conforme Barreto (2002, p. 69), Vannevar Bush⁶ em 1945 sinalizava que “os sistemas de classificação e indexação, existentes à época, eram limitados” para organização da informação e novos processos para armazenar e recuperar a informação foram propostos para transformação da informação em conhecimento.

Esse autor indica três tempos no desenvolvimento da CI na mediação da relação informação e conhecimento, sendo: “tempo da gerência de informação que vai de 1945 a 1980; tempo da relação informação e conhecimento no período de 1980 a 1995 e tempo do conhecimento interativo de 1995 até os dias atuais” (BARRETO, 2002, p.71), ressaltando que

⁶ Em julho de 1945 uma das pessoas mais bem posicionadas do mundo para especular sobre o futuro da ciência e da tecnologia era Vannevar Bush, que durante os anos anteriores havia dirigido o Escritório de Pesquisa Científica e Desenvolvimento, ligado à Presidência dos EUA. Como diretor, Bush supervisionou e esteve em contato direto e intenso com os principais projetos científicos dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial incluindo-se entre estes os dois mais visíveis, que foram o desenvolvimento do radar e a bomba atômica. “Em “*As we may think*” Bush escreveu um ensaio do que desejava e esperava do progresso da ciência e da tecnologia e porque parte do que ali se esperava, materializada hoje nos *hyperlinks* na internet e na *web*, passou a afetar tão intensamente nossas vidas” (CRUZ, 2011, p.13).

tais práticas e ideias nos referidos períodos não estejam em tempos fechados. Na presente tese, o foco está na informação a partir do período em que o conhecimento assumiu novo *status* após a Internet e, sobretudo, na *World Wide Web*, que propiciou maior velocidade na produção e disseminação da informação. A conceituação de informação, para a Ciência da Informação, reside basicamente na relação indivíduo-conhecimento. O conceito de informação é usado no sentido de conhecimento comunicado, relacionando-se com a prática e a realidade (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p. 187). Portanto,

Informação é o que é informativo para uma determinada pessoa; logo, o caráter subjetivo aqui está presente e deve ser considerado, pois haverá uma variação do que é compreensível para cada pessoa, visto que a informação dependerá ‘das necessidades interpretativas e habilidades do indivíduo. (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p. 155).

Entretanto, na prática a informação deve ser definida em relação às necessidades dos grupos-alvo servidos pelos especialistas em informação de modo coletivo ou particular. Informação é o que pode responder questões importantes relacionadas às atividades do grupo-alvo (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p. 187).

A informação não é apenas um conhecimento isolado. Todo o processo em que ela é gerada, coletada, difundida, armazenada e recuperada quando necessário faz parte do estudo que é percorrido por esse ramo do estudo científico. Não restam dúvidas que o estudo da própria informação constitui um processo nem sempre independente, mas autônomo, enquanto objeto de estudo (QUEIROZ; MOURA, 2015, p.39).

No século XX, as tecnológicas da informação e comunicação (TIC) determinaram as transformações da sociedade moderna em “sociedade da informação”, visto que a tecnologia passou a ser de uso em todas as camadas sociais, seus custos foram sendo diluídos pela própria evolução, permitindo uma espécie de democratização de seu uso e levando a sociedade como um todo a um processo de intensificação de utilização da tecnologia a qualquer tarefa do cotidiano (CATELLS, 2005). Essas transformações advindas das TIC “modificaram aspectos fundamentais, tanto da condição da informação, quanto da comunicação” (BARRETO, 2002, p.73) .

A sociedade da informação caracterizada pela revolução tecnológica e movida pelas tecnologias digitais de informação e de comunicação, cujo funcionamento advém de uma estrutura social em rede, envolve todos os âmbitos da atividade humana, em uma interdependência multidimensional, que depende dos valores e dos interesses subjacentes em cada país e organização (CASTELLS, 2005). Assim, “a sociedade vem observando uma mudança de foco dos recursos econômicos convencionais (terra, trabalho, capital) para uma ênfase na tratativa de assuntos dedicados à informação” (DUTRA, 2018, p.8).

Nesse sentido, a análise no âmbito da *web* de museus temáticos, conforme abordado na introdução desta pesquisa, vem ao encontro do desejo social de valorização da informação e de existência de espaços, sejam físicos, sejam virtuais, em que a informação esteja registrada e acessível.

O enfrentamento dos problemas informacionais que surgiram após as transformações tecnológicas na sociedade da informação viabilizou o avanço da CI e da Indústria Informacional e, de modo especial, os trabalhos desenvolvidos no campo da Recuperação da Informação (RI) por meio dos problemas suscitados, como o desenvolvimento de técnicas, produtos e de equipamentos de gerenciamento de banco de dados, bases de conhecimento que se destinavam e se destinam à consulta de usuários e a interação entre eles (SARACEVIC, 1996).

Conforme Saracevic (1996, p. 42), a ciência da informação “está inexoravelmente ligada à tecnologia da informação”, e, por conseguinte,

[...] um campo dedicado a questões científicas e a prática profissional, voltadas para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e os registros de conhecimento entre seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação. No tratamento destas questões são consideradas de particular interesse as vantagens das modernas tecnologias informacionais (SARACEVIC, 1996, p.47).

A CI é uma das áreas que atua com papel de expressiva relevância no tocante ao desenvolvimento da sociedade da informação consolidando, assim, sua interdisciplinaridade, caracterizando uma ciência de interação com outras disciplinas (SARACEVIC, 1996; CAPURRO, 2003). Os problemas que envolvem a informação e tudo aquilo que se relaciona com a sua descrição, difusão, recuperação, acesso e sua essencialidade são objeto de estudo da CI, atuando como um instrumento de propagação do conhecimento em todas as áreas, em nível mundial (SARACEVIC, 1996).

Conforme Santa Anna (2018, p. 346), “as demandas sociais empíricas requeridas à CI tornam esse campo do saber como uma ciência social” e que tem se dedicado aos “estudos sobre as tecnologias e a capacidade em se armazenar e disseminar o conhecimento registrado”. Logo, “o problema da transferência do conhecimento para aqueles que dele necessitam é uma responsabilidade social” (WERSIG; NEVELING, 1975, p. 134). Le Coadic (1996) afirma o caráter social da CI. Para o autor,

A ciência da informação, com a preocupação de esclarecer um problema social concreto, o da informação, e voltada para o ser social que procura informação, coloca-se no campo das ciências sociais (das ciências do homem e da sociedade), que são o meio principal de acesso a uma compreensão do social e do cultural (LE COADIC, 1996, p. 21).

Considerando-se as demandas sociais e o papel da ciência da informação, torna-se evidente a importância da existência de museus temáticos que abordem assuntos envolvendo os direitos humanos e os eventos históricos que servem como conscientização humana sobre a importância do respeito a esses direitos; portanto, é oportuno destacar a relevância da realização de pesquisas que abordem o tema da ciência da informação como um meio para que o ser humano compreenda a sociedade e a cultura que o circundam, como é o caso da pesquisa ora apresentada acerca dos museus temáticos que abordam o Holocausto.

Para Moreno (2015) a informação é algo intrínseco a todas as relações sociais, sua essência é realizada na troca de informações entre indivíduos e entre eles e a sociedade. Para o autor, esse mecanismo é relevante para compreender que os usos individuais das novas tecnologias de informação e comunicação são por um lado determinada pelos usos e costumes sociais e por outro promovem a mudança desses determinados usos e costumes.

Conforme Gomes (2015) é fundamental a compreensão do conceito de “informação”, visto que a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia são áreas de conhecimento que se ocupam da informação, ainda que de forma diferenciada. Nesse sentido, abordar a conceito de informação permitirá que se identifiquem certos pontos chave que trarão sua definição, relevância e interpretação, evidenciando as características sociais da informação vinculadas às transformações na sociedade, o que está diretamente relacionado ao tema objeto desta tese.

Quadro 1 - Evolução do Conceito de Informação

Data	Ideias centrais de conceito sobre informação
70-19 a.C. Século VIII até a Idade Média	Envolve dois contextos – um tangível, o ato de dar forma a algo, e o intangível, que envolvia as chamadas representações do que estava impresso na mente (alma) do indivíduo antes de qualquer experiência sensorial.
Século XIV	Informação: está associada à “formação ou modelagem da mente ou do caráter, treinamento, instrução ensino” (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p. 157).
Séculos XVII e XVIII	Houve uma mudança significativa no sentido da compreensão do universo como algo ordenado por formas e informação mudou seu contexto de dar forma à matéria para comunicar algo a outra pessoa; havendo, portanto, uma mudança da matéria para a mente. O conceito de informação sai da abstração até chegar ao século XX, com a teoria da informação.
Tempos modernos	A informação sai da estrutura e vai para a essência, deslocando-se da forma, da ideia inicial de “moldado por” para algo mais relacionado à substância, à mente, à consciência. Parte-se da visão inicial que era mais voltada à matéria e seus moldes para um conceito em que há uma relação maior com o conhecimento e essa mudança tem um impacto para o que se considera análise do conceito de informação em Ciência da Informação. Aqui, identifica-se uma tendência que Capurro e Hjørland (2007) chamam de “reumanização” do conceito de informação, que significa buscar o aspecto cultural da informação – nessa visão, a informação é um produto que é processado não apenas por seres humanos, mas por todos os seres vivos e por sistemas.

Fonte: GOMES (2015, p. 37; com base em Capurro; Hjørland (2007).

A informação como um fenômeno social deve considerar a transitoriedade e a dinamicidade que são próprias de um processo que relaciona indivíduo e conhecimento, ou seja, a temporalidade e o dinamismo ao mesmo tempo e para cada um, o contato com a informação, representará um estado diverso de modificação do conhecimento (GOMES, 2015).

As inovações tecnológicas da informação foram decisivas na “sociedade em rede”, uma sociedade global totalmente interligada, ampliando a produção da informação e a difusão do conhecimento. A quantidade de informação produzida, armazenada e disseminada em ambientes digitais na *Web* cresce exponencialmente. Adicionalmente, os ambientes informacionais digitais vêm ganhando recursos que favorecem o armazenamento, o acesso e o uso de grande quantidade de informações (FERREIRA; VIDOTTI, 2016). Para Alvarenga (2003, 38),

Os avanços tecnológicos da atualidade tendem a provocar grandes mudanças nos processos de comunicação, escrita, representação primária e secundária, e recuperação de conhecimentos. Novos movimentos em direção a uma maior adequação aos novos meios disponíveis apenas estão se iniciando. Com a rapidez com que os conhecimentos e novas tecnologias avançam, o presente século usufruirá certamente de inúmeras inovações que interferirão diretamente nos processos de reconhecimento, codificação, transmissão e recuperação de conhecimentos.

O contexto dos ambientes informacionais digitais vem exigindo novos desafios das instituições mundiais na gestão e organização de suas informações. Ferreira e Vidotti (2016, p.80) ressaltam ainda que os novos desafios proporcionados pelos ambientes informacionais digitais têm levado cada dia mais arquivos, bibliotecas e museus a utilizarem a *Web* para divulgarem e darem visibilidade aos seus produtos e serviços. Nessa perspectiva, conforme as autoras “é preciso repensar os processos de gestão, organização, representação e preservação, relacionadas à informação digital”. Para Choo (2003, p. 27),

A informação é um componente intrínseco de quase tudo que uma organização faz. Sem uma clara compreensão dos processos organizacionais e humanos pelos quais a informação se transforma em percepção, conhecimento e ação, as empresas não são capazes de perceber a importância de suas fontes e tecnologias de informação.

Por conseguinte, o avanço digital influencia o trabalho de diversos profissionais da informação, alterando os processos de produção, representação e armazenagem de documentos e informações, tornando desnecessária uma representação secundária do objeto, uma vez que o objeto estaria disponível em uma representação primária, facilmente acessível nos meios digitais. Torna-se importante distinguir os meios de representação do conhecimento

e os instrumentos que permitem a intermediação eficaz entre profissionais da informação e os usuários, considerando-se a necessidade da compreensão do universo e as interações comunicativas do ser humano (ALVARENGA, 2003).

O usuário torna-se um produtor dos sentidos da informação de uma forma mais rápida e mais abrangente do que ocorria quando havia a necessidade de um deslocamento físico para o contato com o objeto que lhe traria a informação. Na atualidade, a tecnologia permite que esse contato ocorra virtualmente e de forma assíncrona e autônoma, cabendo ao usuário a escolha diante dos “n” caminhos que a “virtualidade” permite o guiar de seus passos em busca do conhecimento.

A informação é fundamental para conduzir a criação de conhecimentos e atender às necessidades dos indivíduos e das organizações por uma melhor qualidade de vida (CASTELLS, 2005). Nesse sentido, a informação é um elemento importante da atividade humana, sendo um instrumento básico na qualidade de vida e tornando-se mecanismo de decisão e de cidadania. Para Werthein (2000, p. 77),

O fluxo de informação e da transformação dessa informação em conhecimento está no âmago do mandato da UNESCO de contribuir para a paz e segurança por meio da promoção da colaboração entre as nações. Os benefícios da participação na sociedade global da informação requerem um consenso internacional dentro deste amplo mandato. O progresso da educação, ciência e cultura é fundamentalmente o de compartilhar informação e de criar novos meios de aprendizagem e conhecimento.

Para promover o acesso à informação no ciberespaço a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) recomenda que os Estados Membros devem “reconhecer e apoiar o acesso universal à Internet como um instrumento para promover a realização dos direitos humanos”, bem como são encorajados a “apoiar suas instituições de memória no estabelecimento de políticas de seleção, coleta e preservação por meio de pesquisa e consultas guiadas por padrões internacionalmente estabelecidos e definidos em relação ao patrimônio documental em seus territórios” (UNESCO, 2003, p.5). Devem, pois, os países reconhecerem e apoiarem o acesso à Internet como um instrumento para a promoção dos direitos humanos, conforme definidos nos artigos 19 e 27 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (UNESCO, 2003).

A construção de uma sociedade de informação global e justa com acesso à informação constitui a base do direito à informação e à cultura, estabelecido na DUDH (WERTHEIN, 2000), uma vez que a informação na sociedade contemporânea, influenciada pelas

transformações das TIC, tornou-se a base do conhecimento e das relações econômicas, políticas e sociais das pessoas.

A seguir, apresentam-se a DUDH e os indicadores que compõem os direitos humanos, sem a pretensão de realizar um aprofundamento derivado de uma discussão teórica sobre direitos humanos, mas, mediante análise, busca-se, sim, criar instrumentos para análise dos museus do Holocausto.

2.1 Direitos Humanos na contemporaneidade

Na esfera global, a luta pelos avanços dos direitos humanos no pós-Segunda Guerra foram configurados e materializados na Declaração de Direitos Humanos (DUDH) de 1948, adotada pela ONU, um organismo internacional fundado em 1945 com a finalidade de buscar a paz mundial.

A carta da ONU exprime este anseio de paz. Almeja como diz o seu preâmbulo, “preservar as gerações futuras do flagelo da guerra”. Por isso propõe delimitar por meio das técnicas da convivência social engendradas pela teoria jurídica, o exercício do poder dos Estados-soberanos desencadeador da violência da guerra (LAFER, 1995, p.169).

Para Santos Filho (2017, p.112), era necessária uma organização que pudesse, mediante a aplicação de vários métodos, desenvolver uma política antígenocídio, “garantindo com isso, de forma mínima, a convivência entre grupos societários antagônicos, e em nível internacional essa organização é a ONU”. O autor ressalta, que “a ONU nos últimos 70 anos tem se notabilizado como guardião dos direitos humanos, principalmente como fiadora e elemento central para implantação da Declaração Universal de Direitos Humanos” (SANTOS FILHO, 2017, p.110).

A DUDH é um documento marco na contemporaneidade em relação ao direito das pessoas, independente de etnia, cor ou credo. Preparada por representantes de todas as regiões do mundo com diferentes antecedentes jurídicos e culturais, a DUDH foi proclamada como um ideal comum para todos os povos e nações, tornando-se um dos documentos mais traduzidos na contemporaneidade (ONU, 2018).

Foi necessária a catástrofe da II Guerra Mundial para que os direitos humanos passassem a receber, no sistema internacional, no direito novo criado pela Carta da ONU, uma abordagem distinta daquela com a qual vinham sendo habitualmente tratados. Os desmandos dos totalitarismos que terrorizavam vários países da Europa e que levaram ao megaconflito haviam consolidado a percepção kantiana de que os regimes democráticos apoiados nos direitos humanos eram os mais propícios à manutenção da paz e da segurança internacionais. Daí a necessidade de apoiar em normas internacionais o ideal dos direitos humanos (LAFER, 1995, p.172).

Como documento marco, que rege o direito internacional global, apresentaremos algumas considerações sobre as informações que guiam a DUDH, e para tal embasaremos a interpretação e discussão do conteúdo da declaração nos autores Bonavides (2006); Esping-Andersen (1991); Santos Filho (2017); Rodrigues *et al* (2018) entre outros. Assim, como ponto de partida, é necessário que se faça breve consideração sobre o preâmbulo da Declaração de 1948, pois a mensagem inicial anuncia o próprio teor do documento, revelando seus princípios e objetivos, facilitando, dessa forma a compreensão dos comentários acerca de cada artigo nele consignado. Em seus 30 artigos, a Declaração Universal descreve os direitos humanos e as liberdades fundamentais de todos os seres humanos. O princípio da universalidade, que deve ser entendido como direitos para todos, é visto logo em seu preâmbulo.

É importante ter em mente que a ideia de Direitos Humanos (DH) é recente, ainda que o direito, como ciência, seja antigo. Conforme análise de Rodrigues *et al*. (2018), o conceito de Direitos Humanos é uma noção bem mais moderna, e justamente por ser jovem, ainda é um conceito repleto de contradições e posições polêmicas. De forma geral, o Direito, como uma ciência social aplicada, costuma agir após certo acontecimento social. A ciência jurídica, com sua intrínseca relação com a sociedade, não antecipa a formulação da norma, sendo certo que o Direito se desenvolve à medida que a sociedade se desenvolve, bem como o faz (RODRIGUES *et al*, 2018).

Santos Filho (2017, p.105) ressalta que foi somente no século XX que “a racionalidade, a técnica e o aparato industrial foram colocados à disposição, de forma organizada e sistemática, a serviço do ideal de matar, de destruir, e de levar à morte, de forma indiscriminada, a população civil”. Como resultado da “expansão, em escala racional e industrial da morte, é o surgimento do genocídio”, o genocídio dos judeus, conhecido como Holocausto ou Holocausto dos Judeus (SANTOS FILHO, 2017, p.105). Para o autor, autor,

Neste genocídio o Regime totalitário nazista, na Alemanha das décadas de 1930 a 1940, matou seis milhões de judeus. Além do assassinato sistemático e racional dos judeus, foram perseguidos e, muitas vezes, promovido o assassinato de membros de minorias que residiam em território de maioria alemã, tais como: ciganos, eslavos, homossexuais, católicos, e deficientes físicos. O regime nazista promoveu uma das maiores campanhas de extermínio da história da humanidade (SANTOS FILHO, 2017, p.105).

Foram exatamente os nefastos efeitos da II Guerra Mundial que motivaram a comunidade internacional ao conjunto de esforços para estabelecer certos direitos à humanidade, onde cada ser humano seria titular de garantias fundamentais,

independentemente de sua cor, credo ou etnia. Na verdade, buscou-se a afirmação de que todo ser humano deveria ser respeitado por este único elemento: o de “ser” um ser humano.

Por conseguinte, foi nesse bojo que surgiu a chamada Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1948, documento hoje conhecida como Declaração Universal de Direitos Humanos (DUDH). Documento do qual a maioria das democracias ocidentais acolheu seus postulados, inclusive o Brasil. A Constituição da República do Brasil de 1988, em seu artigo 5º, sob o título de “direitos e garantias fundamentais” transcreve quase que literalmente muitos dos artigos consignados na Declaração Universal Dos Direitos Humanos (RODRIGUES *et al*, 2018).

Após essa pequena digressão, passa-se aos resultados das análises apartadas de cada artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), conforme descrito no quadro 2, a seguir.

Quadro 2 - Análise dos artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948

Artigos 1º ao 30	Análise própria, com base nos autores apresentados no próprio quadro
Artigo 1º – “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade”.	Como previamente explanado na parte introdutória, a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 encontra forte inspiração na defesa do ser humano por esta simples condição – ser humano, grande corolário da chamada corrente jusnaturalista ⁷ , onde há certo rol de direitos considerados exigíveis até mesmo antes da própria existência humana, como a vida, a liberdade e a dignidade. Este artigo expressa esse ideal e alberga também o princípio da fraternidade, incorporado implicitamente nas conquistas da Revolução Francesa de 1789, na chamada primeira geração de direitos fundamentais ⁸ (BONAVIDES, 2006).
Artigo 2º - “1. Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição”. “2. Não será também feita nenhuma distinção fundada na condição política, jurídica ou internacional do país ou território a que pertença	De forma similar o item 1 do artigo 2 da Declaração Universal dos Direitos Humanos ressalta ao que fora dito sobre o artigo anterior, primando pelo princípio da igualdade, fundado na preservação de direitos pela simples condição de ser humano, onde todos, independente de suas escolhas ou qualquer outra circunstância, são destinatários dos direitos estabelecidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos. O item 2 desse artigo estende o direito de igualdade, bem como com relação à origem da pessoa. Muito embora tenha

⁷ Corrente Jusnaturalista - O jusnaturalismo é uma corrente jusfilosófica que propõe a existência de um direito natural justo, independente do direito posto pelo Estado, ou direito positivo, remontando às representações primitivas da ordem legal de origem divina, passando pelos sofistas, socráticos, estoicos, padres da igreja, escolásticos, racionalistas dos séculos XVII e XVIII, até a escola do direito natural do século XX.

⁸ Direitos Fundamentais - a expressão “gerações de direitos fundamentais” foi primeiramente utilizada por Karel Vasak, na aula inaugural de 1979 dos Cursos do Instituto Internacional dos Direitos do Homem, em Estrasburgo (BONAVIDES, 2006, p. 563).

uma pessoa, quer se trate de um território independente, sob tutela, sem governo próprio, quer sujeito a qualquer outra limitação de soberania”.	sido mencionada no inciso anterior, o fato de a condição jurídica ou política que eventualmente alguém esteja sujeito não alterar o <i>status</i> de destinatário de direitos, deve ser considerado como uma interpretação ampliativa ao direito de igualdade.
Artigo 3º - “Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal”.	Em clara resposta ao massacre ocorrido na II Guerra Mundial, a Declaração Universal dos Direitos Humanos expressamente consignou o direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal a todo ser humano. Novamente, buscando estabelecer os direitos básicos a todos pela simples condição de ser humano, a declaração reafirma os postulados do jusnaturalismo.
Artigo 4º – “Ninguém será mantido em escravidão ou servidão; a escravidão e o tráfico de escravos serão proibidos em todas as suas formas”.	Percebe-se neste artigo a vedação ao tráfico, escravidão ou servidão, decorrente do princípio da liberdade. Todo ser humano, à luz da própria Declaração de 1948, deve ter sua liberdade resguardada, o que implica em, mais do que a proteção ao direito de ir e vir, viver sem a submissão a situações degradantes ou vexatórias, como ocorre na escravidão e, consequentemente, no tráfico de escravos.
Artigo 5º – “Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante”.	A dignidade de pessoa humana é, sem dúvida, o objetivo deste artigo. A proibição à tortura ou o tratamento e castigo cruel e degradante, visam preservar não só a incolumidade física, mas também a moral do ser humano.
Artigo 6º – “Todo ser humano tem o direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa perante a lei”.	Expressamente claro o teor jusnaturalista do artigo, pois, independente de qualquer outra previsão legal, busca a norma estabelecer a condição de pessoa de todo ser humano e, por via de consequência, o respeito a essa condição. É certo que durante as atrocidades ocorridas nos campos de concentração, onde milhões de pessoas morreram durante o regime nazista, o povo subjugado por Hitler foi tratado como mero animal, razão pela qual a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 claramente promoveu o <i>status</i> de “pessoa” dos seres humanos.
Artigo 7º – “Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos têm direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação”.	Este artigo trata da igualdade jurídica, ou seja, além da igualdade de tratamento perante normas morais ou sociais, a Declaração Universal dos Direitos Humanos também cuidou de regular a igualdade de todo ser humano perante a norma jurídica. Assim, seja qual for a organização política de um povo erradicado em certo território, a lei daquele Estado deve ser aplicada de forma equânime a todos seus jurisdicionados/administrados, sem qualquer distinção de qualquer natureza.
Artigo 8º – “Todo ser humano tem direito a receber dos tribunais nacionais competentes remédio efetivo para os atos que violem os direitos fundamentais que lhe sejam reconhecidos pela constituição ou pela lei”.	No bojo da regulamentação das questões jurídicas, a Declaração Universal dos Direitos Humanos previu a necessidade da criação de meios judiciais que garantam aos seres humanos a defesa de seus direitos. Assim, a Declaração de 1948 incumbe aos Estados Soberanos o dever de utilizar sua supremacia política em seu território de modo a coibir eventuais supressões às previsões de direitos humanos, ou seja, colocar à disposição de seu povo mecanismos judiciais ou administrativos para se proteger de ilegalidades e preservar os direitos fundamentais.
Artigo 9º – “Ninguém será arbitrariamente preso, detido ou exilado”.	A liberdade é a regra, sua restrição, a exceção. Assim, prima a Declaração Universal dos Direitos Humanos por preservar

	a liberdade de todo ser humano, liberdade esta que somente poderá ser restringida mediante o devido processo legal, que garanta ao investigado o direito de defender-se de todas as imputações que eventualmente lhe sejam feitas.
Artigo 10º – “Todo ser humano tem direito, em plena igualdade, a uma justa e pública audiência por parte de um tribunal independente e imparcial, para decidir seus direitos e deveres ou fundamento de qualquer acusação criminal contra ele”.	Em regra, a acusação criminal pressupõe, ao final, a aplicação de determinada sanção, não raro, que implica em perda da liberdade. Nesse sentido, a Declaração Universal dos Direitos Humanos busca resguardar a ampla defesa do ser humano, como previamente mencionado no artigo anterior, no sentido de garantir-lhe a oportunidade de provar sua inocência e, dessa forma, evitar a potencial sanção.
Artigo 11º - Toda a pessoa acusada de um ato delituoso presume-se inocente até que a sua culpabilidade fique legalmente provada no decurso de um processo público em que todas as garantias necessárias de defesa lhe sejam asseguradas. 2. Ninguém será condenado por ações ou omissões que, no momento da sua prática, não constituíam ato delituoso à face do direito interno ou internacional. Do mesmo modo, não será infligida pena mais grave do que a que era aplicável no momento que o ato delituoso foi cometido.	A Declaração Universal dos Direitos Humanos não apenas fez previsões acerca dos direitos que foram considerados fundamentais, mas também previu proteções na seara processual, ou seja, garantiu a proteção do indivíduo caso fosse processado por algum fato tido como delituoso. Em decorrência de tais proteções, o inciso II consignou diversos princípios hoje usados no Direito Penal, tais como, “ <i>nulla poena sine crimine</i> ” (não há pena sem crime), “ <i>nullum crimen sine lege</i> ” (não há crime sem lei), bem como o princípio que garante a irretroatividade da lei penal mais severa ou mesmo que a lei retroaja para tornar fato atípico como novo fato delituoso em prejuízo de alguém que, à época da prática do ato, não cometeu nenhum ilícito.
Artigo 12º - Ninguém sofrerá intromissões arbitrárias na sua vida privada, na sua família, no seu domicílio ou na sua correspondência, nem ataques à sua honra e reputação. Contra tais intromissões ou ataques, toda a pessoa tem direito à proteção da lei.	Tal artigo protege o cidadão de decisões arbitrárias do Estado. Neste artigo, é evidenciado princípios hoje em vigor no Brasil, consignados na Constituição da República, quanto à inviolabilidade do domicílio, da liberdade e da honra dos cidadãos.
Artigo 13º - 1 - Toda a pessoa tem o direito de livremente circular e escolher a sua residência no interior de um Estado. 2 - Toda a pessoa tem o direito de abandonar o país em que se encontra, incluindo o seu, e o direito de regressar ao seu país.	Neste artigo, buscou a Declaração Universal dos Direitos Humanos resguardar o chamado direito de ir e vir ou de liberdade de locomoção, abarcado pela ordem jurídica brasileira.
Artigo 14º - 1 - Toda pessoa sujeita a perseguição tem o direito de procurar e de beneficiar de asilo em outros países. 2 - Este direito não pode, porém, ser invocado no caso de processo realmente existente por crime de direito comum ou por atividades contrárias aos fins e aos princípios das Nações Unidas.	Em razão das perseguições às vítimas das atrocidades da II Guerra Mundial, a Declaração Universal dos Direitos Humanos também protegeu o direito de asilo, sobretudo quanto a uma eventual perseguição política, resguardando-se, no entanto, o processo criminal legítimo e legal.
Artigo 15º - 1 - Todo o indivíduo tem o direito a ter uma nacionalidade. 2. Ninguém pode ser arbitrariamente privado da sua nacionalidade nem do direito de mudar de nacionalidade.	Integrante dos Direitos Políticos, todos têm direito de se identificar política e socialmente com o povo de determinado território, bem como de nele gozar das prerrogativas civis disponíveis aos nacionais.
Artigo 16º - 1 - A partir da idade núbil, o homem e a mulher têm o direito de casar-se e de constituir família, sem restrição alguma de raça, nacionalidade ou religião. Durante o casamento e na altura da sua dissolução, ambos têm direitos iguais. 2. O casamento não pode ser celebrado	Em tom notadamente civilista, busca a Declaração Universal dos Direitos Humanos resguardar a liberdade individual dos cidadãos, garantindo-lhes o direito de casamento, protegendo as consequências patrimoniais dele decorrentes e, por fim, fixando a família como base da sociedade e objeto de proteção estatal.

sem o livre e pleno consentimento dos futuros esposos. 3. A família é o elemento natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção desta e do Estado.	
Artigo 17º - 1. Toda a pessoa, individual ou coletivamente, tem direito à propriedade. 2. Ninguém pode ser arbitrariamente privado da sua propriedade.	O direito à propriedade, parte da chamada 1º geração de direitos fundamentais, já havia sido previsto desde a Revolução Francesa em 1789, mas vê-se reforçado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948.
Artigo 18º - Toda a pessoa tem direito de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos.	Como parte integrante do direito à liberdade, nada mais propício que a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 proteja também o direito à crença e seus derivados. Por certo, as sociedades sob regimes democráticos primam por esse direito; ao passo que as sociedades não democráticas, o reprimem, como é o caso da Coreia do Norte e da China.
Artigo 19º - Todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e ideias por qualquer meio de expressão.	Direito também previsto na ordem jurídica brasileira, e de cunho fortemente democrático, a Declaração Universal dos Direitos Humanos também protege a livre manifestação, como forma clara de permitir que cada um se insurja, nos limites legais, contra algo que não concorde.
Artigo 20º - 1. Toda a pessoa tem direito à liberdade de reunião e de associação pacíficas. 2. Ninguém pode ser obrigado a fazer parte de uma associação.	A liberdade permitida em uma sociedade democrática, como derivação, também franqueia a associação de pessoas que queiram atuar de forma comum em prol de determinada coisa, do mesmo modo que veda a obrigatoriedade de se manter associado, até mesmo porque tal obrigatoriedade feriria a liberdade individual.
Artigo 21º - 1. Toda a pessoa tem o direito de tomar parte na direção dos negócios públicos do seu país, quer diretamente, quer por intermédio de representantes livremente escolhidos. 2. Toda a pessoa tem direito de acesso, em condições de igualdade, às funções públicas do seu país. 3. A vontade do povo é o fundamento da autoridade dos poderes públicos; e deve exprimir-se por meio de eleições honestas a realizar periodicamente por sufrágio universal e igual, com voto secreto ou segundo processo equivalente que salvaguarde a liberdade de voto.	O acesso aos cargos públicos, bem como o direito de deles tomarem parte, guarda íntima ligação com o primado democrático de que os bens de determinada sociedade são de todos, permitindo que sua gestão e respectiva prestação de contas sejam colocadas à disposição de todos, nos limites da lei. Por outro lado, o argumento de autoridade de uma democracia, como afirma Paulo Bonavides (2006), vem do povo. Tal primado é acolhido em toda democracia, sendo exercido pelo voto, instrumento capaz de escolher representantes para o processo de tomada de decisão ou mesmo de exercer o poder diretamente, na forma da lei de cada país.
Artigo 22º - Toda a pessoa, como membro da sociedade, tem direito à segurança social; e pode legitimamente exigir a satisfação dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis, graças ao esforço nacional à cooperação internacional, de harmonia com a organização e os recursos de cada país.	Os direitos econômicos e sociais surgiram com o “ <i>Welfare State</i> ”, sendo classificados como direitos de 2º geração. Sendo certo que o rol de direitos fundamentais apenas pode crescer, e não diminuir, a Declaração Universal dos Direitos Humanos selou a exigibilidade de tais direitos por meio deste artigo.
Artigo 23º - 1. Toda a pessoa tem direito ao trabalho, à livre escolha do trabalho, a condições equitativas e satisfatórias de trabalho e à proteção contra o desemprego. 2. Todos têm	Os chamados direitos trabalhistas, ou de condições dignas de trabalho, também têm sua gênese no paradigma estatal do “ <i>Welfare State</i> ” ⁹ , onde, em meio aos movimentos sociais, exigiu-se a garantia de condições humanas de

⁹ *Welfare State* - Envolve responsabilidade estatal no sentido de garantir o bem-estar básico dos cidadãos. (ESPING-ANDERSEN, 1991, p.98).

direito, sem discriminação alguma, a salário igual por trabalho igual. 3. Quem trabalha tem direito a uma remuneração equitativa e satisfatória, que lhe permita e à sua família uma existência conforme com a dignidade humana, e completada, se possível, por todos os outros meios de proteção social. 4. Toda a pessoa tem o direito de fundar com outras pessoas sindicatos e de se filiar em sindicatos para a defesa dos seus interesses.	trabalho, em clara oposição aos abusos sofridos pelo proletariado que prestava serviço à classe que surgiu após a Revolução Francesa. Como dito no comentário acima, a DUDH também selou o direito ao trabalho humanizado e digno.
Artigo 24º - Toda a pessoa tem direito ao repouso e aos lazeres e, especialmente, a uma limitação razoável da duração do trabalho e a férias periódicas pagas.	Sem necessidades de maiores delongas, com o fito de evitar a repetição, férias e período razoável de trabalho bem como o lazer decorrem das condições dignas de trabalho e dos primados dos direitos de segunda geração, assunto comentado em mais detalhes nos textos ligados aos artigos 22 e 23.
Artigo 25º - 1. Toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente para lhe assegurar e à sua família a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda quanto aos serviços sociais necessários, e tem direito à segurança no desemprego, na doença, na invalidez, na viuvez, na velhice ou noutros casos de perda de meios de subsistência por circunstâncias independentes da sua vontade. 2. A maternidade e a infância têm direito a ajuda e a assistência especiais. Todas as crianças nascidas dentro ou fora do matrimônio gozam da mesma proteção social.	Alimentar-se é um ato vital para todos os seres vivos, sendo um processo biológico e cultural. O termo ‘alimentação adequada’ trata de dois elementos que compõem esse direito, que são o direito de estar livre da fome e da má nutrição e o direito de ter acesso físico e econômico aos meios para obtenção de uma alimentação adequada. Portanto, os Estados são responsáveis por realizarem ações de proteção social visando combater diretamente a fome por meio de programas de transferência de renda e distribuição de alimentos.
Artigo 26º - 1. Toda a pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório. O ensino técnico e profissional deve ser generalizado; o acesso aos estudos superiores deve estar aberto a todos em plena igualdade, em função do seu mérito. 2. A educação deve visar a plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz. 3. Aos pais pertence a prioridade do direito de escolher o gênero de educação a dar aos filhos.	O exercício do direito à educação não deve estar limitado à condição social, nacional, cultural, de gênero ou étnico-racial da pessoa. A educação não se refere à educação escolar somente, mas aprendizagem acontece em cada momento da vida em família, comunidade, trabalho etc. Esse direito possibilita o acesso aos demais direitos.
Artigo 27º - 1. Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam. 2. Todos têm direito à proteção dos interesses morais e materiais ligados a qualquer produção científica, literária ou artística da sua	Destaca o direito do autor tanto nos aspectos materiais como intelectual. Logo, os direitos estão ligados com a autoria da obra bem como os resultados da criatividade do autor.

autoria.	
Artigo 28º - Toda a pessoa tem direito a que reine, no plano social e no plano internacional, uma ordem capaz de tornar plenamente efetivos os direitos e as liberdades enunciados na presente Declaração.	Reafirma os direitos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e faz uma ressalva de se estabelecer uma ordem social condizente com a dignidade humana, tanto no âmbito interno como internacional.
Artigo 29º - 1. O indivíduo tem deveres para com a comunidade, fora da qual não é possível o livre e pleno desenvolvimento da sua personalidade. 2. No exercício destes direitos e no gozo destas liberdades ninguém está sujeito senão às limitações estabelecidas pela lei com vista exclusivamente a promover o reconhecimento e o respeito dos direitos e liberdades dos outros e a fim de satisfazer as justas exigências da moral, da ordem pública e do bem-estar numa sociedade democrática. 3. Em caso algum, estes direitos e liberdades poderão ser exercidos contrariamente aos fins e aos princípios das Nações Unidas.	A Declaração Universal dos Direitos Humanos faz aqui uma ressalva final ao compromisso que os indivíduos têm com suas comunidades no qual os direitos também contrapõem aos deveres, e aqui caracterizado pelo dever do indivíduo de contribuir para constante evolução de sua comunidade, não tolerando o abuso de poder.
Artigo 30º - Nenhuma disposição da presente Declaração pode ser interpretada de maneira a envolver para qualquer Estado, agrupamento ou indivíduo o direito de se entregar a alguma atividade ou de praticar algum ato destinado a destruir os direitos e liberdades aqui enunciados.	Em seu último artigo a Declaração Universal dos Direitos Humanos solidifica os direitos nela estabelecidos, não havendo espaços para interpretações contrárias à realização da dignidade humana.

Fonte: Elaboração própria (2019), com base na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948); Bonavides (2006); Esping-Andersen (1991); Rodrigues *et al.* (2018).

Com o documento representado pela DUDH, foi consolidado o caráter da pessoa humana como sujeito do Direito Internacional, reiterando, portanto, as noções de “direitos fundamentais”, “Direitos Humanos” e “dignidade da pessoa humana” como “fundamento de liberdade, da justiça e da paz”, por meio de conceitos como: direito a opções políticas; à liberdade de associação; à liberdade de opinião e de expressão; o direito de expressar e de gozar a sua própria cultura; o direito de não ser sujeito à prisão e detenção arbitrárias; o direito a um nível de vida adequado, nomeadamente à saúde, à habitação e à alimentação; o direito de ser livre; ou o direito ao trabalho, entre tantos outros (XAVIER *et al.*, 2007, p. 99-100).

A DUDH, em conjunto com o Pacto Internacional dos Direitos Cíveis e Políticos e seus dois Protocolos Opcionais (sobre procedimento de queixa e sobre pena de morte), e com o Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais e seu Protocolo Opcional, formam a chamada Carta Internacional dos Direitos Humanos. Uma série de tratados internacionais de direitos humanos e outros instrumentos adotados desde 1945 expandiram o corpo do direito internacional dos direitos humanos.

Eles incluem a Convenção para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio (1948), a Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial (1965), a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres (1979), a Convenção sobre os Direitos da Criança (1989) e a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2006), entre outras.

2.1.1 Indicadores de Direitos Humanos

As formas de promoção desses direitos não são tão evidentes, e para a promoção dos direitos humanos faz-se necessária à existência de ferramentas que ajudem na formulação, implementação, monitoramento e avaliação das ações, bem como dos programas e políticas de direitos humanos, ou seja, de indicadores de DH (FERREIRA, 2004; FILMER-WILSON, 2006; OHCHR, 2012).

O objetivo de um modelo de indicadores de direitos humanos seria, justamente, a concepção de um instrumental para, justamente, a) fortalecer a consciência e o respeito em relação aos direitos humanos; b) permitir a construção de agendas e estratégias de ação verdadeiramente representativas e que viessem a contribuir na prevenção das violações dos direitos humanos e na participação dos indivíduos e atores sociais; e c) subsidiar a criação de formas e métodos de monitoramento e avaliação para os processos de tomada de decisão. (FERREIRA, 2004, p.227)

Conforme o Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH)¹⁰, em inglês *Office of the United Nations High Commissioner for Human Rights* (OHCHR), um indicador de direitos humanos é uma informação específica sobre o estado ou condição de um objeto, evento, atividade ou resultado que pode ser relacionados a normas e padrões de direitos humanos, refletindo princípios de direitos humanos e suas preocupações. Os indicadores são usados para avaliar e acompanhar a promoção e implementação de direitos humanos, e alguns podem ser exclusivos para os direitos humanos, porque eles devem sua existência a normas específicas de direitos humanos ou padrões e geralmente não são usados em outros contextos.

Como ressaltado em Metodologia das Organização da Nações Unidas para Indicadores de Direitos Humano (BRASIL MIDH, 2012, p. 7),

Os indicadores de direitos humanos são diferentes dos indicadores sociais porque refletem conceitos diferentes. O direito só existe quando existe alguém legalmente

¹⁰ Na América do Sul, o Escritório Regional para a América do Sul do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH) está localizado em Santiago, no Chile, inaugurado no dia 23 de setembro de 2009. Sua missão é observar, promover e proteger os direitos humanos em nove países da região: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela (ACNUDH, 2018).

obrigado a realizá-lo e pessoas que clamam por essa realização, lançando mão de garantias estabelecidas em leis do país. Outro conceito que define um indicador de direitos humanos é o da indivisibilidade. Os direitos constituem uma unidade tal que não é possível a realização de um deles sem a realização dos demais, uma vez que o objetivo final da estrutura de direitos é a dignidade humana.

De acordo com Filmer-Wilson¹¹ (2006, p.155, tradução própria),

Os indicadores de direitos humanos podem desempenhar um papel poderoso na proteção e promoção dos direitos humanos. Eles podem ser usados pelos governos, órgãos de tratados da ONU, ONGs e advogados, para monitorar o progresso feito pelos estados no cumprimento suas obrigações de direitos humanos. Os indicadores de direitos humanos também podem ser usados pelos formuladores de políticas e profissionais de desenvolvimento para a análise de políticas e avaliação de impacto em termos de direitos humanos¹².

Para maior compreensão dos indicadores de direitos humanos, a OHCHR lançou, em 2012, “Indicadores de Direitos Humanos: Um Guia para Medição e Implementação”, em inglês “*Human Rights Indicators: A Guide to Measurement and Implementation*”, uma ferramenta de interesse dos defensores dos direitos humanos como formuladores: de políticas, profissionais de desenvolvimento, estatísticos e outros atores-chave que contribuem para tornar os direitos humanos uma realidade para todos (OHCHR, 2012).

O *Guia* descreve a estrutura conceitual e metodológica para indicadores de direitos humanos recomendados por mecanismos internacionais e nacionais de direitos humanos e usada por um número crescente de atores governamentais e não governamentais. Fornece exemplos concretos de indicadores identificados para uma série de direitos humanos - todos originários da Declaração Universal dos Direitos Humanos - e outras ferramentas e ilustrações práticas, para apoiar a realização dos direitos humanos em todos os níveis (OHCHR, 2012, p.4).

Conforme OHCHR (2012), o guia de indicadores de direitos humanos objetiva auxiliar no desenvolvimento de indicadores quantitativos e qualitativos para medir o progresso na implementação de normas e princípios internacionais de direitos humanos.

Há distintas configurações para a criação de indicadores, e em direitos humanos, uma revisão da literatura permitiu encontrar diversas visões, com separações entre indicadores estruturais, de processo e de resultados (BRASIL.MIDH, 2012); com requisitos essenciais, que envolvem características que levam em conta pertinência, utilidade, abrangência e

¹¹ Emilie Filmer-Wilson trabalha como Facilitadora da Rede de Políticas de Direitos Humanos da ONU no Centro de Governança do UNDPOslo, parte do Bureau for Development Policy. Artigo disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/016934410602400111>. Acesso em: 19 maio 2019.

¹² No original: *Human rights indicators can play a powerful role in protecting and promoting human rights. They can be used by governments, UN treaty bodies, NGOs, and lawyers to monitor progress made by states in fulfilling their human rights obligations. Human rights indicators can also be used by policy makers and development practitioners for policy analysis and impact assessment in human rights terms.*

publicidade, como bem destacado no Brasil.GMI (2018) e em Guimarães *et al.* (2016), autores apresentam uma compilação robusta de características dos indicadores. Em síntese, os indicadores devem apresentar como características:

Quadro 3 - Características gerais dos indicadores

Característica	Autor
Acessibilidade/Disponibilidade	Barreto (1999), Machado (2004), Santos (2004) <i>apud</i> Guimarães <i>et al.</i> (2016), Brasil (2018).
Cobertura de etapas críticas dos processos quanto ao alcance dos resultados	Tironi <i>et al.</i> (1991) <i>apud</i> Guimarães <i>et al.</i> (2016).
Confiabilidade/fontes confiáveis	Tironi <i>et al.</i> (1991). Machado (2004), <i>apud</i> Guimarães <i>et al.</i> (2016), Brasil.GMI. (2018)
Fácil compreensão	Barreto (1999), Royuela (2001), Segnestam (2002), Federation of Canadian Municipalities (2002) e Magalhães (2004), Santos (2004) <i>apud</i> Guimarães <i>et al.</i> (2016).
Factibilidade	Royuela (2001), Segnestam (2002), Federation of Canadian Municipalities (2002) e Magalhães (2004), <i>apud</i> Guimarães <i>et al.</i> (2016).
Grau de cobertura de resultados considerados minimamente satisfatórios	Tironi <i>et al.</i> (1991) <i>apud</i> Guimarães <i>et al.</i> (2016).
Periodicidade de aferição	Brasil.GMI(2018).
Pertinência/Utilidade	Royuela (2001), Segnestam (2002), Federation of Canadian Municipalities (2002) e Magalhães (2004), <i>apud</i> Guimarães <i>et al.</i> (2016), Brasil .GMI (2018).
Publicidade	Brasil (2018).
Relevância	Royuela (2001), Segnestam (2002), Federation of Canadian Municipalities (2002) e Magalhães (2004), <i>apud</i> Guimarães <i>et al.</i> (2016).
Seletividade	Barreto (1999), Machado (2004), Santos (2004) <i>apud</i> Guimarães <i>et al.</i> (2016).
Simples formulação/clareza	Tironi <i>et al.</i> (1991), Barreto (1999), Machado (2004), Santos (2004) <i>apud</i> Guimarães <i>et al.</i> (2016). Brasil.GMI (2018).
Ter interface de atendimento/ser adequado às necessidades de seus usuários	Tironi <i>et al.</i> (1991), Royuela (2001), Segnestam (2002), Federation of Canadian Municipalities (2002) e Magalhães (2004), <i>apud</i> Guimarães <i>et al.</i> (2016).
Validade	Machado (2004) <i>apud</i> Guimarães <i>et al.</i> (2016). Brasil.GMI (2018).

Fonte: Elaboração própria (2019), com base nos autores citados no quadro.

Em todas essas características encontrou-se o que Rodriguez e Pradal (2010), na apresentação da publicação “Olhares sobre indicadores de Direitos Humanos”, resume como o interesse em criar um instrumento que possibilite monitorar o que foi escolhido como direitos, formular e implantar políticas no âmbito público que permitam a efetividade desses direitos.

Para Filmer-Wilson (2006), os indicadores de direitos humanos podem desempenhar um papel poderoso na proteção e promoção de DH, sendo utilizados por órgãos governamentais e da ONU, Organizações Não Governamentais (ONGs) e para monitorar o progresso dos DH. Além disso, os indicadores podem contribuir para formular políticas de

análise e avaliação de impacto em DH. Assim, essas ferramentas podem ser qualitativas e quantitativas. Os indicadores quantitativos são usados para designar qualquer tipo de indicador que expresse principalmente em forma quantitativa, como números, percentagens etc. São indicadores estatísticos. Como exemplos, indicadores relacionados às taxas de matrícula para crianças em idade escolar, indicadores sobre o número de ratificações de tratados, a proporção de assentos no parlamento nacional pelas mulheres, entre outros.

Já os indicadores qualitativos utilizam as informações apresentadas como narrativas ou informações categorizadas. Ao mesmo tempo, encontram-se ‘listas de verificação’ ou conjuntos de perguntas, narrativas e categorias de dados que buscam complementar ou elaborar informações - numéricas ou não - relacionadas à realização dos direitos humanos referindo-se à informação além das estatísticas que são de natureza qualitativa (FILMER-WILSON, 2006; OHCHR, 2012).

Tanto os indicadores quantitativos e qualitativos, ambos se complementam e, dada à complexidade de avaliar a conformidade com os padrões de direitos humanos, todas as informações qualitativas e quantitativas são potencialmente úteis, dando interpretação aos indicadores (OHCHR, 2012).

Conforme OHCHR (2012), os indicadores de direitos humanos também podem ser classificados como tais baseados em fatos ou baseados em julgamento, sendo denominados objetivos e subjetivos. Essa distinção refere-se à natureza da informação expressa pelos indicadores. A caracterização da natureza da informação, ou seja, de objetos, eventos ou fatos, que podem ser observados ou verificados, são categorizados como indicadores objetivos, como por exemplo, o número de mortes violentas, o peso das crianças, entre outros. Enquanto os indicadores baseados em opiniões, avaliação, decisões expressas por indivíduos, percepções, são categorizadas como indicadores subjetivos.

A distinção entre informação objetiva e subjetiva, no contexto de certos direitos humanos, é muitas vezes difícil de ser feita, pois na identificação e seleção de indicadores subjetivos, elementos de natureza objetiva não podem ser totalmente excluídos. Por isso, os indicadores baseados em fatos, ou seja, os indicadores objetivos são verificáveis e mais fáceis de interpretar.

No entanto, o uso de transparência, específica e universalmente reconhecida para determinados eventos, fatos e objetos, contribui, em sentido geral, para maior objetividade na identificação e projeção de qualquer tipo de indicador, seja quantitativo, qualitativo, subjetivo

ou objetivo (OHCHR, 2012). As possíveis relações entre os quatro tipos de indicadores estão apresentadas a seguir, no Quadro 4.

Quadro 4 - Relações entre categoria de indicadores de Direitos Humanos

Baseado em Fatos (Objetivos)	Baseado em Julgamento (Subjetivo)
Qualitativas Indicador articulado como narrativa, em uma forma categórica, e com base em informações em objetos, fatos ou eventos que são, em princípio, diretamente observável e verificável. <u>Exemplo 1:</u> o status da ratificação de um tratado de direitos humanos para um determinado país: ratificado / assinado / não assinado nem ratificado. <u>Exemplo 2:</u> descrição factual de um evento envolvendo atos de violência física, um perpetrador e uma vítima.	Qualitativas Indicador articulado como narrativa, não necessariamente de uma forma categórica, que é baseado em informação que é uma percepção, opinião, avaliação ou julgamento. <u>Exemplo 1:</u> avaliação expressa em narrativa de quão independente e justo é o judiciário. <u>Exemplo 2:</u> o direito à comida é totalmente garantido na lei e na prática em um determinado país?
Quantitativas Indicador articulado de forma quantitativa e com base em informações sobre objetos, fatos ou eventos que são, em princípio, diretamente observável e verificável. <u>Exemplo 1:</u> prevalência de baixo peso crianças menores de cinco anos de idade <u>Exemplo 2:</u> número de registros arbitrários e de execuções.	Quantitativas Indicador articulado de forma quantitativa e baseado em informação que é uma percepção, opinião, avaliação ou julgamento, usando, por exemplo, cardinal / escalas ordinais. <u>Exemplo 1:</u> porcentagem de indivíduos que se sentem seguros andando sozinhos à noite. <u>Exemplo 2:</u> classificação com base em uma média pontuação por um grupo de especialistas / jornalistas sobre o estado da liberdade de expressão em um determinado país.

Fonte: OHCHR, 2012, p.18 (tradução própria, 2019).

Em 2012, a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) do Brasil lançou o *Manual de indicadores de direitos humanos* (MIDH), o qual descreve uma metodologia para identificação dos indicadores de direitos humanos no País. Foram selecionados doze direitos humanos e seus atributos, sendo de quatro a seis para cada um deles, que configuram nos seguintes indicadores, capazes de refletir as obrigações do Estado de respeitar, proteger e realizar os direitos humanos (BRASIL MIDH, 2012, p.6):

Indicador Estrutural (ou de compromisso), que reflete o comprometimento do Estado com os padrões internacionais;

Indicador de Processo (ou de esforço), que mostra o empenho do Estado em cumprir os compromissos originados nos padrões, e

Indicador de Resultado (dos esforços ao longo do tempo), que identifica os resultados sob a perspectiva dos detentores do direito. (BRASIL, MIDH, 2012, p.6)

O Quadro 5, a seguir, apresenta os doze direitos humanos substantivos da metodologia da ONU para indicadores de DH (BRASIL.MIDH, 2012) de forma sintetizada, para que o leitor possa visualizá-los em um mesmo espaço, bem como seus respectivos indicadores de estrutura, de processo e de resultados. Considera-se pertinente a apresentação de tais indicadores na forma sintetizada, uma vez que na literatura eles são encontrados relacionados separadamente, e somados constituem, aproximadamente, quinze páginas.

Quadro 5 - Síntese dos Doze Direitos Substantivos e seus Indicadores de Direitos Humanos

DOZE DIREITOS SUBSTANTIVOS	ATRIBUTOS	ALGUNS INDICADORES DE ESTRUTURA	INDICADORES DE PROCESSO	INDICADORES DE RESULTADO
1 Direito à Vida	a. Privação arbitrária da vida; b. Desaparecimento de indivíduos; c. Saúde e nutrição; d. Pena de morte.	Leis referentes ao direito à vida de pessoas com deficiência (PCD); Habeas corpus na Constituição Federal (CF); política Nacional de Saúde e Nutrição.	a. Proporção de policiais processados; b. Proporção comunicados à ONU sobre desaparecimento de pessoas em um período; c. Proporção da população que usa fontes de água tratada; d. Não tem.	a. Número de mortes por 1.000 detidos; b. Proporção de casos de desaparecimentos resolvidos: em liberdade; em detenção ou mortas; c. Mortalidade infantil e abaixo de 5 anos; d. Não temos pena de morte no Brasil.
2 Direito à Liberdade e Segurança da Pessoa	a. Prisão e detenção com base em acusações criminais; b. Privação da liberdade fora do processo judicial; c. Revisão efetiva por tribunal de justiça; d. Garantia contra crime e abuso por agentes do sistema judicial.	Tratados internacionais de DH relevantes ao direito à liberdade e segurança da pessoa; Tipos de instituições de DH de acordo com a ONU.	a. Número de acusados libertados em fase de pré-julgamento em troca de fiança; b. Número de detenções sob leis administrativas (imigração, drogas, obrigações financeiras); c. Proporção de presos que receberam ajuda legal; d. Proporção de policiais investigados por abusos e crimes no período.	a e b. Número de detenções por 100.000 pessoas; e casos de prisão arbitrárias; c. Proporção de vítimas libertadas e compensadas por prisão ilegal; d. Proporção da população que se sente segura e incidência de abusos físicos por policiais por 100.000 presos.
3 Direito à Alimentação Adequada*	a. Nutrição; b. Alimentação segura e proteção ao consumidor; c. Disponibilidade de alimentos; d. Acesso a alimentos.	Cobertura da Política nacional de Nutrição; Cobertura da política nacional de produção e disponibilidade de alimentos; Cobertura da política nacional em relação a seca prolongada e gestão de desastres.	a. Proporção da população que tiveram água potável em certo período; b. Proporção de estabelecimentos de produção e distribuição e alimentos inspecionados por padrões de qualidade e frequência da	a. Proporção de adultos com IMC abaixo de 18,5; b. Número de mortes por intoxicação alimentar; c. Disponibilidade per capita dos maiores itens alimentares de produção local; d. Despesa média das famílias em

			inspeção; c. Proporção de agricultores cobertos por serviços de extensão rural; d. Estimativa do acesso de mulheres, PCD e crianças com alimentação adequada dentro de uma família.	alimentação para os menores de três; proporção da população mal alimentada.
4 Direito à Satisfação do Mais Alto Padrão de Saúde Física e Mental	a. Saúde sexual e reprodutiva; b. Mortalidade infantil e assistência à saúde; c. Prevenção, tratamento e controle de doenças; d. Acesso a instalações de saúde e a remédios essenciais.	Política nacional de saúde pública; Políticas de saúde da mulher e criança deficientes.	a. Proporção de nascimentos atendidos por profissionais habilitados; b. Proporção de crianças cobertas por programas públicos; c. Proporção das crianças acima de 1 ano imunizadas contra doenças preventivas; d. Proporção do segmento PCD que obteve acesso a remédios essenciais.	a. Proporção de nascidos vivos com baixo peso; b. Taxa de mortalidade de crianças menores de 1 ano; c. Expectativa de vida das pessoas com deficiência/expectativa de vida da população em geral; d. Proporção de pessoas usuárias de drogas.
5 Direito a Não ser Submetido à Tortura, Punição e a Tratamentos Cruéis, Desumanos ou Degradantes.	a. Integridade física e mental do preso e do detento; b. Condições de detenção; c. Uso de força por agentes da lei fora da detenção; d. Violência doméstica e de pessoas da comunidade.	Tratados internacionais de DH e ratificados no país; Cobertura do direito na CF; Código de conduta para policiais; Procedimentos formais para inspeção de prisões e outros.	a. Proporção de investigações de oficiais em custódia que resultaram em ações disciplinares ou processos; b. Proporção de pessoas detidas ou presas em acomodações com requisitos legais; c. Proporção de prisões nas quais foram usadas armas pelos policiais; d. Proporção de profissionais de saúde treinados em violência doméstica.	a. Incidência e prevalência de mortes, lesões e doenças transmissíveis e não transmissíveis nas pessoas em custódia; b. Proporção de detidos incomunicáveis ou em confinamentos prolongados; c. Incidência de mortes e lesões físicas resultantes de atos de apreensão por oficiais; d. Incidência e prevalência de mortes e crimes relacionados à violência doméstica e comunitária.
6 Direito à Participação na Vida Política e Social	a. Possibilidade de exercício e participação em todos os poderes da República; b. Sufrágio universal e igualitário; c. Acesso a trabalho no serviço público.	Data e cobertura do direito na CF; Tipos de instituições nacionais de DH; Número de ONGs registradas ou ativas por (100.000 pessoas)	a. Número de eleições em nível nacional e local durante o período; b. Proporção de eleitores; c. Proporção de vagas nas eleições ocupadas por PCD.	a. Proporção de acentos no parlamento para a população PCD; b. Média de votantes em eleições nacionais e locais por sexo e PCD; c. Casos relatados de entraves ao acesso ao serviço público por discriminação.
7 Direito à Educação	a. Educação primária universal; b. Acesso à educação secundária	Plano nacional de educação; Leis que refletem a não discriminação na	a. Desistência escolar por grupo; b. Gastos percentuais das	a. Taxa de conclusão da educação fundamental; b. Número de

	e superior; c. Recursos educacionais e curriculares; d. Oportunidade e liberdade na educação.	educação; Legislação sobre educação para minorias e PCD; Direitos Humanos no currículo escolar.	famílias em educação fundamental e médio; c. Proporção de escolas e instituições de acordo com os padrões nacionais, físicos e acadêmicos; d. Proporção de adultos que tem educação fundamental, médio e superior.	graduados em universidade por 1000 habitantes; c. Densidade nas escolas nos níveis de educação; d. Proporção de mulheres com formação universitária.
8 Direito à Moradia Adequada	a. Condições de habitação; b. Acesso aos serviços públicos; c. Moradia acessível; d. Segurança de posse da moradia.	Tratamento do direito na CF; Legislação sobre direito de posse, tratamento no caso de heranças, proteção contra despejos e expulsão.	a. Participação dos gastos em moradias populares no orçamento público anual; b. Proporção de PCD que teve acesso a projetos de água potável, saneamento básico, eletricidade, coleta de lixo em determinado período; c. Proporção da população de rua que teve mudança de situação em um determinado período; d. Número de petições para prevenir expulsão e despejos planejados.	a. Proporção da população que vive com espaço suficiente ou média de pessoas por cômodos; b. Proporção da população PCD vivendo em favelas; c. Média anual da população de rua por 100.000 pessoas; d. Proporção de famílias vivendo em condições de posse segura.
9 Direito à Seguridade Social	a. Seguridade da renda para os trabalhadores; b. Acesso à assistência médica; c. Suporte à família, à criança, ao adolescente e ao adulto dependente; d. Assistência social para grupos em situação de vulnerabilidade.	Cobertura da política de seguro social; Cobertura da regulação sobre seguro de saúde; Cobertura de assistência pública às famílias, incluindo crianças e dependentes; Cobertura, taxas, da política nacional de desemprego.	a. Número de trabalhadores registrados em planos de seguridade social no período; b. Gasto público per capita em saúde básica e remédio essenciais; c. Gastos com famílias, crianças e adultos dependentes ou benéficos por programa; d. Gastos públicos por programa de assistência por beneficiário.	a. Proporção da força de trabalho que participa de planos de seguridade social; b. Proporção da população coberta com seguro saúde (pública e privada); c. Proporção de famílias, crianças e dependentes recebendo assistência pública; d. Proporção da população PCD recebendo assistência social (moradia, saúde, alimentos e serviços emergenciais).
10 Direito ao Trabalho	a. Acesso ao trabalho decente e produtivo; b. Condições de trabalho justas e seguras; c. Treinamento, capacitação e desenvolvimento	Política de aposentadoria; Benefício de BPC; Política contra trabalho forçado; Cobertura da política de melhoria da mão de obra.	a. Crescimento anual do emprego para PCD; b. Indicador de resultado do BPC trabalho; c. Proporção da força de trabalho PCD; d. Proporção de	a. Razão entre emprego e população PCD por sexo, nível de educação; b. Proporção de homens e mulheres do segmento PCD por setor; c. Emprego a longo

	profissional; d. Proteção contra trabalho forçado e desemprego.		trabalhadores com deficiência que passaram do setor informal para o setor formal no período.	prazo (acima de 1 ano); d. Taxa de desemprego da PCD; Incidência de trabalhos forçados.
11 Direito à Liberdade de Expressão e Opinião	a. Liberdade de opinião e de transmitir informação; b. Acesso à informação; c. Responsabilidades e deveres especiais.	Cobertura do direito na CF; Cobertura da legislação sobre proteção da liberdade de imprensa, incluindo discriminação de difamação e calúnia; Cobertura de legislação de acesso à informação; Cobertura de leis nacionais proibindo propaganda de guerra.	a. Número de jornais, revista, estações de rádio, TV, sites de internet por tipo de proprietários (públicos, privados) e dados de audiência; b. Número de computadores pessoais que usam a internet por 100 pessoas; c. Proporção de ações judiciais contra defensores de direitos humanos, investigadas e processadas.	a. Número de jornalistas e outros profissionais que sofreram sanções, pressões políticas para publicação de informação; b. Casos relatados de ocultação de documentos, arquivos e dados administrativos de interesse público; c. Proporção de vítimas de ofensas, difamações e calúnias que receberam compensação ou foram reabilitadas.
12 Direito a Julgamento Justo	a. Acesso a tratamento igualitário nas cortes e tribunais; b. Audiência pública por tribunais competentes e independentes; c. Presunção de inocência e garantia na determinação de acusação criminal; d. Proteção especial para crianças e adolescentes; e. Revisão por tribunais superiores.	Legislação que garante o acesso não discriminatório a cortes (para mulheres não acompanhadas, crianças e imigrantes); Cobertura da legislação da política de serviços judiciais; Órgãos reguladores de profissões legais e judiciais; Tempo de prescrição para guiar os estágios de pré-processo e processo em andamento; Idade legal de responsabilidade criminal; Datas e extensão da cobertura do direito ao apelo a cortes superiores e revisão legal plena de material de pessoas sentenciadas.	a. Proporção de crimes relatados à polícia; b. Proporção de pessoas com funções judiciais formalmente investigadas por irregularidades e abusos; c. Proporção de casos pendentes e duração média dos processos criminais; d. Proporção de adolescentes detidos e providos com assistência de 24 horas após a detenção; e. Proporção de casos em que o direito de apelação é excluído ou restrito a aspectos específicos da lei.	a. Proporção de crimes levados às autoridades judiciais; b. Proporção de audiências abertas ao público; c. Proporção de sentenças obtidas na ausência do réu; d. Taxas de reincidência de adolescentes; e. Proporção de processos criminais em que houve redução de pena ou foram alvos de novo processo.

Fonte: Elaboração própria, com base em OHCHR (2012); BRASIL, MIHD (2012).

Desde o término da Segunda Guerra Mundial, tratados e declarações de DH são estabelecidos em prol da defesa dos direitos das pessoas, tornando-se, inclusive, propaganda

de alguns museus. Por meio de exposições, programas, entre outras atividades, os museus oferecem interpretações da lei de direitos humanos a seus visitantes.

Os direitos humanos como valores universais estão sendo cada vez mais disseminados em museus, mas a compreensão desses direitos, como são adquiridos e quem tem permissão para exercê-los, é moldada em cada espaço específico de museu. Apesar da disseminação crescente, um dos principais desafios das instituições museais é a tradução da lei na prática.

Para maior conhecimento sobre a DUDH (1948), bem como a promoção desses direitos na sociedade contemporânea, faz-se necessária a existência de ferramentas, como indicadores que ajudem na formulação, implementação, monitoramento e avaliação das ações que consolidem esses direitos às pessoas.

Apresentam-se, a seguir, os direitos contidos na DUDH, que nortearão a presente pesquisa no sentido da criação de indicadores de DH para *websites* de museus do Holocausto, uma vez que se pode, com esses indicadores, ressaltar a importância informacional e educacional dessas ferramentas para que os museus do Holocausto possam atingir sua missão.

- ✓ Todos os seres humanos são iguais em dignidade e direitos (Artigo 1º);
- ✓ Todos têm o direito à proteção contra qualquer discriminação (Artigo 7º);
- ✓ Todos têm o direito à informação, à liberdade de expressão e opinião (Artigo 19º);
- ✓ Toda a pessoa, como membro da sociedade, tem direito à segurança social; e pode legitimamente exigir a satisfação dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis (Artigo 22º);
- ✓ Todos têm o direito à educação, visando à expansão da personalidade e o reforço dos direitos (Artigo 26º);
- ✓ Todos têm o direito de participar livremente da vida cultural (Artigo 27º).

Conforme a IV Conferência Anual da *Federation of International Human Rights Museums* (FIHRM)¹³, realizada em 2013, em conjunto com o Comitê Internacional de Gestão de Museus do ICOM no Rio de Janeiro, os museus estão surgindo como instituições dedicadas a facilitar a educação em direitos humanos. Nesse sentido, no próximo capítulo apresenta-se uma compilação sobre os museus contemporâneos, que abrange a memorialização e musealização do Holocausto.

¹³ A *Federation of International Human Rights Museums* (FIHRM) incentiva os museus que se envolvem com temas sensíveis e controversos de direitos humanos, como a escravidão transatlântica, o Holocausto e outras instâncias de genocídio, e o sofrimento de muitos povos indígenas, para trabalharem juntos e compartilhar novas ideias e iniciativas em um ambiente favorável (FIHRM, 2019). Informações disponíveis em: <https://www.fihrm.org/home/>.

A importância de fazer valer o conjunto de direitos humanos reforça a compreensão de que não bastam existir, apenas, ideias ou valores universalmente divulgados. Os países devem agir em prol da criação de mecanismos institucionais que façam os direitos humanos serem válidos, na prática, e de fato, se tornem efetivos. No capítulo seguinte, em que abordam elementos dos museus contemporâneos, pode-se identificar o papel desses museus como agentes indiretos de divulgação dos direitos humanos e, por conseguinte, como reforçadores do processo de reflexão quanto à importância do exercício pleno desses direitos humanos.

CAPÍTULO 3 MUSEUS CONTEMPORÂNEOS

Os museus passaram por processos de reconstrução ao longo das décadas, e as transformações na nova museologia se apresentam em diferentes formas, conforme contexto em que essa nova museologia está inserida. Seus profissionais multidisciplinares enxergam o patrimônio e a cultura como recursos essenciais para o desenvolvimento social, o que pode ser considerado uma nova museologia social: “o museu contemporâneo é olhado como um símbolo cultural, como um reflexo do passado e presente das sociedades”, tornando-se “um espaço ao serviço da sociedade e onde o estudo e a educação se misturam com o lazer.” (ANDRADE, 2008, p.36).

O museu, lugar de interpretação e de construção de significados, ocupa uma posição privilegiada na cena contemporânea. Oferece um espaço e conteúdos de temporalidade amalgamada, reconstitui a memória do passado, testemunha e reflete sobre o presente, e constrói o patrimônio do amanhã (FRANCO, 2019, p.16)

Logo, se observa que o museu tem um importante papel de reconstituir memória e servir como laço, como amálgama, entre os tempos passado-presente e futuro. Essa mesma visão do papel dos museus é reforçada ao se consultar o *International Council of Museums* (ICOM) é uma organização não governamental criada em 1946, que mantém relações formais com a UNESCO, com *status* consultivo no Conselho Econômico e Social da ONU.

Responsável por discutir o papel dos museus no mundo contemporâneo, ao longo das últimas décadas, o ICOM organizou diversas reuniões temáticas sobre as necessidades dos profissionais dos museus de forma global. (PACHECO; OLIVEIRA, 2018). O ICOM “está comprometido com a pesquisa, conservação, continuação e comunicação à sociedade do patrimônio natural e cultural do mundo, presente e futuro, tangível e intangível” (ICOM, 2017).

3.1 Evolução do conceito de museu

Vários fatores após a segunda Guerra Mundial fundamentaram a museologia contemporânea contribuindo para que o conceito de museu evoluísse (MENSCH, 1992). Os museus questionaram seus papéis na sociedade e o desenvolvimento de uma análise autorreflexiva da prática museológica foi denominado “nova museologia”.

Seguindo a mudança paradigmática dentro da profissão do museu, ocorrida durante o início dos anos 1970 e referida como Nova Museologia: “a maioria desses conceitos circula

em torno de uma visão (re) nova (da) sobre a relação entre os museus e suas comunidades constituintes. A esse respeito, a ideia abrangente dessa gama de conceitos é a ideia de museu comunitário” (MENSCH, 2012, p.11, tradução própria).¹⁴ De modo mais amplo, o museu é compreendido como lugar de preservação da memória cultural da sociedade, não apenas uma instituição para salvaguardar, mas também difundir informações culturais (POULOT, 2013). Atualmente, o ICOM define museus como

(...) instituições permanentes, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, abertas ao público, que adquirem, preservam, pesquisam, comunicam e expõem, para fins de estudo, educação e lazer, os testemunhos materiais e imateriais dos povos e seus ambientes (ICOM, 2017, p.15, tradução própria).¹⁵

As definições de museu e da função do museu foram reformuladas a cada encontro anual do ICOM, e vários documentos foram produzidos ao longo das últimas décadas que influenciaram a prática e o pensar museológico na contemporaneidade. Primo (1999, p.6) ressalta que “esses documentos possuem uma característica em comum: todos eles foram elaborados e produzidos no Continente Americano”, resultados de considerações de vários profissionais de museus que discerniram a relevância da interdisciplinaridade para o contexto museológico.

Para Primo (1999, p.7), de 1958 a 1992, o Seminário da UNESCO, Mesa de Santiago do Chile, Declaração de Quebec, Declaração de Orxaterpec e Declaração de Caracas “traduzem aspectos fundamentais do pensamento museológico contemporâneo”, que influenciaram o paradigma da Nova Museologia, evidenciando o caráter social dos museus. Assim, em 1958, aconteceu o III Seminário Internacional da UNESCO no Rio de Janeiro, cuja temática foi sobre a função educativa dos museus e contou com a presença de Georges Henri Rivière, então diretor do ICOM, um dos responsáveis no processo de renovação da museologia (PRIMO, 1999). O seminário foi um marco no processo de transformação das instituições museais da América Latina. Conforme Primo (2007, p.139),

O documento produzido pelo seminário, atribui aos museus o exercício da função educativa sem descuidar das demais funções tradicionais da instituição como a

¹⁴ No original: “Most of these concepts circle around a (re)new(ed) vision concerning the relation between museums and their constituent communities. In this respect, the overarching idea of this range of concepts is the idea of community museum.” (MENSCH, 2012, p.11).

¹⁵ No original: “A museum is a non-profit making permanent institution in the service of society and of its development, open to the public, which acquires, conserves, researches, communicates and exhibits, for purposes of study, education and enjoyment, the tangible and intangible evidence of people and their environment” (ICOM, 2017, p.15).

conservação e documentação das coleções, investigação científica, deleite e exposição do acervo.

Em 1972, aconteceu a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, considerada um dos eventos mais marcantes para área museal, um marco para o desenvolvimento de políticas públicas e paradigmas para as atividades museológicas. A Mesa-Redonda de Santiago aconteceu em um período marcado por transformações políticas, econômicas, sociais e culturais na América Latina. Primo (2007), em sua tese *A Museologia e as Políticas Culturais Europeias: O Caso Português*, ressalta que “de todos os documentos produzidos no seio da UNESCO, esse tem sido o que mais amplamente foi analisado e discutido pelos profissionais ligados às atividades museológicas” (PRIMO, 2007, p. 154-155).

A Mesa de Santiago do Chile acontece em um período marcado por transformações políticas, sociais e culturais na América Latina. Conforme Nunes (2011) as práticas museais eram questionadas por seus profissionais e esse questionamento trouxe, de forma indireta, uma ampliação do espaço reflexivo sobre a importância desses agentes museais.

Na década de 70, acontecia uma série de transformações comportamentais em relação aos modelos políticos, éticos, sexuais etc. Emergiam propostas contrárias aos padrões vigentes como, por exemplo, os movimentos libertários como a contra cultura, o movimento feminista, o movimento ecologista, dos direitos humanos e das minorias, o movimento pela democratização da cultura e justiça social, dentre outros. Nesse contexto de contestação, a comunidade museológica questionava e propunha um modelo de instituição museal com compromissos e práticas sociais (NUNES, 2011, p.58).

A Mesa de Santiago do Chile, realizada em um momento de mudanças políticas, sociais e culturais na sociedade, sedimentou uma nova prática social dos museus por meio do conceito de “museu integral”, o museu como instrumento de mudança social, que leva em conta a totalidade dos problemas da sociedade. (DECLARAÇÃO SANTIAGO DO CHILE, 1972; PRIMO, 1999; CORDOVIL, 1993; ANDRADE, 2008; NUNES, 2011).

Os temas abordados no seminário – Mesa Redonda de Santiago, foram: os museus e o desenvolvimento cultural em meio rural; os museus e o desenvolvimento científico e tecnológico; os museus e os problemas sociais e culturais; e os museus e a educação permanente. A partir desses grandes temas de debate o seminário propunha o estudo do meio ambiente e humanos no qual a atividade da museologia seria desenvolvida, e a necessidade de se compreender as transformações educativas, culturais, econômicas e políticas da sociedade (PRIMO, 2007, p.154).

Destacando o papel social dos museus como parte integrante e a serviço da sociedade, a Declaração de Santiago do Chile (1972) ressalta que os museus “devem desempenhar um papel decisivo na educação da comunidade”, reforçando o caráter global de suas intervenções. Ressalta ainda, conforme Nunes (2011, p.58) “(...) a necessidade de renovação na museologia,

o museu como agente do desenvolvimento, instrumento de mudança social e consciência crítica, o consenso quanto à interdisciplinaridade para as ações/produções museais”.

Um dos temas da Mesa Redonda do Chile foi à ação de Marcel Évrard¹⁶ e de Georges-Henri Rivière, que no pós-guerra transformaram todo um território econômico e socialmente degradado no Ecomuseu de Cresot em 1970, com a participação da população, destacando o papel social dos museus na contemporaneidade (CORDOVIL, 1993).

Mille (2011), em sua tese de doutorado *Museums without walls: the museology of Georges Henri Rivière*, apresentada à Universidade de Londres, explora a museologia do Musée-Laboratoire de Rivet-Rivière como parte de um projeto nacional de desenvolvimento cultural que visa mudar a relação dos cidadãos franceses com sua cultura material e patrimonial. É oportuno destacar que, com o florescimento dos museus, houve uma abertura para que mais pessoas pudessem ter acesso à cultura. No dizer de Mille (2011):

A museologia floresceu em todos os aspectos da indústria do patrimônio e do turismo. Esta expansão da atividade museológica não só transformou o tradicional Museu de Belas Artes num espaço pós-moderno, mas tornou possível a acessibilidade a sítios arqueológicos, históricos e portos, indústrias de varejo e manufatura, edifícios tradicionais e oficinas de artistas, com o propósito de transmitir um sentido do passado através dos objetos e atividades da vida cotidiana. (MILLE, 2011, p. 256, tradução própria).¹⁷

Em 1984, o desenvolvimento das experiências museais de Rivière contribuiu para a primeira reunião internacional da Nova Museologia no Québec, reafirmando a função social do museu e o caráter global das suas intervenções. Dessa reunião em Quebec originou-se a Declaração de Quebec (1984), que estabelece que a museologia e os museus, para atingir seus objetivos deveriam integrar as populações na sua ação, utilizarem cada vez mais da interdisciplinaridade, de métodos contemporâneos de comunicação comuns ao conjunto da ação cultural e igualmente dos meios de gestão moderna que integram os seus usuários. (DECLARAÇÃO de Quebec, 1984; PRIMO, 2007). Na fala de Primo (2007), a seguir, é patente que os museus se tornaram um elemento de aproximação das pessoas de várias

¹⁶ A ideia de um museu para o Creusot surgiu no início dos anos 1970, quando Marcel Évrard (1921-2009), após concluir diversas expedições ao redor do mundo com o objetivo de coleta de objetos de arte primitiva para alimentar museus e galerias na França, retorna à sua propriedade na Borgonha, e devido a problemas de saúde de sua esposa Michele Évrard (1929-2007), permaneceu naquela localidade. E os laços estabelecidos por eles com a comunidade do Creusot os levariam a se envolver intimamente com a experiência do Ecomuseu. Por meio do ICOM, Rivière também aderiu ao projeto no Creusot. (BRULON, 2015, p.267-272).

¹⁷ No original: “This expansion of museological activity did not only transform the traditional Fine Art museum into a post-modern museology of consumption, but has made possible the accessibility to archaeological sites, historical harbours, retail and manufacturing industries, traditional buildings and artists’ workshops, with the purpose of conveying a sense of the past through the objects and activities of everyday life.” (MILLE, 2011, p. 256).

culturas e países e, portanto, ampliaram suas possibilidades de se tornarem como um elemento a favor dos princípios humanitários que eram defendidos em todo o mundo.

Em Quebec, defendeu-se que a Nova Museologia, sem descuidar a preservação dos testemunhos do passado, se interessava prioritariamente pelo desenvolvimento das populações e pelos seus projetos de futuro. O movimento da Nova Museologia colocava-se ao serviço da criatividade, do realismo construtivo e dos princípios humanitários defendidos pela comunidade internacional. Assim se buscava tornar a Museologia num meio de aproximação entre os povos. O desafio do movimento era adoptar os recursos museológicos de coleta, conservação, investigação científica, restituição ou difusão, criação e assim transformá-los em instrumentos adaptados a cada meio e/ou projeto específico (PRIMO, 2007, p.171).

A Declaração de Quebec (1984) solidifica a existência do Movimento da Nova Museologia, tendo como premissa o desenvolvimento das populações, em "uma prática museológica mais ativa e socializadora, dialógica e internacionalmente autônoma" (PRIMO, 1999, p.24). A ampliação das funções do museu foi, pois, algo praticamente consequente dessa nova visão de prática ativa e socializadora, de que Primo (1999) comenta aqui. Passa-se para uma visão mais holística das funções museais, indo além das tradicionalmente funções de identificar e conservar patrimônio, ou mesmo de educar, saindo-se do sentido restrito do termo. Exatamente como consta da Declaração de Quebec (1984), no excerto aqui transcrito e mesmo a da Declaração de Oaxtepec, que destaca o aspecto sistêmico que envolve o museu:

A museologia deve procurar num mundo contemporâneo que tenta integrar todos os meios de desenvolvimento, estender suas atribuições e funções tradicionais de identificação, de conservação e de educação, a práticas mais vastas que estes objetivos, para melhor inserir sua ação naquelas ligadas ao meio humano e físico. (DECLARAÇÃO DE QUEBEC, 1984, p. 223).

Alguns dos participantes da Mesa Redonda de Quebec reuniram no mesmo ano no México com outros latinos americanos, cujo resultado foi à declaração de Oaxtepec¹⁸, que define um novo tipo de museu. Essa declaração aprofunda os conceitos básicos da ecomuseologia, proposta por Rivière, porém adequando-o à realidade latino-americana.

A declaração final desta assembleia, conhecida como Declaratória de Oaxtepec, é da máxima importância porque define claramente o novo tipo de Museu, adaptado aos novos tempos, assimilando os conceitos de ecomuseologia e da nova museologia e pondo a tônica no desenvolvimento e no equilíbrio ecológico. Aí se afirma: "O museu tradicional produz-se num edifício, com uma coleção e para um público

¹⁸ Esta declaração é solidária com a orientação eminentemente social do papel da museologia, da Mesa Redonda de Santiago do Chile em 1972, com o projeto de Declaração de Quebec de outubro de 1984, com os conceitos da nova museologia e ecomuseologia internacional, bem como com todos os esforços latino-americanos que veem na museologia um instrumento para o livre desenvolvimento das comunidades. (DECLARAÇÃO OAXTEPEC, 1984, p.4). Disponível em: <http://www.iber museus.org>. Acesso em 16 jul. 2017.

determinado. Trata-se agora de ultrapassar estes princípios substituindo-os por um território, um património integrado e uma comunidade participativa." Mais se afirmava então, que um tal museu constituía um "ato pedagógico para o eco desenvolvimento". Estamos, de fato, perante uma nova concepção de Museologia e um novo tipo de Museus e não se trata já de adaptar ou ampliar as funções do museu tradicional (CORDOVIL, 1993, p.24).

Rivière conduziu ao conceito de *Ecomusée*, mas também a uma "museologia sem paredes" e à "diversificação e multiplicação de práticas museológicas locais pelas quais todas as atividades existentes em um território poderiam ser expressas em um museu" (MILLE, 2011, p.10, tradução própria)¹⁹. Conforme Primo (2007, p.172),

Os documentos de Quebec e de Oaxtepec sustentaram a criação de uma Associação Internacional para a promoção da Nova Museologia que foi denominado de Movimento Internacional para uma Nova Museologia. Criado em Portugal e com sede no Canadá, o MINOM tem vindo a desenvolver debates e discussões sobre as atividades museológicas privilegiando a promoção do desenvolvimento integrado por meio do património e da memória coletiva (PRIMO, 2007, p. 172).

Para Brulon (2015, p. 287), a nova museologia ganha uma dimensão intercontinental a partir de meados da década de 1980, por meio "das experiências com museus ditos 'sociais' passam a ser disseminadas de maneira ampla", surgiram "não apenas os ecomuseus, mas também outros modelos de museologia comunitária".

É possível concluir que aquilo que levou o ecomuseu a se espalhar pelo mundo no final do século XX e ainda no presente não foi o seu entendimento como um modelo, mas sim a aplicação em diferentes contextos sociais de uma nova concepção do processo de valorização do patrimônio (BRULON, 2015, p.287).

Em 1992 aconteceu o XII Seminário Regional da UNESCO em Caracas, na Venezuela. O documento originário do seminário ficou conhecido como "Declaração de Caracas", que refletiu sobre a função contemporânea do museu e seu papel na América Latina. Para Primo (2007), com uma consciência da proximidade do século XXI, as discussões pelos profissionais de museu em Caracas buscaram entender os desafios contemporâneos da museologia, analisando alguns temas da relação do museu com a sociedade, evidenciando um maior aspecto de crítica social. Foram abordadas as temáticas do museu em comunicação, patrimônio, liderança, gestão e recursos humanos.

O Seminário de Caracas revelou uma faceta de maior crítica social, chamando a atenção para o perigo do processo de homogeneização proposto pelos mecanismos de globalização e para o descompasso entre desenvolvimento social e

¹⁹ No original: "It eventually led not only to Rivière's most famous concept, the *Ecomusée*, but also to a 'museology without walls' and to the diversification and multiplication of local museological practices by which every activity existing in a territory could be given museographical expression." (MILLE, 2011, p.10).

desenvolvimento tecnológico. Assim, considerou que o museu como meio de comunicação deve transmitir as diferentes linguagens culturais através do seu meio de comunicação específico (exposição). Recomendou que o museu deveria buscar a forma de ação integral e social através de uma linguagem aberta, democrática e participativa que possibilitasse o desenvolvimento e o enriquecimento do indivíduo e da comunidade (PRIMO, 2007, p.162)

A Mesa Redonda do Chile, Declaração de Quebec, Declaração de Oaxtepec e a Declaração de Caracas, revelam as transformações no campo da museologia que foram fundamentais para legitimação dessa nova museologia participativa e comunitária, levando os museus a compreender o homem e suas relações na contemporaneidade (PRIMO, 2007).

As transformações ocorridas na Museologia, sob o arcabouço da Nova Museologia, poderão ser entendidas como resultantes do movimento contestador, criativo e transformador de processos museais mais ajustados às necessidades dos cidadãos e suportado na participação e tendo por objectivo o desenvolvimento global. Na actualidade, mesmo os museus mais clássicos são influenciados pelos pressupostos desses documentos baseados na participação, no estabelecimento da relação passado/presente, e de preocupações sobre os problemas da sociedade (PRIMO, 2007, p.176)

O museu e a museologia a partir da década de 1980 passam a privilegiar o caráter fenomênico do museu e os novos paradigmas sociais, tornando-se um dos principais responsáveis pelo movimento da Nova Museologia (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013). Nesse novo paradigma social, Gregorová (1980) define o museu como uma instituição onde “a relação homem e sociedade acontece”, e explica que a museologia é uma nova disciplina científica que estuda relações específicas do homem com a realidade e baseia-se nas coleções que documentam o desenvolvimento da sociedade.

Para Abreu (2012, p.11), os museus estão relacionados “às sociedades que os geram” e, por conseguinte, abrangem dimensões sociais, culturais, patrimoniais, entre outras. E ao retratá-las, levam em conta os contextos nos quais são criados, mantidos, dinamizados, ressignificados, reformulados ou até mesmo fechados. Em referência aos museus temáticos voltados para o fortalecimento da democracia e o respeito aos direitos humanos, a autora ressalta:

Os museus podem existir em territórios amplos sem edifícios nem coleções, como os ecomuseus. Podem estar voltados para causas específicas e fortalecerem segmentos sociais num determinado território, como os museus sociais. Ou, ainda, serem marcos de lutas políticas, sublinhando o que não pode e não deve ser esquecido, como os museus que tematizam o holocausto nazista ou os museus que conservam acervos dos períodos de ditadura militar em muitos países da América Latina, voltados para o fortalecimento dos ideais da democracia ou também os museus que guardam fragmentos do *apartheid* na África do Sul para demonstrar que a sociedade está vigilante quanto ao respeito dos direitos humanos (ABREU, 2012, p.11).

Soto (2010) destaca em seu artigo “Os museus e a sociedade em rede” a função social que sempre terá o patrimônio, seja de forma material ou imaterial, é o norte nas relações dos homens e sua cultura, é através do patrimônio que “os homens constroem relações com os demais membros de sua cultura, com outras culturas ou com as gerações que os antecederam, desta forma desenvolvendo suas identidades” (SOTO, 2010, p.23).

Dentro da lógica de construção da identidade, fica clara a função do patrimônio como instrumento de criação e difusão das identidades. Hoje o papel do museu é atuar a serviço das novas identidades, a fim de as afirmar e divulgar. O museu pode atuar através da instrumentalização de seu acervo e da atração das múltiplas culturas (que são globais ou de outras origens) existentes em suas imediações, para colaborar na construção das mediações entre estas, no sentido não só da criação da tolerância, como da hibridização e de novas identidades inclusivas (SOTO, 2010, p.26).

De acordo com essa autora, existem três tipos de identidades na sociedade em rede, e essas identidades refletem as tipologias de museus no mundo globalizado:

Na sociedade em rede existem três tipos de identidade: **legitimadora, de resistência e de projeto (grifo nosso)**. A identidade legitimadora é a do poder dominante, é uma identidade que está mais próxima dos museus, em especial das grandes instituições tradicionais, e cria a sociedade civil que cria e divulga os códigos oficiais, regulamentando a vida dos indivíduos. Em contraponto, há a identidade de resistência que se coloca contra aquilo que é dominante, resiste aos códigos impostos por grupos mais poderosos. Sendo que a identidade que vai de encontro à sociedade da informação, é uma identidade que está construída em torno de um projeto social comum entre uma série de indivíduos, cria-se uma comunidade baseada não mais em aspectos étnicos ou locais, agora há um projeto em comum que une diversos tipos humanos. Estes tipos de identidade refletem as tantas tipologias de museu que ainda coexistem em meio ao mundo globalizado (SOTO, 2010, p.26-27).

Dado que, como explicita Soto (2010), as tipologias museais contemplam as identidades existentes na sociedade em rede, e visto que os museus apresentam uma profunda relação com as sociedades, seu caráter social está intrínseco na própria razão de sua existência. Nessa perspectiva, os direitos humanos se apresentam como um elemento central nos museus em que a temática é o registro da história humana em aspectos nos quais esses direitos foram esquecidos, violados ou aviltados.

3.2 Museus e Direitos Humanos: uma perspectiva museológica

Para a professora e pesquisadora canadense Jennifer Carter, que é coordenadora do programa de pós-graduação em museologia da Universidade de Quebec em Montreal (UQÀM), no Canadá, escravidão, genocídio e regime totalitário são temas consagrados em museus que se dedicam aos direitos das pessoas e se consagram como gênero memorial. Para a pesquisadora,

esses museus são dedicados aos eventos históricos e destacam os esforços dos cidadãos para sair desses processos de sofrimento. A pesquisadora aponta esse novo tipo de museografia como temática imersiva, dado que o visitante é provocado a responder o que fará com aquele apelo moral. “Ele é chamado a assumir um compromisso diante da informação. Assim, os museus podem intervir de maneira produtiva no domínio dos direitos, encorajando visitantes a se engajarem nessas causas humanitárias” (IOF-MG, 2015, p.4).

Os acontecimentos geopolíticos que caracterizaram os séculos XX (a partir de sua metade) e XXI, como o Holocausto e Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria, e mais recentemente, atos de terrorismo global, inegavelmente influenciaram a paisagem museológica e o papel dos museus na formação da cidadania (ORANGE; CARTER, 2012). Conforme as pesquisadoras Orange e Carter ressaltam no artigo “*‘It’s Time to Pause and Reflect’: Museums and Human Rights*” (2012), os museus modernos sempre tiveram o conceito de “direito” em seu núcleo, mas a partir de 1980, alguns museus assumem o tema dos direitos humanos como centrais para a sua missão, ou seja, esses museus concebem sua existência a partir dos direitos humanos. Para as autoras,

Os museus públicos modernos sempre tiveram o conceito de “direito” em seu núcleo. Eles disseminaram conhecimento através de estratégias de coleta e exibição proposital. Desde a sua criação no século XVII, eles apoiaram - e em muitas instâncias advogaram - o direito de “participar da vida cultural da comunidade, desfrutar das artes e compartilhar o avanço científico e seus benefícios” (DUDH, Art. 27) (ORANGE; CARTER, 2012, p. 260, tradução própria) ²⁰.

Os museus abordam cada vez mais questões relacionadas a violações de direitos humanos, como genocídio e tráfico de escravos, entre outros. Essas instituições culturais oferecem novas pedagogias e iniciativas de programação que visam sensibilizar os visitantes para as práticas de direitos humanos (ORANGE; CARTER, 2012). Nas palavras das autoras:

Os museus evoluíram na esteira do novo movimento da museologia dos anos 1970 a 1980 e suas chamadas para o compromisso institucional intensificado para o desenvolvimento social de várias comunidades - e desde então, as transformações culturais desencadeadas pela globalização e pela internet. A aplicação das pedagogias inspiradas pelos direitos humanos e da educação para a paz na programação dos museus é também um fator no novo ethos de direitos humanos

²⁰ No original: “*Modern public museums have always had the concept of ‘right’ at their core. They have disseminated knowledge through purposeful collecting and display strategies. Since their inception in the seventeenth century they have supported—and in many instances advocated for—a right to ‘participate in the cultural life of the community, to enjoy the arts and to share in scientific advancement and its benefits’*” (Universal Declaration of Human Rights, Art. 27; in: ORANGE; CARTER, 2012, p. 260).

implantado em alguns museus (ORANGE; CARTER, 2012, p.260, tradução própria).²¹

Moses (2012), em seu artigo “*The Canadian Museum for Human Rights: the ‘uniqueness of the Holocaust’ and the question of genocide*”, aborda criticamente a singularidade do Holocausto Judeu e a questão de outros genocídios na expografia do Museu de Direitos Humanos do Canadá. Para esse autor, os conceitos igualitários de genocídio ou crimes contra a humanidade devem enfatizar os vários genocídios contemporâneos, como os cinco casos formalmente reconhecidos pelo parlamento do Canadá: Armênia, Ucrânia, Holocausto, Ruanda e Bósnia.

O *The Canadian Museum for Human Rights* é o primeiro museu do mundo dedicado aos direitos humanos, e atualmente tem como missão explorar a questão dos direitos humanos, com referência especial, mas não exclusiva, ao Canadá, a fim de melhorar a compreensão do público sobre os direitos humanos, promover o respeito pelos outros e incentivar a reflexão e o diálogo.

Na América do Sul, o *Museo de la Memoria y los Derechos Humanos*, no Chile, é destinado a dar visibilidade às violações dos direitos humanos ocorridas no país entre 1973 a 1990, mas, também tem como objetivo evocar atenção dos visitantes para uma violência contra esses direitos no mundo, possibilitando uma reflexão e um debate sobre o respeito aos direitos das pessoas (BRODSKY, 2014). O referido museu destaca a associação entre educação e direitos humanos como pilares para a construção de um trabalho pedagógico sobre a memória e, com essa abordagem associativa, demonstra, ainda que implicitamente, o caráter interdisciplinar que envolve a disseminação de uma cultura em prol dos direitos humanos:

A participação ativa do público em serviços educacionais, estratégias de mediação e recursos didáticos para a promoção de uma cultura de direitos humanos, são as atividades que regem as diretrizes educacionais. Nesse contexto, as categorias de direitos humanos e educação cidadã são os pilares transversais para trabalhar as abordagens da pedagogia da memória, da história recente e do patrimônio cultural e, assim, fornecer um serviço significativo, criativo e relevante para a sociedade e diferentes públicos do museu (*MUSEO DE LA MEMORIA Y LOS DERECHOS HUMANOS*, 2019, s/p.).

Para Lima e Carvalho (2019), o *Museo de la Memoria y los Derechos Humanos no Chile* é o resultado da construção social de vários atores na reconstrução da memória do passado chileno, com padrões que incluem as exigências dos direitos humanos internacionais.

²¹ No original: “*Museums have evolved in the wake of the new museology movement of the 1970s to 1980s and its attendant calls for intensified institutional commitment to the social development of various communities—and since then, the cultural transformations unleashed by globalization and the internet. Application of the pedagogies inspired by human rights and peace ‘education to museum programming is also a factor in the new human rights ethos deployed in some museums.*” (ORANGE; CARTER, 2012, p.260).

O Museo de la Memoria y los Derechos Humanos, localizado em Santiago do Chile, é um caso concreto da reconstrução da memória do passado autoritário chileno, fruto da combinação de setores civis e do setor público-privado administrativo do país e da política de memória da justiça de transição implementada ali. O museu é resultado de um processo no qual intervieram diversos atores: equipes de museólogos, arquitetos, ex-prisioneiros políticos e o Estado, que realizou sua inauguração (LIMA; CARVALHO, 2019, p.86)

Carter e Orange (2011) abordam no artigo “*The work of museums: The implications of a human rights museology*” que a intenção reformista de incitamento ao ativismo social deve ser distinguida por sua intenção de, não apenas mudar o pensamento e promover maior responsabilidade individual nos museus de direito, mas de mobilizar as comunidades a agirem. Essas autoras citam como exemplo o *The South African Holocaust & Genocide Foundation*, da Cidade do Cabo, que enfatiza em sua missão de não comprometer-se apenas a apoiar uma cultura de direitos humanos, mas de maneira mais proativa, “incentivar o ativismo social e uma maior responsabilidade individual para construir a comunidade” (CARTER; ORANGE, 2011, p. 5).

O museu *The Cape Town Holocaust & Genocide Centre*, da cidade de Cabo na África do Sul, em seus programas educacionais, aborda as “questões contemporâneas de direitos humanos, como racismo e preconceito, examinando a história do Holocausto em uma conexão existente entre práticas do nazismo e do racismo na *apartheid*” (*Cape Town Holocaust Centre*, 2019). O museu de direito apresenta uma característica comum em seus programas educacionais ao estimularem a reflexão moral e o dever cívico.

Em outro artigo das pesquisadoras Carter e Orange (2012), o “*Contentious terrain: defining a human rights museology*”, as autoras, ao examinarem as declarações de missão de uma série de museus dedicados aos direitos humanos, constatam que, nos últimos 25 anos, os museus mudaram significativamente em resposta a pedidos de maior responsabilidade social sobre questões contemporâneas envolvendo direitos humanos, meio ambiente, imigração e justiça social. Para as autoras, os museus adotaram a educação, disseminação do conhecimento e documentação como objetivos primários, ao mesmo tempo em que estimulam uma reflexão moral. E o surgimento da federação de museus dedicada aos direitos humanos – FIHRM assinala uma nova e significativa fase e novos papéis sociais para museus e museologia.

Muitos museus de direitos humanos adotam educação, disseminação de conhecimento e documentação como objetivos principais, além de incentivar a reflexão moral sobre o dever cívico e o comportamento do cidadão. Além disso, alguns procuram explicitar os legados contemporâneos das injustiças históricas, enquanto outros incitam o ativismo social. Essas orientações educacionais

específicas são características importantes dos museus de direitos humanos. (CARTER; ORANGE, 2012, p. 116-117, tradução própria)²²

A promoção em defesa dos direitos humanos em suas expografias em uma perspectiva de justiça social é um fenômeno percebido a partir da década de 1980, período em que historicamente apontaram os movimentos da nova museologia, bem como os papéis sociais e políticos intensificados do museu. É a partir dessa nova museologia que um número crescente de instituições culturais musealiza os eventos históricos violentos e traumatizantes do século XX, que integra também uma perspectiva de justiça social (CARTER, 2015).

Esta viragem rumo aos direitos humanos está suportada por suas próprias abordagens discursivas e museográficas. O dispositivo de tais museus posiciona os visitantes enquanto cidadãos engajados, como o fazem o *Holocaust Memorial Museum* em Washington, DC, nas galerias *From Memory to Action*, e o *Internacional Slavery Museum* em Liverpool, Reino Unido, com o recurso às petições na sala chamada *Campaign Zone* (CARTER, 2015, p. 30).

Essas instituições são classificadas inicialmente de “museu-memorial”, favorecidas pelos movimentos intelectuais e estudos críticos sobre a memória e a memorialização. As pesquisas de Carter realizadas entre 2010 e 2015 revelaram que o conceito de “Museu de direitos” é, de fato, muito recente, e que esse espaço voltado para os direitos humanos se implantava em vários países do mundo, em circunstâncias geopolíticas diversificados e com fins políticos e sociais diferentes (CARTER, 2015). Para a autora,

Estes museus têm duas características importantes que os distinguem: eles se dedicam particularmente a eventos históricos e comemoram o sofrimento de massa ligado a estes eventos. Além de uma coleção e apresentação didática, estes museus são dotados de elementos que encorajem a memorialização: o dispositivo está, sobretudo orientado em rumo às vítimas de abuso de poder, propondo tramas narrativas que digam respeito às experiências dessas vítimas e as ações dos autores de crimes. (CARTER, 2015, p.29).

O ato de transmitir essas histórias pelos fatos testemunhais permite que a sociedade entenda melhor a trajetória das vítimas de poderes repressivos, trajetórias que caracterizam não somente uma violência cometida aos indivíduos como às coletividades. Para a pesquisadora Carter (2015), a museologia de direitos humanos reconhece o potencial para os museus se engajarem em campanhas contra violações de direitos humanos, nos níveis local, nacional e internacional.

²² No original: “Many human rights museums embrace education, dissemination of knowledge and documentation as primary goals, while also encouraging moral reflection about civic duty and citizen behavior. Moreover, some seek to make explicit the contemporary legacies of historic injustices while others incite social activism. These specific educational orientations are contemporary features of human rights museums” (CARTER; ORANGE, 2012, p. 116-117).

Escravidão, genocídio, regimes totalitários – como no Senegal (1978), no Camboja, em Tuol Sleng (1980) e em Santiago (2010) – são hoje assuntos museais em vários países do mundo, do tipo que o Paul Williams qualificou de museu-memorial. (CARTER, 2015, p.29).

Carter (2015) destaca que os museus, ao se apropriarem do discurso e da pedagogia de direitos humanos, que também é uma pedagogia da ONU, investem em,

[...] novas técnicas de mobilização e da sensibilização aos abusos de poder, tal como: o uso de práticas de campanhas políticas; o estabelecimento de parcerias com organizações de direitos humanos e humanitários; e, o desenvolvimento de novas estratégias no espaço expográfico que encorajem o compromisso ou um engajamento da parte dos visitantes (CARTER, 2015, p.31-32).

Para Hoffam e Frota (2019, p.278), acontecimentos como o Holocausto, o Apartheid e os períodos ditatoriais na América Latina, têm gerado uma obrigação de se prestar contas ao passado com a criação de lugares de memória.

3.3 Razões para a memorização e musealização do Holocausto

A rememoração do Holocausto o torna um acontecimento único na esfera global, cuja lembrança se tornou uma figura de linguagem universal na luta pelos direitos humanos na contemporaneidade (BEIERSDORF, 2014). De acordo com Reading (2003, p.69),

O Holocausto nazista é um ponto-chave na história do século passado: mudou irrevogavelmente o mundo que o seguiu, além de influenciar as percepções e compreensões do mundo que o precedeu. Na frase agora conhecida de Habermas: "Auschwitz mudou a base para a continuidade das condições de vida na história" (Tradução própria)²³

O Holocausto foi a perseguição e assassinato sistemático de seis milhões de judeus pelo regime nazista e seus colaboradores durante a Segunda Guerra Mundial, considerado, como uma das mais sangrentas atrocidades cometidas pela sociedade contemporânea (CARNEIRO, 2000). Após a segunda Guerra Mundial, muitos sobreviventes do Holocausto encontraram abrigo nos campos para deslocados de guerra, administrados pelos poderes aliados. Entre 1948 e 1951, cerca de setecentos mil sobreviventes emigraram da Europa para Israel. Muitos outros judeus deslocados de guerra emigraram para os Estados Unidos e para

²³ No original: *The Nazi Holocaust is a key point in the history of the last century: it changed irrevocably the world that has come after it, as well as altering perceptions and understandings of the world that preceded it. In Habermas's (1989, p. 251) now well-known phrase: 'Auschwitz has changed the basis for the continuity of the conditions of life within history' (READING, 2003, p.69)*

outras nações, tais como o Brasil (ABRAHAM, 1976). E, ao imigrarem para outros países, os judeus sobreviventes levaram suas memórias trágicas do Holocausto.

Para Reading (2003, p.69), professora do Programa de Pós-Graduação de Artes e Mídias da *London South Bank University*, os questionamentos sobre como a história do Holocausto é lembrada e transmitida podem fornecer informações a respeito de quando os próprios eventos ocorreram, bem como sobre o funcionamento da cultura e da sociedade contemporânea. Para autora não é o último genocídio da sociedade contemporânea, pois os genocídios não cessaram desde o Holocausto dos judeus, “o genocídio continuou em todo o mundo, com massacres no Camboja, Timor Leste, Ruanda e Burundi, Serra Leoa e ex-Iugoslávia” (READING, 2003, p. 69 *apud* STEIN, 1996).

Para Huyssen (2004), a memória do Holocausto tornou-se exemplo de acontecimento traumático, e sua imagem é um exemplo da representação no século XX da incapacidade da sociedade de conviver em paz e aceitar as diferenças. “A memória do Holocausto deu força ao que veio a ser uma cultura da memória transnacional durante os anos 90.” (HUYSEN, 2004, p.100). Para Reading (2003) em relação a rememoração do Holocausto,

Costuma-se repetir que o Holocausto ‘nunca deve ser esquecido’, mas certamente uma das razões para lembrar o que aconteceu é permitir refletir sobre como evitar outras atrocidades, ensinando a história e a memória dos eventos de maneira a permitir que as pessoas façam conexões entre sim, o passado e suas próprias vidas, ações e responsabilidades? (READING, 2003, p.69, tradução própria)²⁴

Lewgoy (2010), em seu artigo “Holocausto, trauma e memória”, discute num cenário pós-moderno, novos contextos e desafios éticos relacionados à memória do Holocausto, bem como o investimento na memória de outros acontecimentos memoriais multiculturais e outras vítimas do nazismo. Sobre o Holocausto judeu, o autor ressalta sua singularidade e a questão de como transmitir sua densidade pedagogicamente à sociedade por meios culturais.

O Holocausto é uma tragédia judaica (e de outras minorias, em diferentes escalas) e questão humana, tido por alguns como irrepresentável em sua absoluta excepcionalidade e singularidade (e, nesse sentido é uma tragédia cujas referências filosóficas e políticas remontam às ênfases na singularidade do romantismo alemão do século XIX). No entanto, a especificidade judaica desta tragédia, seu significado para um grupo humano específico comunica-se com a grave responsabilidade ética da questão humana que desvela: como transmitir pedagogicamente essa singularidade universal do Holocausto com exatidão fatural e, utilizando as

²⁴ No original: *It is often repeated that the Holocaust should never be forgotten, yet surely one of the reasons for remembering what happened is to enable reflection on how to prevent further atrocities by teaching the history and memory of the events in ways that enable people to make connections between and the past and their own lives, actions and responsibilities?*

convenções culturais disponíveis na ciência, na literatura e na arte, a escala e a densidade humana de uma tragédia sem precedentes (LEWGOY, 2010, p.51).

A pesquisadora Carneiro, professora de História da Universidade de São Paulo (USP), uma das maiores estudiosas sobre o tema do Holocausto no Brasil, criou o projeto “Vozes do Holocausto”. O projeto consiste em registrar as histórias de vida dos sobreviventes do Holocausto e dos refugiados do nazismo radicados no Brasil, com o objetivo de perpetuar a história e memória do Holocausto em detrimento da ideologia racista, do esquecimento e do negacionismo. O desafio, segundo a professora, “é manter viva a memória de um dos maiores genocídios do século XX, uma vez que grande parte dos sobreviventes morreu e os poucos vivos possuem idade avançada” (NEJ/USP, 2017).

De acordo com Dantas (2008), é por meio da musealização de todos os acontecimentos, costumes e objetos que se preserva a identidade e o patrimônio de um povo. Para Reading (2003), os museus são agora repositórios centrais de memórias nacionais e comunitárias do genocídio nazista: existem museus e exposições permanentes sobre o Holocausto na maioria dos países europeus. A autora ressalta que,

A memorialização pública do holocausto pelos museus também se estende muito além da Europa, articulando a diáspora transcontinental daqueles judeus que fugiram da perseguição pelos nazistas ou que eram sobreviventes que procuravam ganhar novas vidas após a libertação em 1945. A memória do holocausto se configurou nos ambientes dos museus em praticamente todas as comunidades em todo o mundo em que o povo judeu e outras pessoas deslocadas nazistas foram forçadas a se restabelecer (READING, 2003, p.70, tradução própria).²⁵

Coelho (2015), em sua dissertação *O Museu do Holocausto de Curitiba sob a Perspectiva da Museologia Contemporânea nas últimas décadas*, ressalta o crescimento das instituições museais relacionados à história da II Guerra Mundial e, em especial, à temática do Holocausto. Para essa autora a rememoração do Holocausto demanda uma reflexão que ultrapassa a esfera nacional e torna-se global. Os museus utilizam uma expografia reflexiva com as memórias traumáticas do Holocausto, exercendo assim, sua função social na contemporaneidade, promovendo os valores morais e em defesa dos direitos humanos (COELHO, 2015). Huyssen (2004) afirma que o medo do esquecimento levou à proliferação de museus em vários países do mundo. Dantas (2008) comunga da mesma ideia e ressalta que,

²⁵ No original: *The public memorialization of the Holocaust by museums also extends well beyond Europe, articulating the transcontinental diaspora of those Jews who fled persecution by the Nazis, or who were survivors seeking to make new lives after liberation in 1945. Holocaust memory has become configured within museum environments in virtually every community world-wide in which Jewish people and other Nazi displaced persons were forced to re-settle.*

Com medo de que os testemunhos e evidências dessa tragédia fossem perdidos, começou-se a transformar os antigos campos de concentração em memoriais, a criar-se museus e monumentos acerca do tema e a registrar-se os depoimentos dos sobreviventes (DANTAS, 2008, p.12).

De acordo com Carter (2015), o caráter social desses museus contribuem para a formação de sujeitos críticos, tendo por base ações de respeito à diversidade e construindo uma cultura de paz. Coelho (2015), ao retratar a criação do primeiro museu do Holocausto no Brasil, destaca que suas ações são voltadas para inspirar que seus visitantes sejam engajados na responsabilidade social de um futuro mais justo e de promoção de valores universais fundamentados na tolerância, igualdade e respeito aos direitos humanos.

Conforme Levy e Sznajder (2012, p.262) “nada legitima mais a tarefa dos direitos humanos que o slogan: ‘Nunca mais!’, e por trás desse imperativo está a memória do Holocausto”. A difusão das normas de direitos humanos esteve associada nas seis primeiras décadas após a II Guerra Mundial à propagação das memórias cambiantes em torno do Holocausto, e, portanto, esse é o meio pelo qual a memória do Holocausto foi arraigada às instituições (LEVY; SZNAIDER, 2012) e, dentre elas, o museu.

Mas como as instituições museais do Holocausto preservarão o testemunho sobre o genocídio nazista de um modo que alcance as gerações vindouras, cuja conexão com esse passado se tornará cada vez mais distante? Sabendo que o museu transformou-se em um importante meio de promoção dos direitos humanos ao viabilizar o reconhecimento e valorização de identidades culturais, como apontado anteriormente, é importantíssimo identificar, no âmbito dos museus do Holocausto, como tal ação têm se concretizado, não no espaço físico, mas, no espaço *on-line*, por meio dos seus *websites*. Em suma, para se tornarem fortes praticantes de direitos humanos, os museus devem conciliar seu passado com seus objetivos para o futuro.

3.3.1 Conhecendo alguns museus do Holocausto

Atualmente, conforme Diretório de Ciência e Tecnologia de Israel²⁶, por meio da seção *Global Directory of Holocaust Museums* (GDHM), existem no mundo 63 museus temáticos do Holocausto dos judeus. Destacamos aqui três museus do Holocausto pelas suas peculiaridades: o Museu do Holocausto de Curitiba (Brasil), por ser o único no nosso país, o Memorial *Yad Vashem* (Israel), por ser um dos primeiros museus do Holocausto do mundo, e o *United States Holocaust Memorial Museum* (EUA), o mais importante em referência ao Holocausto no mundo ocidental.

No território brasileiro, dos mais de três mil museus existentes, há poucos museus temáticos, sendo que, especificamente sobre o tema do Holocausto, conforme IBRAM (2017) consta somente um museu, o Museu do Holocausto de Curitiba (MHC), localizado em Curitiba no Paraná. O museu foi idealizado pela Associação Casa de Cultura judaica *Beit Yaacov* e criado por meio de um projeto pioneiro no Brasil, dedicado ao tema da perseguição aos judeus durante a II Guerra Mundial. Conforme Beiersdorf (2014), esse museu é voltado à representação histórica dos acontecimentos da II Guerra Mundial: o Shoah²⁷, o qual, com suas exposições, traz à cena cultural e patrimonial a representação do Holocausto.

O projeto de criação do MHC contou com apoio de várias instituições nacionais e internacionais ligadas à memória, educação e pesquisa do Holocausto. Dentre as instituições que contribuíram com material audiovisual estão: Museu *Yad Vahem*, o Museu do Holocausto de Washington, a *Shoah Foundation*, o Museu de *Auschwitz*, o Museu de *Majdanek*, o Memorial da *Shoah* em Paris, o Instituto Cultural *Soto Delatorre*, dentre outros (MHC, 2018).

O museu MHC foi construído em um espaço de cerca de 400 m², junto ao complexo arquitetônico dos edifícios do Centro Israelita do Paraná, da Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann e da nova sinagoga *Beit Yaacov*. Conforme Beiersdorf (2014), o MHC tem como objetivo uma representação do Holocausto com diretrizes de uma responsabilidade cultural, social, histórica e pedagógica

²⁶ Na *Global Directory of Holocaust Museums* existem, além da relação dos 63 museus, dois links: *Holocaust Databases* e *International Directory of Jewish Museums*. No Diretório Internacional de Museus Judaicos é possível acessar outra lista de museus e memoriais judaicos. Essa lista destaca no Brasil o Museu judaico de São Paulo. A presente tese tem como objeto de pesquisa *websites* de museus do Holocausto e optou pela lista inicial do Diretório Global de Museus do Holocausto conforme Quadro 3.

²⁷ Conforme Danzinger (2007), o termo “*Shoah*” significa devastação ou catástrofe em hebraico e começou a ser utilizado ainda na Palestina, nos anos de guerra, quando surgiram os primeiros relatos dos massacres perpetrados na Europa. Estes já surgiram acompanhados pela consciência da estarrecedora singularidade desse acontecimento histórico.

O museu em questão constrói uma representação do Holocausto por meio de mecanismos audiovisuais, espaciais, musicais, textuais. A análise da narrativa museográfica aqui realizada levará também em conta o papel político e estético das imagens e das palavras (discurso expográfico). No museu, as imagens serviram como um aporte para a memória, tanto individual quanto coletiva (BEIERSDORF, 2014, p.1).

O MHC tem como objetivo recordar o Holocausto pela memória das vítimas e sobreviventes, além de utilizá-lo como exemplo na luta contra o ódio, a intolerância, o racismo e o preconceito, fortalecendo-se, portanto, como um museu de direito. De acordo com Huyssen (2002), as imagens são uma forma de representação importante do passado, principalmente quando se trata de momentos considerados traumáticos na história da humanidade, como foi o Holocausto.

Para Coelho (2015), ao abordar os crimes contra a humanidade na II Guerra Mundial, o Museu do Holocausto de Curitiba,

(...) pode se transformar em importante plataforma para engajar o público em debates acerca das violações sistemáticas e massivas de direitos humanos ocorridas nesse período, além de abordar temas relacionados, como intolerância a diferenças, justiça, igualdade (COELHO, 2015, p.57).

Entre as atividades do MHC estão as atividades educativas e pedagógicas, que são promovidas pelas visitas com guias para grupos escolares, com rotas definidas e contam com o uso de recursos tecnológicos e interativos que ajudam os visitantes a entenderem as histórias das vítimas da perseguição nazista, principalmente os judeus. O Museu conta em seu acervo com uma lista completa dos nomes dos “Justos entre as nações”²⁸, incluindo relatos da história dos brasileiros que são contemplados em Israel como justos entre as nações.

Na mostra interativa e educativa, os visitantes do MHC podem conhecer histórias de resistência e sobrevivência distribuídas em painéis, depoimentos em vídeo e acervo especial de peças. Durante o percurso, os visitantes passam por um observatório, por onde é possível enxergar dezenas de luzes em pequenos espelhos, simbolizando as vidas que se foram pelo Holocausto. Esse espaço foi inspirado no Memorial das Crianças do *Yad Vashem*, em Jerusalém (MHC, 2018).

²⁸ Justos entre as Nações – Esse título designa uma pessoa de elevada moral, que oferece empatia, compaixão e ajuda a judeus em tempos de grandes dificuldades e perseguições (LEWIN, 2011, p. 20).

Figura 1 - Espaço Externo do Museu do Holocausto de Curitiba



Fonte: *Website* do MHC (2017)

Para Beiersdorf (2014), o museu MHC, mediante a representação dos fatos históricos do Holocausto, fortalece o objetivo da instituição, cuja postura de responsabilidade cultural é a de alertar a sociedade para essas atrocidades contra o direito das pessoas que marcaram a II Guerra Mundial. A autora ressalta o caráter pedagógico na representação do Holocausto no MHC, e destaca:

O que se nota a partir da exposição é a representação de um trauma histórico, que é apresentado para as futuras gerações judaicas e não judaicas, com fins pedagógicos. Para a comunidade judaica de Curitiba, o museu é também um meio de atualização da identidade judaica e um mecanismo de afirmação da Associação Casa de Cultura Beit Yaacov (BEIERSDORF, 2014, p.45).

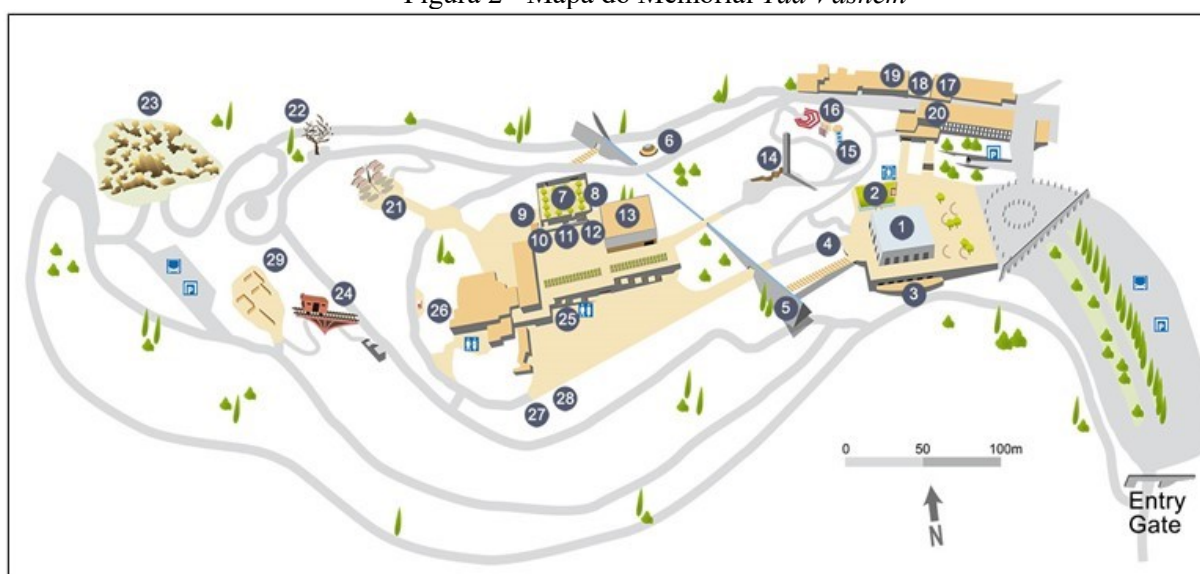
O acervo do MHC é constituído por fotografias, objetos, documentos diversos (cartas, passaportes, vistos), objetos pessoais de sobreviventes que vieram para o Brasil, principalmente de membros da Associação Casa de Cultura *Beit Yacoov* e da comunidade Israelita do Paraná (SITE MHC, 2018). O acervo completo, incluindo a reserva técnica, pode ser visto em dois computadores no final da visita ao Museu e em exposições temporárias e itinerantes.

Em Israel, o Holocausto se tornou central para a fundação do estado “representando tanto como o desfecho de uma rejeitada história dos judeus como vítimas quanto como ponto

de partida de uma nova história nacional, uma autoafirmação e uma resistência” (HUYSEN, 2002, p.81).

A capital Jerusalém abriga “um dos mais importantes e influentes locais memoriais do Holocausto do século XXI”, *Yad Vashem - The World Holocaust Remembrance Center* (GOLDBERG, 2019, p.187). O Memorial *Yad Vashem* (YVHRC) foi inaugurado em 1953 e abrange uma área de mais de 17 hectares de terra no Monte *Hertzel*. Com uma arquitetura moderna, é composto pelo Museu da História do Holocausto, Museu de Arte do Holocausto, Arquivo e Biblioteca, Memorial das Crianças, Escola Internacional para Estudos do Holocausto e outros espaços, conforme o mapa a seguir.

Figura 2 - Mapa do Memorial *Yad Vashem*



Fonte: Website *Yad Vashem* (2018, s/p.).

Legenda do Mapa do Yad Vashem

- | | |
|---|--|
| 1. Centro de Visitantes | 12. O Centro de Aprendizagem |
| 2. Livro e Centro de Recursos | 13. Salão da Memória |
| 3. Cafeteria | 14. Pilar do Heroísmo |
| 4. Avenida dos Justos Entre as Nações | 15. Memorial das Crianças |
| 5. O Museu da História do Holocausto | 16. Praça <i>Janusz Korczak</i> |
| 6. Salão dos Nomes | 17. Arquivos e Biblioteca |
| 7. Quadrado da Esperança | 18. Family Plaza |
| 8. O Museu de Arte do Holocausto | 19. Escola Internacional para Estudos do Holocausto |
| 9. Sinagoga | 20. Administração e Construção de Pesquisa |
| 10. O Pavilhão de Exposições | |
| 11. O Centro Visual | |

- | | |
|---|--|
| 21. Monumento aos soldados e partidários judeus que lutaram contra a Alemanha nazista | 26. Ambulância sueca |
| 22. Panorama dos Partidários | 27. Monumento a <i>Le Chambon-sur-Lignon</i> |
| 23. Vale das Comunidades | 28. Monumento de Nieuwlande |
| 24. <i>Cattle Car</i> - Memorial aos Deportados | 29. Jardim dos justos entre as nações |
| 25. Praça do Gueto de Varsóvia - Muralha da Memória | |

O Memorial *Yad Vashem* está dividido em três setores principais, sendo o primeiro a Escola Central de Ensino do Holocausto, que possui centros acadêmicos e de pedagogia que ministram cursos sobre a temática em outras instituições educacionais de Israel e do mundo. O segundo setor é o Centro Internacional de Pesquisa do Holocausto, que é responsável pela pesquisa histórica sobre o Holocausto, com atividades que envolvem palestras e conferências, publicação de livros e artigos e um acervo de documentos referentes ao Holocausto. O terceiro setor é dedicado a estudos e pesquisas, formado pela biblioteca e arquivo (DANTAS, 2008). Com a missão histórica de memorializar todas as vítimas judaicas do Holocausto, o museu recolheu, desde 1958, aproximadamente 46 mil testemunhos escritos, em áudio e vídeo de sobreviventes do Holocausto (SITE YVHRC, 2018).

A exposição permanente do Museu de Arte do *Yad Vashem* exibe cerca de 120 obras de arte, a maioria criada durante o próprio Holocausto, ou antes da guerra, por artistas posteriormente assassinados durante a *Shoah* (Holocausto). A coleção de arte composta por mais de 11.000 obras, considerada a mais abrangente coleção sobre o Holocausto, estruturada por três seções principais:

A primeira consiste em obras produzidas antes da Segunda Guerra Mundial dos artistas assassinados no Holocausto; a segunda compreende obras do período do Holocausto, criadas por artistas perseguidos pelos nazistas e seus colaboradores desde a ascensão do regime nazista até a libertação dos campos; a terceira é dedicada a obras de arte criadas após o Holocausto por sobreviventes, testemunhas dos acontecimentos do período ou por outros artistas que se sentiram compelidos a dar expressão visual a esse assunto (SITE YVHRC, 2018).

A Biblioteca *Yehuda Schwarzbaum* é composta de um acervo de mais de 169.000 títulos, tornando-se a mais completa biblioteca sobre a temática do Holocausto do mundo, cujo catálogo *on-line* está disponível no *website* do museu para consultas. O Arquivo do memorial iniciou atividades com o objetivo de coletar e copiar documentos relacionados ao Holocausto, que foram alojados em vários arquivos na Europa e em todo o mundo, projeto que foi ampliado com a abertura de arquivos na Europa Oriental no final dos anos 80. O arquivo do memorial é composto de uma equipe profissional experiente, que inclui

arquivistas, historiadores e especialistas em conservação (SITE YVHRC, 2018). A coleção de fotografias históricas em *Yad Vashem*, composta por mais de 400.000 fotografias, aproximadamente 500 álbuns e 11.000 coleções, é a maior do mundo a lidar com o Holocausto (SITE YVHRC, 2018).

Figura 3 - Acervo Fotográfico do Museu *Yad Vashem*



Fonte: Acervo próprio da autora (2018).

Para Fangqing Lu (2017), os museus adotam a narrativa em sua estrutura interpretativa, usando técnicas audiovisuais para transmitir os significados contidos nos artefatos, mas além da mediação audiovisual, a própria arquitetura do museu também pode ser considerada um meio de narrativa espacial, especificamente do tempo histórico, como é o caso do memorial *Yad Vashem*. Para o autor,

O significado do Yad Vashem não apenas reside em sua criação como um dos primeiros museus do Holocausto do mundo, mas também em sua capacidade única de interpretar e mediar um exemplo primário de espaço judaico. Empregando a especificidade espacial da narrativa do tempo histórico no projeto arquitetônico, artefatos, arquitetura e paisagem constroem um artefato sagrado e cultural tangível; esse artefato herda, preserva e cria o lugar de Yad Vashem, a moderna cidade de Jerusalém e a nação de Israel e um santo e um 'lar' físico e espiritual ideal para o povo judeu em todo o mundo. Sem mais vaguear, as almas das vidas enterradas descansarão em segurança e em paz, e as imagens desconhecidas no *Hall of Names* finalmente voltarão 'para casa' para Yad Vashem em um futuro

próximo. O design do YVHHM lembra as narrativas históricas do Holocausto, enquanto sua narrativa, que sempre existiu, se derrete em um tempo e um lugar (LU, 2017, p. 454).

Figura 4 - Vista Externa de Parte do Museu *Yad Vahem* – Israel



Fonte: Acervo próprio da autora (2018).

Nos Estados Unidos da América (EUA) o museu *United States Holocaust Memorial Museum* (USHMM), localizado na capital americana, teve sua construção iniciada em 1989 e foi inaugurado em 1993. O Museu USHMM é considerado o principal sobre a temática do Holocausto no país, e tem como missão ensinar milhões de pessoas a cada ano sobre os perigos do ódio incontrolável e a necessidade de impedir o genocídio (USHMM, 2018).

Desde sua inauguração em 1993, o Museu recebeu mais de 40 milhões de visitantes, incluindo 99 chefes de estado e mais de dez milhões de crianças em idade escolar. Nosso site, a principal autoridade on-line do mundo sobre o Holocausto, está disponível em 16 idiomas e foi visitado em 2015 por mais de 16,5 milhões de pessoas representando 211 países e territórios (SITE USHMM, 2018)

Visando motivar cidadãos e líderes a trabalhar proativamente para proteger sociedades livres e impedir futuros genocídios, o museu USHMM reconstrói a história do Holocausto mediante a organização de documentos visuais e arquivísticos, entre outros. Uma das estratégias do museu é transmitir em suas exposições um acervo original, com sua coleção que é ampla e variada. Mesmo que a tragédia não tenha acontecido em território americano, o

cerne da mensagem que o museu transmite é muito familiar ao público americano: reforça os valores da inalienabilidade dos direitos de cada um, da igualdade protegida por lei e do respeito à vida.

Figura 5 - Museu Memorial do Holocausto dos EUA



Fonte: USHMM, 2018.

A estrutura do museu USHMM conta com o *"Hall of Remembrance"* - "Pavilhão da Lembrança" um memorial eterno às vítimas e serve tanto para a meditação individual, como para a realização de cerimônias. Apresenta também no andar térreo uma parede chamada *"Children Tile Wall"* ou *"Wall of Remembrance"*, que é formada por mais de 3.000 tijolos pintados à mão por alunos das escolas americanas, em memória do milhão e meio de crianças mortas no Holocausto. O visitante tem acesso a dados, pesquisas, artigos, e materiais audiovisuais no *"Learning Center"* por meio de computadores disponibilizados no local. Para educadores e estudantes, o museu fornece material e serviços no espaço *"Resource Center for Educators"*. Além desses espaços, o museu tem um centro para estudo e pesquisas acadêmicas, com biblioteca, arquivo e uma videoteca com depoimentos de sobreviventes e outros.

Nos arquivos, o material recebe os cuidados de preservação e são catalogados, totalizando um registro de mais de setenta mil nomes de sobreviventes que se estabeleceram, depois da guerra, nos Estados Unidos, com suas cidades de origem, campos de encarceramento,

local de libertação, e comunidade de reassentamento. O departamento de História Oral do Museu contém uma grande coleção de testemunhos orais, publicados em fitas de vídeo e formatos digitais. O Arquivo de História “*Oral Jeff e Toby Herr*” do USHMM é uma das maiores e mais diversas coleções de testemunhos do Holocausto no mundo. Além de realizar suas próprias entrevistas, também coletam ativamente testemunhos produzidos por indivíduos e outras instituições de pesquisa do Holocausto (USHMM, 2018).

Os museus MHC (BRASIL), YDHRC (ISRAEL) e USHMM (EUA) estão presentes na internet por meio de redes sociais, canais do *youtube* e principalmente por meio dos *websites*. Em junho de 2019 o USHMM (EUA) relatou que recebeu, em 2018, 19,5 milhões de visitantes *on-line*, representando 238 países e 46% dos visitantes provinham de outros países (USHMM, 2019).

Shalev (2013), presidente do memorial YDHRC (ISRAEL) no simpósio internacional em comemoração dos 60 anos do memorial, destacou que o *Yad Vashem* tornou-se o centro mundial de documentação, pesquisa, educação e rememoração do Holocausto. Relatou que cerca de 1 milhão de pessoas visitam anualmente o memorial e o *website* recebeu quase 12 milhões de visitante no ano de 2012 (SHALEV, 2013).

O Quadro 6 apresenta uma breve descrição da anatomia dos *websites* desses museus do Holocausto e de como se apresentam na esfera *on-line*.

Quadro 6 - Características da Anatomia dos *Websites* dos Museus do Holocausto

Museu de Curitiba - MHC (BRASIL)	Memorial <i>Yad Vashem</i> - YDHRC (ISRAEL)	<i>Holocaust Memorial</i> - USHMM (EUA)
- Possui Navegação simples e direta; - Menus: home, o museu, o holocausto, visitas, educação, biblioteca, imprensa, campanha e contato. - Alteração de idioma; - <i>Slide</i> com imagens informativas com fala de Anne Frank; - Galeria do tipo mosaico em que cada imagem dá acesso a uma área diferente da história do Holocausto; - No rodapé exibe mensagens de direitos autorais; - Acesso a redes sociais;	- Possui aparência geral simples e com fácil localização dos elementos e acessos de navegabilidade; - Possui alguns macros elementos anatômicos: Um header global, facilitando o direcionamento para as mídias sociais e alterações de opções de idiomas e acessibilidade; - Um <i>header</i> principal acesso à página inicial c/clique na logomarca principal, e <i>links</i> no lado superior direito: acesso às áreas “sobre nós”, “amigos” e “sala de imprensa”; 2 botões p/ acesso às áreas de doação e compras; - Abaixo do menu de navegação existe um slide com as principais notícias e ou destaques do museu; - Menu de navegação principal concede acesso às principais áreas do site; realização de buscas globais	- Possui fontes e elementos maiores, e elementos mais carregados do ponto de vista artístico-visual; - Versão para desktop possui menu lateral oculto e visível após clicar sobre o menu hambúrguer; - Menu global que dá acesso: idioma, planeje sua visita, eventos futuros, ajude o museu e um acesso para doação; - No menu superior principal acessos à “aprenda mais”, “Lembre-se” e “Confronte”. - Menu lateral a: visite o museu, exposições, aprenda sobre o holocausto, pesquisas e coleções, lembre-se dos sobreviventes e vítimas, prevenção de genocídio, antisemitismo e negação do holocausto, fontes para

	na plataforma por entradas de palavras-chaves; - Possui uma coluna lateral direita que pode ter seu conteúdo alterado através das abas: “anúncios”, “visitas” e “conectar”; - O restante maior do corpo da página eletrônica, exibe em ordem de cima para baixo imagens com legendas que levam para áreas de descobrimento de conhecimento, uma pequena galeria de vídeos e uma área de acesso à uma narrativa educativa sobre o holocausto e <i>links</i> úteis para norteio do internauta. Já no próximo elemento; - No rodapé possui direcionamentos e acesso as redes sociais, informações de direitos autorais; cadastro para receber informações do museu; e informações de localização e contato.	acadêmicos e doação para o museu. - Possui <i>links</i> para outros sites e <i>links</i> úteis. - No corpo do site após um banner com inscrição e mensagem há acesso a 3 outras áreas: Enciclopédia, Introdução ao holocausto e Fontes para educadores. - Possui agenda e funcionamento, datas importantes e eventos, chamada para área educativa e notícias. - No rodapé acessos às redes sociais e endereço eletrônico para cadastro para receber informações, mapa do site e <i>links</i> estruturais importantes.
--	---	---

Fonte: Elaboração própria (2018).

É perceptível que a internet assumiu relevância na sociedade atual ao romper com as tradicionais fronteiras do espaço e do tempo, fazendo com que a comunicação e os fatos aconteçam em tempo real, revolucionando a forma como pessoas e organizações comunicam e se relacionam. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) influenciaram a sociedade contemporânea, fomentando uma revolução digital que otimizou o nascimento da sociedade da informação, cujas manifestações rodeiam o cotidiano, afetam o comportamento das organizações e influenciam o pensamento estratégico das nações (CASTELLS, 2005). Não há dúvida de que a *web* tornou possível para os museus ampliarem o alcance de suas coleções. Atualmente, qualquer pessoa com acesso à Internet, em qualquer lugar do mundo, pode mergulhar na coleção de um museu e explorar seus objetos e artefatos, e talvez até mais do que poderia no museu físico.

Considerando-se, então, o impacto da internet na vida da sociedade do século XXI, o próximo capítulo analisa como a internet e a *web* influenciaram o museu contemporâneo por meio de seus *websites*.

CAPÍTULO 4 *WEBSITE* – UMA FERRAMENTA COMUNICACIONAL DOS MUSEUS NA *WEB*

Para os museus é um processo desafiador aproveitarem as ferramentas digitais como instrumentos no processo comunicacional com seu público, porque o uso das ferramentas digitais requer a compreensão de transformações que vão além das alterações tecnológicas, elas requerem uma mudança em nível organizacional, que inclui processos, pessoas e estratégias (SCHWAB, 2016). Considerando, então, a realidade do uso das tecnologias, este capítulo apresenta reflexões acerca do uso do *website* como ferramenta comunicacional, com ênfase nos indicadores de qualidade para sites educativos, pois tal temática é importante a ser considerada para a gestão da informação e para a proposição do modelo que será apresentado no capítulo seguinte visando contribuir para que a gestão dos Museus do Holocausto seja mais efetiva em termos do alcance e cumprimento de suas respectivas missões em prol da conscientização para os DH, aplicando-se o potencial tecnológico para acesso à informação e à cultura.

A *World Wide Web (WEB)*²⁹ foi idealizada pelo físico inglês Tim Berners-Lee³⁰ como um universo da informação acessível em rede global, que 1991, publicou o primeiro *website* e foram ligados os primeiros servidores da Web fora da CERN (Laboratório Europeu de Física de Partículas) que possibilitaram mais tarde o aparecimento dos *browsers*. Nessa época a internet já havia sido expandida, permitindo, assim, o funcionamento da *World Wide Web* em diversos *browsers*. Pelo extraordinário potencial da internet, em pouco tempo a *web* tornou-se uma rede flexível, formada por redes onde instituições, empresas, associações e pessoas físicas criam seus próprios sites (CASTELLS, 2005). “A *web* é o primeiro espaço

²⁹ É muito comum confundirem *web* com internet. A *web* é um emaranhado de informações que, através da implementação de *hyperlinks*, permite que navegar - geralmente aleatoriamente - de um site para outro, e a internet é uma rede enorme e complexa de computadores e vários outros dispositivos inteligentes, todos conectados, compartilhando informações entre si através de uma variedade de mídias de telecomunicações. A *web* existe devido a programas que se comunicam entre computadores na internet (KÜCK, 2004).

³⁰ Tim Berners-Lee escreveu a primeira proposta para a *World Wide Web* em março de 1989 e a segunda proposta em maio de 1990. Juntamente com o engenheiro de sistemas belga Robert Cailliau, formalizou-a como uma proposta de gerenciamento em novembro de 1990. Isso delineou os principais conceitos e definiu termos importantes por trás da *Web*. O documento descreveu um "projeto de hipertexto" chamado "*World Wide Web*", no qual uma "*web*" de "documentos de hipertexto" poderia ser vista por "navegadores". No final de 1990, Tim Berners-Lee tinha o primeiro servidor *Web* e navegador instalado e funcionando no CERN, demonstrando suas ideias. Ele desenvolveu o código para seu servidor *Web* em um computador NeXT (CERN, 2019).

comunicacional democrático, permitindo que qualquer utilizador seja simultaneamente autor” (CARVALHO *et al.*, 2005, p.20).

Figura 6 - Primeiro Site do Mundo *WEB* - 1991



Fonte: CERN. CH (2019).

Um *website*³¹ ou site é uma coleção de páginas da Web relacionadas, incluindo conteúdo multimídia, geralmente identificado com um nome de domínio comum e publicado em pelo menos um servidor da *web*. Essa página pode ser acessada por meio de uma rede IP pública, como a Internet, ou uma rede local privada (LAN), fazendo referência a um localizador uniforme de recursos (URL) que identifica o site.

Na perspectiva do utilizador, um site é constituído por páginas, ficheiros diversos e hiper ligações, podendo estas ser internas (no site) e externas (para outros sites). A página inicial de um site, designada também como 'home page' ou 'home', contém, geralmente, informações e hiper ligações pertinentes que permitem ao utilizador aceder a outras informações do site (CARVALHO *et al.*, 2005, p.20).

O crescimento do número de páginas na Internet aumentou exponencialmente nas duas últimas décadas, alcançando, atualmente, 1,10 bilhão de sites e 4,32 bilhões de usuários³² (INTERNET LIVE STATS, 2019). Com a popularidade dos navegadores, a interface gráfica passou a ter um peso significativo para distribuidores de softwares e sites, surgindo um novo campo de estudo interdisciplinar de interação humano-computador (IHC), que tem por objetivo entender como e por que as pessoas utilizam ou não a tecnologia da informação.

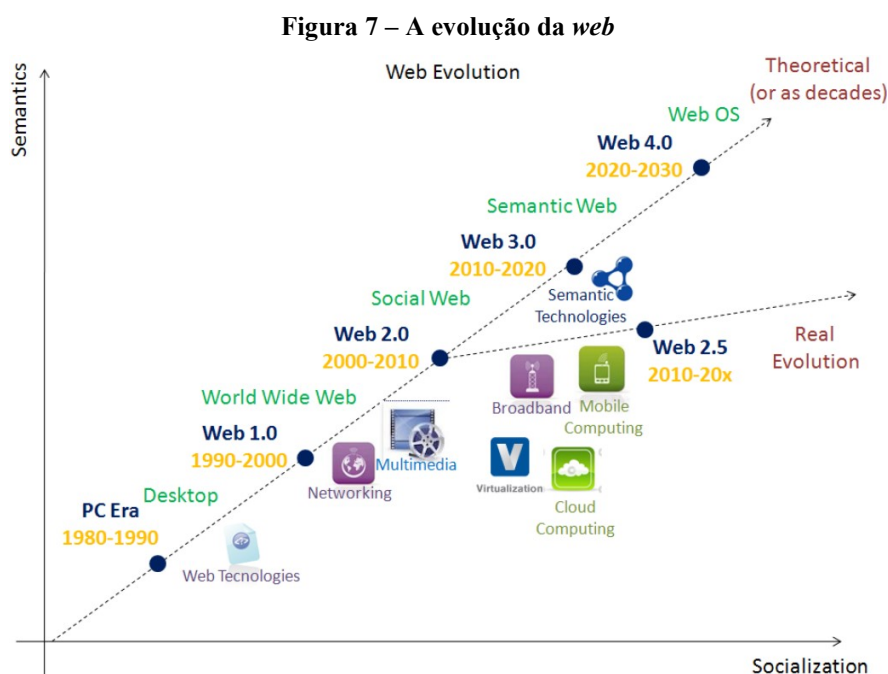
³¹ *Website* /site – “também designado em português por sítio” (...) CARVALHO (2006, p.21).

³² Contagem em tempo real. 20 ago. 2019. Site: <https://www.internetlivestats.com/>.

O aspecto comunicacional da interface humano-computador para a gestão da informação requer a inter-relação entre Ciência da Informação, Tecnologia da Informação e Comunicação, Artes Visuais, Ergonomia Cognitiva, Educação e áreas afins, pois cada área propõe métodos, técnicas e aspectos específicos para aumentar a usabilidade das interfaces e seu design emocional em relação aos usuários, à tarefa e à atividade (KAFURE, 2009, p.66-65).

Pileggi *et al.* (2012) destacam as evoluções da *Web* 1.0 até chegar ao desenvolvimento da *Web* 4.0, conhecida como Web Simbiótica. A primeira década do computador (1980-1990) é comumente entendida como a era do PC, na qual o acesso a computadores individuais ainda é muito limitado. Depois surge a *Web* 1.0, conhecida como *web* sintática (1990 e 2000), a *Web* 2.0 ou *Web* Social (2000 a 2010), na qual a forte socialização é claramente comprovada em: melhoria da capacidade da multimídia, e facilidade de compartilhamento.

A *Web* 3.0 (2010 a 2020) ou *Web* Semântica desenvolveu linguagens para expressar informações que as máquinas podem processar e marcará uma mudança fundamental na forma como os desenvolvedores criam sites e as pessoas interagem com esses sites. Para Pileggi *et al.* (2012), a interação entre a *Web* 3.0 e a *Web* 4.0 ou *WebOS* (2020-2030 Inteligência artificial) será uma rede “ultra inteligente” e dinâmica que poderá tornar a *web* mais útil para humanidade, principalmente para pessoas com deficiências (PILEGGI *et al.*, 2012, p.853-856). A Figura 7, a seguir, demonstra a evolução da *web*.



Fonte: Adaptado de Peleggi; Llata; Traver (2012, p. 853).

A *Web* é um recurso cada vez mais importante em muitos aspectos vida social, econômica, cultural e política das pessoas no Século XXI, e sua evolução baseia-se nas

necessidades dos seus usuários. É essencial que a *Web* seja acessível para fornecer acesso e oportunidades iguais a pessoas com habilidades diversas. O acesso às tecnologias de informação e comunicação, incluindo a *Web*, é definido como um direito humano básico na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CRPD) da ONU. A acessibilidade possibilita a inclusão social de pessoas com deficiências variadas, idosos etc., em áreas rurais e em países em desenvolvimento (ONU-CRPD, 2019).

O grupo *World Wide Web Consortium* (W3C), uma comunidade internacional que desenvolve padrões abertos para garantir o crescimento em longo prazo da *Web* desenvolveu alguns componentes de verificação de acessibilidade de um *website* para que a *web* possa ser acessível a pessoas com deficiências:

Conteúdo - as informações em uma página da web ou aplicativo da web, incluindo: informações naturais, como texto, imagens e sons; código ou marcação que define estrutura, apresentação etc.

Navegadores da web, players de mídia e outros "agentes do usuário".

Tecnologia assistiva, em alguns casos - leitores de tela, teclados alternativos, *switches*, *software* de digitalização etc.; conhecimento dos **usuários**, experiências e, em alguns casos, estratégias adaptativas usando a *web*.

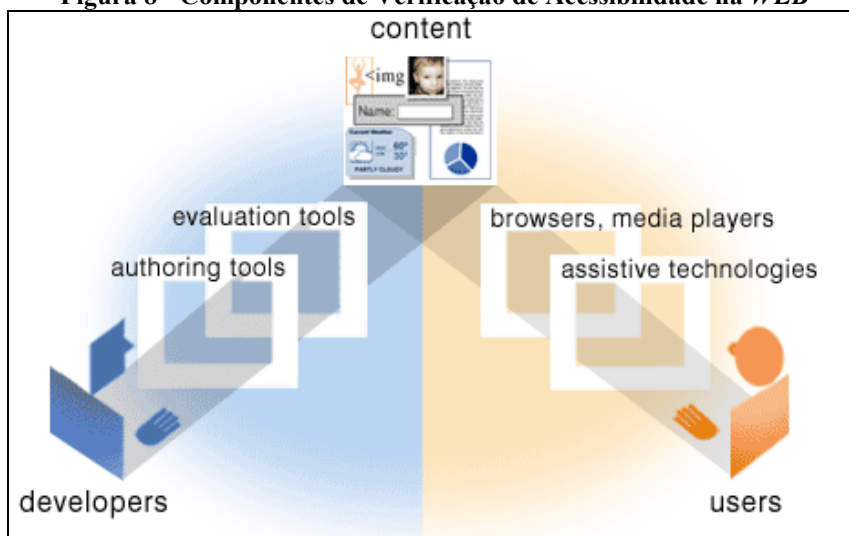
Desenvolvedores - designers, codificadores, autores etc., incluindo desenvolvedores com deficiências e usuários que contribuem com conteúdo.

Ferramentas de autoria - *software* que cria sites

Ferramentas de avaliação - **ferramentas de avaliação** de acessibilidade na web, validadores de HTML, validadores de CSS etc. (HENRY, 2005, s/p).

Os componentes de verificação de acessibilidade de um *website* descritos acima podem ser traduzidos na seguinte imagem, conforme Henry (2005), editor da W3C.

Figura 8 - Componentes de Verificação de Acessibilidade na WEB



Fonte: W3C in. w3.org/WAI/fundamentals/components/ (2019, s/p.)

Conforme Tim Berners-Lee, diretor da W3C (*apud* Henry, 2005, s. p),

A *Web* é fundamentalmente projetada para funcionar para todas as pessoas, independentemente de seu *hardware*, *software*, idioma, localização ou capacidade. Quando a *Web* atinge esse objetivo, ela é acessível a pessoas com uma gama diversificada de habilidades auditivas, de movimento, visão e cognitivas. (...) O poder da *Web* está em sua universalidade. O acesso de todos, independentemente da deficiência, é um aspecto essencial.

No Brasil, o Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) consiste em um conjunto de recomendações de acessibilidade para *websites* e portais da *web* do governo brasileiro. O eMAG é um padrão coerente com as necessidades brasileiras e em conformidade com os padrões internacionais. A elaboração do Modelo de Acessibilidade em Governo Eletrônico tem o compromisso de ser o norteador no desenvolvimento e a adaptação de conteúdos digitais do governo federal, garantindo o acesso a todos, pois, a inacessibilidade de sítios eletrônicos exclui uma parcela significativa da população brasileira do acesso às informações veiculadas na internet. A primeira versão do eMAG foi disponibilizada para consulta pública em 2005 e a versão 3.1 foi disponibilizada em 2014 (BRASIL. e-MAG, 2014).

As recomendações do eMAG permitem que a implementação da acessibilidade digital seja conduzida de forma padronizada, de fácil implementação, coerente com as necessidades brasileiras e em conformidade com os padrões internacionais. É importante ressaltar que o eMAG trata de uma versão especializada do documento internacional WCAG (*Web Content Accessibility Guidelines: Recomendações de Acessibilidade para Conteúdo Web*) voltado para o governo brasileiro, porém o eMAG não exclui qualquer boa prática de acessibilidade do WCAG (BRASIL. eMAG, 2014).

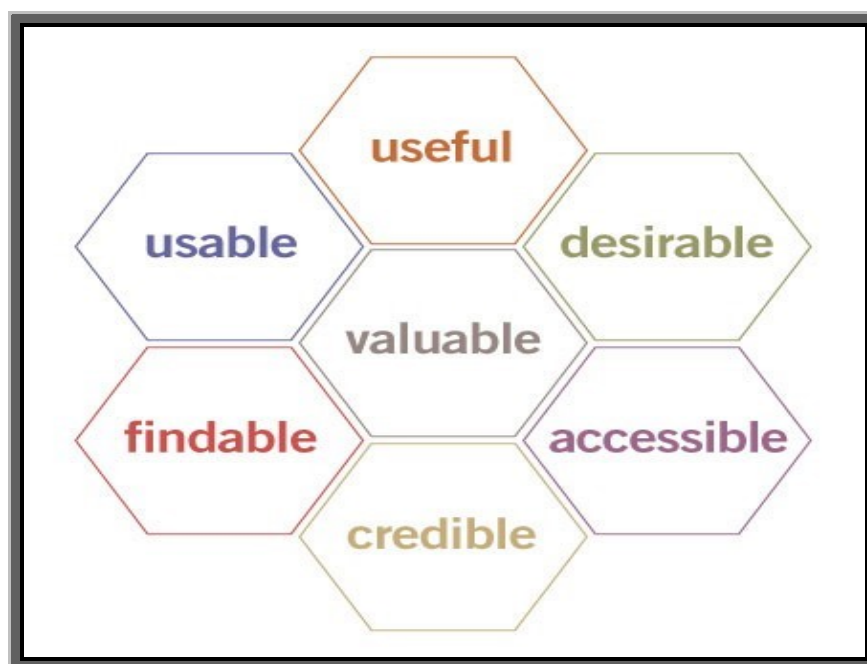
Carvalho *et al.* (2005) pesquisaram sobre sites ao longo de mais de uma década e identificaram quatro fases que “permitem verificar uma evolução na construção de sites”, não só ao nível do *layout* das páginas e da estruturação da informação, mas também à integração de ferramentas de comunicação e de edição colaborativa *on-line*. Para os autores,

Um site pode dispor informação ou pode proporcionar atividades pré-definidas, isto é, pode ter funcionalidades que permitam ao utilizador fazer mais do que observar e navegar. Um site pode integrar uma função ou mais das do tipo que se seguem: Expositor de informação, em que o site é visto como um álbum, uma exposição ou um portfólio que possibilita uma “leitura”, mais ou menos organizada, numa área de interesse (e.g. página com textos e imagens); Coletor de informação, a informação é fornecida pelo utilizador, por exemplo através de um formulário; – Meio de comunicação entre utilizadores interessados num dado assunto, através de uma ferramenta de comunicação (e.g. fórum), podendo o site ser considerado como um ‘ponto de encontro’ entre utilizadores; – Instrumento de trabalho para os utilizadores desenvolverem uma atividade específica previamente planificada pelo seu autor (e.g. WebQuest, exercícios com correção automática, simulações) (CARVALHO *et al.*, 2005, p.21-22).

Para um bom planejamento de um *website*, as organizações devem levar em consideração a realidade na qual estão inseridas, seu objetivo, sua missão e suas principais características. Notebaert *et al.* (2011) ressaltam, no artigo “*Quelles stratégies pour les musées sur Internet?*”, que os grandes museus estão sempre atualizando o redesenho do projeto de seus sites, com o objetivo de desenvolverem novos serviços a serem oferecidos aos seus visitantes, incluindo novas ferramentas tecnológicas.

Morville (2004) resalta que com sua experiência como arquiteto da informação tem percebido mudanças dramáticas no cenário da organização de busca e recuperação da informação em ambientes digitais. Esse autor identificou algumas facetas fundamentadas no tripé usuário, contexto e conteúdo que ajudam no desenvolvimento de *websites*. Essas facetas estão representadas na Figura 9, a seguir:

Figura 9 - Diagrama das Facetas da Experiência do Usuário em ambiente Digital



Fonte: Morville, 2004, s/p.

Conforme Morville (2004), é de fundamental importância que um *website* seja acessível e tenha credibilidade. Ele explica o diagrama das facetas da experiência do usuário como:

Útil. Precisamos ter coragem e criatividade para perguntar se nossos produtos e sistemas são úteis e aplicar nossos conhecimentos para definir soluções inovadoras que sejam mais úteis.

Utilizável. A facilidade de uso continua sendo vital, e os métodos e perspectivas centrados na interface da interação humano-computador não abordam todas as

dimensões do design da web. Em suma, a usabilidade é necessária, mas não é suficiente.

Desejável. Nossa busca pela eficiência deve ser temperada por uma apreciação do poder e valor da imagem, identidade, marca e outros elementos do design emocional.

Localizável. Devemos nos esforçar para projetar sites navegáveis e objetos localizáveis, para que os usuários possam encontrar o que precisam.

Acessível. Assim como nossos prédios têm elevadores e rampas, nossos sites devem ser acessíveis a pessoas com deficiências (mais de 10% da população). Hoje, é um bom negócio e é uma coisa ética de se fazer. Eventualmente, isso se tornará a lei.

Credível. Graças ao Projeto de Credibilidade na *Web*, estamos começando a entender os elementos de design que influenciam se os usuários confiam e acreditam no que dizemos.

Valioso. Nossos sites devem agregar valor aos nossos patrocinadores. Para organizações sem fins lucrativos, a experiência do usuário deve avançar na missão. Com fins lucrativos, deve contribuir para o resultado final e melhorar a satisfação do cliente (MORVILLE, 2004, s/p.).

Ferreira e Vidotti (2016) corroboram com as ideias de Morville (2004) ao analisarem a encontrabilidade da informação no *website* do *American Museum of Natural History* (AMNH). Para as autoras,

Quanto a facilidade de uso e usabilidade, aspectos relativos a Experiência de Usuário, no ambiente digital do museu analisado, foi confirmada as sete características de UX que, segundo Morville, 2004: Útil, com produtos e sistemas úteis e aprimoramento contínuo; Utilizável, oferecer facilidade de utilização; Desejável, elementos de design emocional; Acessível, permitir que usuários com ou sem deficiência possam acessar; Credível, conquistar confiança do usuário; Valioso, oferecer valor; e Encontrável, permitir que o usuário encontre o que precisa. (FERREIRA; VIDOTTI, 2016, p.94)

Carvalho (2006), em seus estudos de mais de uma década sobre sites, destaca que foi possível identificar quatro fases na evolução da construção de sites: design, informação, comunicação e usuário. Os avanços tecnológicos apresentados na quarta fase da internet por Carvalho (2006) fizeram com que a comunicação e o volume de dados crescessem e, por conseguinte, obrigou as instituições a adotarem um planejamento de gestão dos conteúdos informacionais produzidos e armazenados nos sites.

Quadro 7 - Síntese das quatro fases na evolução dos sites

Fases	Design	Informação	Comunicação	Usuário
1	Inexistente	Texto – o lençol	Inexistente	Leitor/a
2	Efeitos visuais e sonoros	Texto com fundo musical <i>Gifs</i> animados	Correio eletrônico	Distraí com as animações
3	Simplicidade e interatividade	Informação bem estruturada; atividades interativas.	Correio eletrônico Fórum Chat	Interativo De consumidor crítico passa a produtor de texto

4	Fácil de usar e de pesquisar	Ferramentas colaborativas	Áudio Conferência e vídeo conferência	Edição colaborativa <i>on-line</i> , com as tecnologias móveis a aprendizagem começa a generalizar-se.
---	------------------------------	---------------------------	---------------------------------------	--

Fonte: Carvalho (2006, p.6).

Para Carvalho (2006), é imprescindível saber identificar os indicadores de qualidade de um site educativo, uma vez que a *web* tornou-se um recurso informativo de grande importância no século XXI.

Quadro 8 – Indicadores de qualidade de um site educativo

Indicadores	Características
Identidade	A identidade de um site integra o nome do site, o seu propósito ou finalidade, a autoridade, a data de criação e da última atualização. Estes dados devem constar, na página inicial do site. a) Nome do site - deve estar sempre visível e deve também surgir na barra superior do browser. Contendo uma hiper ligação, permite retomar a página inicial (home). b) Propósito ou finalidade do site esclarecer os potenciais usuários sobre o tipo de site, quem são os seus destinatários e quais são os seus objetivos. c) Autoridade é um indicador referido por todos os autores. Ela integra o autor do site ou a instituição responsável pelo site e o URL (credenciais do autor e da instituição, para credibilidade do conteúdo apresentado). d) Data de criação e a última atualização é imprescindível.
Usabilidade	A usabilidade de um site - é fácil de usar e fácil de aprender a usar, bem como no grau de satisfação sentido pelo usuário (Smith; Mayes, 1996). a) Estrutura do site – o usuário compreende facilmente a estrutura do site, se os itens do menu refletirem as suas seções e se este menu estiver sempre disponível. Se o site for grande pode ser disponibilizado um menu complementar em cada seção. b) Navegação e orientação no site - usuário deve compreender facilmente onde se encontra no site e saber como ir para determinado local. Menu, mapa do site e motor de pesquisa sempre disponível. Em qualquer página de um site o usuário deve conseguir responder às seguintes questões enunciadas por Krug (2001, p. 87): “Que site é este? Em que página estou? Quais são as seções principais deste site? Quais são as minhas opções neste nível?” c) Interface - aspecto gráfico da interface faz com que o usuário se interesse ou desinteresse pelo site. Um site deve respeitar as normas de acessibilidade a usuários com algum tipo de deficiência, nomeadamente para usuários com baixa acuidade visual e auditiva (W3C, GRASSIAN, 2000). Um site bem concebido é fácil de usar, tornando-se intuitivo para o usuário.
Rapidez de acesso	A rapidez de acesso ao site e de navegação no seu interior é um fator importante. Este indicador é apontado por autores como Nielsen (2000), Krug (2001), Schrock (2002) e Tillman (2003), entre outros. Para essa rapidez interna de acesso contribui o facto das hiper ligações estarem ativas, o que é também um motivo de satisfação para quem navega no site. As hiper ligações quebradas são frustrantes para o usuário e geram uma percepção de descuido por parte do responsável pelo site.
Níveis de interatividade	A interatividade motiva o usuário a explorar um site. Identificamos cinco níveis de interatividade: a) Nível um – o usuário vê, lê e ouve; clica nas hiper ligações para aceder à informação, para navegar no site; b) Nível dois – o usuário desloca ou movimenta objetos; c) Nível três – o usuário preenche e envia, por exemplo, um formulário, um trabalho etc., esperando receber uma resposta; d) Nível quatro – o usuário preenche e verifica, obtendo <i>feedback</i> imediato. Este caso aplica-se à procura de informação num motor de pesquisa, aos exercícios

	com correção automática, aos jogos com pontuação. O <i>feedback</i> imediato é estimulante para o usuário e permite-lhe progredir na aprendizagem. d) Nível cinco – o usuário constrói um texto colaborativamente <i>on-line</i> .
Informação	Disponibilizada em qualquer formato, como texto, imagem, som e vídeo ou em formatos combinados (simulações, tutoriais e <i>podcasts</i>); Conteúdos devem ter título, a indicação do autor, data, referências bibliográficas e estar correto do ponto de vista gramatical e ortográfico; Usuário com liberdade de navegação, os conteúdos com uma sequência cronológica ou evolutiva. Indicadores de qualidade da informação: a) Temática e adequação às orientações - curriculares. Adojaan e Sarapuu (2000), Schrock (2002) e Treadwell (2006). b) Abordagem feita ao assunto - no nível escolar dos destinatários. Avaliar se a informação é completa e rigorosa (BECK, 1997; KAPOUN, 1998; GRASSIAN, 2000), se apresenta evidências do que defende (MARDIS; URY, 2003), verificar se a informação é factual ou de opinião ou se apresenta informação original. Smith (2005); respeitar os aspectos éticos e morais (Treadwell, 2006). c) Correção do texto (escrito ou oral) O texto deve estar correto do ponto de vista gramatical e ortográfico se for escrito e gramatical e prosódico, se for falado. d) Apresentar as Referências bibliográficas - geram credibilidade às informações. e) Data e atualização da produção e alterações Beck (1997) e Grassian (2000). f) Autor – apresentar as credenciais do autor, que atestem a sua experiência, especialidade ou investigação sobre a temática abordada; o endereço eletrônico.
Atividades	Devem ser diversificadas para abarcarem os diferentes estilos de aprendizagem (TREADWELL, 2006); promove a reflexão, resolução de problemas, debate, pesquisa orientada, entre outros; fomentar a aprendizagem individual e colaborativa; oferecer à promoção a procura de informação. Devem ser realizadas individualmente ou colaborativamente; Objetivos variados, que promovem diferentes destrezas cognitivas e físicas nos usuários/estudantes; proporcionar a auto avaliação. No nível do ensino disponibilizado com Informações relativas às atividades.
Edição colaborativa on-line	Permite que vários sujeitos colaborem para um mesmo objetivo. Estando essas ferramentas <i>on-line</i> , como acontece com os blogues e as ferramentas Wiki, estão facilitadas a colaboração em qualquer local desde que exista conexão à Internet. Acesso em casa e outros lugares; diferentes públicos escolares podem colaborar.
Espaço de partilha	No contexto educativo – disponibilizar os trabalhos realizados pelos alunos ou pelos professores; oferecer orientações.
Comunicação	Disponibilizar o contato do responsável para esclarecimento de dúvida; proporcionar fóruns de discussão e espaço de reflexão. A comunicação síncrona - através de chat, permite partilhar ideias; facilitar a comunicação entre usuários através do correio eletrônico, fórum e chat (áudio e vídeo).

Fonte: Elaboração própria, com base em Carvalho (2005; 2006, p.18-25).

Um *website* pode ser comparado a uma fachada de uma loja no mundo virtual, que inclui a logomarca, a vitrine, a arquitetura do prédio, dentre outros elementos. Todos os aspectos, quando combinados de maneira estratégica, têm a capacidade de atrair e impressionar os clientes. Uma vez que o cliente “entrou” no *website*, ele deve ter a vontade de interagir com a organização na forma de troca de benefícios.

Em uma instituição, o *website* é uma das ferramentas de marketing mais poderosas na gestão atual, e, portanto, não pode estar saturado de informações, deve possuir *layout* atraente, imagens que expressem a ideia da organização com conteúdo conciso e objetivo. Para Ferreira

e Vidotti (2016) os profissionais de museus devem acompanhar as tendências tecnológicas, incorporando esses recursos para potencializarem o acesso aos *websites*, garantindo ao usuário a recuperação e preservação das informações digitais.

Em suma, as tecnologias permitem que se amplie, de forma exponencial, o acesso ao que antes era restrito a um espaço físico. São como uma espécie de potencializadoras da possibilidade de renovar e inserir, novamente, no circuito pulsante da vida, os artefatos que estão “guardados” em algum local, seja ele físico ou virtual. É como uma analogia do que Gobira, Corrêa e Almeida (2019) apontam, ao se referirem aos museus, bem como a outros elementos como acervos e coleções, como artefatos que ultrapassam uma descrição objetiva de um espaço. Logo, as tecnologias se apresentam como um instrumento poderoso de acesso à informação e à cultura, sendo um dos elementos que podem possibilitar a efetivação dos direitos culturais dos cidadãos.

Para que as tecnologias possam ser mais efetivas e tragam, em termos técnicos, indicadores que sejam confiáveis, pertinentes, possíveis de mensurar, é altamente recomendável que se utilizem instrumentos robustos de captação de dados, análise, correlação de dados e validação das informações geradas. Conforme destacam Motta, Barbosa, Barbosa (2019), é preciso que haja gestão da informação, isto é, a combinação dos processos e das tecnologias que serão utilizadas para realizar o agrupamento, o processamento e a estocagem dos dados a serem extraídos com a inteligência analítica que resultará da aplicação de técnicas adequadas para a extração de dados, os quais, por sua vez, gerarão informações úteis que servirão para retroalimentar o processo de gestão da informação.

CAPÍTULO 5 - METODOLOGIA

Nas Ciências Sociais, a Ciência da Informação (CI) é considerada um campo do conhecimento, cujo caráter é “poliepistemológico” e atrela-se ao fato de ter como objeto a informação, que inspira uma multiplicidade em suas formas de abordagem (GONZÁLEZ GÓMEZ, 2000). Para esta presente pesquisa, adotou-se uma abordagem metodológica mista, envolvendo aspectos qualitativos e quantitativos, cujo tipo de pesquisa em relação ao objetivo é de caráter descritivo e exploratório, uma vez que proporcionará maior familiaridade com o problema, de forma a poder explicitá-lo e construir hipóteses.

Primeiramente, foi realizado um levantamento bibliográfico para identificar as principais abordagens sobre Ciência da Informação. O levantamento foi realizado nas principais bases indexadas no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), da área de Ciências Sociais Aplicadas, na subárea da CI, conforme descrito no item 5.1.

Em um segundo momento, de natureza exploratória e mista, realizou-se uma investigação no intuito de identificar os museus do Holocausto na esfera mundial e seus *websites*. Foi realizado um estudo de casos dos *websites* dos museus selecionados, classificado como estudo de multicasos (YIN, 2005), o que significa que cada *website* é representado como uma instituição museal. Nesse momento, o estudo foi realizado nas seguintes fases: Fase A - Identificação dos Museus do Holocausto; Fase B - Avaliação de Acessibilidade geral dos *websites*, e Fase C - Estudo de Multicasos, conforme descrito no item 5.2.

No terceiro momento da pesquisa, utilizou-se o método qualitativo de análise de conteúdo referente à missão dos *websites* dos museus dos Holocaustos selecionados. A análise de conteúdo, conforme Bardin (2009), constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de documentos e textos, no sentido de conduzir descrições qualitativas e quantitativas que ajudam a reinterpretar e atingir uma compreensão do conteúdo das mensagens, além da leitura comum. Algumas etapas propostas por Bardin (2009) foram utilizadas para auxiliar na análise, conforme descrito no item 5.3.

5.1 Revisão da Bibliografia

Nas últimas décadas tem-se produzido uma quantidade significativa de pesquisas conhecidas como “estado da arte” ou “estado do conhecimento”, sendo determinadas como de caráter bibliográfico para compreensão do estado atingido pelo conhecimento a respeito de determinado tema (ROMANOWSKI; ENS, 2006). Essa primeira etapa da pesquisa exploratória foi realizada com o intuito de identificar a produção acadêmica sobre *websites* dos museus do Holocausto na área de Ciências Sociais Aplicadas, subárea Ciência da Informação (CI).

Nessa perspectiva, foi realizado um levantamento nas principais bases de dados da CI, por meio do Portal Capes, nas bases ISTA, EBSCO, LISA, SCOPUS e WEB OF SCIENCE, no sentido de conhecer a produção acadêmica no período de 2008 a 2018 sobre a abordagem de direitos humanos nos *websites* de museus. Foram recuperadas as informações nas bases de dados utilizando os termos “*website of museum*” e “*website* ou *site de museus*”, cujos resultados foram o conjunto de informações descritas nos primeiros capítulos.

Na revisão bibliográfica identificou-se que, para compreender sobre “Direitos Humanos” ou “direito das pessoas” na contemporaneidade, tornou-se mister conhecer o documento do direito internacional - Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) de 1948. Utilizou-se a técnica de Análise Documental (AD). De acordo com Richardson *et al.* (1999, p. 230), a AD consiste em uma série de operações que têm em vista estudar documentos com objetivo de compreendê-los.

Dessa maneira, buscou-se estudar as informações contidas na Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) de 1948 e os indicadores de direitos humanos. Diante disso, foram construídas as categorias que auxiliaram na análise dos *websites* dos museus estudados. A análise da Declaração Universal dos Direitos Humanos está inserida no capítulo 1, mais especificamente, no subcapítulo sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

5.2 Estudo dos *Websites* dos Museus do Holocausto

Nessa segunda etapa da pesquisa realizou-se um estudo de caso, classificado como “multicasos”. Conforme Yin (2005), estudo de múltiplos casos é um processo de análise das informações de diferentes organizações e não apenas de uma, como ocorre no estudo de caso. A importância da visão de Yin (2005) para esta tese é que o autor destaca que estudos de multicasos não necessariamente convergem para um único resultado. Isso significa dizer que é preciso uma atenção no processo de análise quanto à “não generalização” dos resultados das instituições pesquisadas. Portanto, pode-se ou não produzir resultados similares ou mesmo contrários nos estudos de multicasos.

Nesse sentido, o processo iniciou-se a partir da identificação dos museus do Holocausto existentes em nível mundial, e na sequência identificou-se 20 museus para a análise de seus *websites*, considerando-se a acessibilidade como critério de seleção. Tal critério baseou-se no direito à informação como um direito humano (DUDH, 1948) e na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU-CRPD) e, por conseguinte, as informações disponíveis na *web* precisam estar acessíveis para qualquer pessoa, independente da sua condição física. Foram utilizados avaliadores de acessibilidade ASES e AcessMonitor como ferramenta para medir a acessibilidade dos *websites*, prosseguindo para a fase final do estudo dos *websites* dos museus selecionados. Essa etapa da pesquisa está dividida em fases de “A” a “C”.

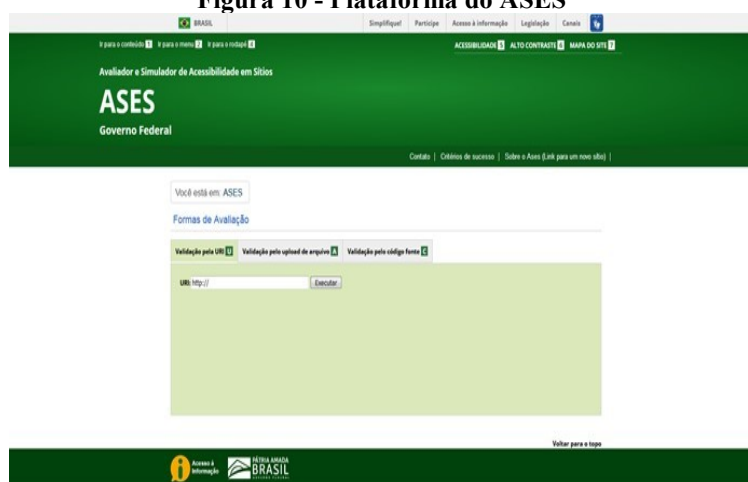
Na fase “A” – Identificação dos Museus do Holocausto, optou-se pela descrição da instituição com o termo “museu”. Para tanto, foi realizada uma pesquisa na internet para busca e identificação dos “museus do Holocausto no mundo”, usando o mecanismo de busca do *Google*. Foram utilizados nessa busca os descritores na língua portuguesa “relação dos museus do Holocausto no mundo”, e na língua inglesa “*Holocaust museums in the world*”. Os primeiros resultados da busca foram direcionados para *Israel Science and Technology Director*. Ao acessar o *link* para o *website* do diretório da *Israel Science and Technology Director*, verificou-se que este é dividido por menus principais das áreas de: Agricultura, Ciências Biomédicas, Química, Ciência da Computação, Terra, Meio Ambiente, Economia, Educação, Engenharia, Humanidades, Internet, Estudos judaicos, Física, Psicologia, Ciências Sociais, Estatísticas e Tecnologia.

Ao acessar o menu “Estudos Judaicos”, abre-se uma série de possibilidades de explorar temáticas contidas nesses menus. Ao clicar o menu no *link* “história”, acessa-se o menu

“museus”, que direciona para as listas: o “*Global Directory of Jewish Museums*” e “*International Directory of Holocaust Museums*”. Ao clicar no *International Directory of Holocaust Museums*³³ acessou-se o ***Global Directory of Holocaust Museums***, que relaciona a existência de 63 museus com a temática do Holocausto no mundo. Ressalte-se que, em 2017, o Museu do Holocausto de Curitiba (Brasil) não estava inserido na base de dados da *Israel Science and technology Directory*, mas, a partir de 2018, foi inserido na base de dados com o nome de Museu do Holocausto Brasil.

Na fase “B” – **Avaliação de Acessibilidade geral dos *websites*** com o propósito de selecionar os *websites* de 20 museus do Holocausto para dar continuidade à pesquisa, foi utilizado como um critério de seleção a acessibilidade desses sites. O objetivo foi selecionar os 20 sites com maior porcentagem de acessibilidade, utilizando a ferramenta Avaliador e Simulador de Acessibilidade (ASES)³⁴ disponibilizada em portal do Governo Federal, para dar continuidade à pesquisa no estudo de multicase. Ressalte-se que não foi feita uma análise profunda dos erros e avisos oferecidos pela ferramenta de avaliação em relação à acessibilidade desses sites, porque tal análise foge do escopo e dos objetivos desta tese.

Figura 10 - Plataforma do ASES



Fonte: ASES, 2019, s/p.

³³ Disponível em <http://www.science.co.il/Holocaust-Museums.asp>. Acesso em: 10 mai. 2017 e 22. jun. 2019.

³⁴ O Avaliador e Simulador de Acessibilidade em Sítios (ASES) é uma ferramenta que permite avaliar, simular e corrigir a acessibilidade de páginas, sítios e portais, sendo de grande valia para os desenvolvedores e publicadores de conteúdo. ASES tem o propósito de auxiliar a construção de sítios que sejam acessíveis a qualquer pessoa, independente do seu tipo de deficiência e dispositivo de navegação. É a primeira ferramenta a proporcionar a avaliação de acessibilidade de páginas *web* de acordo com as recomendações do Modelo de Acessibilidade em Governo Eletrônico (eMAG). Disponível em: <https://softwarepublico.gov.br/social/ases>.

O ASES é um avaliador brasileiro desenvolvido pelo Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão para realizar a avaliação de acessibilidade de sítios de acordo com as recomendações de acessibilidade contidas no Modelo de Acessibilidade em Governo Eletrônico (eMAG)³⁵. Para realizar a avaliação dos *websites* foi necessário fornecer, na área de edição do ASES, o endereço do website e clicar em “Executar”. Ao fim da avaliação individual, a ferramenta fornecerá um relatório com uma porcentagem de zero a cem, indicando o nível de acessibilidade da URL, como também uma lista de erros e avisos que devem ser verificados para melhorar o nível de acessibilidade do ambiente.

Dos 63 *websites* avaliados, 11 *websites* apresentaram erros de validação da URL, não sendo possível realizar a avaliação de acessibilidade. Optou-se por avaliar os 11 *websites* utilizando o *AccessMonitor* (é um avaliador português de acessibilidade de um site). Desses 11 *websites*, apenas no *website* do “*Digital Monument to the Jewish Community in the Netherlands*”³⁶ a avaliação resultou em URL/URI inválida. Assim, foi concluída a avaliação com os 62 *websites* dos museus do Holocausto. Devido à impossibilidade de avaliação do conjunto total, desses 62 foram selecionados 20 *websites* dos museus do Holocausto com maior porcentagem de acessibilidade. O resultado poderá ser consultado no Capítulo 6 desta tese.

Fase “C” – Estudo de Multicasos. Nessa fase, conforme já relatado anteriormente, partiu-se do pressuposto de que cada um dos 20 *websites* selecionados anteriormente representa uma instituição museal que é única e se relaciona com o mundo de uma forma também única, caracterizando um estudo de multicasos (YIN, 2005). Optou-se por conhecer a estrutura da *Homepage* (que é a página principal, de abertura de um *site*) e a missão de cada museu. Para tanto, fez-se, inicialmente, a tradução dos conteúdos das 20 *homepages*. Foram transcritas as informações de cada página principal para um formulário³⁷, com os seguintes itens: Número do museu na lista do *Global Directory of Holocaust Museums*; Identificação do museu, se físico ou virtual; Cidade e País; Data de fundação, Missão ou objetivo; Menus da página principal e submenus; Redes sociais; Banco de dados; Tipos de acervos; Museu virtual; Línguas de tradução do site; Observações: tecnologia, interação, educação,

³⁵ É o modelo eletrônico de acessibilidade do governo brasileiro, para facilitar o acesso para todas as pessoas às informações e serviços disponibilizados nos sítios e portais do governo, permitindo que a implementação da acessibilidade digital seja conduzida de forma padronizada, de fácil implementação, coerente com as necessidades brasileiras e em conformidade com os padrões internacionais. (BRASIL. e-MAG, 2014).

³⁶ É um monumento digital dedicado aos judeus perseguidos na Holanda entre 1940 a 1945, contendo 104.000 histórias com mais de 50.000 imagens. Disponível em: <https://www.joodsmonument.nl/>.

³⁷ Formulário disponível nos apêndices.

comunicação. Essas informações foram acopladas em um banco de dados para análise final, tendo como referência os estudos da DUDH de 1948 apresentados no capítulo 1, para auxiliar na construção de um modelo de indicadores de DH para os *websites* de museus do Holocausto.

5.3 Análise de Conteúdo das informações contidas na *Homepage* dos museus do Holocausto para criação de um modelo de indicadores de direitos humanos

No terceiro momento da pesquisa, utilizou-se o método qualitativo de análise de conteúdo referente às informações obtidas na *Homepage* dos *websites* dos museus do Holocausto. A análise de conteúdo, conforme Bardin (2009), constitui-se de uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos, no sentido de conduzir descrições qualitativas e quantitativas que vão ajudar a reinterpretar e atingir uma compreensão do conteúdo das mensagens, além da leitura comum. Essa metodologia de pesquisa faz parte de uma busca teórica e prática, com um significado especial no campo das investigações sociais. Constitui-se em bem mais do que uma simples técnica de análise de dados, representando uma abordagem metodológica com características e possibilidades próprias.

Etapas 1 – Categorização das informações que foram acopladas em um banco de dados no capítulo anterior, por meio de:

a) **Análise das informações da missão dos 20 museus** - foram selecionadas as informações contidas nas *homepages* que a definiam e, por meio dos conteúdos linguísticos encontrados na missão desses museus, e foram explicitadas em categorias específicas e indicadores específicos para missão dos museus. Resultados encontram-se no subcapítulo 6.3.1.

b) **Análise das informações sobre a estrutura das *Homepages* dos 20 museus** – para identificar a estrutura dos *websites*, levando em consideração “os indicadores de qualidade de um site” de Carvalho (2005; 2006) foram criadas as seguintes categorias: identidade de um site, usabilidade, rapidez de acesso, níveis de interatividade, informação, edição colaborativa online, espaço de partilha e comunicação. Os resultados foram detalhados no subcapítulo 6.3.2.

c) **Análise das informações sobre educação, comunicação e documentação** - por meio dos conteúdos linguísticos das informações nos *menus* referentes à educação nas

páginas principais dos *websites* dos museus, buscou-se verificar as ações educativas em direitos humanos, bem como a forma de comunicação com o visitante online e documentação oferecida nos *websites* sobre direitos humanos. O resultado do conjunto está detalhado no subcapítulo 6.3.2 e 6.3.3.

Etapa 2 – Identificação de como os *websites* mencionam a educação em direitos humanos – após se identificar a estrutura e a informação apresentada por cada museu em seus *websites*, buscou-se detectar como os museus faziam menção aos direitos humanos como um todo em seus *sites*, por meio dos grupos de informações categorizados como: NDH (não há menção aos direitos humanos), IDH (remetem indiretamente aos direitos humanos) e ADH (apresentam claramente uma ou mais menções sobre direitos humanos da DUDH). Os resultados estão mencionados no subcapítulo 6.3.4.

Etapa 3 – Desenvolvimento de um modelo de indicadores de direitos humanos para os *websites* dos museus do Holocausto - as informações obtidas nas etapas 1 e 2 foram acopladas no quadro 23 (resultado geral da análise dos *websites* dos museus do Holocausto). Foi necessário retornar aos autores que abordam a criação de indicadores (RUA, 2004; BRASIL. GMI, 2018; JANNUZZI, 2005; entre outros) para, então, criar um modelo de Indicadores de DH para *Websites* de Museus do Holocausto (IDHWMH). O resultado dessa etapa final encontra-se descrito no subcapítulo 6.4, com algumas recomendações no subcapítulo 6.5.

CAPÍTULO 6 - RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme a *Global Directory of Holocaust Museums* (GDHM)³⁸ existem 63 museus com a temática do Holocausto no mundo. Ao se identificar o ano de criação dos museus temáticos, os primeiros resultados da pesquisa apontam para o crescimento dos museus temáticos sobre o Holocausto nos últimos 20 anos (DH) e a inserção dos museus na *web* por meio de *websites* e redes sociais diversas. Foi possível identificar os *websites* dos 63 museus. No quadro a seguir, apresenta-se a relação dos museus do Holocausto, bem como país de origem e data da inauguração.

Quadro 9 – Locais e anos de inauguração dos Museus do Holocausto da GDHM (continua)

	MUSEUS DO HOLOCAUSTO	PAÍS	INAUGURAÇÃO
1.	<i>Museo del Holocausto de Buenos Aires</i>	Argentina	2000
2.	<i>Jewish Holocaust Museum and Research Center</i>	Austrália	1984
3.	<i>Mauthausen Concentration Camp Memorial</i>	Áustria	1949
4.	<i>Kazerne Dossin: Memorial Centre on Holocaust</i>	Bélgica	1995
5.	<i>Museu do Holocausto</i>	Brasil	2011
6.	<i>Montreal Holocaust Museum</i>	Canadá	1979
7.	<i>Freeman Family Holocaust Education Centre</i>	Canadá	1997
8.	<i>Research and Documentation Center for Holocaust victims</i>	Croácia	2001
9.	<i>Holocaust Memorials in the Czech Republic</i>	República Checa	2001
10.	<i>Terezin Memorial</i>	República Checa.	1947
11.	<i>Memorial Museum for Children of Izieu</i>	França	1988
12.	<i>International Tracing Service (ITS)</i>	Alemanha	1944
13.	<i>Bad Arolsen Holocaust Archives</i>	Alemanha	1944
14.	<i>Buchenwald Memorial</i>	Alemanha	1958
15.	<i>Dachau Concentration Camp Memorial Site</i>	Alemanha	1965
16.	<i>Bergen-Belsen Memorial</i>	Alemanha	2007
17.	<i>Sachsenhausen Concentration Camp Museum</i>	Alemanha	1961
18.	<i>House of the Wannsee Conference Haus der Wannsee-Konferenz</i>	Alemanha	1992
19.	<i>Budapest Holocaust Memorial Center</i>	Hungria	2004
20.	<i>Ghetto Fighters' House - Holocaust Museum</i>	Israel	1949
21.	<i>Yad Vashem Memorial</i>	Israel	1953
22.	<i>The Chamber of the Holocaust</i>	Israel	1948
23.	<i>Massuah Institute for the Study of the Holocaust</i>	Israel	1962
24.	<i>Beit Theresienstadt</i>	Israel	1947
25.	<i>Beit Haedut - The Testimony House</i>	Israel	1990
26.	<i>Holocaust Education Center</i>	Japão	1995
27.	<i>Holocaust Memorial Center and Museum</i>	Macedônia	2011

³⁸ Em 2020 a lista consta de 65 museus.

28.	<i>Digital Monument to the Jewish Community in the Netherlands</i> ³⁹	Holanda	2005
29.	<i>Anne Frank House</i>	Holanda	1960
30.	<i>Corrie ten Boom Museum</i>	Holanda	1988
31.	<i>State Museum at Majdanek Concentration Camp</i>	Polônia	1944
32.	<i>Auschwitz Jewish Museum</i>	Polônia	1947
33.	<i>Auschwitz-Birkenau Memorial and Museum</i>	Polônia	1947
34.	<i>Gross-Rosen Concentration Camp Museum</i>	Polônia	1958
35.	<i>Russian Holocaust Foundation</i>	Rússia	1992
36.	<i>Cape Town Holocaust Centre</i>	África do Sul	1999
37.	<i>Wiener Library for the Study of the Holocaust and Genocide</i>	Reino Unido.	1933
38.	<i>Imperial WIM Museum Holocaust Resources</i>	Reino Unido	2000
39.	<i>National Holocaust Centre and Museum</i>	Reino Unido	1995
40.	<i>New Mexico Holocaust and Intolerance Museum</i>	EUA	2001
41.	<i>Holocaust Resource Center</i>	EUA	1983
42.	<i>Illinois Holocaust Museum and Education Center</i>	EUA	2009
43.	<i>Dallas Holocaust Museum</i>	EUA	1984
44.	<i>El Paso Holocaust Museum and Study Center</i>	EUA	1994
45.	<i>Holocaust Memorial Center Michigan</i>	EUA	1984
46.	<i>Holocaust Museum Houston</i>	EUA	1996
47.	<i>Simon Wiesenthal Center – Museum of Tolerance (MOT)</i>	EUA	1993
48.	<i>Museum of the Holocaust Lamothe Los Angeles</i>	EUA	1961
49.	<i>USC Shoah Foundation Institute for Visual History and Education</i>	EUA	1994
50.	<i>Holocaust Memorial Resource and Education Center</i>	EUA	1982
51.	<i>Holocaust Memorial Miami Beach</i>	EUA	1990
52.	<i>Holocaust Museum of Southwest Florida</i>	EUA	2001
53.	<i>Anne Frank Center Nova York</i>	EUA	1977
54.	<i>Loannina Greece Holocaust Victims of New York</i>	EUA	1997
55.	<i>Museum of Jewish Heritage - Memorial to the Holocaust</i>	EUA	1997
56.	<i>Holocaust Awareness Museum Filadélfia</i>	EUA	1962
57.	<i>Virginia Holocaust Museum</i>	EUA	1997
58.	<i>JFCS Holocaust Center San Francisco</i>	EUA	1997
59.	<i>Holocaust Museum and Learning Center St’Louis</i>	EUA	1995
60.	<i>Florida Holocaust Museum</i>	EUA	1992
61.	<i>Holocaust Museum & Center for Tolerance and Education</i>	EUA	1981
62.	<i>Candles Holocaust Museum and Education Center - Louisiana</i>	EUA	1995
63.	<i>United States Holocaust Memorial Museum</i>	EUA	1993

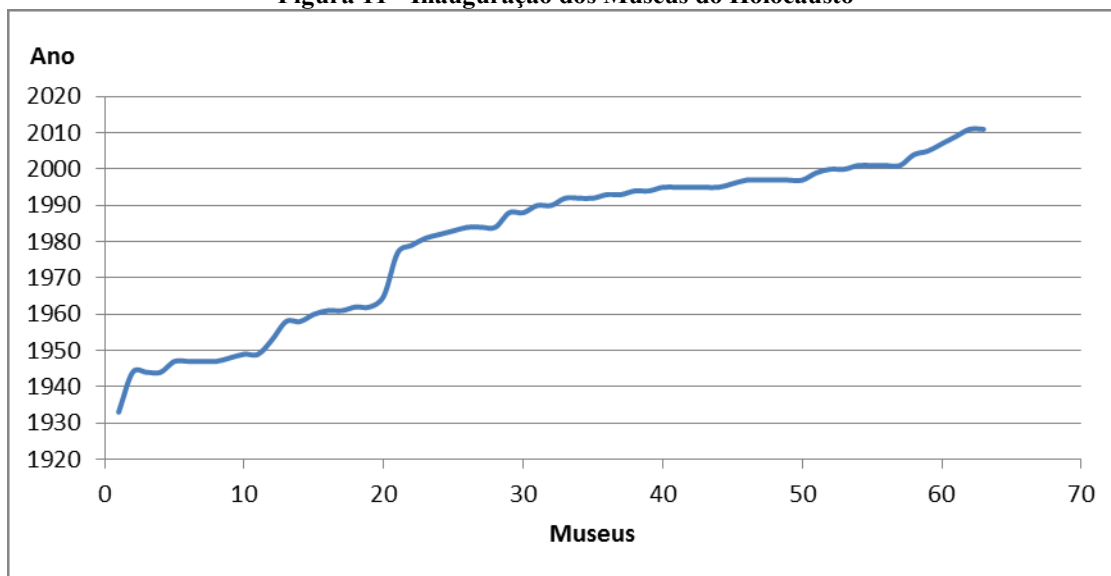
Fonte: Elaboração própria, baseado nos *websites* dos museus (2019).

É possível perceber que os museus com a temática do Holocausto cresceram a partir da década de 1980. Corroborando Desvallées, Mairesse (2013) e Carter (2015), os resultados apontam que museu e a museologia a partir da década de 1980 passam a privilegiar o caráter fenomênico do museu e os novos paradigmas sociais, e, conseqüentemente, com novos papéis

³⁹ É um monumento digital, dedicado aos 104.000 judeus perseguidos na Holanda entre 1940 a 1945 e que não sobreviveram. É um *website* em constante movimento, visto que, visitantes, historiadores e parentes podem acrescentar suas histórias ao monumento.

sociais e políticos, incentivando novas comunicações e novos estilos de expressão, como o Holocausto e direitos humanos. Nesta pesquisa, do total de 63 museus temáticos do Holocausto, 31 museus foram criados entre 1980 a 2000, conforme Figura 11, a seguir.

Figura 11 - Inauguração dos Museus do Holocausto



Fonte: Elaboração própria, com base em consulta aos *websites* dos museus (2020).

6.1 Resultado da Avaliação de Acessibilidade e Seleção de 20 *Websites* dos Museus do Holocausto

A questão da acessibilidade torna-se cada vez mais premente à medida que mais museus se voltam para a *web* como um meio de fornecer novos serviços e alcançar novos públicos, por meio da criação de recursos, sites, documentos *on-line* e outros, que podem ser acessados pelo maior número possível de usuários, qualquer que seja seu nível de conhecimento técnico ou requisitos específicos.

Por conseguinte, a discussão de acessibilidade nesse tópico foi fundamentada também no Art. 1º e 19º da Declaração Universal de Direitos Humanos (DUDH) de 1948, e na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CRPD) da ONU, tendo em vista que esses documentos fazem referência à liberdade de expressão, ao direito à informação e à participação na vida cultural de todas as pessoas. Na prática, a acessibilidade é relevante para todos os usuários, quaisquer que sejam seus requisitos. O artigo 19º da DUDH (1948) diz que “todo indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e ideias por qualquer meio de

expressão”. Tais documentos de DH evidenciam que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade, e, portanto, todos têm o direito ao acesso às informações. Após mais de 70 anos que a DUDH (1948) foi escrita, até os dias atuais, o fluxo de informação e comunicação é cada vez maior, ocupando um lugar central na sociedade. Por parte da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a comunicação passou a ser reconhecida como um direito humano fundamental.

As tecnologias da Internet e da *Web* mudaram radicalmente a maneira como os usuários interagem com as instituições culturais. Os *websites* e seus serviços relacionados desempenham um papel importante na acessibilidade e interação com o conteúdo multimídia dos museus. Portanto, as informações disponíveis na *web* precisam estar acessíveis para qualquer pessoa, independente da sua condição física, sendo que a fonte mais importante de informações e orientações nessa área é a Iniciativa de Acessibilidade à *Web* (WAI) do *World Wide Web Consortium* (W3C).

O acesso às tecnologias de informação e comunicação, incluindo a *Web*, é definido como um direito humano básico na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CRPD) da ONU. A acessibilidade possibilita a inclusão social de pessoas com suas várias limitações (ONU-CRPD, 2019). Partindo desse pressuposto, estabelecemos a “acessibilidade” como um critério⁴⁰ para selecionar a amostra de 20 *websites* dos museus do Holocausto para dar continuidade à pesquisa.

Conforme o *World Wide Web Consortium* (W3C), é possível verificar a acessibilidade de uma página na internet utilizando validadores automáticos (softwares e serviços *on-line*) que auxiliam, por meio de relatórios, que indicam se o site atende ou não às recomendações de acessibilidade.

Para realizar a avaliação de acessibilidade desse conjunto de 63 museus do Holocausto, utilizamos a ferramenta ASES⁴¹. Assim, após identificar a URL de cada *website* desses museus, insere-se o endereço diretamente individualmente na área de edição do ASES e clica-se em “Executar”. Ao realizarmos a avaliação, a ferramenta emite um relatório com uma porcentagem de zero a cem, indicando o nível de acessibilidade do ambiente, como

⁴⁰ Tal critério se fez necessário, uma vez que não conseguiríamos em tempo hábil da pesquisa traduzir os 63 *websites* dos museus do Holocausto.

⁴¹ Acessibilidade avaliada com a ferramenta ASES (software público) do Governo Federal do Brasil. Relatório URL – *Uniform Resource Locator* (Localizador de Recursos Universal) que se refere ao local, o Host que você quer acessar determinado recurso – Nota de 0 a 100. O objetivo da URL é associar um endereço remoto com um nome de recurso na Internet. Disponível em: <http://asesweb.governoeletronico.gov.br/ases/avaliar>.

também uma lista de erros e avisos que devem ser verificados para melhor desempenho do site.

Ressalte-se que, apesar da rápida disponibilização de resultados desses validadores automáticos de acessibilidade, se o objetivo da análise é realizar correções nos *websites* institucionais, não é recomendável que a investigação se restrinja a apenas essas ferramentas, pois esses métodos automáticos não abrangem todos os aspectos e singularidades dos sites. É importante destacar que é preciso estabelecer os principais critérios inclusivos de *design* de sites, nos quais se concentrará em melhorar o acesso de pessoas com deficiência, como por exemplo: alternativas de texto, conteúdo apresentado de diferentes maneiras, navegar e melhorar a compatibilidade com tecnologias de assistência, entre outros (W3D, 2019).

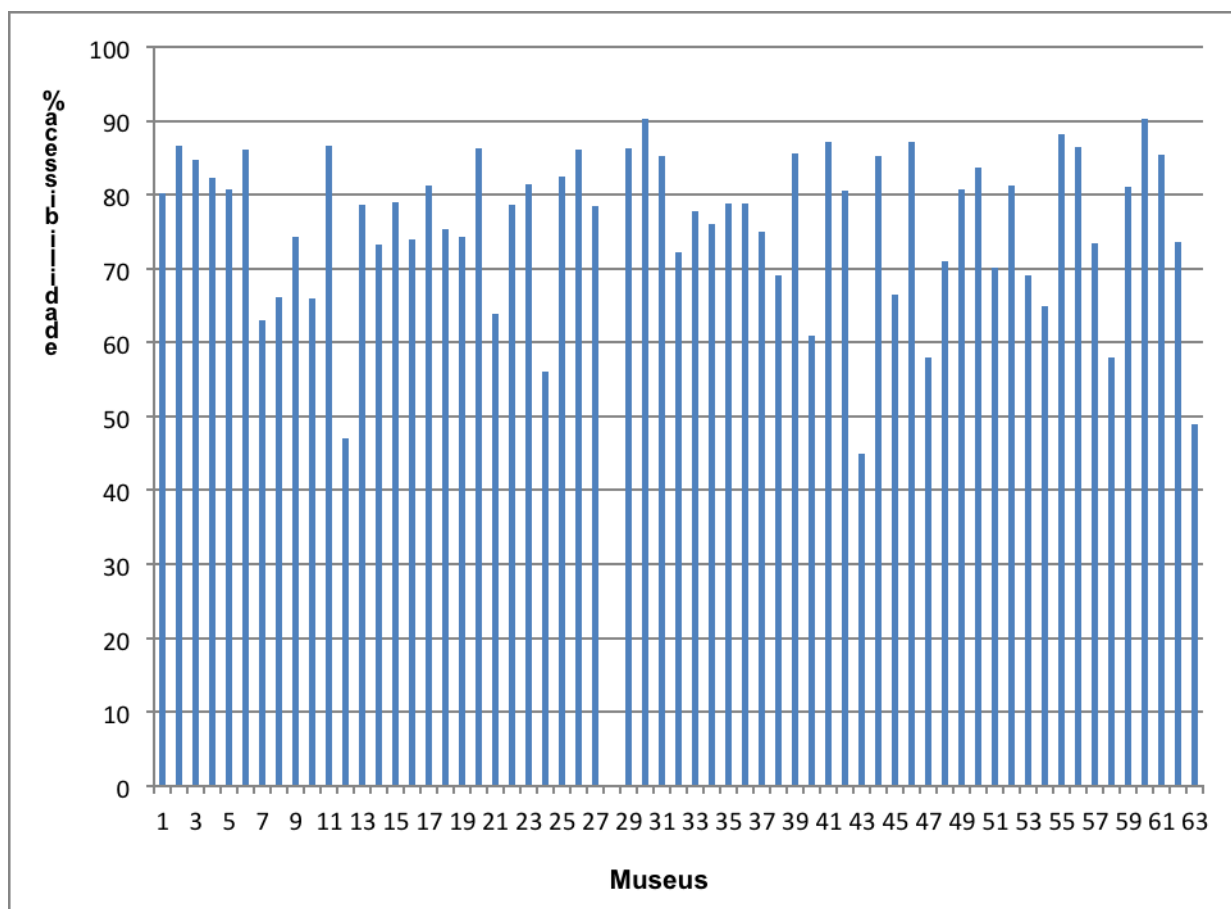
Retornando à avaliação dos 63 *websites* avaliados, 11 *websites* apresentaram erros de validação da URL utilizando o validador ASES. Diante disso, optamos por avaliar esses 11 *websites* utilizando outra ferramenta, o AccessMonitor⁴², um avaliador português que permite também avaliar automaticamente a acessibilidade de um site. Ao terminar a avaliação dos mesmos, o *website* “*Digital Monument to the Jewish Community in the Netherlands*” (DNJCN) foi o único que a URL/URI resultou em inválida.

É importante ressaltar que o “*Digital Monument to the Jewish Community in the Netherlands*” é um monumento digital, sem espaço físico. Para Faro (2014), pesquisadora da *Tilburg University, the Netherlands*, o significado para usuários desse *website* digital é um exercício qualitativo e exploratório, visto que o objetivo desse monumento digital é reconstruir a imagem da comunidade judaica na Holanda na véspera de sua destruição, “retornando” a cada vítima individual a sua identidade. Seus participantes consideram suas práticas como uma contribuição para a história familiar e para a história da *Shoah*. O site é considerado como um meio de compartilhar conhecimento, mas também como um meio de criar consciência pública do *Shoah*. (FARO, 2014, p.79).

Os resultados da avaliação de acessibilidade são apresentados na figura a seguir, que demonstra a porcentagem de acessibilidade dos 62 *websites* dos museus do Holocausto.

⁴² **AcessMonitor** (relatório WCAG1.0 pela URI, nota de 0 a10) para ter certeza da avaliação, uma vez que esses sites não estabelecem ligação com HTML do W3C (validador HTML do W3C). A URI une o **Protocolo** (<https://>) a **localização do recurso** (URL - woliveiras.com.br) e o **nome do recurso** (URN - desenvolvedor-front-end/) para acesso à Web. Disponível em: <http://www.acessibilidade.gov.pt/accessmonitor/>.

Figura 12 - Acessibilidade dos *Websites* dos Museus do Holocausto da *Global Directory of Holocaust Museums*



Fonte: Elaboração própria, com base na análise via ferramentas ASES e AccessMonitor (2019).

Ao final da avaliação pelos validadores de acessibilidade, foram selecionados os 20 *websites* com maior porcentagem de acessibilidade para dar prosseguimento à pesquisa, na fase de estudo de multicasos, conforme quadro apresentado na página a seguir.

Quadro 10 - Relação dos 20 Primeiros Museus do Holocausto com maior porcentagem de acessibilidade

Número do museu na <i>Global Directory of Holocaust Museums</i>	MUSEUS DO HOLOCAUSTO	% de Acessibilidade ASES	Classificação
60	<i>Flórida Holocaust Museum</i>	90,33	1º
30	<i>Corrie ten Boom Museum, "The Hiding Place"</i>	90,31	2º
55	<i>Museum of Jewish Heritage - Memorial to the Holocaust</i>	88,12	3º
46	<i>Holocaust Museum Houston</i>	87,23	4º
41	<i>Holocaust Resource Center</i>	87,14	5º
2	<i>Jewish Holocaust Museum and Research Center</i>	86,69	6º
11	<i>Memorial Museum for Children of Izieu</i>	86,58	7º
56	<i>Holocaust Awareness Museum</i>	86,45	8º
29	<i>Anne Frank House</i>	86,36	9º
20	<i>Ghetto Fighters' House - Holocaust and Jewish Resistance Heritage Museum</i>	86,34	10º
6	<i>Montreal Holocaust Museum</i>	86,18	11º
26	<i>Holocaust Education Center</i>	86,07	12º
39	<i>National Holocaust Centre and Museum</i>	85,50	13
61	<i>Holocaust Museum & Center for Tolerance and Education</i>	85,49	14º
44	<i>El Paso Holocaust Museum and Study Center</i>	85,30	15º
31	<i>State Museum at Majdanek Concentration Camp</i>	85,25	16º
3	<i>Mauthausen Concentration Camp Memorial</i>	84,73	17º
50	<i>Holocaust Memorial Resource and Education Center</i>	83,61	18º
25	<i>Beit Haedut - The Testimony House</i>	82,42	19º
4	<i>Kazerne Dossin: Memorial, Museum and Documentation Centre on Holocaust</i>	82,23	20º

Fonte: Elaboração própria, com base na consulta dos *websites* dos museus (2020).

A seguir, são descritos os 20 *websites* dos museus do Holocausto selecionados com uma maior porcentagem de acessibilidade, tendo em vista que acessibilidade à *web* foi considerada, nesta pesquisa, como um direito às pessoas no século XXI.

6.2 Descrição da Anatomia dos 20 *Websites* dos Museus do Holocausto

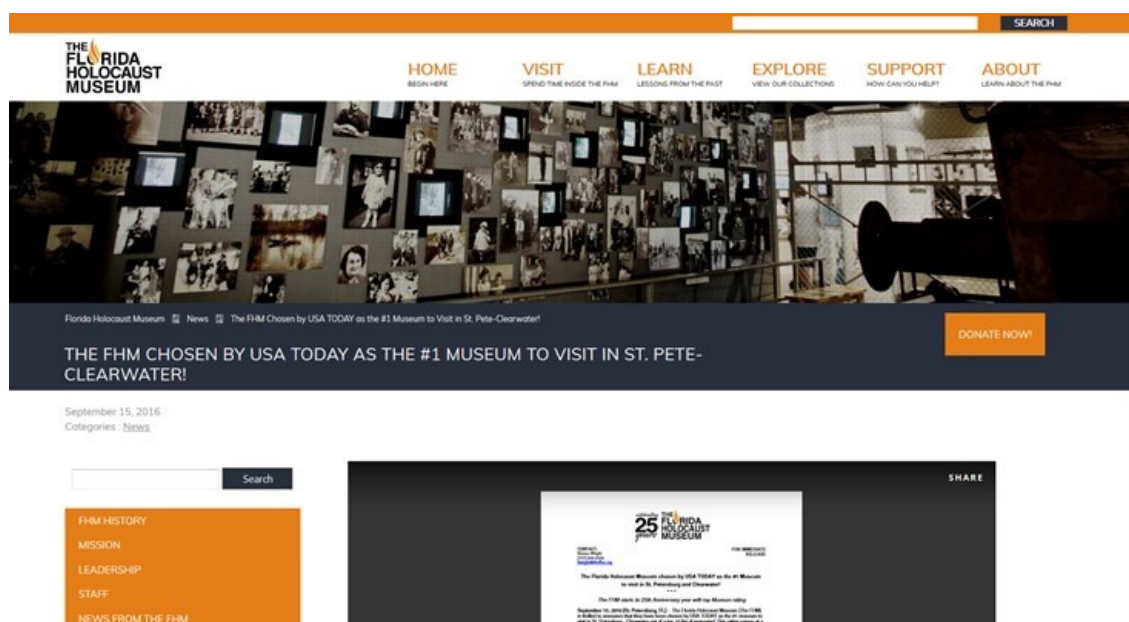
Neste tópico, são descritos os resultados da tradução das “*homepages*” dos 20 *websites* dos museus do Holocausto selecionados, incluindo a missão, estrutura da página inicial de cada *website* dentre outras informações relevantes.

6.2.1 *Flórida Holocaust Museum* (FHM)

O Museu do Holocausto da Flórida iniciou suas atividades em 1992 como “Museu Memorial do Holocausto de *Tampa Bay* e Centro Educacional”, fundado pelo sobrevivente do

Holocausto Walter Loebenberg, que inicialmente alugou um espaço que poderia pagar, nas dependências do Centro Comunitário Judaico do Condado de Pinellas, em Madeira Beach, Flórida. A missão do FHM é de honrar a memória de milhões de homens, mulheres e crianças inocentes que sofreram ou morreram no Holocausto e dedicar-se a ensinar aos membros de todas as raças e culturas o valor e a dignidade inerentes à vida humana, a fim de evitar futuros genocídios. A exposição inaugural “Anne Frank no mundo” recebeu 24.000 visitantes. Em 1998, adquiriram um prédio em São Petersburgo, Flórida, e em 1999, passou a chamar oficialmente de *Florida Holocaust Museum* (FHM), cujo nome adequou à organização pelos critérios estabelecidos na declaração de missão do FHM e refletiu a utilização do museu como um recurso nacional e estadual (FHM, 2019).

Figura 13 - *The Flórida Holocaust Museum*



Fonte: www.flholocaustmuseum.org.

O *website* do museu (<https://www.flholocaustmuseum.org/>) é composto de seis menus principais, que ficam centralizados na parte superior da página, são eles: Home, Visite, Aprenda lições do passado, Coleções, Suporte e Sobre o Museu. Ao clicar no **menu home**, o visitante permanece na página principal, com slide das principais notícias e acontecimentos do museu. Na parte inferior da página encontra-se o mapa do site (horários e direções, coleções, missão, notícias, entre outros), e-mail e telefone, endereço (horário e mapa de localização) e as redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram, Youtube e blog).

No **menu Visite**, é possível acessar as informações nos submenus: Horário, Preços e Direções, Calendário de Exposições, Tour em Grupo, Alugar Espaço, Mapa do Museu, Loja, Agenda de Sobrevivente Palestrante. No **menu Aprenda lições do passado**, o visitante acessa as informações contidas nos submenus: Para Educadores (Baú de ensino, Passeios estudantis, Currículo, Instituto de Verão, Parceiros Educacionais, Guia do Museu para Educadores, FHM e Yahad - In Unum e Guia de Estudo Matzevot e Mesa dos Oradores); Eventos (Movimento de conscientização sobre genocídio e direitos humanos); Programas de Extensão (acessa o Prêmio Humanitário Anne Frank, Programa de Aplicação da Lei e Sociedade: Lições do Holocausto (LEAS) às agências policiais da Flórida e Programa Geração Pós); Biblioteca (encontra-se fechada por 2 anos para reforma), FHM e Yahad - In Unum museum (Guia para Educadores para download), Guia de Estudo Matzevot e Departamento de Oradores do FHM (história dos sobreviventes).

No **menu Explore nossas coleções**, o visitante acessa as informações nos submenus: exposições (Exposições Permanentes; Exposições Atuais; Próximas Exposições; Viajando com as Exposições e Exposições Passadas); eventos acessa o submenu: movimento de consciência de genocídio e direitos humanos e calendário (calendário dos eventos atuais e próximos eventos), coleções, testemunhos, bibliotecas e projeto de recuperação dos nomes das vítimas. No **menu Apoio & Suporte**, o visitante tem acesso às informações sobre doações, assinatura de publicações eletrônicas e participação em eventos; voluntários, doação planejada, presentes, reunião beneficente anual, entre outras.

No menu **Sobre** o FHM, o visitante ao clicar acessa os seguintes submenus à esquerda e no centro da página, com imagem e títulos: História do FHM, Missão, Liderança, Funcionários, Notícias do FHM, Boletim de Notícias, Emprego e Estágios, Nossos Patrocinadores, A FHM na Mídia, Blog e Contato.

6.2.2 Corrie Ten Boom Museum, "The Hiding Place"

Museu Corrie Ten Boom iniciou suas atividades em 1988 e tem como missão manter viva a memória e a herança espiritual da Família Ten Boom de Haarlem, como inspiração para muitos, testemunhando seu amor e compromisso com o povo judeu. O museu quer ser um "lar aberto", como um memorial vivo para essa família que viveu como cristã por meio de sua obediência a Deus e experimentou Sua graça todos os dias. O *website* do museu (<https://www.corrietenboom.com>) é composto de seis menus principais, que ficam

centralizados na parte superior da página, são eles: **Home, Informação, Família Tem Boom, Corrie Tem Boom House, Fundação e Contato**. Na parte inferior é possível acessar: endereço e e-mail; *links* interessantes (*Tour* virtual, passeios, história da família *Tem Boom* e como chegar ao museu), línguas do site (Holandês e Inglês) e Siga-nos nas redes sociais (facebook, twitter, blog), informações e Mapa do Site.

Figura 14 - Corrie Ten Boom Museum

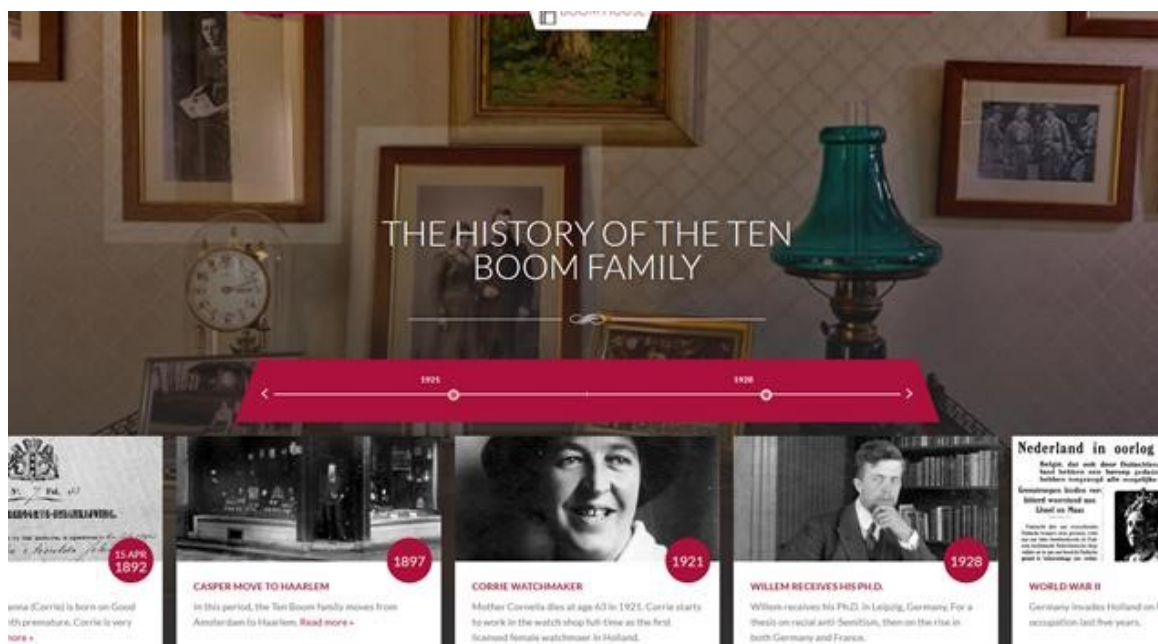


Fonte: <https://www.corrietenboom.com>.

Ao clicar no **menu Home**, o visitante permanece na página principal, que também é o menu **Corrie Tem Boom House**, com slide de fotos do interior da casa, e pode deslizar e acessar informações sobre Tour Virtual. Há também informações sobre funcionamento do museu e reservas *on-line*. No **menu Informações sobre o Museu**, é possível acessar as informações nos submenus: O museu, História, Reservas, Tour Virtual, Chegando aqui (informações do local, como chegar de carro e transporte público), e Livro de Visitas. O tour virtual é uma oportunidade para o visitante conhecer o museu, uma vez que, por vários fatores, não poderá realizar a visita física. Ao clicar, o visitante é direcionado a outra página.

No **menu Família Tem Boon**, ao clicar o visitante é direcionado a uma página que contém uma linha do tempo de 1837 a 1943 e um slide de navegação com imagem e títulos para acessar as informações sobre as etapas da história da família. Inclusive, há a informação de que, em 1927, Wiliam Tem Boom defendeu uma tese na Alemanha sobre antissemitismo.

Figura 15 - A história da família



Fonte: <https://www.corrietenboom.com>.

No **menu Fundação**, encontram-se os submenus: Organização (informa sobre a fundação, diretoria, receita e atividades), objetivos e como você pode ajudar o museu (informações sobre projetos, doações). No **menu Contato**, ao clicar o visitante acessa os formulários para contato e e-mail institucional.

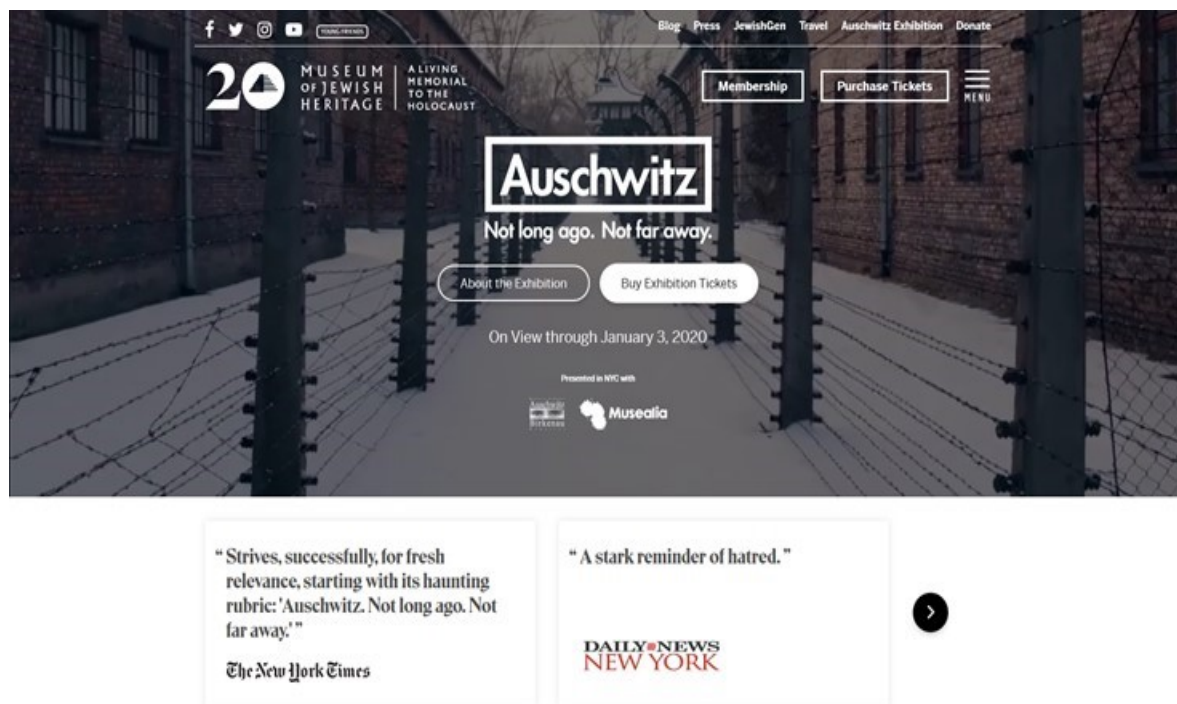
6.2.3 Museum of Jewish Heritage - Memorial to the Holocaust

O *Museum of Jewish Heritage* foi fundado em 1997, com a missão crucial de educar diversos visitantes sobre a vida judaica antes, durante e depois do Holocausto, mobilizando a memória para ensinar os perigos da intolerância. E desafia os visitantes a permitir que as dolorosas lições do passado os guiem a imaginar um mundo digno de seu futuro.

O *website* do museu (<https://mjhnyc.org/>), em sua página principal é composto na parte superior do lado esquerdo de *links* para redes sociais (*facebook, twitter, instagram youtube, young-friends*); **menu**: blog, imprensa e *link* para site *JewishGen.org* (site de genealogia judaica); Viagem (ao clicar o visitante é direcionado ao site *Jewish Heritage Travel* - que é um programa de viagens exclusivo que combina a experiência e os recursos de duas organizações que valorizam as tradições, conquistas e fé das comunidades judaicas -

passadas e presentes - em todo o mundo), Exposição de Auschwitz (descubra a exposição, aprenda a história e notícias) e Doar.

Figura 16 - *Museum of Jewish Heritage*



Fonte: <https://mjhny.org>.

Na parte superior, do lado direito, encontra-se barra de acesso **menu**, que ao clicar o visitante tem acesso aos menus: **Planeje sua visita** (com os seguintes submenus: Exposição em Destaque: Auschwitz; Exposições Permanentes e Especiais; Eventos e Informações para o visitante); **Lembrança do Holocausto** (sub menus: Yom HaShoah; Encontro Anual de Recordação; Mesa dos Oradores; Registro de Sobreviventes e Testemunho dos sobreviventes); **Centro Judaico de Auschwitz na Polônia** (com submenus: Centro Judaico de Auschwitz; Programas Internacionais da AJC e Visite-nos na Polônia); **Aprender** (submenus: Currículo do Holocausto do Museu da Herança Judaica; Recursos educacionais; Estágios e Bolsas; História de família; Coleções; Exposições anteriores e Centro para o Estudo do Antissemitismo); **Biblioteca de mídia** (informações sobre o museu na mídia com submenus: MJH Live; Publicações e Stories Survive Podcast Series) e **Sobre Nós** (com submenus para: Missão; História, Localização e Paisagem Cultural; Aluguel de espaço para eventos; Liderança; Contate-nos; empregos e apoiadores).

No centro da página principal existe um slide com imagens do museu e diversas informações sobre o museu, bem como um *link* para assinatura e compra de ingressos. Na parte inferior encontram-se informações sobre endereço, mapa do site, Ache-nos, cadastro de e-mails, atualizações e convites para eventos; apoiadores entre outros.

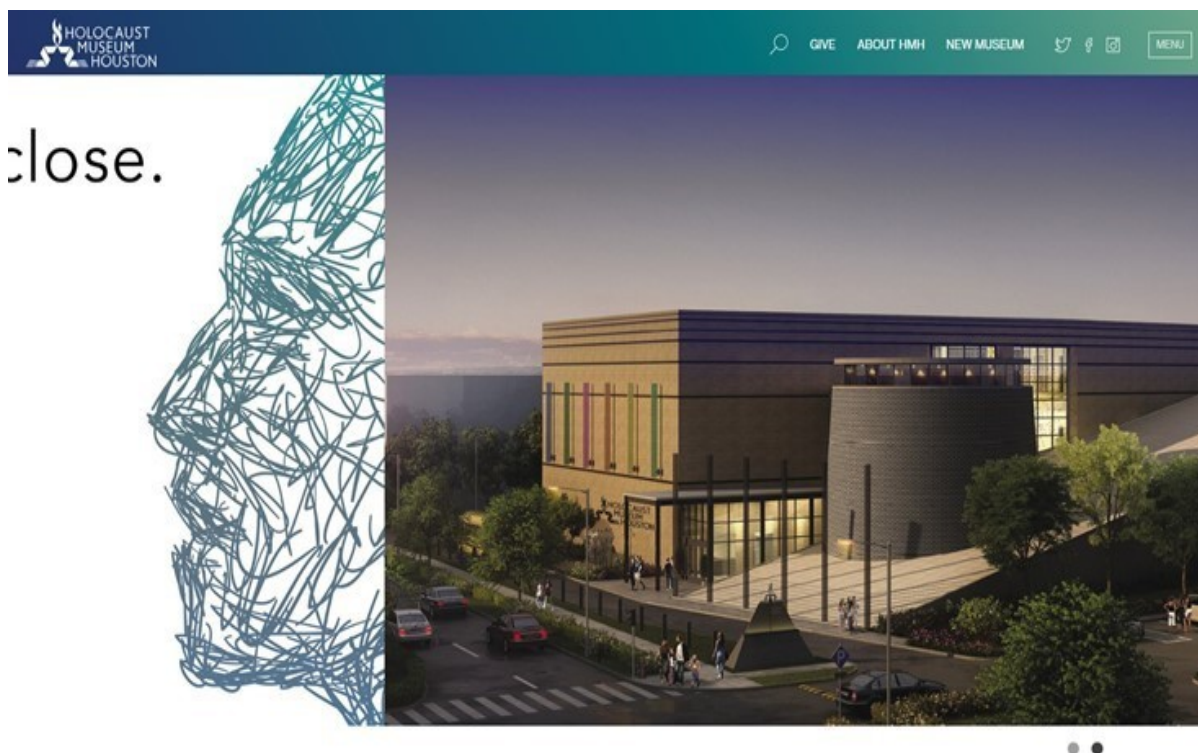
6.2.4 Holocaust Museum Houston

O Museu do Holocausto de Houston (HMH), fundado em 1996, tem como missão educar as pessoas sobre o Holocausto, lembrando os seis milhões de judeus e outras vítimas inocentes e honrando o legado dos sobreviventes. Usando as lições do Holocausto e outros genocídios, ensinando os perigos do ódio, preconceito e apatia. Através de uma sociedade que transforma a ignorância em respeito à vida humana, que se lembra do Holocausto e reafirma a responsabilidade de um indivíduo pelas ações coletivas da sociedade (HMH, 2019).

Ao acessar seu *website* (<https://hmh.org/>), a página principal contém na parte superior do lado direito os seguintes *links* para: **Doar** (que ao acessar direciona para *links* sobre as várias formas de dar, incluindo a forma financeira e voluntária); **sobre o museu** (ao clicar o visitante pode acessar menus: Visão, missão, declaração de valor público; História do Museu; Funcionários; Conselhos e Liderança e Finanças); **Novo Museu; Redes sociais** (*Facebook, Twitter, Instagram*) e **a barra de Menu**.

A **barra de Menu** fica localizada na parte superior à direita, ao clicar o visitante acessa os seguintes menus principais: **Visita; Eventos; Educação; Exposições; Coleções; Sobreviventes; Biblioteca; Assinatura; Doações e Aluguel de local**.

No **menu Visita** acessa-se os seguintes submenus: Planeje sua visita; Loja do Museu; Visite Houston; Diretrizes de Fotografia e *Tour The Legacy Café*. No **menu Eventos**, os seguintes submenus: Próximos e Passado. No **menu Educação** o visitante acessa os seguintes submenus: O *Boniuk Center*; Desenvolvimento profissional; Calendário da Educação; Programas e Currículos; Recursos; Alcance Espanhol e Programação de verão. O **menu Exposições** acessa-se os submenus: Permanente; Temporário; Passado e próximos.

Figura 17 - *Holocaust Museum Houston*

Fonte: <https://hnh.org/>

No **menu Coleções**, ao clicar o visitante vai direto para página com as informações sobre as coleções e acervos e *link* com perguntas e respostas sobre conservação e artefatos do museu. No **menu Sobreviventes**, o visitante acessa uma lista de A a Z com nomes dos sobreviventes, com mecanismo de busca e uma grade dos sobreviventes o visitante clica na foto individuais de cada sobrevivente. No **menu Biblioteca**, ao clicar o visitante acessa os seguintes submenus: Biblioteca Boniuk - Pesquisa; Amigos da Biblioteca Boniuk.

Nos **menus Assinatura, Doações e Aluguel de local**, o visitante acessa as informações sobre como ser membro, doar e como funciona e normas de aluguel do espaço para eventos.

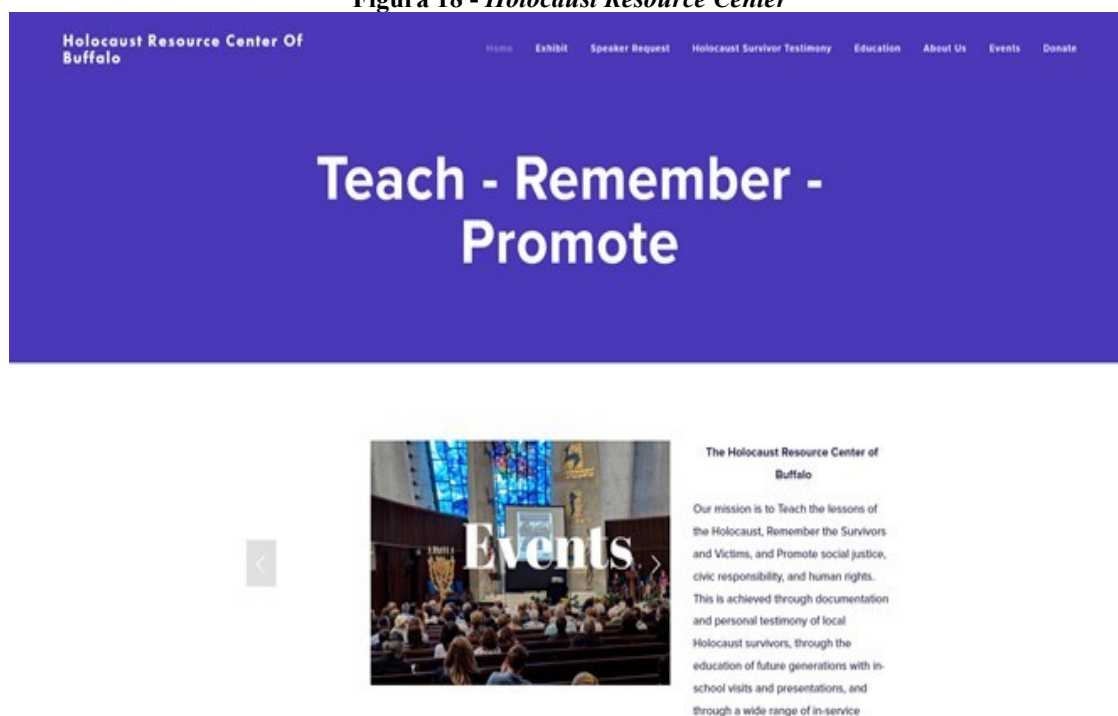
O museu HMH é um local de aprendizado e capacitação, bem como um local de reflexão e conexão, pois usa exposições fundamentadas na história para convidar a participação de pessoas que representam a notável diversidade de Houston e das regiões vizinhas. De acordo com um estudo recente do Instituto *Kinder* de Pesquisa Urbana da *Rice University* e do *Hobby Center for the Study of Texas*, Houston é o principal centro metropolitano com maior diversidade étnica nos Estados Unidos. A missão da HMH é ainda mais importante nesse contexto. É um lugar onde pessoas de todas as origens podem embarcar em jornadas de autodescoberta, ganhar respeito pelas diferenças individuais e experimentar a

força que advém da valorização de toda a experiência humana. Honrando o passado para que possam agir com esperança no futuro (HMH, 2019).

6.2.5 Holocaust Resource Center

O *Holocaust Resource Center* foi fundado em 1983 e tem como missão ensinar as lições do Holocausto, e promover a justiça social, a responsabilidade cívica e os direitos humanos. Essa missão é alcançada por meio da documentação e testemunho pessoal dos sobreviventes locais do Holocausto, pela educação das gerações futuras com visitas e apresentações na escola e pela ampla variedade de oficinas em serviço.

Figura 18 - *Holocaust Resource Center*



Fonte: <http://www.hrcbuffalo.org/>

O *website* do museu (<http://www.hrcbuffalo.org/>), é composto de nove menus principais: **Centro de Recursos do Holocausto Buffalo, Home, Exposição, Pedido Do Orador, Educação, Testemunho de Sobrevivente do Holocausto, Sobre Nós, Eventos e Doações**. A página principal é composta de slide com várias informações atualizadas sobre atividades do museu, e na parte inferior o visitante tem acesso ao endereço, e-mail, telefone, cadastro do e-mail para recebimento de informações e *link* das redes sociais (*Facebook, Twitter, Instagram e Youtube*) e uma barra de pesquisa.

No **menu Centro de Recursos do Holocausto de Buffalo** que fica na parte superior à esquerda, ao clicar o visitante é direcionado para a missão do museu, e informações para professores: com planos de aula e recursos do site para o professor usar na sala de aula. Esses materiais podem ser encontrados com um clique do visitante. O professor com um clique também poderá solicitar que um sobrevivente do Holocausto fale na sua escola.

No **menu Exposição** o visitante acessa os submenus: Pedido de Exposição (direciona para formulário *on-line* a ser preenchido com a solicitação) e Exposição Virtual (acesso a acervo fotográfico e vídeo). O **menu Pedido Do Orador** (Lista com nome dos oradores disponíveis e formulários para solicitação *on-line*, bem como informações sobre o pedido). No **menu Testemunho de Sobrevivente do Holocausto** (acessa os submenus: Mesa dos Oradores, a partir da foto dos oradores e formulário *on-line* de solicitação; Sobreviventes e Testemunhas, por meio do nome e tipo de sobrevivente).

No **menu Educação**, acessa-se os submenus: Recursos (vários recursos incluindo Planos de aula para educadores do Holocausto, ferramentas de educação sobre genocídio, Livros do Holocausto para Jovens Estudantes) e Programação (informa sobre programação cursos, conferências, treinamentos, concursos, viagens e outros). No menu Sobre Nós (informa novamente a missão do museu e submenus: Conselho Administrativo, Funcionários, Parceiros Comunitários, meios de comunicação e Boletim *WNY UPSTANDER*). O **menu Eventos** (informa os eventos que ensinam o Holocausto e capacitam o aluno, e tem *link* para formulário *on-line* de inscrição) e **menu Doações** (ao clicar é direcionado para formulário de doação financeira).

6.2.6 *Jewish Holocaust Museum and Research Center*

O *Jewish Holocaust Museum and Research Center* é uma instituição fundada em 1984 e dedicada à memória dos seis milhões de judeus que foram assassinados pelos nazistas e seus colaboradores entre 1933 e 1945. O museu tem como objetivo ser um memorial para todas as vítimas de políticas racistas, com um programa educacional que visa combater o antissemitismo, racismo e preconceito na comunidade e promover o entendimento entre as pessoas.

Na página principal do *website* do museu (<http://www.jhc.org.au/>), é possível conhecer a história da fundação do museu, que foi uma ideia dos sobreviventes do Holocausto de Melbourne, sob o patrocínio do *Yad Vashem* (Jerusalém) e, tornou-se uma instituição ativa e

reconhecida internacionalmente, dedicada a combater o racismo, o ódio e o preconceito, fomentando a tolerância e a compreensão. Os menus principais do *website* são: **Home, o museu, visita, notícias & eventos, apoio - suporte, educação, museus e coleções.**

No **menu Home**, acessa-se as principais informações sobre o museu. Há informações sobre as exposições tradicionais de materiais originais do período do Holocausto, documentos, fotografias e obras de arte. Os destaques incluem uma réplica do campo de concentração de *Treblinka*, criada por um dos poucos sobreviventes judeus daquele campo, o falecido *Chaim Sztajer*, que se estabeleceu em Melbourne depois da Segunda Guerra Mundial, bem como obras de arte de sobreviventes e outros artistas australianos. Acessa-se o *link* de notícias atuais sobre o museu e para acesso às redes sociais (*Facebook, Instagram, Youtube, Twitter, Vimeo*). Outro *link* direciona o visitante para doações e as informações pertinentes sobre doar *on-line* ou via formulário. Também está disponível informação sobre reserva para visitas em grupos escolares ou grupos privados, e fornecem formulário *on-line* para reservas. Os horários de visita são destacados, pois o museu não abre aos sábados e em alguns feriados e feriados judaicos.

Figura 19 - Website do Jewish Holocaust Museum and Research Center



Fonte: <http://www.jhc.org.au/>

No **menu sobre o museu** os visitantes têm acesso às seguintes informações: missão, história do museu, departamentos, fundadores do centro do holocausto judeu e o conselho do museu que consiste em sobreviventes do Holocausto, seus filhos e netos (incluir as três gerações é importante para garantir a continuidade e a vitalidade do Centro).

No **menu visita**, o visitante tem acesso as todas as informações. Destacam que a visita média à exposição permanente do Museu é geralmente de duas horas, que os Guias voluntários, muitos dos quais são sobreviventes do Holocausto, estão disponíveis para responder perguntas e compartilhar histórias pessoais com os visitantes. Muitos voluntários e guias falam idiomas iídiche, hebraico ou europeu. Guias especiais de exposições podem ser obtidos na recepção do Centro, bem como há uma ampla seleção de livros, muitos deles escritos por sobreviventes locais, disponíveis e para compra. E para portadores de necessidades especiais fica disponível acesso para cadeira de rodas e elevador, e um toalete para pessoas com deficiência está localizado no térreo. O site informa sobre os estacionamentos disponíveis e os meios de transportes públicos.

No **menu notícias e eventos** o visitante tem acesso ao calendário de eventos do museu, notícias do mesmo e acesso à revista de notícias do centro. No **menu apoio e suporte**, novamente o visitante tem acesso a formulários para doações e informações sobre dedução das doações em impostos. No **menu educação** são disponibilizados para os professores alguns recursos: programa de educação escolar, exposição Anne Frank, reserva de visita escolar e *links* para outros recursos. Para os estudantes, o site informa sobre bolsas e o visitante acessa os *links* para universidades, Universidade *Monash* e Universidade de *Melbourne*.

O último menu chama-se **museu e coleções**, no qual o visitante tem acesso a informações sobre o museu e os departamentos das coleções. Essas coleções incluem documentos originais, fotografias, têxteis, artesanato, objetos preciosos sobre o Holocausto, e uma coleção dos testemunhos dos sobreviventes. Nesse menu, o visitante inicialmente é convidado a conhecer o museu por meio de um vídeo de seis minutos, cujos guias são alguns sobreviventes do holocausto, entre outros.

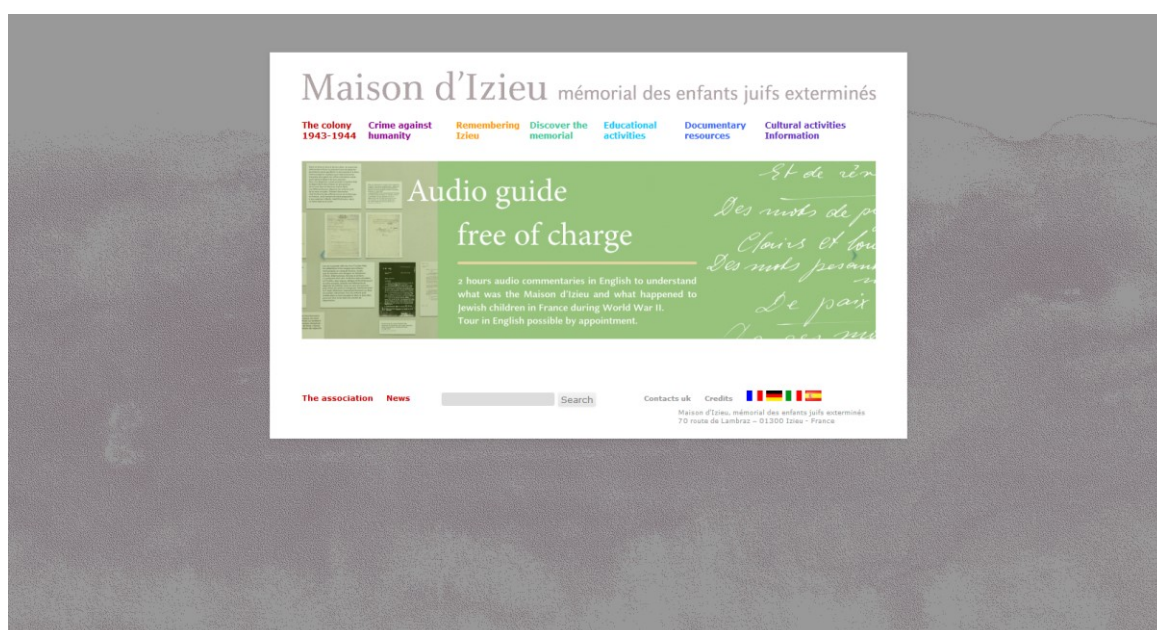
6.2.7 *Memorial Museum for Children of Izieu*

O memorial *Maison d'Izieu*, inaugurado em 1988 na França, é um memorial às 44 crianças que foram mortas por serem judias no país. Um lugar de história e lembrança aberta a todos que perpetua a memória das crianças e adultos judeus que ali encontraram refúgio de maio de 1943 até a invasão de 6 de abril de 1944. Sua missão é enraizada no presente e focada no futuro, ampliando estudos sobre os crimes contra a humanidade e as circunstâncias que levam a eles. Evocando a memória das crianças judias e ajudantes de *Izieu*, o Memorial se propõe a combater todas as formas de intolerância e racismo. O *website* do museu

(<http://www.memorializieu.eu/>), é composto pelos seguintes menus principais: A colônia 1943 a 1944; Crime contra Humanidade; Lembrando Izieu; O memorial; Atividades Educacionais; Recursos e Documentos e Informações sobre atividades culturais.

Ao clicar no **menu A colônia 1943 a 1944** o visitante pode acessar os submenus: visão global, cronologia, antes de 1943, lugar vivo, 6 de abril de 1944, extermínio e deportação e sobreviventes. Em cada submenu o visitante pode conhecer um pouco da história da Casa Izieu. No **menu crime contra a humanidade** o visitante pode acessar os submenus: visão global, julgamento de *Klaus Barbie*, outros ensaios, crime contra humanidade e justiça criminal internacional. Nesse menu o visitante conhece um pouco da história e julgamento dos envolvidos na prisão, deportação e assassinato das crianças da Casa *Izieu*. E detalhes do primeiro julgamento na França de crimes contra a humanidade.

Figura 20 - Memorial Museum for Children of Izieu



Fonte: <http://www.memorializieu.eu/>

No **menu Lembrando Izieu**, o visitante poderá acessar os submenus: visão geral, lembranças, local de recordação, França e Europa. O visitante, ao clicar nos submenus, tem acesso às informações sobre as crianças e adultos presos em Izieu, um compromisso com a memória local. O museu é considerado um lugar de recordação Nacional na França.

No **menu descubra o memorial**, ao clicar o visitante tem acesso aos submenus: visão global, visita e acesso, a casa, o celeiro, o casulo e área ao redor. O visitante vai conhecer um

pouco do espaço do memorial da casa Izieu, sua história e quanto tempo será gasto para cada percurso no memorial.

No **menu Atividade educacionais** o visitante tem acesso aos submenus: visão global, reuniões, ferramentas e documentos, para professores e educação continuada. O visitante conhece algumas atividades educacionais, como concursos e palestras, que são realizadas com ex-alunos da casa Izieu, historiadores, entre outros, que dão palestras no local. Há também informações de cursos para professores e acesso ao nome dos responsáveis, telefone, fax e e-mail. Na educação continuada, o visitante encontra informações sobre programas para organizar viagens educacionais para diferentes locais europeus, abertos a professores e ao pessoal que trabalha em museus, memoriais e arquivos.

No **menu Recursos documentais**, ao clicar o visitante tem acesso aos submenus: visão global, Centro de Documentação, Exposições itinerantes, Arquivos, Bibliografias e *links*. O visitante tem acesso a informações sobre a história da casa de Izieu e da história de todas as crianças judias que, com a cumplicidade ativa do governo francês de Vichy, foram alvo da barbárie nazista. O submenu Centro de Documentação Maison d'Izieu leva à informação sobre o acervo, composto por mais de 5000 documentos (livros, periódicos, cassetes, DVDs e CDs): documentários, arquivos e cópias de arquivos, publicações pré-1945, dicionários e manuais, dissertações universitárias, arquivo de trabalhos em francês, alemão, inglês, italiano e polonês para adultos e crianças. Nas exposições itinerantes, o visitante tem acesso às normas das exposições que são disponibilizadas gratuitamente para escolas, centros culturais, museus, bibliotecas etc., de acordo com a disponibilidade. O transporte do acervo deve ter seguro coberto pela solicitante.

O submenu arquivo informa sobre as coleções de documentos, depoimentos de ex-alunos da casa, coleções fotográficas, entre outras, que não são disponibilizadas no site. Disponibiliza uma série de bibliografias temáticas que abrangem as áreas de pesquisa e de trabalho do Memorial. O Centro também oferece bibliografias para grupos de usuários de pesquisadores. *Link* para acessar as redes sociais (*facebook, youtube tripadvisor e blog*). No submenu *links*, o visitante encontra acesso as fundações, museus, universidades entre outros grupos que colaboram e tem parceria com o memorial.

6.2.8 Holocaust Awareness Museum

O *Holocaust Awareness Museum (HAM)*, que foi fundado em 1962 na Filadélfia, EUA, é o primeiro museu do Holocausto da América. Nasceu com a missão de educar estudantes e adultos do Vale do Delaware, personalizando o Holocausto para que eles aprendam as consequências do racismo, limpeza étnica e intolerância. O Holocausto foi um evento divisor de águas, não apenas no século XX, mas em toda a história da humanidade. Para o HAM, estudar e discutir o Holocausto fornece uma das maneiras mais eficazes de trabalhar com os alunos para examinar questões morais básicas e sistemas de valores. Quais são as lições do Holocausto para nós hoje? (HAM, 2019).

Figura 21 - Holocaust Awareness Museum



Fonte: <http://www.hamec.org/>

Ao acessar o site do museu (<http://www.hamec.org/>), na parte superior encontram-se os menus principais: Sobre Nós; Programas; Mesa Dos Oradores; Recursos; Se Envolver; Notícias; Visite-Nos; Doação e *Blog*. Um slide das últimas informações e na parte inferior da página, encontra-se o endereço, telefone e e-mail e mapa para localização e os *links* para redes sociais (*facebook*, *twitter*, *vimeo*).

No **menu Sobre nós**, encontram-se informações nos submenus: missão e objetivos; equipe e liderança; história do museu. No **menu Programas**, o visitante acessa as informações pelos submenus: Programa do Sobrevivente (apresenta os vários programas); Projeto do Teatro de Anne Frank (apresenta informações sobre duas apresentações interativas); Testemunha da História; Tour & exposições e Solicitar um programa. O visitante

poderá solicitar via formulário *on-line* o programa. O **menu Mesa dos oradores**, o visitante ao clicar é direcionado para informações sobre os palestrantes sobreviventes do Holocausto, pode clicar no nome do palestrante e para solicitar a palestra deverão clicar em solicitar um palestrante para preencher o formulário *on-line*.

No **menu Recursos** é possível acessar os submenus: biblioteca; Centro de Recursos Yaakov Riz (clica em um dos recursos para acesso o material ou *links*: Recursos para Estudantes, Recursos para Professores, Outros Museus do Holocausto e Organizações e recursos relacionados) e Desenvolvimento Profissional (programas e *workshops* de desenvolvimento profissional para aprender sobre os novos recursos educacionais e as metodologias de ensino do Holocausto e interação com outros professores de um amplo espectro de escolas. Acesso ao aplicativo *IWalk* com um clique, informações sobre curso e e-mail para contato).

O **menu Se Envolver** acessa informações a partir dos submenus: Voluntário; estágios, Boletins de notícias e Eventos Comunitários (o visitante acessa os formulários para candidatar-se a ser voluntário, receber notícias do museu e de eventos). No **menu Pressione**, o visitante tem acesso aos submenus: notícias e comunicados na imprensa (podendo acessar as informações selecionadas). Ao clicar no **menu Visitas**, o visitante tem acesso às informações para visita física ao museu, de ônibus ou de carro, endereço, mapa, localização, acessibilidade, horário das exposições, estacionamento, entre outros. O **Menu Doação** informa sobre como proceder para doações financeiras, incluindo doações *on-line* com cartão de créditos e débitos. Ao clicar no **menu Blog**, o visitante é direcionado ao blog do museu.

6.2.9 Anne Frank House

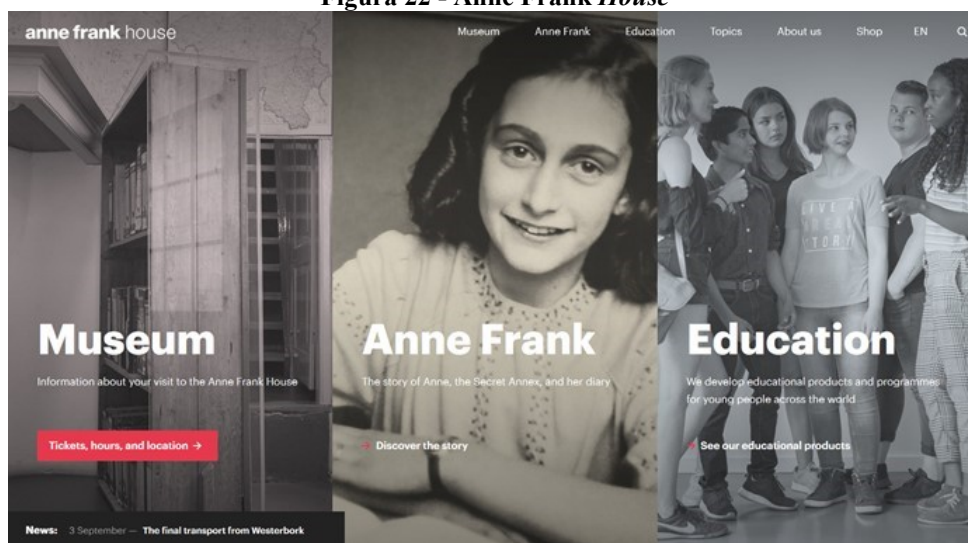
A Casa de Anne Frank foi fundada em 1960, na cidade de Amsterdã, na Holanda. É um museu que tem como objetivo contar a história da menina Anne Frank e destacar os eventos durante os anos sombrios da Segunda Guerra Mundial e a perseguição aos judeus, como também combater a discriminação, o preconceito e a opressão no mundo de hoje.

O *website* do museu (<https://www.annefrank.org/en/>), é composto de menus principais na parte superior, sendo: Museu, Anne Frank, Educação, Tópicos, sobre nós, compras, *links* para tradução do *site*, mecanismo de busca. No meio da página tem um *slide* dividido em três seções com fotografias, que levam aos principais menus: museu, Anne Frank e educação. Na parte inferior da página o visitante tem acesso ao endereço, *link* das redes sociais (*Facebook*,

Twitter, Instagram e Youtube) e *links* que o visitante acessa diretamente aos menus: Anne Frank, Museu, Educação, Temas, Sobre nós, Contato, Notícias e imprensa, Loja e boletim informativo.

No **menu Museu**, é possível acessar os submenus: Ingressos; Informação prática; Dentro do museu; Visitas de grupo; Coleta e pesquisa; Web e digital; perguntas frequentes. O **menu Anne Frank** acessa os submenus: Quem foi Anne Frank?; O anexo secreto; O diário; A linha do tempo; Os personagens principais; Aprofundar.

Figura 22 - Anne Frank House



Fonte: <https://www.annefrank.org/en/>

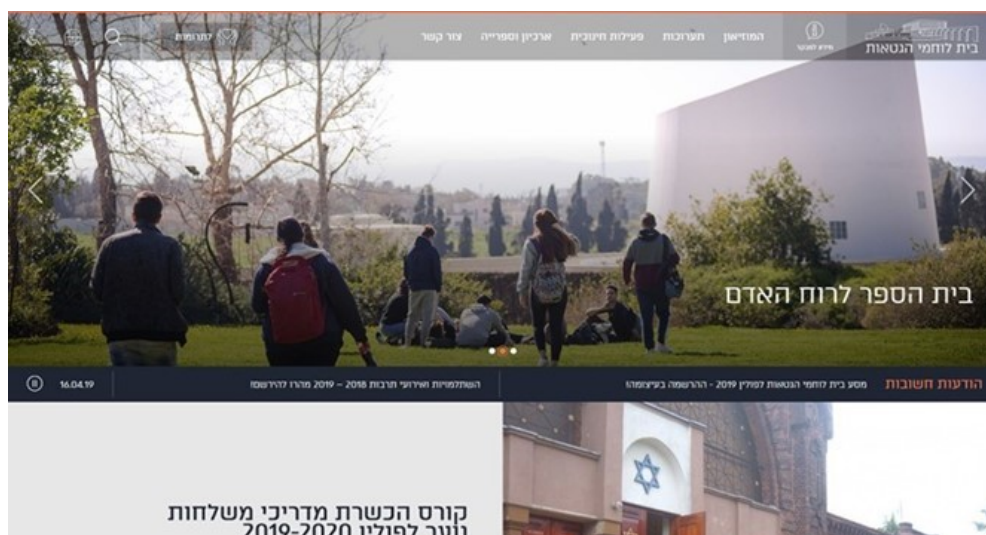
O **menu Educação** acessa os submenus: Todos os produtos educacionais; Nossas atividades em todo o mundo; Rede de Jovens Anne Frank e Visitas à escola. A Casa de Anne Frank cria materiais de aula e organiza oficinas sobre Anne Frank, a Segunda Guerra Mundial, o Holocausto, antissemitismo, preconceito, entre outros. O material é voltado para jovens e profissionais. Esse material educacional inclui lições digitais, entre outros materiais educacionais, artigos e plano de aulas vídeos temáticos. O **menu Tópicos** o visitante acessa os seguintes submenus: Antissemitismo; Preconceito e estereótipos; Discriminação e igualdade de direitos e Pesquisa, com artigos e atividades sobre direitos humanos. Não apresenta *link* externos. No **menu Sobre Nós**, acessam-se os seguintes submenus: Blog; Quem nós somos; Notícias e imprensa; Apoie-nos; Contato. No **menu tradução do site**, o visitante acessa o *site* nas seguintes línguas: holandês, espanhol, inglês e alemão.

6.2.10 *Ghetto Fighters' House - Holocaust and Jewish Resistance Heritage Museum*

Fundado em 1949 em Israel, o ***Ghetto Fighters' House*** é o primeiro museu do Holocausto no mundo e o primeiro a ser fundado por sobreviventes do Holocausto. O museu conta a história do Holocausto durante a Segunda Guerra Mundial, enfatizando a bravura, o triunfo espiritual e a incrível capacidade dos sobreviventes do Holocausto e dos combatentes da revolta em reconstruírem suas vidas em um novo país - o Estado de Israel.

O museu destaca como missão a de incutir o conhecimento e compreensão dos eventos que ocorreram durante o Holocausto por meio do diálogo e aprendizagem conjunta. O centro se esforça para criar reuniões multiculturais nas quais discussões intensivas possam ocorrer em relação ao significado humano e universal do Holocausto, tanto dentro quanto fora da sociedade israelense.

Figura 23 - Casa dos Lutadores do Gueto - Holocausto e Museu do Patrimônio da Resistência Judaica



Fonte: <https://www.gfh.org.il/>

O *website* do museu (<https://www.gfh.org.il/>), é composto de menus principais em uma barra horizontal, sendo: museu, exposições, atividades educativas, arquivo e biblioteca e contato. No **Menu Museu**, o visitante acessa os seguintes sub menus: Sobre o museu; Centro de Educação Humanista; Departamentos; Visão e missão; Fundadores; Amigos do GFH; Conselho Administrativo e Parceiros e doadores. No **Menu Exposições**, acessa-se os sub menus: todas as exposições; exposições temporárias, exposições permanentes e *Yad Layeled* (foi criado com o objetivo de proporcionar às crianças de hoje uma primeira familiaridade com o mundo das crianças que viveram durante o Holocausto. As exposições são baseadas em

histórias autênticas e são construções tridimensionais que incorporaram documentários, artefatos autênticos e instalações de áudio e vídeo. É o primeiro e único museu deste tipo em Israel e no mundo, que introduz jovens visitantes a partir dos dez anos, por meio das experiências pessoais de crianças que viveram na Europa durante esse período).

O **Menu Atividade Educativa** tem submenus para: Programas Educacionais para Ensino Infantil – 5ª a 8ª; Ensino médio; *Yad Layele* (memorial das crianças), Programas para Aposentados; Educação continuada; Preparação para conhecer Guetos da Polônia; Bolsas de Estudos; Seminários e cursos de polônês. Esse Menu ressalta a compreensão da importância dos valores humanistas e democráticos e fornece ferramentas para o julgamento moral e a responsabilidade cívica. A indiferença ao sofrimento do outro ou à violação dos direitos humanos põe em perigo a existência de qualquer sociedade. O **Menu Arquivo e biblioteca** dá acesso aos submenus arquivo (informações sobre o arquivo, e consulta a coleção disponível a partir de um *link* para o catálogo) e sub menu biblioteca (acervo composto por 60.000 obras diversas, catálogo para pesquisa acessível *on-line*). O **Menu Contato** informa endereço, horários, redes sociais (*Facebook, Instagram, Youtube e TripAdvisor*) e mapas e acesso para o museu. Na parte superior do menu, do lado direito, encontram-se *links* para doações, pesquisa e acessibilidade (ao clicar, o usuário com necessidades especiais poderá alterar Contraste da cor; Mudança de tamanho da fonte, Mais Zoom, Outros ajustes, como Destacar *links*, Pausar todos os movimentos e Cancelar acessibilidade).

6.2.11 *Montreal Holocaust Museum*

O *Montreal Holocaust Museum*, que foi fundado em 1979 no Canadá, tem como missão informar e educar pessoas de todas as idades e origens sobre o Holocausto, antissemitismo, racismo, ódio e indiferença. Por meio de sua exposição permanente, programas comemorativos e iniciativas educacionais, o museu promove a responsabilidade coletiva de respeitar a diversidade e a santidade de toda vida humana.

O *website* do Holocausto de Montreal (<https://museeholocauste.ca/en/>), é composto de menus na horizontal, na parte superior da página, sendo os principais menus: **Exposição, Coleções, Educação, Visite o Museu**. Na parte superior à esquerda, após os menus principais, o visitante acessa as línguas do site (Inglês e Francês) e *link* para as redes sociais (*Facebook, Twitter, Instagram, Youtube e o LinkedIn*). A página é composta de *slides* em que aparecem fotografias e *links* atualizados para exposições, palestras, vídeos e notícias do museu. Ao rolar a

página sempre vão aparecer os menus: Novidades e Eventos, boletins informativos e Doar. Na parte inferior da página o visitante encontra *links* novamente para as redes sociais, endereço e horário de funcionamento.

No **menu Exposição**, ao clicar o visitante acessa as exposições permanentes (que é a história do holocausto contada pelos sobreviventes intitulada “Aprenda, sinta, lembre-se, aja” com tópicos: a vida antes, a vida durante o nazismo e o holocausto e restaurando a vida após o holocausto), exposições itinerantes (exposição desde outubro de 2018, intitulada “Juntos contra o genocídio: entender, questionar, prevenir”) e as exposições virtuais com o título Juntos contra o genocídio: entender, questionar, prevenir levam o visitante acessar vários *link* com vídeos, documentos, fotografias e discussão sobre: o que é um genocídio, o genocídio hoje e contra o genocídio. Na outra exposição virtual intitulada: Histórias de vida sobre o Holocausto, o visitante acessa depoimentos em vídeos de vários sobreviventes.

Figura 24 - Website do museu Holocausto de Montreal



Fonte: <https://museeholocauste.ca/en/>

No menu **coleções**, o visitante acessa os submenus: história de sobreviventes (as histórias fazem parte de um projeto para digitalizar e preservar testemunhos de sobreviventes do Holocausto em todo o Canadá), objetos (o visitante tem acesso ao objeto e ao clicar é direcionado para outra página com a história, vídeos e depoimentos sobre o acervo) e doe um objeto (para enriquecer sua coleção, o museu aceita doações de objetos relacionados à vida antes e durante o Holocausto). O visitante poderá realizar outras pesquisas das coleções,

clicando em *links* na parte inferior da página, sendo: Pesquisar nas coleções, Herança judaica canadense, Arquivos de História Visual e Artefatos do Canadá.

O **menu educação** direciona o visitante, ao clicar, para os submenus: Educação primária, Educação secundária, Recursos e treinamento, A História do Holocausto e Reserve uma Atividade Pedagógica. O submenu Educação primária oferece atividades pedagógica, com planos de aula, vídeos, entre outros recursos. No submenu Ensino secundário para o ensino médio oferecem atividades educativas com projetos, vídeos, exposições, entre outros recursos. No submenu Recursos e Treinamento, acessa-se *links* para: Descubra nossos programas educacionais, Dicas para ensinar história do Holocausto na escola primária e para o Ensino Médio, Por que e como usar testemunhos de sobreviventes para ensinar o Holocausto? Há acesso a artigos como: O Holocausto na Tunísia, Os dez estágios de um genocídio, recursos ligados a um exposição: Por que e como comemorar o Holocausto?, O genocídio da Namíbia, Inimigos estrangeiros no Canadá. No submenu História do Holocausto, acessa-se artigos, fotos, glossário, vídeos e linhas do tempo. No submenu Reserve Atividades Pedagógica, o visitante pode comprar *on-line* as atividades educacionais do museu, preenchendo um formulário.

Ao clicar no menu **visite o museu**, o visitante acessa os submenus: Informação Geral, Baixe o aplicativo, Visita guiada e testemunho e Reserve um passeio em grupos. No submenu Informação geral, acessa informações práticas (endereço, mapa, e-mail, entre outros). No submenu Baixe o aplicativo, o visitante baixa os aplicativos para telefone iPhone ou *Android* e aplicativo no *iPad* ou Dispositivo *Android*. O visitante pode acessar 3 (três) *tours* temáticos que permitirão descobrir objetos notáveis e documentos históricos por meio de comentários em áudio, textos e imagens de alta resolução. No submenu Visita guiada e testemunho, acessa-se informações para visita de grupos escolares ou individual. No contexto escolar, essa visita guiada integra-se facilmente nos cursos de História e Educação em Cidadania ou em cursos de Ética e Cultura Religiosa. O visitante acessa os *links*: visita guiada, testemunho de sobrevivente e oficinas educativas para grupos escolares. No submenu Marque uma Visita em grupo, tem acesso às regras e ao formulário para solicitação. A visita é guiada em inglês ou em francês.

Na parte inferior do *website* do museu, o visitante pode clicar nos seguintes *links*: “Herança judaica canadense”. A partir daí o visitante pode acessar os arquivos digitais dos Arquivos Judaicos Canadenses Alex Dworkin (anteriormente Arquivos CJCCC), a Biblioteca Pública Judaica de Montreal, o Museu do Holocausto de Montreal, o Arquivo Judaico de Ottawa, o *Shaar Hashomayim* Museu e Arquivos, Museu Histórico Judaico de São João, e os arquivos da Sinagoga Hispano Espanhola em Montreal. Ao clicar no “**Arquivo de**

história visual”, pode acessar a Fundação USC Shoah, a qual permite que os usuários pesquisem e visualizem mais de 54.000 depoimentos em vídeo de sobreviventes e testemunhas de genocídio.

6.2.12 *Holocaust Education Center*

O museu memorial *Holocaust Education Center (HEC)* foi fundado em 1995 na cidade de Hiroshima, no Japão, com a missão de ajudar crianças e jovens japoneses a aprender o que podem fazer para eliminar a discriminação e o preconceito e alcançar a paz. O museu adota o lema: “vamos fazer as pazes com uma mãozinha”. Por meio do *Small Hands*, um grupo de voluntários, do ensino fundamental ao ensino médio, aprende a verdade do Holocausto e comunica a paz.

Ao acessar o *website* do museu (<http://www.hecjpn.org/>), no canto superior direito o visitante poderá escolher a língua para acessar o conteúdo: Japonês ou Inglês. O site do museu é composto de menus principais na parte superior: **Início, Memorial, Holocausto, Links e Acesso**. Ao lado, *Link* para idiomas (Japonês e Inglês). Na parte inferior o visitante acessa informações sobre endereço, doações, telefone e e-mail. *Links* dos menus principais separadamente: mensagem do Holocausto, *Facebook*. Para Memorial, Espaços do Memorial, História do Memorial, Símbolo, Memorial da palavra de ordem, Anne Rose, diretores, mensagem. Informações sobre transporte e mapa da região. *Links* para: Fazer a ligação, Educação para a Paz Associação, Mãos Pequenas (equipe educacional do ensino infantil ao ensino médio), Biblioteca e idioma do site.

No **menu Início**, acessa os submenus: mensagem: o que é o Holocausto e para a rede social (*Facebook*). A mensagem inicial é que o memorial é motivado pelas palavras de Anne Frank: “Todos devem tentar mudar a si mesmos”. Ressaltando-se que o Holocausto não foi causado apenas por Hitler, uma vez que foi apoiado pela existência de pessoas comuns com discriminação judaica, indiferença e atitudes de espectadores. “Holocausto” significa “sacrifício queimado no fogo”, em grego (*Holos* = todos, *Coastus* = queimando). No final do século XVII, passou a significar “genocídio e assassinato” (HEC, 2019).

No **Menu Memorial**, acessa-se os seguintes submenus: Sobre o Memorial, Bem Vindo ao Memorial (nesse submenu, o visitante é levado a conhecer as dependências do museu, por meio de um vídeo e fotografias dos locais com informações); História do Memorial (mediante um calendário anual, o museu explica os principais acontecimentos,

desde a fundação em 1995 até 2016), Missão, a Anne Rose (informações sobre o espaço do jardim com a rosa Anne produzida em 1955 em dedicação a Anne Frank), Equipe (informações sobre os diretores do museu).

Figura 25 – Holocaust Education Center



Fonte: <http://www.hecjp.org/>,

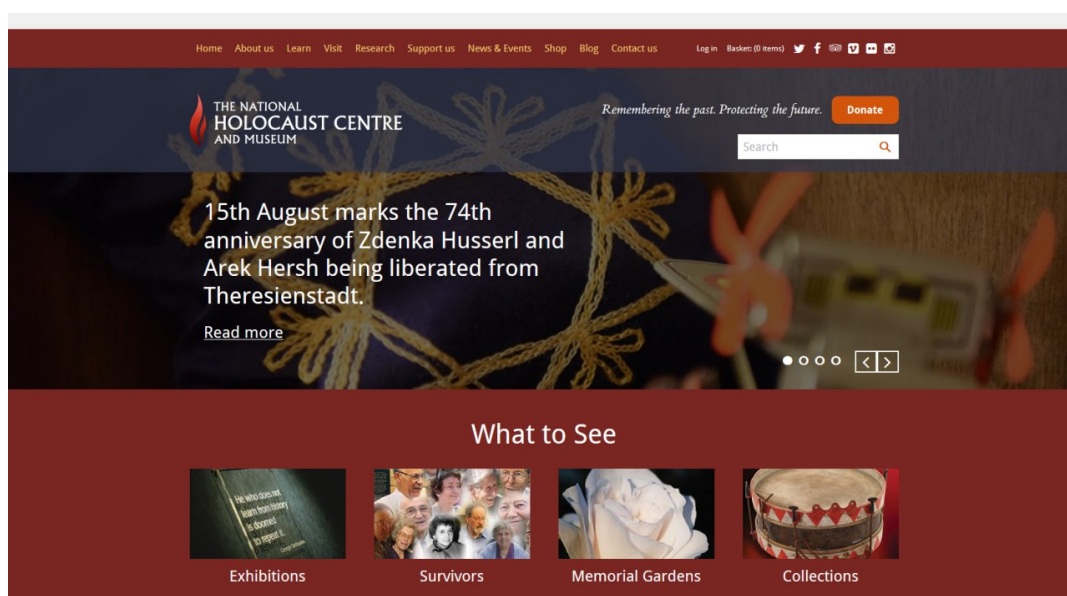
No **menu Holocausto**, o visitante acessa os submenus: História do Holocausto e mensagem (acervo fotográfico com informações sobre Holocausto). No **menu Acesso**, encontra os seguintes submenus: Informações e Transporte (endereço, e-mail e como chegar ao museu, mapa etc.). No **menu Links**, o visitante acessa informações sobre projetos, jornal digital e *links* para outros museus no Japão e no mundo, artigos e acervos sobre o Holocausto.

6.2.13 National Holocaust Centre and Museum (NHCM)

O *National Holocaust Centre and Museu (NHCM)* foi fundado em 1995 na cidade de Nottingham, no Reino Unido, e tem como missão proporcionar um memorial permanente às vítimas do Holocausto; oferecer uma compreensão das causas e eventos do Holocausto por meio de uma variedade de exposições apropriadas à idade e testemunhos de sobreviventes e apresentar programas de aprendizado, baseados no Holocausto, que incentivem a responsabilidade pessoal e a promoção da justiça, mas também desafiem os alunos a tomarem medidas positivas. “Relembrando o passado, protegendo o futuro” (NHCM, 2019).

Ao acessar o *website* do museu (<https://www.holocaust.org.uk/>), na parte superior da página estão os menus principais: **Home, Sobre nós, Aprender, Visita, Pesquisa, Apoie-nos, Notícias & Eventos, Fazer compras e Blog**. No menu **Home**, o visitante acessará as informações por meio de um *slide* de quatro grupos de informações atualizadas. Na parte inferior ao *slide*, o visitante poderá acessar por meio de fotografias com *link* o que ver: exposição, sobrevivente, memorial *gardens* e coleções. Abaixo, acessa “Próximos Passos”: Aprender, Visita, Formação Profissional e Comunitária, Pesquisa e Apoie-nos. No menu **Sobre nós**, o visitante acessa os submenus: O que nós fazemos, Nossa história, Nossa visão, O time, Relatório anual, Política de proteção de dados e privacidade.

Figura 26 – National Holocaust Centre and Museum



Fonte: <https://www.holocaust.org.uk/>

No menu **Aprender** acessa-se os seguintes submenus: Primário (submenus para: Programa de aprendizado de viagem, Seja inspirado a escrever!, Nossa jornada solitária), Secundário (submenus para: Arte, Inglês, História, Educação religiosa, Oficinas do sexto formulário, Formulários para Oficinas (Oficinas Fotográficas e A história por trás do objeto; Objetos em foco e Vida judaica antes da Segunda Guerra Mundial); Programas de Extensão Escolar (acesso ao *link* informativos dos programas educativos), Universidades e PGCE (aulas de criminologia e sobre o Holocausto - desenvolvido para estudantes de graduação e pós-graduação), “Não para odiar”, Conferências (informações sobre data, horário etc.), Quebrando o Ciclo (atendendo adolescentes de 9 a 17 anos e que visa abordar comportamentos prejudiciais, encaminhamento de tribunais, Polícia, Escolas, Oficiais de

Habitação e Autoridades Locais (Gerente ASB, Oficial de Proteção Comunitária etc. Acesso ao *link* dos programas, *slides*, formulários e cronograma com as datas disponíveis), Treinamento profissional (acessa os submenus: Autoridade local, Treinamento do Governador da Escola, Treinamento de professor), e Comunidade e Grupos Adultos (informações gerais sobre os *workshops*).

No **menu Visita**, acessa-se os seguintes submenus: informações para visitantes, Horário de funcionamento e taxas de admissão, Livro para ouvir um orador (formulário *on-line* para reservas), Como nos encontrar (mapa, endereço e informações diversas), Instalações e acessibilidade; e O Que Ver (acessa-se submenus para Exposições, Sobreviventes, Jardins memoráveis, Coleções e *Forever Project*).

No **menu Pesquisa**, acessam-se os submenus: Realização de pesquisas, Conselho Consultivo Acadêmico, Conferências e Publicações, Biblioteca, Centro de *downloads* e Perguntas frequentes. No Menu **Apoie-nos**, o visitante acessa submenus para as várias formas de doações e trabalhos voluntários, sendo: Doe para o Centro, Torne-se um membro, Doação herdada, *Forever Project*, Árvore da esperança, Dedique uma rosa, Como somos financiados e Oportunidades voluntárias.

No **menu Notícias & Eventos**, o visitante acessa página com *link* para descrição e fotografias para Boletim de Notícias, Filmes, Notícia e Eventos. No **menu Fazer compras**, ao clicar o visitante é direcionado para os catálogos dos livros e pode comprar com *link* para carrinho e finalizar compras. No **menu Blog**, o visitante tem acesso às publicações do *blog*, podendo escolher por meio de *links*. Na parte superior à direita, ao lado dos menus principais, o visitante encontra os *links* para as redes sociais (*Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *TripAdvisor*, *Vimeo*, *Flicker*). Na parte inferior da página, tem acesso ao endereço, horário de funcionamento, novamente *link* para os menus principais, mapa do *site*, vagas de emprego entre outros.

6.2.14 Holocaust Museum & Center for Tolerance and Education

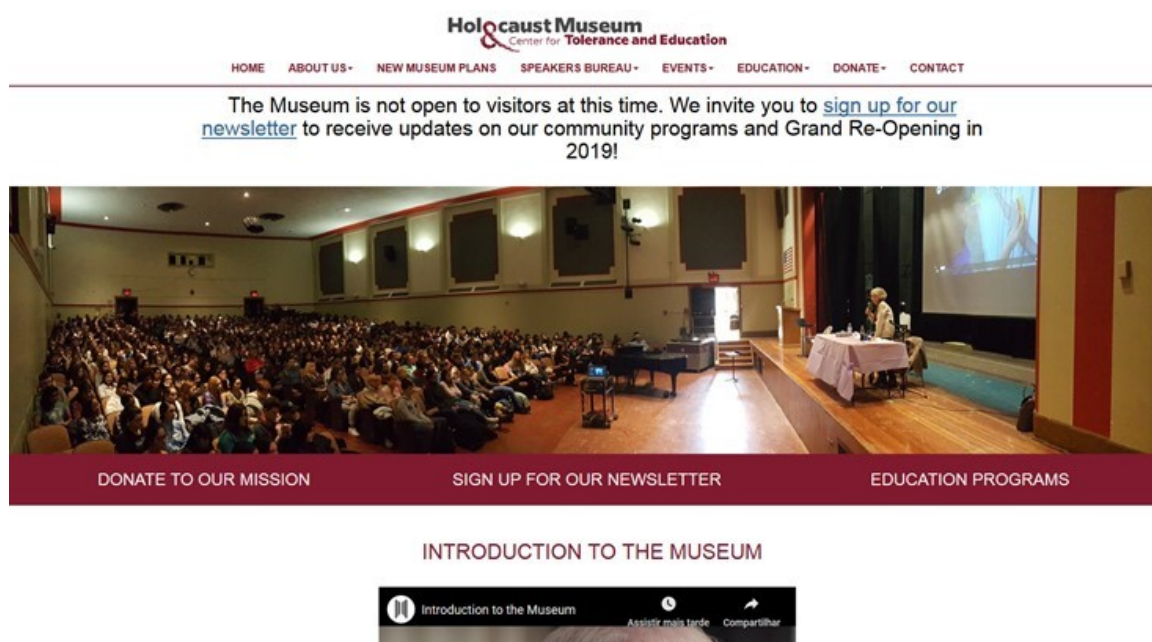
O Holocaust Museum & Center for Tolerance and Education (HMCTE), fundado em 1981, em Nova York, tem como missão educar a comunidade sobre as lições e legados do Holocausto, genocídio e direitos humanos. Esforçando para fazer um trabalho com autenticidade, dignidade e compaixão, para que as pessoas se comprometam a criar uma sociedade de respeito e compreensão - desprovidos de ódio do passado. Além da educação, o

museu serve como um espaço memorial da comunidade, comprometido em prestar homenagem a todas as vítimas da perseguição nazista, bem como aos sobreviventes e libertadores locais.

A visão do museu é de inspirar nossos alunos e visitantes a alcançar a excelência acadêmica e pessoal, ajudando-os a entender melhor nosso mundo em constante mudança, ensinando sobre o Holocausto e outros genocídios do século XX, fazendo conexões relevantes entre nossas histórias violentas globais e o mundo hoje (HMCTE, 2019).

O *website* do museu (<https://holocauststudies.org/>), tem em sua página principal, na parte superior, os menus: **Home, Sobre nós, Novos plano do museu, Oradores, Eventos, Educação, Doar e Contato**. Na parte inferior encontra-se o endereço de localização, redes sociais (*Facebook e Instagram*) e e-mail.

Figura 27 – Holocaust Museum & Center for Tolerance and Education



Fonte: <https://holocauststudies.org/>

O **menu Home** traz informações sobre o fechamento temporário do museu em 2019 devido a reformas. No **menu Sobre nós**, acessa-se os submenus: quem nós somos; a missão e a visão do museu. No **menu Novos Planos do Museu**, o visitante acessa as informações sobre a nova instalação multifuncional no campus. No *site*, ressaltam que o museu aliou-se a outras organizações para compartilhar a mensagem de maneira mais ampla na comunidade. A

configuração do Campus da faculdade permite alcançar estudantes de muitas origens, que podem se tornar embaixadores naturais da tolerância e respeito.

No Menu **Oradores**, o visitante acessa os submenus: Nossos Oradores e Formulário de solicitação de um orador. No submenu Nossos Oradores, ao clicar no nome do orador, encontra-se um pouco de sua biografia. No submenu Formulário de solicitação de orador, acessa-se o formulário *on-line* para solicitação e informações sobre transporte e valores. No **menu Eventos**, o visitante tem acesso aos próximos eventos e ao submenu: Café Europa. No **menu Educação**, o visitante tem acesso diretamente aos submenus: Desenvolvimento profissional, Programa de estágios, *Brit of Remembrance*, Competição anual de artes, Competição anual de artes visuais e literárias de Siegelbaum, e o submenu: Recursos educacionais (PDFs), com *links* para Diretrizes para o ensino do Holocausto, Equívocos, Termos e Datas, Diretrizes para a visita de sobreviventes, Oficinas de coragem moral e reflexões. No submenu Formulários, há acesso para os formulários para visita e solicitação de oradores.

No **menu Doar**, acessa-se os submenus para doações: Doe agora, Torne-se um membro, Apoie nossa campanha, Presente em Homenagem e Projeto Vida e Legado. No **menu Contato**, acessa-se dados da localização do museu e mapa de localização. O objetivo principal do museu é que todos os visitantes entendam e apreciem a importância da tolerância, direitos humanos, justiça social e coragem moral. Além de inspirar os visitantes a considerar sua responsabilidade pessoal e única de criar um amanhã mais pacífico (HMCTE, 2019).

6.2.15 *El Paso Holocaust Museum and Study Center*

El Paso Holocaust Museum And Study Center foi criado em 1994 no Texas/EUA, sendo que em 2001 um incêndio destruiu suas instalações, mas foi reconstruído e reinaugurado em 2008. A missão do museu é ensinar a história do Holocausto, a fim de combater preconceitos e intolerâncias por meio da educação, da comunidade e de atividades culturais. O Museu está organizado em inglês e espanhol, tem entrada gratuita, e foi projetado pelo artista Victor Mireles, de El Paso.

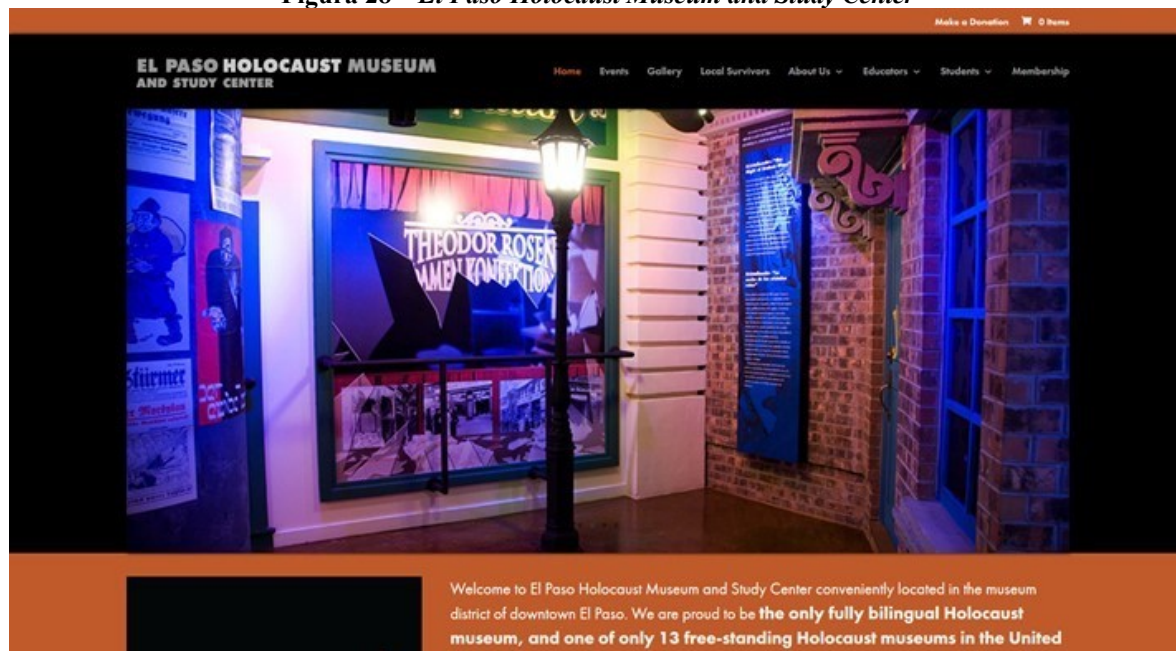
Ao acessar *website* do museu (<https://elpasoholocaustmuseum.org/>), o visitante acessa na parte superior da página os menus principais: **Home, Eventos, Galeria, Sobreviventes locais, Sobre Nós, Educadores e Alunos**. Na parte superior da página à direita o visitante acessa o *link* para assinatura. No corpo da página, encontram-se *links* para eventos em

destaque; vídeos de sobrevivente, horário de funcionamento do museu, endereço de localização e o mapa para acesso ao local e estacionamentos.

Na parte inferior encontram-se mais menus de acesso rápido: agendar uma excursão em grupo (informações e formulário para preencher), reservar um programa curricular (informações e formulários), solicitar um palestrante (informações e formulário) e *links* úteis, finalizando com informações sobre endereço com *link* para *Google Maps*, telefone, horário de funcionamento e entrada. Ao final da página, no canto direito, encontra-se o *link* para o *Facebook*.

Ao acessar o **menu Home**, o visitante tem acesso à missão do museu e aos eventos em destaque, bem como um vídeo de testemunho de sobrevivente com *link* para vários arquivos de vídeos de sobreviventes. No **menu Eventos**, ao clicar o visitante é direcionado para uma página com informações sobre os eventos atuais, valores, colaboradores etc. No **menu Galeria**, o visitante acessa fotos das galerias do museu, podendo ampliar as fotografias. No **menu sobreviventes locais**, o visitante, ao clicar sobre o menu, acessa a página com a foto e biografia dos sobreviventes locais.

Figura 28 – El Paso Holocaust Museum and Study Center



Fonte: <https://elpasoholocaustmuseum.org>.

No **menu Sobre Nós**, o visitante acessa os seguintes submenus: sobre nós (informações gerais sobre missão do museu), Localização e Horário e Encerramentos (reporta ao mapa de localização com endereço e formas de acesso, e horários de funcionamento),

História do Museu (conta a história do museu e apresenta algumas fotografias), Sobre o Fundador - Henry Kellen, (biografia do fundador do museu), Funcionários do Museu (nome, telefone e e-mail dos diretores e coordenadores) e Conselho Administrativo (acesso ao nome dos diversos conselheiros do museu).

No **menu Educadores**, o visitante acessa os seguintes submenus: Agendar uma excursão em grupo (informações gerais e formulário *on-line* para solicitação), reservar um tronco curricular (é uma compilação de ferramentas multimídia, incluindo vídeos, fotografias, conjuntos de livros em sala de aula, planos de aulas e atividades dos alunos. Cada tronco curricular é projetado para ser sensível à idade e alinhado aos padrões estaduais, e dá acesso ao formulário de solicitação *on-line*), solicitar um Palestrante (informações em como solicitar e formulário *on-line* de solicitação), Apresentação em *PowerPoint* (baixar uma apresentação sobre Holocausto de 24 páginas).

No **menu Links úteis** (*links* para vários museus e para comissão do Holocausto e Genocídio do Texas). No **menu Alunos**, o visitante tem acesso ao submenu Bolsas Acadêmicas para estudantes (critérios e formulários online de solicitação).

6.2.16 *State Museum at Majdanek Concentration Camp*

O *State Museum at Majdanek Concentration Camp (SMMCC)* foi criado em 1944 na cidade de Lublin, na Polônia, sendo o primeiro museu do Holocausto dedicado às vítimas da Segunda Guerra Mundial na Europa. O local do museu é um antigo campo de concentração alemão. É uma instituição que se reporta diretamente ao Ministério da Cultura e Patrimônio Nacional e realiza atividades expositivas, educacionais e científicas. O Museu de Majdanek é responsável pelas das áreas dos antigos campos de extermínio de Belzec (desde 2004) e Sobibór (desde 2012). Sua missão é cultivar a memória e desenvolver uma educação histórica sobre a ocupação alemã da região de Lublin durante a Segunda Guerra Mundial, em particular uma homenagem as vítimas, protegendo instalações e documentando a história do campo de concentração em Majdanek e dos campos da morte em Belzec e Sobibór.

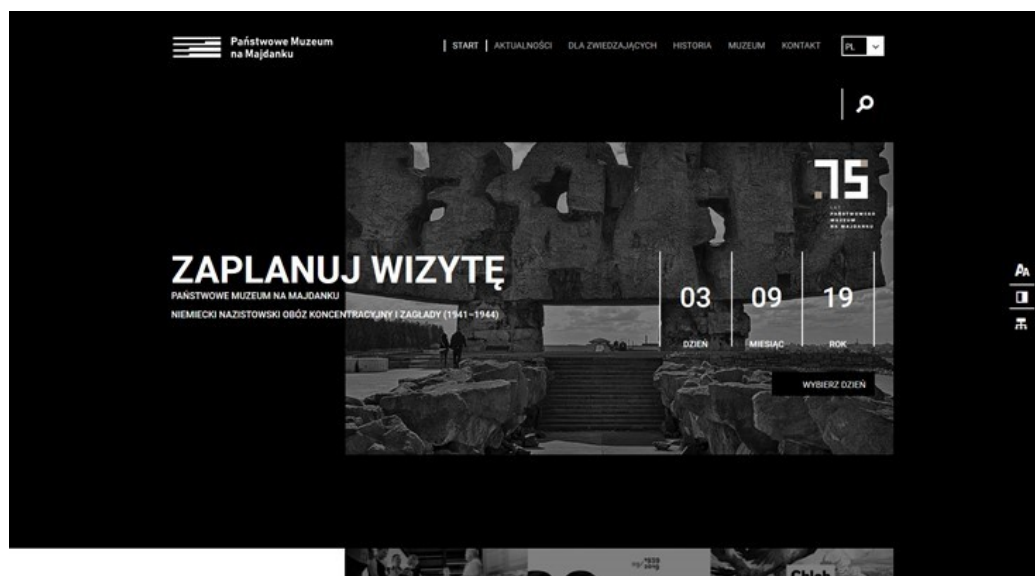
Ao acessar *website* do museu (<http://www.majdanek.eu/en>), o menu Principal tem os seguintes submenus, na parte superior da página: **Home; Notícias; Para visitantes; História; Museus e Contato**. Na parte inferior da página, o visitante encontra informações e *links* para livreria, Redes sociais: *Facebook, Youtube e Twitter*; mapa do site e *links*/menus fixos nas

páginas de acessibilidade para pessoas com deficiência visual. *Links* para acessar os campos Sobibor e Belzec, regulamentos e política de privacidade.

No **menu Home**, o visitante acessa uma agenda para programar a visita física ao campo, com as datas disponíveis e uma linha do tempo sobre a construção do local, com *links* para os campos de concentração de Sobibor e Belzec. No **menu Notícias**, o visitante acessa a página com as principais notícias atualizadas.

No **menu Para Visitantes**, o usuário acessa variadas informações nos submenus: Horário de Funcionamento, Mapa do Museu, Serviços de Guia, Disponibilidade de acesso (informa estacionamentos, banheiros, e barreiras arquitetônicas), Como Chegar, O Que Ver, Regulamentos entre outros.

Figura 29 – State Museum at Majdanek Concentration Camp



Fonte: <http://www.majdanek.eu/en>

No **menu História**, o visitante tem acesso aos submenus: História do acampamento (fotografias e informações sobre a história do campo); Calendário (apresenta linha do tempo de 1941 a 1944), Prisioneiros (arquivo do Museu do Estado de *Majdanek* fornece, com base em materiais de arquivo, informações sobre a estadia no campo, formulário *on-line* para busca de prisioneiros), Mapa de Lublin (mapa legendado com para consulta), Mapa da região de Lublin (mapa da região legendado com todos dos campos de concentração etc.) e Blog (com as principais publicações).

No **menu Museu** o visitante acessa os submenus: Sobre o Museu (acessa informações sobre a missão e história); Estrutura do Museu (acessa informações sobre nomes,

departamentos e e-mails); Exposições (informações sobre exposições atuais e temporários, exposições permanentes e passadas); Acervo (acessa o acervo das exposições, arquivo e catálogo da Biblioteca, regulamento para empréstimos); Educação (acesso a programas educacionais - pedagógica da memória, artigos, oficinas, download, oferta de cursos, horários aulas entre outros); 75 anos do museu estadual em *Majdanek* (informa sobre a exposição das exposições do museu), Relatórios anuais (acesso aos relatórios anuais de 2013 a 2018, relatório de visitantes); e Para a mídia (acesso a telefones, e-mails). No **menu Contato**, acessa-se os departamentos com e-mail e formulário *on-line* para informações. O *website* poderá ser visualizado em duas línguas: Polonês e Inglês.

6.2.17 Mauthausen Concentration Camp Memorial

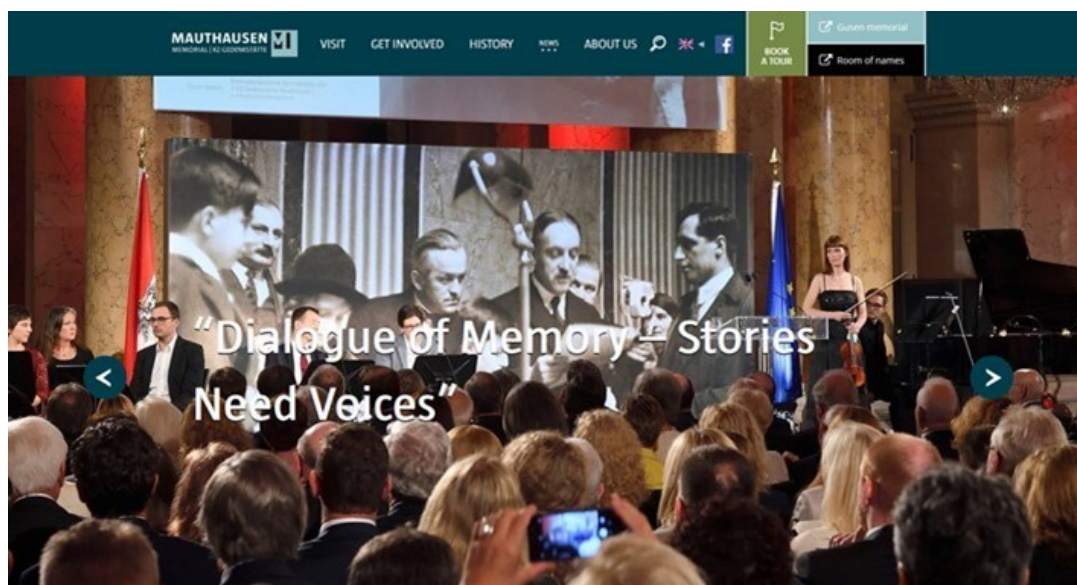
O *Mauthausen Concentration Camp Memorial* está localizado na Áustria. Sua construção iniciou-se na Primavera de 1949, no antigo campo de concentração de Mauthausen. O *website* do museu (<https://www.mauthausen-memorial.org/>), disponibiliza que o visitante acesse-o na língua alemã ou inglesa, inicialmente, podendo também ser acessado por várias outras línguas, incluindo o espanhol e o hebraico. Ao acessar a língua inglesa, a página contém na parte superior em horizontal os seguintes menus principais centralizados: **Visita, Envolva-se, História, Notícias, Sobre Nós**. Após os menus principais, encontram-se na mesma linha: motor de busca, idiomas, *Facebook*, reserve seu *tour*, *link* para Memorial *Gusen* e para a Sala dos Nomes.

Cada menu principal disponibiliza submenus na vertical, assim, ao clicar no **menu visita**, o visitante é direcionado para os submenus: Informações ao visitante, excursão virtual, o memorial de *Mauthausen*, memoriais nos locais de antigos subcampo e exposições e sala de nomes.

Nos submenus informações aos visitantes, tem-se acesso aos horários de funcionamento e preços, como chegar até o museu, serviços educacionais, fazer compras, bistrô (restaurante), regulamentos para visitas e informações de contato. Nesse menu, os visitantes encontram informações sobre as visitas físicas ao museu, e os serviços chamados educacionais, cujas tabelas com preços estão disponíveis no site, com informações sobre os preços reduzidos que se aplicam a pessoas com até 18 anos, pessoas em educação até 27 anos, pessoas com mais de 65 anos ou com cartão de pensionistas e desempregados. Visitas em grupo: 2 pessoas podem

visitar gratuitamente, e há gratuidade para os ex-prisioneiros de campo de concentração de Mauthausen e suas famílias.

Figura 30 - Website do Museun Mauthausen



Fonte: <https://www.mauthausen-memorial.org/>

No submenu *Tour Virtual* o visitante tem acesso ao mapa do museu, conforme mostrado a seguir.

Figura 31 - Tour Virtual ao Mauthausen Concentration Camp Memorial



Fonte: <https://www.mauthausen-memorial.org/>

Nesse submenu do tour virtual, o usuário é guiado por uma legenda de cores que representam as seguintes informações: ● = Informação Histórica, ● = Guia de áudio, ● = Memoriais e Áreas Comemorativas e ● = Infraestrutura. O interessante é que algumas informações históricas também podem ser acessíveis em áudio. Ao clicar em cada uma das legendas no mapa, o visitante tem acesso à foto do local e informações sobre essas fotos.

Sobre as visitas guiadas, que podem ser reservadas via e-mail, disponibilizam o formulário para preenchimento, telefones com horários de atendimento. Se o visitante tem preferência por algum prato culinário do bistrô *Mauthausen*, deve encomendar com antecedência via e-mail disponibilizado no *site*.

Ao clicar o **menu envolver-se**, o visitante é direcionado para os submenus: Educação (Missão Educativa, Desenvolvimento e projetos); Serviços educacionais; Preparação e Acompanhamento (Tópicos, Objetivos e métodos, Materiais para escolas, Literatura e mídia); Eventos; Cerimônias de Libertação em *Mauthausen*; Trabalhe Conosco (Educadores e *Zivildienster* - serviço civil alternativo). No submenu trabalhe conosco, tem o *Zivildienster*, que é um serviço militar alternativo desde 1984, e desde então, oferece aos cidadãos austríacos em idade de serviço militar a opção de exercer o seu serviço civil nessa instituição da República da Áustria e, ao longo dos anos, várias centenas de jovens aproveitaram essa oportunidade. As atividades podem ser realizadas no Memorial de *Mauthausen* ou no Arquivo do Memorial de *Mauthausen*, em Viena. No *site* é possível aos interessados acessar endereços, *e-mails* e *link* para esses serviços.

No **menu história** é possível acessar os sub menus: O Campo de Concentração de *Mauthausen* 1938-1945 (Grupos de prisioneiros, O sistema de funcionários do prisioneiro, Acampamento SS e Guardas, O *Gusen Branch Camp*, Trabalho forçado nas pedreiras, Assassinando o doente, Assassinato em Massa Racionalizado, Trabalho, Prisioneiros Femininos, A fase final, “*Mühlviertel Hare Hunt*”, Libertação, Processos judiciais); Os subcampos; Testemunhos e Testemunhos; História do Memorial (História do *Memorial Mauthausen*, História do Memorial *Gusen* e Memoriais nos locais de antigos subcampos); Coleções e biblioteca especializada (Procurando por pessoas, Banco de dados central e Contato) e Centro de Pesquisa (Publicações, Prêmio de Investigação Memorial de *Mauthausen* e contato).

No **menu notícias**, acessa-se o submenu: notícias (arquivos de notícias atualizadas em 2019), boletins de notícias (visitante cadastra para receber boletins por e-mail) e contato de imprensa (acesso ao formulário de autorização que é preenchido para realização de fotos, vídeos

pela imprensa). Em seguida o visitante tem acesso aos menus de motor de **busca** (para pesquisas no site), a escolha do idioma para o *site* (nas línguas: Český, Deutsch, Español, Français, Italiano, Magyar, Netherlands, Polski, русский язык e עברית) e um *link* para a rede social.

Finalizando, após os menus principais, no lado superior direito, encontram-se dois menus: o menu para o **Memorial Gusen** (informações sobre exposições do memorial que foi construído em um campo de concentração) e o menu **Sala dos nomes** (o visitante tem acesso as informações sobre o projeto, que é o “Livro Digital de Memórias”, um memorial digital para os mortos do campo de concentração de *Mauthausen* e seus campos externos). O projeto faz parte do projeto global “livro de recordação para o campo de concentração de mortos *Mauthausen* e seus campos exteriores”, que para além desse *website*, inclui publicação na edição impressa de maio de 2016. O visitante, ao acessar esses menus, é direcionado para os *links* respectivos.

6.2.18 Holocaust Memorial Resource and Education Center of Flórida

O Museu *Holocaust Memorial Resource and Education Center* foi fundado em 1982, na Flórida/EUA, por sobreviventes que estavam ativamente envolvidos em um projeto de combate ao preconceito e a favor dos direitos humanos em toda a comunidade. O museu tem como missão usar a história e as lições do Holocausto para construir uma comunidade justa e solidária, livre de antissemitismo e de todas as formas de preconceito e fanatismo. Mediante extensa divulgação de programas e exposições educacionais e culturais, esse Museu usa as lições do Holocausto como uma ferramenta para ensinar os princípios da boa cidadania a milhares de pessoas de todas as idades, religiões, raças, orientações sexuais, habilidades e origens, a cada ano.

No site do museu (<http://www.holocaustedu.org/>), em sua primeira página, consta na parte superior *links* à direita para redes sociais (*Facebook, Twitter, Yelp, Youtube* e *link* para *Guidestar*), e centralizado os menus principais: **Conhecer, Aprender, Experiência, Investir e Novo Museu**; e um link para doação. A página principal tem em um *slide* com fotos que possuem *links* e são intituladas: Educação (variedades de materiais), Experiências (Mais que um museu) e Programas e eventos (lições sobre o Holocausto). E ao rolar a página o visitante encontra informações sobre programa para alunos, *link* para doações e informações sobre exposições entre outras. Na parte inferior da página principal constam informações dos

horários, endereço, e-mail e *links* para as redes sociais (*Facebook*, *Twitter*, *Yelp*, *Youtube* e *link* para *Guidestar* (um guia virtual de todos os detalhes do museu).

Figura 32 - Holocaust Memorial Resource and Education Center



Fonte: <http://www.holocaustedu.org/>

Ao acessar o **menu Conhecer** o visitante tem os seguintes submenus na vertical: Missão e História: (a missão e a história, o museu na comunidade, somos mais que um museu); Impactos (em construção); Pressione (informações atualizadas para manter o visitante informado do que está acontecendo no museu), Boletins informativos (rebate informações falsas sobre holocausto, informa os desinformados) e Conselho de Administração, Funcionários, contato.

No **menu Aprender** o visitante acessa os submenus: Enfrentando o *bullying* (com submenus: prevenção de *bullying* para estudantes, prevenção de *bullying* para educadores, Prevenção de *bullying* para pais); Viagem de Campo (informações sobre a viagem e *link* para agendamento); Ferramentas de Pesquisa (lista de recursos de fontes verificadas para oferecer informações confiáveis sobre o Holocausto, com *links* para história da Semana, história de sobreviventes, recursos educacionais e outros centros) e, por último, o submenu Educadores (acessa os submenus: Programas de Ensino que podem ser solicitados e que contêm currículos e recursos de foto, impressão e audiovisual apropriados para o uso do aluno. Desenvolvimento Profissional acessa informações para educadores sobre fóruns e programas educativos. Recursos Escolares acessa informações sobre recursos, com *link* para plano de aulas, programa de ensino, concursos entre outros).

No **menu Experiência**, acessa-se os submenus: Planeje sua Visita (oferece visitas e *link* para a solicitação de visitas autoguiadas para *iphone* ou *android*; endereço, e-mail, mapa, calendário de dias fechados, horário de funcionamento); Exposições (Informações e *link* sobre as exposições permanentes e para as exposições atuais); Programas e Eventos (informações sobre eventos que promovem a reflexão sobre os perigos do antissemitismo, racismo e discriminação e a importância da liberdade, direitos iguais e democracia. Informa período da exposição, horários etc.); e por último, o submenu Jantar de Homenagem (traz informações sobre o jantar beneficente, ingressos do jantar e sorteio de 1.0000 dólares).

No **menu Investir**, o visitante acessa os submenus: Doe agora (informações sobre quanto quer doar e formulários); Maneiras de investir (informa as maneiras que o visitante poderá doar, até mesmo indicando o museu em compra da Amazon, que parte será direcionada para o museu); Faça um presente planejado (informações sobre testamentos e outras formas de apoio ao museu); Voluntários (acessa informações sobre os tipos de voluntariado para o museu), finalizando com o submenu Conselho de liderança da *upstanders* (que novamente informa sobre um tipo de evento já cultural do museu com doações de 1.000 dólares por ano e participação dos doadores no jantar anual).

No **menu Novo Museu** o visitante tem acesso a um vídeo e informações sobre a construção e expansão do museu. Ao final dos menus principais, há um *link* na parte superior para doar. Ao clicar nele, o visitante é direcionado a uma nova página com uma tabela de doação – faça um compromisso com um futuro melhor - e escolhe a quantia a doar e informações sobre isenção de imposto de renda com as doações.

6.2.19 *Beit Haedut - The Testimony House*

O museu *Beit Haedut - The Testimony House*, fundado em 1990, fica localizado em Nir Galim, Israel. Nir Galim é uma vila pastoral localizada ao sul de Tel Aviv, fundada em 1949 por sobreviventes da Segunda Guerra. O museu tem como objetivo ampliar e aprofundar a atividade educacional relacionada à lembrança do Holocausto, dedicado a documentar, investigar e instruir as gerações futuras sobre a memória do Holocausto, o glorioso legado do sionismo religioso e a parte heroica de seus membros nas atividades subterrâneas de resgate e atividades educacionais.

O *website* do museu (<https://www.beit-haedut.org.il/he/>), é composto, na parte superior da página principal, de um *link* à esquerda para acessibilidade ao site de pessoas com

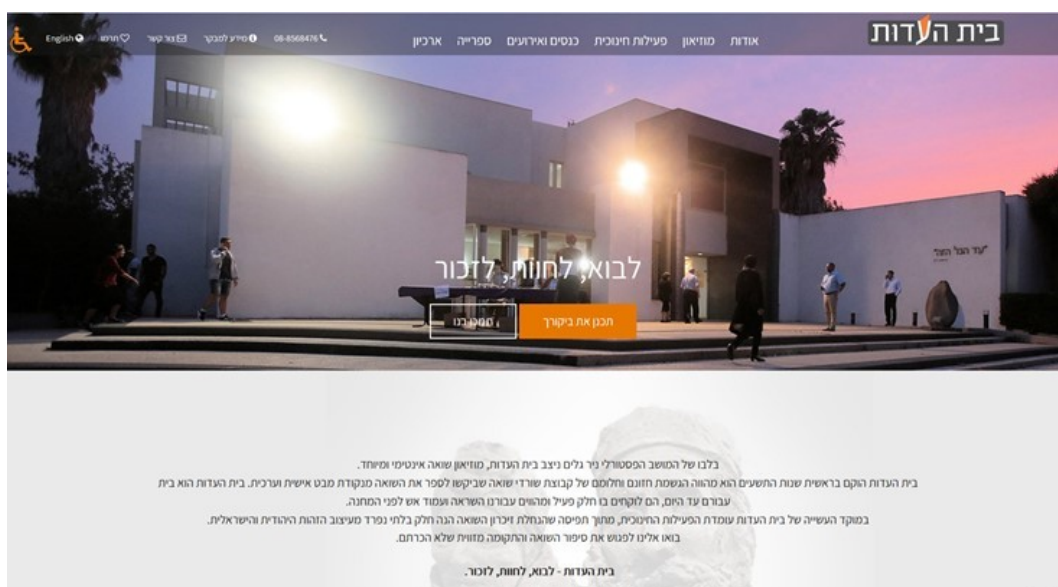
diversas deficiências, um *link* para doação, e-mail, informações e telefone do museu. Logo em seguida o visitante acessa os menus principais: **Conferências e Eventos; Atividade Educativa; O Museu; Sobre Nós; Arquivo e Biblioteca.**

Na página principal do *Beit Haedut - The Testimony House* é possível acessar informações diversas sobre visitas, contato via e-mail, telefone, e redes sociais (*Facebook, Instagram e Youtube*). No meio da página o visitante acessa *slide* com fotos e *links* para: Todos os artigos; Escolas primárias; Ensino Médio; Delegações da Polônia; Viagem do farol ao avivamento; Atividade de *Mitzvah*; Adultos e aposentados.

No **menu Conferências e Eventos** o visitante acessa informações sobre os novos eventos, notícias do museu, palestras entre outras. No menu **Atividade Educativa** acessa-se variadas informações que apresentam *links* em fotos com artigos para escolas primárias, ensino médio, delegações da Polônia, Viagem do Farol, atividades *Mitzvah* e para adultos e aposentados.

No **menu o Museu**, ao clicar o visitante é levado a conhecer vários artistas sobreviventes do Holocausto e suas obras, poesias e biografias. No Menu **Sobre nós**, acessa informações sobre o museu, a missão, história e como o museu está na mídia, com *link* para as várias notícias.

Figura 33 - Beit Haedut - The Testimony House



Fonte: <https://www.beit-haedut.org.il/he/>

No **menu Arquivo e Biblioteca** o visitante acessa informações, e no arquivo catálogo *on-line*, tem formulário para visitantes que queiram contar sua história ou de algum familiar

sobrevivente. Ao final dos acessos, o museu deixa uma mensagem para os sobreviventes do Holocausto que são idosos: a missão de preservação da memória é de suma importância para a educação das gerações futuras.

6.2.20 Kazerne Dossin: Memorial, Museum and Documentation Centre on Holocaust

Esse museu iniciou suas atividades em maio de 1995 como o Museu Judaico de Resistência e Deportação (JMDV). Em dezembro de 2012, foi inaugurado como museu Kaserne Dossin “Memorial, Museu e Centro de Documentação para o Holocausto e Direitos Humanos” na cidade de Malinas, na Bélgica. O museu é dedicado ao Holocausto Belga, e oferece uma associação única em educação: o Holocausto e os direitos humanos.

O *Kazerne Dossin: Memorial, Museum and Documentation Centre on Holocaust* tem como missão tomar como ponto de partida o relato histórico da perseguição de judeus e do Holocausto em relação ao caso belga, para analisar os fenômenos atuais de racismo e exclusão de grupos da população e a discriminação devido à origem, fé, crença, cor da pele, sexo, orientação sexual. O Museu Kazerne Dossin também busca analisar a violência de grupo na sociedade como um possível caminho para o genocídio. Basicamente um projeto social educacional em que a cidadania, os valores democráticos e a defesa das liberdades individuais ocupam um lugar central. “Esta questão toca o âmago dos direitos humanos modernos, com ênfase na liberdade e não discriminação” (MMCH, 2019).

O website do museu (<https://www.kazernedossin.eu/>), em sua página principal, apresenta na parte superior da página duas abas de menus principais na horizontal, sendo que a primeira aba é composta dos seguintes menus principais: **museu**, **memorial**, **línguas acessíveis** (francês, inglês, espanhol, hebraico, alemão e holandês), **informações gerais** (sobre o *Kaserne Dossin*), **horário de visitas**, **história** da construção do quartel a campo de concentração entre outras), **organização** (submenus missão, linha, conselho de administração, organizacional e relatório anual), **patrocinadores** (lista as empresa e órgãos que patrocinam o museu), **vagas** (acesso às vagas disponíveis para trabalho), **contato** (endereço, telefone e e-mails para contatos), **pressione** (vazio) e **boletim informativo** (preenche formulário para receber boletins trimestrais, ou para professores, neste caso, o recebimento será por e-mail).

Figura 34 - Website do Museu e Centro de Documentação Kazerne Dossin



Fonte: <https://www.kazernedossin.eu/EN>

A segunda aba é composta dos seguintes menus principais: **Kazerne Dossin** (informações prática, banco de dados, apoie-nos e bilhetes), **visita** (informações prática: endereço, restaurantes, horário funcionamento e preços, além de submenus para grupos escolares, empresas entre outras), **agenda** (atividades e exposições temporárias), **educação e treinamento** (educação secundária com submenus: visitando o museu e visita com seção introdutória, que consiste em duas partes. Durante a introdução de meia hora, os alunos, juntamente com um mentor, assistem ao filme introdutório. O filme contém cenas de outros massacres pós-Holocausto), **local do museu** (direciona aos submenus: memorial (outros submenus: trilhas, nomes, rostos e história), museu (com submenus: introdução, exposições com tema *Mass* (massa) e *Fear* (medo), *Death* (morte) e arquitetura, centro de documentação (com submenus: arquivo e sala de leitura com menus: banco de imagens digitais, coleções, conservação e doações, digitalização e testemunhos), **apoio e suporte** (com menus: faça uma doação, torne-se um amigo e um patrocinador. Informações sobre as doações e cupom fiscal), e **bilhetes** (direciona para visitas guiadas em várias línguas com agendas já prontas).

Na página principal do *website* o visitante tem acesso às redes sociais em **fique atualizado**, acessando as redes sociais (*Twitter, Facebook, Instagram, Vimeo, LinkedIn, Flickr, Pinterest, Tumblr*), *Tripadvisor, blog*, e *Google maps*.

6.3. Informações dos *Websites* à luz da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH)

6.3.1 Análise da Missão

Os *websites* dos museus estudados demonstram, por meio de suas respectivas missões, uma preocupação, não somente com a memória e o patrimônio cultural, mas conjuntamente, com uma proposta educacional que se materializa na disponibilização de programas educacionais em relação ao ensino Holocausto e direitos humanos, e compactuam com a responsabilidade social, por meio do combate à discriminação, à intolerância, promovendo uma responsabilidade coletiva em defesa da cidadania. No Quadro 11, a seguir, apresenta-se a missão de cada museu do Holocausto descrita em seus *websites*.

Quadro 11 - Missão dos Museus do Holocausto (continua)

Museus do Holocausto	Missão
1. <i>Florida Holocaust Museum</i>	“Honrar a memória de milhões de homens, mulheres e crianças inocentes que sofreram ou morreram no Holocausto. O Museu dedica-se a ensinar aos membros de todas as raças e culturas o valor e a dignidade inerentes à vida humana, a fim de evitar futuros genocídios”.
2. <i>Corrie ten Boom Museum, "The Hiding Place"</i>	“É manter viva a memória e a herança espiritual da Família <i>Ten Boom</i> de Haarlem, como inspiração para muitos e testemunhar seu amor e compromisso com o povo judeu. O museu quer ser um 'lar aberto', como um memorial vivo para essa família que viveu como cristã, através de sua obediência a Deus e experimentou Sua graça todos os dias”. (*)
3. <i>Museum of Jewish Heritage - Memorial to the Holocaust</i>	“Comprometido em educar diversos visitantes sobre a vida judaica antes, durante e depois do Holocausto. Mobilizar a memória para ensinar os perigos da intolerância e desafiando os a permitir que as dolorosas lições do passado os guiem a imaginar um mundo digno de seu futuro”.
4. <i>Holocaust Museum Houston</i>	“É dedicado a educar as pessoas sobre o Holocausto, lembrando os 6 milhões de judeus e outras vítimas inocentes e honrando o legado dos sobreviventes. Usando as lições do Holocausto e outros genocídios, ensinamos os perigos do ódio, preconceito e apatia”.
5. <i>Holocaust Resource Center de Bufalo</i>	“Ensinar as lições do Holocausto, lembrar os sobreviventes e as vítimas e promover a justiça social, a responsabilidade cívica e os direitos humanos. Alcançado através da documentação e testemunho pessoal dos sobreviventes locais do Holocausto, e da educação das gerações futuras com visitas e apresentações nas escolas e através de uma ampla variedade de oficinas sobre o Holocausto”.
6. <i>Jewish Holocaust Museum and Research Center</i>	“Educar o público "para combater o antissemitismo, o racismo e o preconceito na comunidade. Ser um memorial para todas as vítimas de políticas racistas. O programa educacional visa combater o antissemitismo, racismo e preconceito na comunidade e promover o entendimento entre as pessoas”.
7. <i>Memorial Museum for Children of Izieu</i>	“Evocando a memória das crianças judias e ajudantes de Izieu propõe a combater todas as formas de intolerância e racismo. Lugar histórico e memória das crianças na <i>Shoah</i> , a Casa de Izieu tornou-se um ponto de referência para combater qualquer forma de discriminação e um local de reflexão sobre o crime contra a humanidade. A missão da <i>Maison d'Izieu</i> é: - Perpetuar a memória das 44 crianças judias, seus diretores e educadores deportados em 6 de abril de 1944, bem como todas as crianças que, com a cumplicidade ativa do Estado francês, foram vítimas da barbárie nazista e prestam homenagem a todos

	aqueles que vieram em seu auxílio, especialmente os combatentes da Resistência. - Informar e educar, através do estudo, reflexão e pedagogia, todos os públicos, especialmente os jovens, sobre o crime contra a humanidade e as circunstâncias que a geram. - Abra uma reflexão sobre a memória e suas apostas e faça o elo entre história, memória e transmissão. - Manter colaboração e trocar <i>links</i> com instituições comparáveis na França e no exterior. - Continue a fazer da Maison d'Izieu um lugar para refletir sobre a noção de humanidade e respeitar as diferenças de espírito secular e republicano”.
8. <i>Holocaust Awareness Museum</i>	“É educar estudantes e adultos do Vale do Delaware, personalizando o Holocausto para que eles aprendam as consequências do racismo, limpeza étnica e intolerância. Acreditamos que estudar e discutir o Holocausto fornece uma das maneiras mais eficazes de trabalhar com os alunos para examinar questões morais básicas e sistemas de valores”.
9. <i>Anne Frank House</i>	“Destacar os eventos durante os anos sombrios da Segunda Guerra Mundial e a perseguição aos judeus, mas também combater a discriminação, o preconceito e a opressão no mundo de hoje”. (*)
10. <i>Ghetto Fighters' House - Holocaust and Jewish Resistance Heritage Museum</i>	“Coletar, preservar, catalogar e apresentar ao público todos os testemunhos e documentos que ajudarão a contar o destino do povo judeu no século 20 e os crimes perpetrados pela Alemanha nazista e seus apoiadores. Como consequência disso, a GFH está comprometida em manter um museu histórico que mostre esses itens de testemunho e um arquivo acadêmico credenciado que seja acessível ao público. Sua tarefa é promover os projetos de pesquisa e documentação que aprofundam nossa compreensão do Holocausto, suas causas e seus efeitos e consequências”.
11. <i>Montreal Holocaust Museum</i>	“Educar pessoas de todas as idades e origens sobre o Holocausto, enquanto sensibiliza o público para os perigos universais do antissemitismo, racismo, ódio e indiferença. Por meio de seu Museu, seus programas comemorativos e iniciativas educacionais, o Museu do Holocausto de Montreal promove o respeito pela diversidade e a santidade da vida humana”.
12. <i>Holocaust Education Center</i>	“Aprender a verdade do Holocausto e comunicar a paz. O museu tem como objetivo ajudar crianças e jovens japoneses a aprender o que podem fazer para eliminar a discriminação e o preconceito e alcançar a paz”.
13. <i>National Holocaust Centre and Museum</i> ⁴³	“Proporcionar um memorial permanente às vítimas do Holocausto; oferecer uma compreensão das causas e eventos do Holocausto por meio de exposições apropriadas às idades, testemunhos de sobreviventes. E apresentar programas de aprendizado, baseados no Holocausto, que incentivem a responsabilidade pessoal e a promoção da justiça, mas também desafiem os alunos a tomarem medidas positivas. Relembrando o passado, protegendo o futuro”.
14. <i>Holocaust Museum & Center for Tolerance and Education</i>	“É educar nossa comunidade sobre as lições e legados do Holocausto, genocídio e direitos humanos. Nós nos esforçamos para fazer esse trabalho com autenticidade, dignidade e compaixão, para que todas as pessoas se comprometam a criar uma sociedade de respeito e compreensão mútuos - desprovidos de ódio do passado. Além da educação, o Museu servirá como um espaço memorial da comunidade, comprometido em prestar homenagem a todas as vítimas da perseguição nazista, bem como aos nossos sobreviventes e libertadores locais”.
15. <i>El Paso Holocaust Museum and Study Center</i>	“Ensinar a história do Holocausto, a fim de combater preconceitos e intolerâncias por meio da educação, da comunidade e de atividades culturais”.
16. <i>State Museum at Majdanek Concentration Camp</i>	“É cultivar a memória e desenvolver uma educação histórica sobre a ocupação alemã da região de Lublin durante a Segunda Guerra Mundial, em particular comemorando as vítimas, protegendo instalações e documentando a história do campo de concentração em Majdanek e dos campos da morte em Belzec e Sobibór”.
17. <i>Mauthausen Concentration Camp</i>	“Conscientizar sobre qualquer ressurgimento das atividades nacional-socialistas, antissemitismo, racismo, discriminação de minorias e tendências

⁴³ Único museu com treinamento para menores infratores.

<i>Memorial</i>	antidemocráticas. Contribuir para preservar o conhecimento público e a memória dos crimes de massa nacional-socialistas cometidos nos antigos campos de concentração de Mauthausen e Gusen e em todos os seus subcampos. O Memorial de Mauthausen se considera um lugar de lembrança e educação, com a educação em direitos humanos através do ensino ao vivo da história entre suas tarefas centrais. Promove o ensino da história, comunica sua importância para os tempos presentes e futuros e visa apontar desenvolvimentos, tendências e processos atuais comparáveis”.
18. <i>Holocaust Memorial Resource and Education Center of Florida</i>	“Usar a história e as lições do Holocausto para construir uma comunidade justa e solidária, livre de antissemitismo e de todas as formas de preconceito e fanatismo. Através de nossa extensa divulgação de programas e exposições educacionais e culturais, usamos as lições do Holocausto como uma ferramenta. Ensinamos os princípios da boa cidadania a milhares de pessoas de todas as idades, religiões, raças, orientações sexuais, habilidades e origens a cada ano”.
19. <i>Beit Haedut - The Testimony House</i>	“O lar da comunidade é dedicado a documentar, investigar e instituir para as gerações futuras a memória do Holocausto, o glorioso legado do sionismo religioso e a parte heroica de seus membros nas atividades subterrâneas, de resgate e atividades educacionais”.(*)
20. <i>Kazerne Dossin: Memorial, Museum and Documentation Centre on Holocaust</i>	“Combina de maneira exclusiva a educação sobre o Holocausto, por um lado, e a educação em direitos humanos, por outro. A declaração de missão baseia-se no relato histórico da perseguição judaica e do Holocausto de uma perspectiva belga para refletir sobre os fenômenos contemporâneos do racismo e da exclusão de comunidades e sobre a discriminação por razões de origem, fé, crença, cor, sexo ou orientação sexual. Além disso, Kazerne Dossin procura analisar a violência de grupo na sociedade como um possível trampolim para os genocídios. Assim concebido, este museu faz uma contribuição fundamental ao projeto educacional e social em que a cidadania, a resistência democrática e a proteção das liberdades básicas individuais são centrais”.

Fonte: Elaboração própria, com base na pesquisa nos *websites* dos museus do Holocausto, 2019.

(*) Os museus *Corrie Ten Boom Museum - "The Hiding Place"*, *Anne Frank House* e *Beit Haedut - The Testimony House* não apresentam referência diretamente como missão do museus, mas ao longo da leitura é possível o visitante inferir a missão dos referidos museus.

Com as informações sobre a missão contidas nas *homepages* dos museus do Holocausto apresentadas no quadro 11, foi possível identificar conteúdos linguísticos que permitiram a construção de categorias as quais denotam uma preocupação por parte dos museus com: a memória, a proteção do patrimônio cultural, a educação com viés para proteção dos direitos das pessoas e responsabilidade coletiva.

No quadro a seguir, elencam-se as categorias encontradas, em consonância com os componentes linguísticos das missões dos museus e destacamos ainda, três indicadores que permeiam a missão desses museus.

Quadro 12 - Categorias encontradas nas missões dos museus do Holocausto

INDICADORES	CATEGORIAS	MISSÃO
A missão dos museus aborda a preocupação com o patrimônio cultural.	Há uma preocupação com a Memória e com a proteção da Herança Cultural.	Honrar a memória das vítimas do Holocausto; Manter viva a herança espiritual da família; Preservar a memória para as gerações futuras; Evocar a memória das crianças que pereceram; Proporcionar um memorial permanente; Espaço de memorial; Proteger as instalações e documentos; Lugar de lembrança.
Os museus apresentam programas educacionais em relação ao ensino holocausto e direitos humanos	Educação Aprendizagem.	Ensinar o valor da dignidade humana para evitar genocídios; Educar sobre a vida judaica antes e depois do Holocausto; Ensinar sobre os perigos da intolerância; racismo e preconceito; Educar alunos e públicos sobre perigo do preconceito e ódio na sociedade; Visitas, apresentações e oficinas nas escolas; Ensinar a comunidade; Examinar as questões morais básicas e sistemas de valores; Estudar e discutir o holocausto; Reuniões multiculturais, Incutir o conhecimento da história para compreensão; Iniciativas educacionais; Apresentar programas de aprendizagem; Oferecer uma compreensão da história do holocausto; Ensinar a história do Holocausto; Combater a intolerância e preconceitos por meio da educação, atividades culturais e da comunidade; Lugar de educação em direitos humanos; Conscientização através do ensino da história e sua importância para o tempo presente; Apontar desenvolvimentos, tendências e processos atuais comparáveis; Utilizando exposições e programas sobre holocausto como ferramenta para princípios da boa cidadania; Ensinar a história do holocausto independe de idade, religião, orientação sexual, habilidade e origens de cada pessoa; Investigar, documentar e instruir as gerações futuras; Atividades educacionais; Analisar fenômenos atuais, como a violência de grupo na sociedade como um caminho para o genocídio.
Os websites dos museus compactuam com a responsabilidade social em defesa aos direitos das pessoas.	Combate à discriminação Promoção da responsabilidade coletiva Projetos educacionais em defesa da cidadania	As lições do passado guiando para um mundo digno no futuro; Promover justiça social, responsabilidade cívica e direitos humanos; Promover entendimento entre as pessoas; Combater todas as formas de intolerância; Fornecer maneiras mais eficazes para autoexame de questões básicas e morais; Combater a discriminação e opressão na sociedade Século XXI; Promover a responsabilidade coletiva de respeitar a diversidade; Promoção da justiça para tomarem medidas positivas; Visitantes apreciem a importância da tolerância, direitos humanos, justiça social e coragem moral; Inspirar os visitantes a considerarem a responsabilidade pessoal para um amanhã pacífico; Construir uma comunidade justa; Projeto social e educacional em defesa da cidadania, valores democráticos, e das liberdades individuais.

Fonte: Elaboração própria, com base nas missões dos museus do Holocausto (2019).

6.3.2. Aspectos estruturais e ações educativas dos *websites* dos museus do Holocausto

A análise foi realizada com base nos estudos dos *websites* dos museus do Holocausto, já referidos nesta pesquisa em seus resultados individuais, que por meio da classificação em categorias permite identificar os aspectos estruturais das *homepages*, bem como das ações direcionadas à educação em seus *websites*. A classificação por categoria permite ao pesquisador ter uma visão abrangente e consolidada de cada *website*/museu, em comparação com o conjunto.

Os quadros e figuras apresentados na sequência foram elaborados como uma tentativa de transformar dados qualitativos em quantitativos, com base na Ciência da Administração. As escalas foram construídas mediante elaboração própria, considerando-se graus de estrutura, partindo do mais simples ao mais complexo. Com base em Carvalho (2005; 2006), foram criadas algumas categorias para análise dos *websites*, no sentido de identificar como esses *websites* são estruturados para levar a informação aos seus visitantes *on-line*, e se utilizam algumas ferramentas educacionais para profissionais, educadores, pesquisadores e visitantes *on-line* interessados nessa temática.

Para identificar a **estrutura dos *websites***, levando-se em consideração os indicadores de qualidade de um *site* (CARVALHO, 2005; 2006), foram utilizadas as seguintes categorias:

a) IDENTIDADE DO SITE

I1 = nome do site

I2= missão do site ou objetivo

I3 = credenciais dos responsáveis site

I4 = data da criação

I5= data da última atualização.

b) USABILIDADE

U1= estrutura fácil de compreender, com menus disponíveis

U2= apresenta Mapa do Site

U3= motor de busca

U4= acessibilidade de usuários com deficiência.

c) RAPIDEZ DE ACESSO

R1 – rapidez no acesso

d) NIVEIS DE INTERATIVIDADE

N1= vê, lê e ouve - hiper ligações para navegar no site

N2 = desloca ou movimenta objetos

N3 = preenche e envia formulários

N4 = apresenta tour virtual

N5= constrói texto colaborativo.

Em relação às **ações e ferramentas educativas** nos *websites*, foram utilizadas as seguintes categorias, com base também nos indicadores de qualidade de Carvalho (2005; 2006), sendo:

a) INFORMAÇÃO

Inf1 = temática adequada à proposta do museu

Inf2= abordagem feita ao assunto evidencia o que defende

Inf3= apresenta referências bibliográficas nos textos publicados

Inf4=apresenta as credenciais dos autores dos textos publicados

Inf5= apresenta data da produção

b) EDIÇÃO COLABORATIVA ONLINE

Ec01 = Ferramentas colaborativas online

Ec02 = blogs

Ec03 = redes sociais.

Ec04= disponibiliza aplicativos

c) COMUNICAÇÃO

Com1 – disponibiliza fale conosco

Com2 = remete *links* externos

Com3= permite grupos de estudos

Com4= publica comentários dos visitantes

Cumprido destacar que os dados obtidos permitiram identificar como os *websites* dos museus do Holocausto buscam atingir a missão institucional. Salientamos que os pontos positivos e negativos identificados servirão para delimitar ações ou a construção de indicadores de direitos humanos para *websites* de museus com a temática, podendo ser aplicados a outras instituições culturais que queiram utilizá-los.

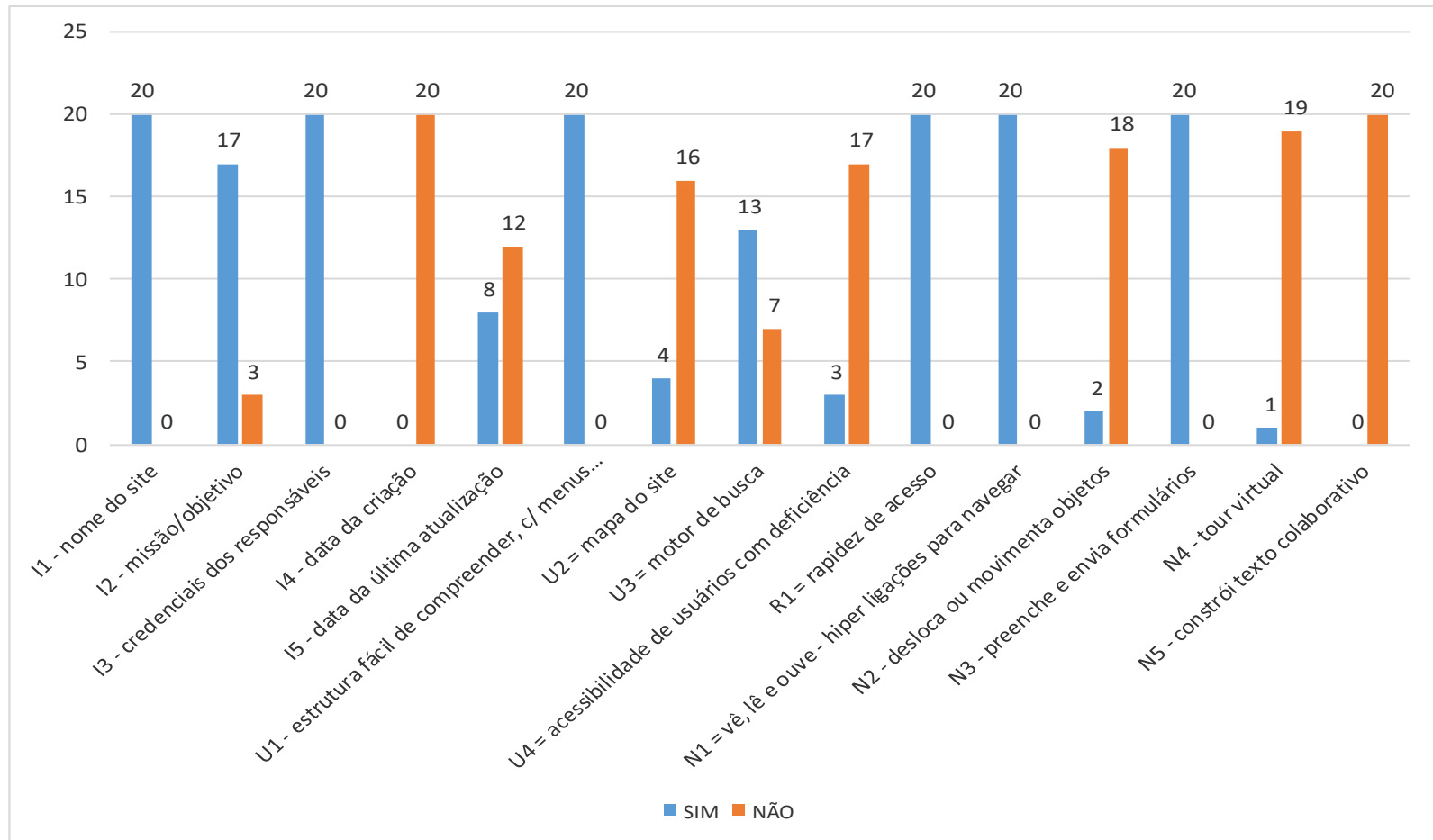
O Quadro 13 e a Figura 35, a seguir, apresentam o resultado da estrutura dos *websites* dos museus do Holocausto.

Quadro 13 - Resultado da estrutura dos *websites* dos museus do Holocausto

MUSEUS	IDENTIDADE DO SITE					USABILIDADE				RAPIDEZ DE ACESSO	NIVEIS DE INTERATIVIDADE				
	I1 = nome do site I2= missão/objetivo I3 = credenciais dos responsáveis I4 = data da criação I5= data da última atualização					U1= estrutura fácil de compreender, com menus disponíveis. U2= mapa do site U3= motor de busca U4= acessibilidade de usuários com deficiência				R1 – rapidez no acesso	NI= vê, lê e ouve - hiper ligações para navegar N2 = desloca ou movimenta objetos N3 = preenche e envia formulários N4 = Tour virtual N5= constrói texto colaborativo				
#	I1	I2	I3	I4	I5	U1	U2	U3	U4	R1	N1	N2	N3	N4	N5
1	S	S	S	N	N	S	N	S	N	S	S	N	S	N	N
2	S	N	S	N	S	S	N	S	N	S	S	S	S	S	N
3	S	S	S	N	S	S	S	S	N	S	S	N	S	N	N
4	S	S	S	N	N	S	N	S	N	S	S	N	S	N	N
5	S	S	S	N	S	S	N	S	N	S	S	N	S	N	N
6	S	S	S	N	S	S	N	S	N	S	S	N	S	N	N
7	S	S	S	N	N	S	N	S	N	S	S	N	S	N	N
8	S	S	S	N	S	S	N	N	N	S	S	N	S	N	N
9	S	N	S	N	N	S	N	S	N	S	S	S	S	N	N
10	S	S	S	N	N	S	N	S	S	S	S	N	S	N	N
11	S	S	S	N	N	S	N	N	N	S	S	N	S	N	N
12	S	S	S	N	N	S	N	N	N	S	S	N	S	N	N
13	S	S	S	N	N	S	S	S	N	S	S	N	S	N	N
14	S	S	S	N	N	S	N	N	N	S	S	N	S	N	N
15	S	S	S	N	N	S	N	N	N	S	S	N	S	N	N
16	S	S	S	N	N	S	S	S	S	S	S	N	S	N	N
17	S	S	S	N	S	S	S	S	N	S	S	N	S	N	N
18	S	S	S	N	N	S	N	N	N	S	S	N	S	N	N
19	S	N	S	N	S	S	N	N	S	S	S	N	S	N	N
20	S	S	S	N	S	S	N	S	N	S	S	N	S	N	N

Fonte: Elaboração própria, com base na consulta dos *websites* dos museus (2020).

Figura 35 - Resultado da estrutura dos *websites* dos museus do Holocausto



Fonte: Elaboração própria, com base na análise dos sites dos museus (2020).

Em relação aos cinco indicadores de identidade do site, tem-se que 2 indicadores são encontrados em 100% dos museus, ou seja, nos 20 museus pesquisados encontram-se o nome do site e credenciais dos responsáveis, já a missão e objetivos 85% dos museus apresentam claramente a missão no *site*. Com relação à data da última atualização, oito dos 20 museus (40%) apresentam esse quesito, mas 12 (60% restantes) não o fazem. A falta de informação quanto à atualização do site pode gerar no visitante insegurança em relação ao quanto está atualizada a informação, mas o fato de se tratar, em grande parte, dos conteúdos de fatos históricos, minimiza a probabilidade de erro. Nenhum dos 20 museus apresenta a data de criação do *site*. Para Carvalho (2006), a data da criação de um site, bem como a sua atualização são informações imprescindíveis, pois oferecem credibilidade ao usuário.

No que se refere à categoria “usabilidade”, os quatro indicadores não permitem identificar um conjunto positivo; há dois itens que trazem mais respostas de existência do que inexistência, e dois outros que são o contrário: trazem bem mais respostas de inexistência do que de existência do indicador; senão, vejamos: enquanto a totalidade dos museus apresentam estruturas de fácil compreensão, com menus disponíveis e 13 de 20 (65%) apresentam motor de busca, apenas quatro dos 20, ou seja, somente 20% trazem o mapa do site, e três de 20, isto é, apenas 15% dos museus pesquisados permitem a acessibilidade de usuários com deficiência, identificados na *homepage*. Para Merville (2004), sites devem ser acessíveis a pessoas com deficiências, que chegam a 10% da população mundial.

No tocante à rapidez de acesso, 100% dos museus atenderam com excelência a esse indicador. Nielsen (2000), Krug (2001), Schrock (2002) e Tillman (2003) *apud* Carvalho (2006) destacam que a rapidez de acesso a um *site* é um indicador importante, porque desempenha um papel direto na experiência do usuário, ou seja, uma velocidade rápida do *site*, com até três segundos para carregar, resultará em uma experiência de qualidade para o usuário.

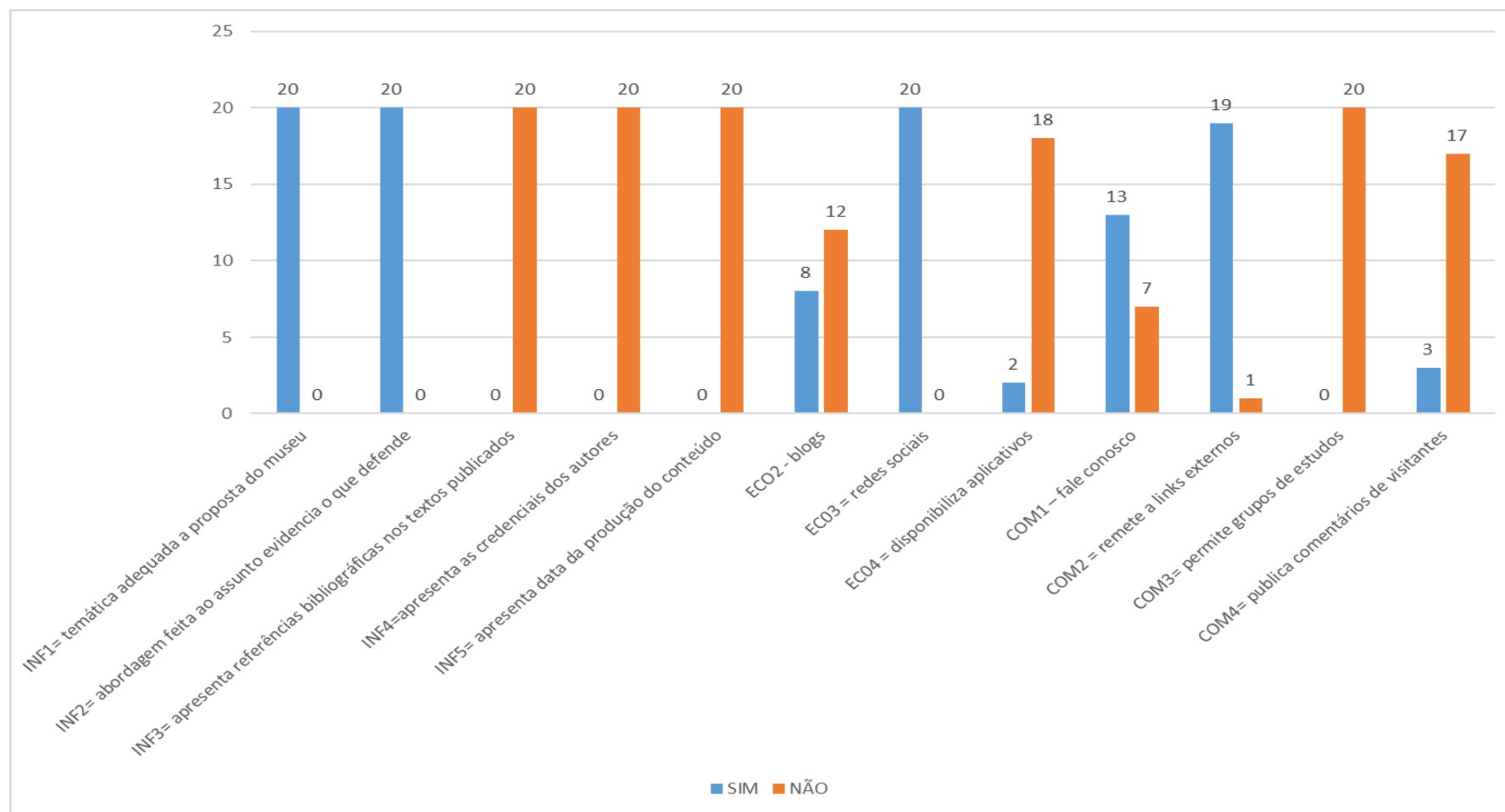
Já no que se refere a níveis de interatividade, os cinco indicadores demonstram dois aspectos muito positivos, a saber: 100% dos museus permitem hiper ligações para navegar, trazendo as opções de ver, ler e ouvir e a possibilidade de preencher e enviar formulários. Por outro lado, apenas 10% (dois de 20 dos museus estudados) permitem deslocar ou movimentar objetos. Apenas o museu *Corrie Tem Boon* dos 20 (5%) oferece *tour* virtual para o visitante que não pode comparecer ao museu físico, e faz uma visita quase real à casa. Por fim, 20 museus estudados não permitem a construção de texto colaborativo.

Quadro 14 - Ações Educativas dos *websites* dos museus do Holocausto

MUSEUS	INFORMAÇÃO					EDIÇÃO COLABORATIVA ONLINE				COMUNICAÇÃO			
	INF1= temática adequada à proposta do museu INF2= abordagem feita ao assunto evidencia o que defende INF3= apresenta referências bibliográficas nos textos publicados INF4=apresenta as credenciais dos autores dos textos publicados INF5= apresenta data da produção do conteúdo					ECO1 = ferramentas colaborativas online ECO2 - blogs ECO3 = redes sociais ECO4 = disponibiliza aplicativos				COM1 – fale conosco COM2 = remete a links externos COM3= permite grupos de estudos COM4= publica comentários de visitantes			
#	INF1	INF2	INF3	INF4	INF5	ECO1	ECO2	ECO3	ECO4	COM1	COM2	COM3	COM4
1	S	S	N	N	N	N	S	S	N	S	S	N	N
2	S	S	N	N	N	N	S	S	N	S	S	N	S
3	S	S	N	N	N	N	S	S	N	S	S	N	N
4	S	S	N	N	N	N	N	S	N	N	S	N	N
5	S	S	N	N	N	N	N	S	N	N	S	N	N
6	S	S	N	N	N	N	N	S	N	N	S	N	N
7	S	S	N	N	N	N	S	S	N	S	S	N	N
8	S	S	N	N	N	N	S	S	N	S	S	N	N
9	S	S	N	N	N	N	N	S	S	S	N	N	N
10	S	S	N	N	N	N	N	S	N	S	S	N	N
11	S	S	N	N	N	N	N	S	S	N	S	N	N
12	S	S	N	N	N	N	N	S	N	N	S	N	N
13	S	S	N	N	N	N	S	S	N	S	S	N	N
14	S	S	N	N	N	N	N	S	N	S	S	N	S
15	S	S	N	N	N	N	N	S	N	S	S	N	N
16	S	S	N	N	N	N	S	S	N	S	S	N	N
17	S	S	N	N	N	N	N	S	N	N	S	N	N
18	S	S	N	N	N	N	S	S	N	N	S	N	N
19	S	S	N	N	N	N	N	S	N	S	S	N	S
20	S	S	N	N	N	N	N	S	N	S	S	N	N

Fonte: Elaboração própria, com base na consulta dos *websites* dos museus (2020).

Figura 36 – Ações educativas dos *websites* dos museus do Holocausto



Fonte: Elaboração própria, com base na consulta dos *websites* dos museus (2020).

Observando-se os cinco indicadores de informação, tem-se que dois indicadores são encontrados em 100% dos museus, ou seja, nos 20 museus pesquisados a temática é adequada à proposta do museu e a abordagem feita ao assunto evidencia o que defende. Por outro lado, 100% dos 20 museus pesquisados não apresentam: referências bibliográficas nos textos publicados, as credenciais dos autores e a data da produção do conteúdo. Esses elementos não encontrados impactam a credibilidade da informação por parte de quem a acessa. Urge que os museus ponham atenção a esses aspectos, disponibilizando as fontes e as credenciais dos textos publicados. Como conteúdos acadêmicos, pela própria exigência da ciência deve-se sempre informar as fontes e permitir ao visitante o acesso, nem que seja nominal, a elas, para que ele possa exercer seu direito de busca da veracidade da informação.

Em relação à edição colaborativa *on-line*, o panorama é este: 100% dos 20 museus pesquisados têm redes sociais, e este é o único dos quatro indicadores que tem indicadores positivos em sua maioria (totalidade, no caso); os outros três, apresentam 8 dos 20 museus pesquisados (40%) com blogs, dois dos 20 museus pesquisados (10%) disponibilizando aplicativos para os visitantes *on-line* (o *Holocaust Awareness Museum* apresenta no menu recursos o aplicativo IWalk e o *Montreal Holocaust Museum*, no menu visite o museu, indica para o usuário baixar o aplicativo do museu por meio de aplicativo móvel para tablets e smartphones (Apple ou Android). O visitante pode acessar três *tours* temáticos, que permitirão descobrir objetos notáveis e documentos históricos por meio de comentários em áudio, textos e imagens de alta resolução). Contudo, nenhum dos 20 museus pesquisados apresentam ferramentas colaborativas *on-line*.

Já os quatro indicadores de comunicação demonstram que, embora 95% dos museus pesquisados (19) remetam a *links* externos (somente o museu *Anne Frank House* não apresenta *links* externos para os visitantes *on-line*) e 65% (13 de 20) dos museus estudados ofereçam opção de “fale conosco”, apenas 15% (3 de 20) publica comentários dos visitantes e nenhum permite grupos de estudos.

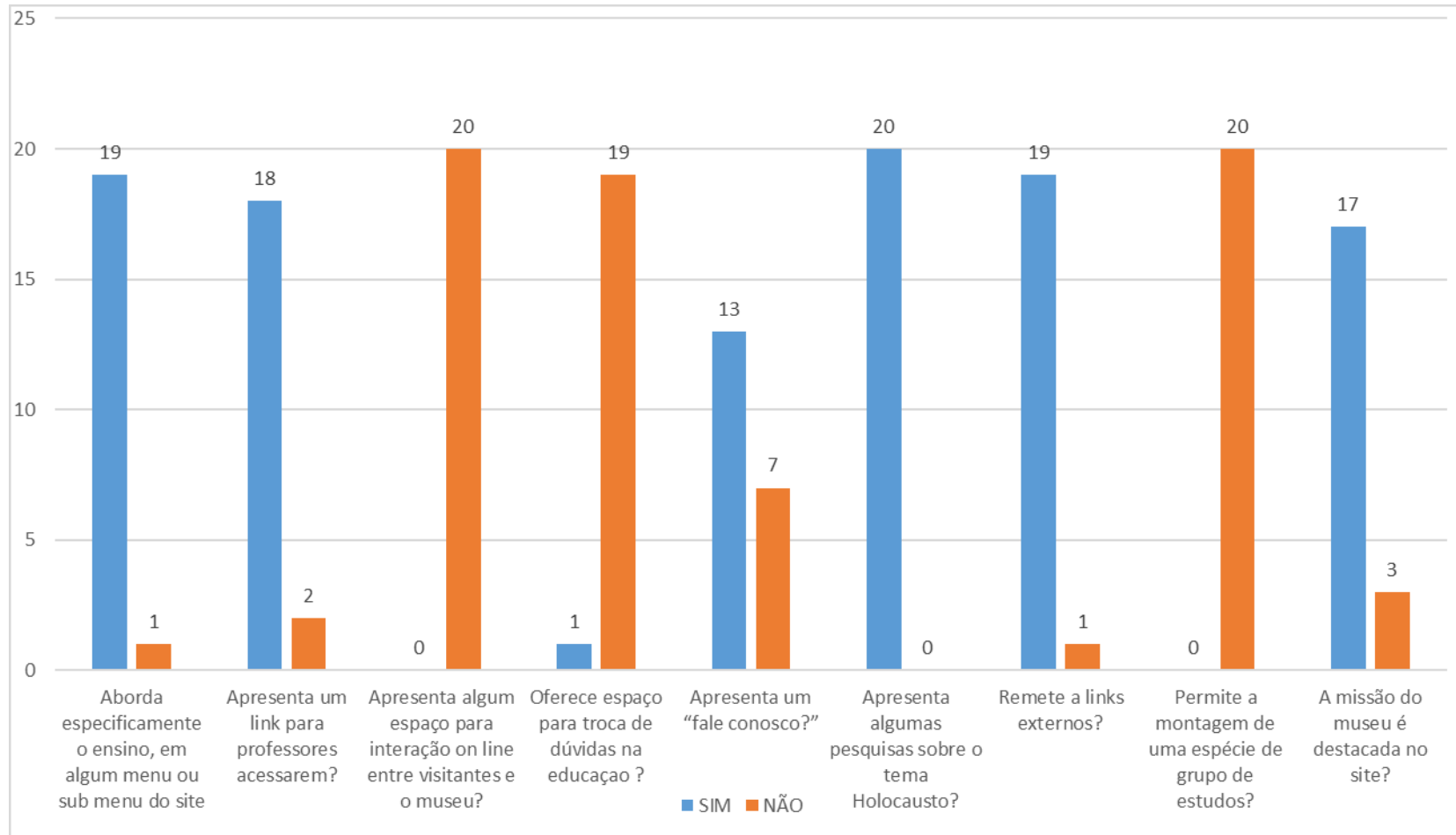
No Quadro 15 e na Figura 37, a seguir, apresentam-se as Ações e opções dadas pelos museus direcionadas à educação:

Quadro 15 - Ações e opções dadas pelos museus direcionadas à educação

MUSEUS	Aborda especificamente o ensino, em algum menu ou submenu do <i>site</i>	Apresenta um <i>link</i> para professores acessarem material?	Apresenta algum espaço para interação <i>on-line</i> entre visitantes e o museu?	Oferece espaço para troca de dúvidas na área educativa?	Apresenta um “fale conosco?”	Apresenta algumas pesquisas sobre o tema Holocausto?	Remete a <i>links</i> externos?	Permite a montagem de grupo de estudos?	A missão do museu é destacada no claramente no site?
1	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM
2	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM	NÃO	NÃO
3	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	SIM	NÃO	SIM
4	SIM	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM
5	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	SIM	NÃO	SIM
6	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	SIM	NÃO	SIM
7	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM
8	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	SIM	NÃO	SIM
9	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO
10	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM
11	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM
12	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	SIM	NÃO	SIM
13	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM
14	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM
15	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM
16	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM
17	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NAO	SIM	SIM	NÃO	SIM
18	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	SIM	NÃO	SIM
19	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM	NÃO	NÃO
20	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM

Fonte: Elaboração própria, com base na consulta dos *websites* dos museus (2020)

Figura 37 - Ações e opções dadas pelos museus direcionadas à educação



Fonte: Elaboração própria, com base em consulta aos *websites* dos museus (2020).

Na Figura 37 consegue-se identificar claramente que cinco dos dez itens relacionados a ações e opções dadas pelos *sites* dos Museus do Holocausto apresentam índices positivos em termos de existência e abrangência: .

Os 20 museus pesquisados apresentam pesquisa sobre o tema Holocausto e 95% remetem a *links* externos, o que favorece a compreensão sobre o tema e permite que os visitantes tenham acesso a mais de uma fonte de informação. Ou seja, atinge-se quase 100% de presença dessas ações nos museus pesquisados.

Em seguida, 95% dos museus pesquisados (19 de 20) demonstram ter ações relacionadas a uma abordagem específica para a educação: ou abordam especificamente o ensino, em algum menu ou submenu do *site* e apresentam um *link* para professores acessarem.

Na classificação de itens com mais respostas SIM do que NÃO, há, ainda, 65% dos museus (13 de 20) que apresentam um “fale conosco”.

Apesar desses elementos positivos, outros quatro importantes elementos de interação apresentam um número diminuto ou zerado de ações a respeito. Nenhum dos 20 museus pesquisados apresenta algum espaço para interação *on-line* entre visitantes e o museu; tampouco permitem a montagem de uma espécie de grupo de estudos; apenas um dos 20 museus estudados (ou seja, 5%), o *Holocaust Museum Houston*, oferece espaço para troca de dúvidas relacionadas a conteúdos educativos.

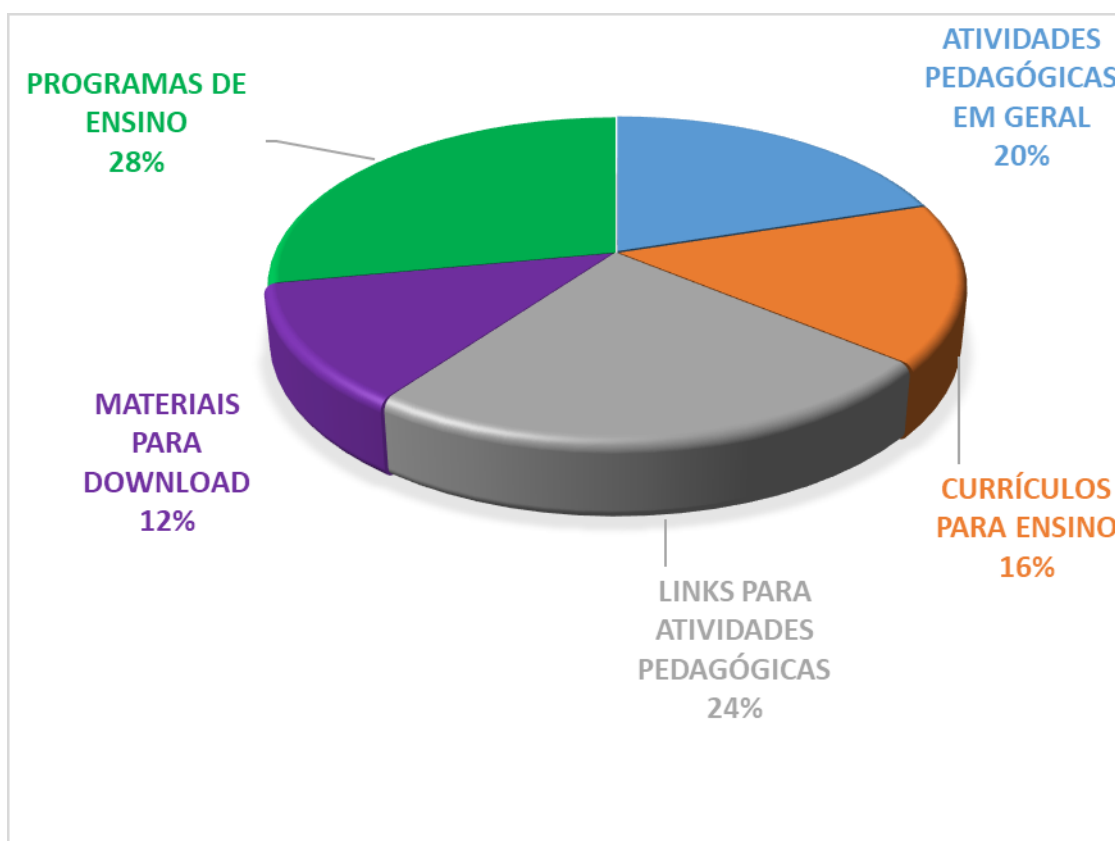
O Quadro 16, apresentado na página seguinte, detalha as atividades voltadas à educação que são adotadas pelos 20 museus temáticos pesquisados, permitindo um olhar mais aprofundado sobre o assunto.

Quadro 16 - Detalhando as atividades voltadas à educação adotadas pelos Museus temáticos pesquisados

#	MUSEUS DO HOLOCAUSTO	NOME DO MENU / SUBMENU	DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES EDUCATIVAS
1.	<i>Florida Holocaust Museum</i>	Aprender lições do Passado	Currículos para ensino, treinamentos, <i>Links</i> para: Enciclopédia Britânica, para Universidade USF, Biblioteca da Universidade Sul da Florida, Guia em E-book para educadores.
2.	<i>Corrie ten Boom Museum, "The Hiding Place"</i>	Educação	Corrie Kids ensino infantil, vídeos e <i>Tour</i> Virtual. Atividades digitais para Educação, planos de aula em PDF, jogos.
3.	<i>Museum of Jewish Heritage - Memorial to the Holocaust</i>	Aprender	Currículo do Holocausto, recursos educacionais, centro de estudos antissemitismo,
4.	<i>Holocaust Museum Houston</i>	Educação	Programas e Currículos educacionais, Recursos e atividades educacionais, solicita feedback dos professores sobre as matérias, <i>links</i> para outras instituições
5.	<i>Holocaust Resource Center</i>	Educação	Planos de aulas e recursos educacionais, solicitação das escolas para palestrantes sobreviventes do Holocausto.
6.	<i>Jewish Holocaust Museum and Research Center</i>	Aprender	Programas escolares e recursos educacionais
7.	<i>Memorial Museum for Children of Izieu</i>	Pedagogia e treinamentos	Atividades pedagógicas em PDF
8.	<i>Holocaust Awareness Museum</i>	Programas e Recursos	<i>Link</i> para solicitação de programas escolares, recursos para estudantes e professores e <i>links</i> para outras instituições.
9.	<i>Anne Frank House</i>	Educação	Produtos educacionais, atividades, lições diversas sobre antissemitismo, cidadania e holocausto, vídeos, Aula Digital com atividades em várias línguas sobre a vida de Anne Frank.
10.	<i>Ghetto Fighters' House - Holocaust and Jewish Resistance Heritage Museum</i>	Atividades	Programas de Educação para ensino infantil a ensino médio, cursos e treinamentos.
11.	<i>Montreal Holocaust Museum</i>	Educação	Menus para material educação primária, ensino médio, programas educacionais.
12.	<i>Holocaust Education Center</i>	Não apresenta menu para Educação	Vários <i>links</i> para história do Holocausto
13.	<i>National Holocaust Centre and Museum</i>	Aprender	Programa Ensino Escolar, extensão, universidade e Pós-graduação através de pagamentos. <i>Link</i> de Recursos para Professores: currículo para educadores Criminologia e disciplina.
14.	<i>Holocaust Museum and Study Center</i>	Educação	Programa para professores, recursos educacionais em PDF, diretrizes para ensino do Holocausto por meio de solicitação.
15.	<i>El Paso Holocaust Museum and Study Center</i>	Educadores	Programa de solicitação de palestrantes nas escolas, material em slides sobre Holocausto para acesso em PDF, oferece bolsas para estudantes.
16.	<i>State Museum at Majdanek Concentration Camp</i>	Educação	Material em <i>Downloads</i> disponíveis, pacotes educacionais para professores de ensino médio.
17.	<i>Mauthausen Concentration Camp Memorial</i>	Se envolver	<i>Link</i> para educação, projetos educacionais no museu e passeios guiados.
18.	<i>Holocaust Memorial Resource and Education Center</i>	Aprender/ Educação	Programas educacionais para enfrentamento do <i>bullying</i> e outros, que devem ser solicitados. Ferramentas de pesquisa para professores e alunos, currículos para ensino primário e Recursos escolares.
19.	<i>Beit Haedut - The Testimony House</i>	Atividade Educativa	<i>Link</i> para atividades escolares e escolares, ensino médio e adulto.
20.	<i>Kazerne Dossin: Memorial, Museum and Documentation Centre on Holocaust</i>	Educação e Treinamentos	Educação secundária, atividades de educação, Coleção digital para ser acessadas pelos usuários.

Fonte: Elaboração própria, com base em consulta nos *websites* dos museus (2020).

Figura 38 – Atividades voltadas à educação oferecidas pelos Museus do Holocausto



Fonte: Elaboração própria (2020).

Pode-se observar, na Figura 38 acima, que as atividades estão bem distribuídas e encontram-se de forma variada nos museus pesquisados. A diversidade dessas atividades amplia as possibilidades de ação dos profissionais de ensino e deve ser estimulada. Vale destacar o *Holocaust Resource Center*, que oferece a possibilidade de as escolas solicitarem palestras de sobreviventes do Holocausto, pois o testemunho de um sobrevivente impacta muito a sensibilidade para com o tema. Também é de se destacar, pela originalidade, o *National Holocaust Centre and Museum*, que oferece aulas de criminologia, Ciência importante para que as pessoas compreendam que qualquer forma de discriminação que fira os direitos humanos, é crime.

Quanto às ações educacionais promovidas pelos *sites* dos Museus do Holocausto, identificou-se que há itens que não são contemplados por nenhum dos 20 museus estudados, como a existência de espaço para interação *on-line* entre os visitantes e o museu e a possibilidade de montar grupo de estudos. Chama a atenção, ainda, que apenas um museu tem espaço para troca de dúvidas. Em tempos de interação virtual intensa, e ainda mais considerando-se que os museus tratam de um tema social em sua essência, é inesperada essa baixa oferta de interação *on-line* e de forma mais síncrona.

Quadro 17 – Ações educacionais promovidas pelos Museus do Holocausto-quantidades encontradas, agrupando-se os museus

Quantidade e identificação numérica dos museus	Sim	Não
DOIS (n.ºs 4 e 14)	7	3
DEZ (n.ºs 1,3,7,10,11,13,15,16,19 e 20)	6	4
SEIS (n.ºs 2,5,6,8,9,18)	5	5
UM (n.º 17)	4	6
UM (n.º 12)	3	7

Fonte: elaboração própria (2020).

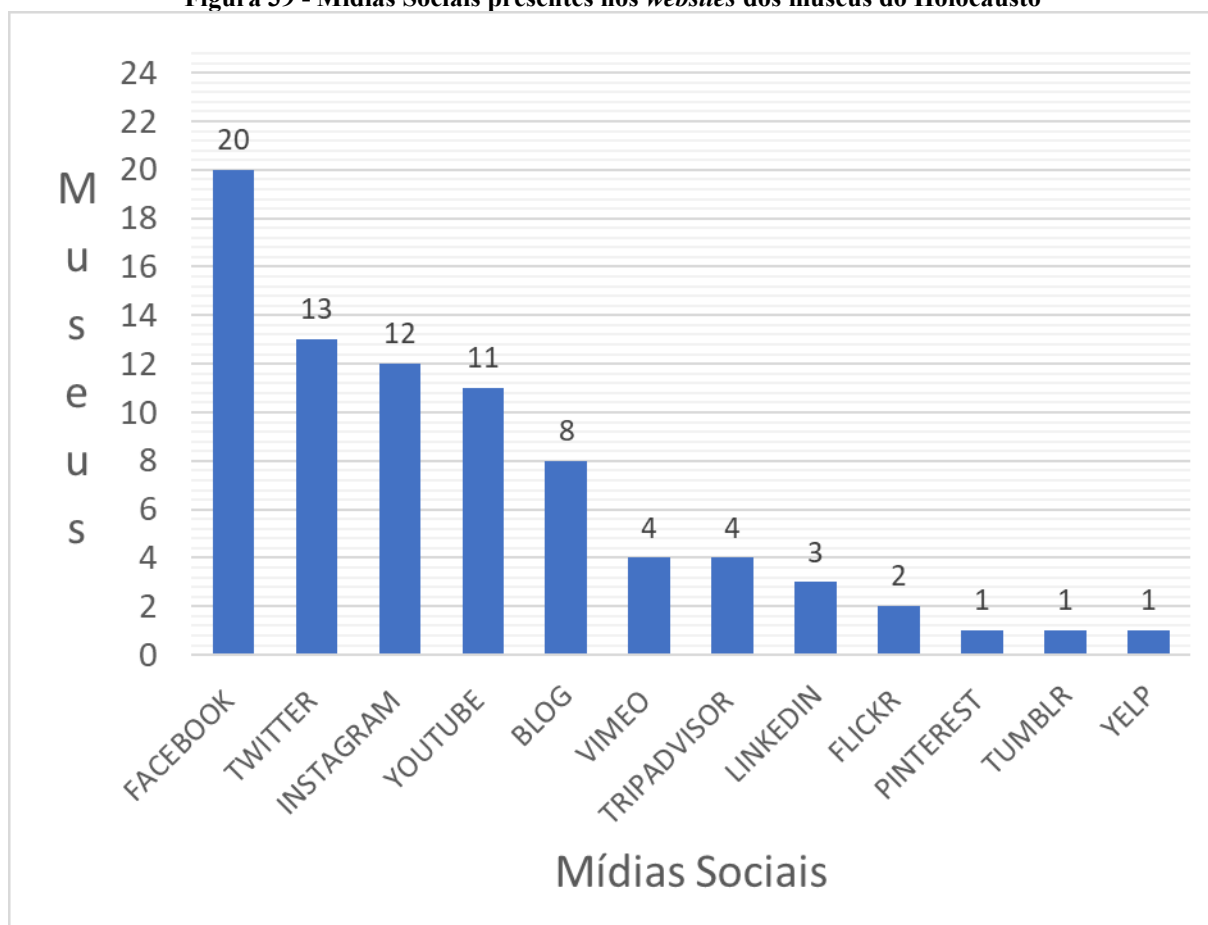
6.3.3 Análise da Comunicação dos Museus em seus *Websites*

Os museus estão transformando a maneira de interagirem com seus públicos, utilizando cada vez mais as mídias sociais, como estratégias de *marketing* e comunicação. Para Gonzalez (2017), os seguidores das mídias sociais podem participar ativamente de um diálogo aberto com um museu, um objetivo difícil de alcançar antes do advento das mídias sociais.

Os museus do Holocausto estão usando uma combinação de redes sociais como *Facebook, Twitter, Instagram, Pinterest, Vimeo e Youtube*, entre outros, conforme gráfico a seguir, e vão ao encontro do que destacam Martins e Baracho (2019) sobre a importância de uso das redes sociais como instrumento para obtenção de informação e interação com o público visitante. Em suma, o uso de redes sociais e de outras ferramentas tecnológicas possibilitam uma administração ou gestão da informação mais eficiente: “O ganho é real. As plataformas digitais se bem utilizadas amplificam, de uma maneira nunca antes vista, o acesso e a recuperação da informação.” (MARTINS; BARACHO, 2019, p. 147).

A figura 39, apresentada na página seguinte, detalha as mídias sociais presentes nos *websites* dos museus do Holocausto.

Figura 39 - Mídias Sociais presentes nos *websites* dos museus do Holocausto



Fonte: Elaboração própria (2020).

As mídias sociais formam uma parte essencial da mídia na atualidade e do cenário das comunicações. Executivos de negócios, consultores e tomadores de decisão, todos lutam para entender e “descriptografar” a melhor forma de usar os vários aplicativos de mídia social disponíveis no mercado (KAPLAN; HAENLEIN, 2010).

Muitas vezes, os museus recorrem às plataformas das redes sociais porque são eficazes na transmissão de mensagens concisas e podem ser acompanhadas de imagens, atraindo a atenção do usuário. Em relação ao *facebook*, a ferramenta torna-se vantajosa para as instituições culturais, pois estas podem postar facilmente atualizações de *status* que aparecem nos *feeds* de notícias dos seguidores (GONZALEZ, 2017).

O estudo dos *websites* dos museus do Holocausto demonstra que os museus estão aproveitando as ferramentas digitais no processo comunicacional, e aponta para a inserção dos museus em mais de uma mídia social. O *Facebook*, *Instagram*, *Youtube* e o *Twitter* são as mídias mais utilizadas pelos museus estudados, como demonstra o Quadro 18, exposto na página seguinte.

Quadro 18 – Mídias Sociais dos Museus do Holocausto

REDES SOCIAIS	MUSEUS DO HOLOCAUSTO																			
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
FACEBOOK	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
INSTAGRAM	x		x	x	x	x			x	x	x		x	x					x	x
YOUTUBE	x		x		x	x	x		x	x	x					x		x	x	
TWITTER	x	x	x	x	x	x		x	x		x		x			x		x		x
VIMEO						x		x					x							x
FLICKR													x							x
PINTEREST																				x
LINKEDIN		x									x									x
TUMBLR																				x
TRIPADVISOR							x			x			x							x
BLOG	x	x	x				x	x					x			x				x
YELP																		x		

Fonte: Elaboração própria, com base em informações dos websites (2019).

Quadro 19 – Frequência de Mídias Sociais encontradas nos Museus do Holocausto

Museu #	Quantos museus possuem?	Em percentual
FACEBOOK	20	100%
TWITTER	13	65%
INSTAGRAM	12	60%
YOUTUBE	11	55%
BLOG	8	40%
VIMEO	4	20%
TRIPADVISOR	4	20%
LINKEDIN	3	15%
FLICKR	2	10%
PINTEREST	1	5%
TUMBLR	1	5%
YELP	1	5%

Fonte: Elaboração própria, com base em informações dos websites (2020).

Pode-se identificar, no quadro acima e na Figura 40, a seguir, a preponderância do *Facebook* em relação às outras mídias sociais. Presente em todos os 20 museus estudados, o *Facebook* reforça sua abrangência em termos de acesso e facilidade, visto que a maioria das pessoas tem uma conta nessa mídia social (KAPLAN; HAENLEIN, 2010). Em segundo

lugar, presente em 65% dos museus estudados (13 de 20), está o Twitter; em seguida, vem o Instagram com 60% (12 de 20), Youtube, com 55% de presença (11 em 20 museus); depois, há o blog, presente em 40% dos museus pesquisados (8 de 20), seguido do Vimeo e do TripAdvisor (cada qual com 20% de presença, ou seja, em 4 dos 20 museus), do LinkedIn, com 15% de presença (3 de 20 museus), o Flickr, com 10% de presença (2 de 20) e, finalmente, Pinterest, Tumblr e Yelp, cada qual com 5% de presença (1 de 20).

Figura 40 – Concentração das Mídias Sociais presentes nos *websites* dos museus do Holocausto



Fonte: Elaboração própria, com base em informações dos *websites* (2020).

Os museus são incentivados a tirar o maior proveito possível das mídias sociais, devido à capacidade que elas têm de atingir uma multidão de pessoas em um só instante. Não importa qual o tipo de museu, todos procuram acompanhar a tecnologia. As mídias sociais mudaram a maneira como as instituições culturais funcionam e interagem com seus públicos, quebrando, portanto, as barreiras entre o museu e seus públicos (GONZALEZ, 2017). O uso das mídias sociais pelos museus permite o cumprimento de suas funções sociais, ampliando suas ações além de seus espaços físicos, fortalecendo o relacionamento com seu público visitante. Porém, é necessário gerenciar a presença *on-line* e os conteúdos gerados por

usuários, perfis e hábitos de usuários, além de informações como localizações geográficas. O acesso a esses dados permitirá aos museus uma variedade de oportunidades, e novos desafios

Nos museus estudados, encontram-se diferentes formas de documentação. A atenção para esse tópico é reforçada quando se identifica, na teoria, a importância que as formas de documentação e de comunicação têm para alcançar o público e auxiliar as instituições no cumprimento de sua missão.

Yassuda (2009) destaca a importância de os museus terem um processo de gestão da informação de modo a ter um sistema que possa atender à demanda de seu público-alvo por informação. Para autora, fica patente a necessidade de haver um cuidado na construção das linguagens desse sistema documental, de maneira a otimizar a recuperação das informações, bem como o seu uso.

Almeida (2016), ao realizar uma análise das atividades e dos objetivos que há entre museus, bibliotecas e arquivos, demonstra o quão importante é se ater à questão das coleções que são apresentadas em ambientes digitais, para que se possa gerar, de fato, um atendimento às demandas do público e, para tanto, defende a atuação conjunta dos distintos profissionais que atuam nessas instituições, reforçando a relevância do diálogo e do compartilhamento de tecnologias. Como bem ressalta a autora, o público que visita os museus quer se aprimorar, dentre outros objetivos, assim, é preciso estar atento às peculiaridades dos públicos e trabalhar com a mediação curatorial e com a área da educação – cada área tem sua forma de agir e documentar. É preciso ater-se à comunicação para alcançar esses públicos que procuram o museu, trabalhando com os recursos informacionais de maneira a alcançar, de forma otimizada, os objetivos de comunicação e atendimento às necessidades do público.

Isso posto, parte-se para a análise do que se encontrou nos 20 museus estudados, em termos de documentação. Em relação às distintas formas de documentação, destacam-se nos *websites* dos museus do Holocausto vídeos, depoimentos de sobreviventes do Holocausto, arquivos e coleções digitais, conforme quadro a seguir:

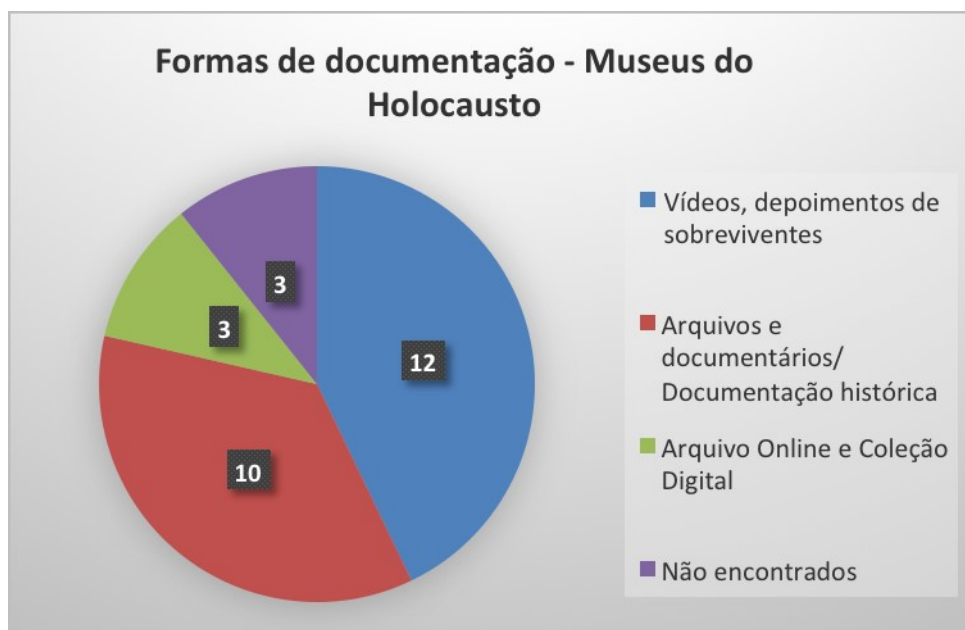
Quadro 20 - Distintas formas de documentação destacadas nos *websites* dos museus do Holocausto

Museus	Formas de Documentação			
	Vídeos, depoimentos de sobreviventes	Arquivos e documentários Documentação histórica	Arquivo <i>On-line</i> e Coleção Digital	Não encontrados
1. <i>Florida Holocaust Museum</i>	x	x		
2. <i>Corrie ten Boom Museum</i>		x		
3. <i>Museum of Jewish Heritage</i>	x	x		
4. <i>Holocaust Museum Houston</i>	x	x		
5. <i>Holocaust Resource Center</i>	x			
6. <i>Jewish Holocaust Museum and Research Center</i>	x			
7. <i>Memorial Museum for Children of Izieu</i>		x		
8. <i>Holocaust Awareness Museum</i>	x	x		
9. <i>Anne Frank House</i>	x	x	x	
10. <i>Ghetto Fighters' House-</i>		x	x	
11. <i>Montreal Holocaust Museum</i>	x			
12. <i>Holocaust Education Center</i>				x
13. <i>National Holocaust Centre and Museum</i>				x
14. <i>Holocaust Museum and Study Center</i>	x			
15. <i>El Paso Holocaust Museum and Study Center</i>	x			
16. <i>State Museum at Majdanek Concentration Camp</i>		x		
17. <i>Mauthausen Concentration Camp Memorial</i>	x			
18. <i>Holocaust Memorial Resource and Education Center</i>				x
19. <i>Beit Haedut - The Testimony House</i>	x	x		
20. <i>Kazerne Dossin: Centre on Holocaust</i>			x	

Fonte: Elaboração própria, com base em informações dos *websites*, 2019.

Ao analisar os resultados obtidos, identifica-se que prepondera, nos museus pesquisados, a forma de documentação que se constitui de vídeos e depoimentos de sobreviventes – essa forma aparece em 12 dos 20 museus (60% deles). Como já apontado nesta tese, os depoimentos de sobreviventes são uma das formas de documentação que mais causa impacto e sensibiliza o visitante, pois se trata de uma narrativa contada pela própria pessoa que a viveu. Portanto, os museus devem reforçar a adoção dessa forma de documentação para ampliar a probabilidade de alcançarem sua missão e levarem, aos visitantes, um espaço de conscientização para com a temática dos direitos humanos.

Figura 41 – Formas de documentação – Museus do Holocausto



Fonte: Elaboração própria, com base em informações dos *websites*, 2019.

Em seguida, têm-se os arquivos, documentários e documentação histórica, os quais seguem a mesma linha da primeira forma já comentada. Estes aparecem em 10 dos 20 museus pesquisados (50% deles). Por fim, em 3 dos 20 museus (15% do total pesquisado) encontrou-se o uso de arquivo *on-line* e coleção digital. Ressalte-se que em outros 3 dos 20 museus (também 15% do total pesquisado) não se encontrou forma de documentação.

O Museu *Anne Frank House* foi o único que apresentou 3 distintas formas de documentação. Com duas distintas formas de documentação, encontram-se: *Florida Holocaust Museum*, *Museum of Jewish Heritage*, *Holocaust Awareness Museum*, *Beit Haedut - The Testimony House* e *Ghetto Fighters' House*. Com 1 forma de documentação, tem-se: *Corrie ten Boom Museum*, *Memorial Museum for Children of Izieu*, *State Museum at Majdanek Concentration Camp* e *Kazerne Dossin: Centre on Holocaust*. Não se encontrou formas de documentação nos museus: *Holocaust Education Center*, *National Holocaust Centre and Museum* e *Holocaust Memorial Resource and Education Center*.

Museus que trazem mais de uma possibilidade de acesso a diferentes formas de registro da história aumentam a probabilidade de o visitante compreender a história considerando fontes de evidências que se complementam. A documentação, por exemplo, tem como pontos fortes a estabilidade do registro, sua extensão, amplitude de cobertura. Os registros em arquivos também, pois são objetivos e precisos, como destacam Alvarenga Neto, Barbosa, Cendón (2006), ao citarem Yin (2001).

As entrevistas e os depoimentos, em que pese a maior subjetividade presente nesses tipos de registro da história, são muito ricas, em termos de impacto no ouvinte. Medina (2018) destaca o quão importante é, para a compreensão do outro enquanto ser humano, a arte de estar afeito a entender o outro, a reproduzir, nos registros jornalísticos, a história, sim, mas a história narrada sob muitas vozes, a história polissêmica e dialógica. Por conseguinte, considerando-se o propósito de apresentar uma recomendação de modelo que permita que o acesso aos direitos humanos seja mais efetivo, não se pode relegar a segundo plano a necessidade de os museus virtuais terem distintas formas de interação e de documentação à disposição de quem os acessa.

6.3.4 Identificando direitos humanos (DH) nos *websites* dos museus do Holocausto

Após identificar a estrutura e a informação apresentada pelos museus em seus *websites*, buscou-se detectar como os museus faziam menção aos direitos humanos como um todo em seus *sites*. A busca foi realizada inicialmente utilizando a ferramenta “motor de busca” nos *websites* localizados na página principal, por meio da expressão: “direitos humanos (*human rights*)” inserida no motor de busca; também foi realizada uma pesquisa nos menus para identificar a proporção em que aparecem os DH. É importante destacar que 13 dos 20 *websites* (65%) apresentavam “motor de busca” na página principal e sete (35%) não apresentavam a ferramenta, o que exigiu que a pesquisa fosse feita por meio da navegação no *site* em sua totalidade, e principalmente, no menu direcionado à educação ou aprendizagem.

A análise foi realizada por meio das categorias abaixo descritas, cujo resultado é apresentado no quadro a seguir:

Quadro 21 – Descrição das categorias para a menção da expressão Direitos Humanos nos Museus do Holocausto

Categorias	Descrição das categorias
(A1 - NDH)	Não há menção aos direitos humanos nos textos do <i>website</i> . Logo, infere-se que a falta de menção direta aos direitos humanos não estimula a conscientização para os direitos humanos.
(A2 – IDH)	Os textos do <i>website</i> remetem, indiretamente, aos direitos humanos. Pode-se considerar que a indicação indireta para os direitos humanos pode estimular a conscientização para os direitos humanos, mas não de uma maneira eficiente.
(A3 – ADH)	Os textos do <i>website</i> apresentam, claramente, um ou mais direitos humanos constantes na DUDH, o que aumenta a probabilidade de os visitantes terem um reforço positivo quanto à conscientização para os direitos humanos.

Fonte: Elaboração própria, com base na DUDH, 2019.

Os resultados estão disponíveis no quadro 22, a seguir.

Quadro 22 - Resultado para busca da expressão “Direitos Humanos (DH)” nos *websites* dos Museus do Holocausto

MUSEUS	CATEGORIAS DE DH		
	A1 - NDH	A2 - IDH	A3 - ADH
1. <i>Florida Holocaust Museum</i>			●
2. <i>Corrie ten Boom Museum</i>	●		
3. <i>Museum of Jewish Heritage</i>			●
4. <i>Holocaust Museum Houston</i>			●
5. <i>Holocaust Resource Center</i>			●
6. <i>Jewish Holocaust Museum and Research Center</i>			●
7. <i>Memorial Museum for Children of Izieu</i>			●
8. <i>Holocaust Awareness Museum</i>		●	
9. <i>Anne Frank House</i>			●
10. <i>Ghetto Fighters' House-</i>	●		
11. <i>Montreal Holocaust Museum</i>			●
12. <i>Holocaust Education Center</i>	●		
13. <i>National Holocaust Centre and Museum</i>		●	
14. <i>Holocaust Museum and Study Center</i>	●		
15. <i>El Paso Holocaust Museum and Study Center</i>		●	
16. <i>State Museum at Majdanek Concentration Camp</i>			●
17. <i>Mauthausen Concentration Camp Memorial</i>	●		
18. <i>Holocaust Memorial Resource and Education Center</i>			●
19. <i>Beit Haedut - The Testimony House</i>	●		
20. <i>Kazerne Dossin: Centre on Holocaust</i>			●

Fonte: Elaboração própria, com base na recuperação das informações nos *websites*, 2019.

Na busca nos *websites* dos museus pela expressão “direitos humanos” foi possível identificar que 6 dos 20 museus, classificados como A1-NDH, não fazem nenhuma menção aos direitos humanos, ou seja, são 30% do total dos museus pesquisados. Logo, infere-se que a falta de menção direta aos direitos humanos não estimula a conscientização para os direitos humanos; assim, apesar de apresentarem tópicos educacionais sobre o ensino e história do Holocausto, bem como vídeos e materiais em PDF sobre a temática, é preciso que ajam com relação a esse tópico, para aprimorar suas ações em prol dos direitos humanos.

Já 3 dos 20 museus pesquisados (15%) foram classificados como A2-IDH, e são os que não apresentam diretamente menção aos direitos humanos, mas oferecem recursos para estudantes e professores com temáticas que abordam genocídios; convites para seminários sobre a conscientização sobre crime de ódio, recursos educacionais sobre Holocausto e cidadania entre outros. O *Holocaust Awareness Museum* - no menu Recursos apresenta

recursos para estudantes, professores com *links* para instituições com temáticas que abordam genocídios, Holocausto, entre outros. Não tem um *link* ou artigos específicos sobre DH.

O *website* do *National Holocaust Centre and Museum* aponta que a página de publicações está em construção. Identificou-se, contudo, que há recursos educacionais sobre Holocausto, cidadania, arquivos de atividades diversas, alguns materiais para *downloads* em pdf, vídeos, boletins, eventos como Semana de conscientização sobre crimes de ódio. Não há uma menção diretamente a DH. O *website* do *El Paso Holocaust Museum and Study Center*, no menu educação oferece, via solicitação, currículos para ensinar os fatos históricos relacionados ao Holocausto, e as lições da conscientização sobre o preconceito e as consequências da apatia. É possível acessar o Download em PowerPoint sobre o Holocausto (24p), como também é disponibilizado um *link* para acesso à Comissão do Holocausto e Genocídio do Texas. Pode-se considerar que a indicação indireta para os direitos humanos pode estimular a conscientização para os direitos humanos, mas não de uma maneira eficiente, ou seja, produzindo resultados diretos aos visitantes *on-line*.

Ainda seguindo a classificação proposta, encontram-se 11 dos 20 museus (55%) classificados como A3-ADH, ou seja, são aqueles que apresentam em seus *websites* tópicos ou textos com foco nos direitos humanos constantes na DUDH, o que aumenta a probabilidade de os visitantes terem um reforço positivo quanto à conscientização para os direitos humanos. O *website* do *Florida Holocaust Museum* oferece palestras gratuitas sobre movimento de conscientização: genocídios e direitos humanos: Documentário dos órfãos do genocídio Armênio; Exposição sobre Movimento dos Direitos Civis em Tampa Bay (Negros segregados); Plano de aula sobre DUDH aplicada a situações passadas e futuras. O *Museum of Jewish Heritage* oferece em seu *website* Programas de DH para estudantes e jovens – Estudo de caso para examinar questões amplas de DH; Programas de verão de DH, Artigos, vídeos sobre ativismos diversos, holocausto *versus* DH. O *Holocaust Museum Houston*, também por meio dos seus Programas educacionais, traz um foco para direitos humanos: princípios, desafios e advocacia, “Genocídios Contemporâneos”, além de tratar temas modernos em programas sobre comportamentos e *bullying* em PDF (55p.).

O *website* do *Holocaust Resource Center* apresenta Notícias sobre Palestras, oficinas sobre direitos humanos e prevenção de genocídios, planos de aula – Pós Holocausto e DH com *link* para a Federação Americana de Professores (oferece este *site* como um recurso para educadores que buscam a lição de direitos humanos a um clique de distância: planos de aula sobre educação para meninas, ativismo juvenil, Nelson Mandela, Islamofobia, genocídios,

imigrantes, tráfico humano, entre outros). No *site* vídeos e planos de aulas, encontram-se recursos sobre a DUDH: Descubra os debates e os dilemas que cercaram a criação da DUDH; Ao compararem várias versões da Declaração Universal dos Direitos Humanos, os alunos obtêm informações sobre os motivos daqueles que a criaram. Os estudantes planejam uma maneira criativa de apresentar seu plano de perseguir o sonho dos direitos humanos universais atualmente. Também é possível aos estudantes criarem uma definição de “direito” para explorar os desafios enfrentados pela Comissão de Direitos Humanos da ONU. Por meio de uma atividade da linha do tempo, os estudantes aprendem como a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto moldaram a DUDH, entre outros planos, com vídeos, planos em pdf.

O *website* do *Jewish Holocaust Museum and Research Center* apresenta informações e programações de filmes com a temática de DH, como: *O Último Traje* (2017); *A People Uncounted: The Untold Story of the Roma* (2011), perseguição nazista aos ciganos; notícias sobre programas para ensino e demonstram como a educação é uma ferramenta poderosa para combater o ódio. O visitante acessa a revista em pdf, ano 2012, com temáticas sobre Holocausto, e artigo de Elliot Perlman: escrevendo sobre história, memória e direitos humanos, entre outros. O *Memorial Museum for Children of Izieu* apresenta em seu menu educação as oficinas e o Manual de Atividades Pedagógicas 2019-2020 em pdf, que trazem temas como antissemitismo, crimes de guerras, deportações, entre outros. Há também tópicos como uma abordagem cidadã, que permite despertar o questionamento crítico quanto ao mundo atual, ajudando, por meio da história do Holocausto, a tratar de temas como compromisso, estereótipos, preconceitos e discriminação, antissemitismo, negação.

O *Holocaust Awareness Museum* faz referências em seu *website* aos DH nos menus: Sobre nós (28); Anne Frank (10); Educação (5); Tópicos (3); Linha do tempo (2). No menu educação apresentam programas nos quais os jovens fazem *clips* e cujos filmes servem como ponto de partida para um debate sobre direitos humanos. Destaque para o *Museu Anne Frank*, que apresenta uma “Rede de Jovens Anne Frank no mundo”: uma rede global de jovens em ação, e atua em mais de 70 países. No seu *website* é possível acessar, por meio de *Download Toolkit* (disponível, ressalte-se, em várias línguas), um kit de ferramentas para apoiar os membros da rede de Jovens Anne Frank em seus projetos educacionais. Esse *kit* fornece um conjunto de recursos e estudos de caso que podem ser usados para desenvolver, planejar e executar atividades educacionais, incluindo atividades digitais e PDF para Direitos Humanos, e também são chamados de direitos fundamentais, com tópicos e submenus com atividades

sobre: antissemitismo, preconceitos e direitos Humanos, entre outros planos de aulas e atividades em PDF, em várias línguas, como já destacado.

O *Montreal Holocaust Museum* apresenta em seu *website* depoimentos e vídeos - um repositório do testemunho do Holocausto, o *Visual History Archive* (arquivo digital) foi expandido para incluir testemunhos do genocídio armênio que coincidiram com a Primeira Guerra Mundial, o massacre de Nanjing de 1937 na China, o genocídio cambojano de 1975-1979, o genocídio guatemalteco de 1978-1983, o genocídio de 1994 contra os tutsis no Ruanda, os conflitos em curso na República Centro-Africana e no Sudão do Sul e a violência em massa anti-rohingya. Também inclui testemunhos sobre atos contemporâneos de violência contra judeus. Visíveis no VHA *On-line*, há vários artigos em PDF, bem como exposição virtual sobre as temáticas. Cumpre ressaltar que, ao trazer temáticas sobre genocídios contemporâneos, o museu estimula uma reflexão moral em seus programas.

O *website* do *State Museum at Majdanek Concentration Camp* apresenta no menu Educação: Programa atividade em PDF – Pedagogia da Lembrança – conteúdos que ajudam a moldar o sistema de valores morais e ensinam a justiça social e o respeito pelos direitos humanos. É possível fazer o download em PDF de história em quadrinhos sobre o campo de concentração *Majdanek*. Há, ademais, ofertas educacionais em PDF; pacote educacional para professores ensinar sobre o campo e o holocausto em PDF; atividades em alemão. O *website* do *Kazerne Dossin: Centre on Holocaust* destaca a premiação por ser o único museu Belga com viés para DH, oferecendo programas de treinamentos para policiais a partir de uma visão em DH. Apresentam programas educacionais com vídeo introdutório, livretos com download em PDF sobre conflitos não somente belgas, mas traz outros genocídios contemporâneos, como o de Ruanda; porém, apesar desses aspectos positivos, não apresenta ao visitante *on-line* acesso a publicações ou a planos de aula diretamente sobre DH.

O *Holocaust Memorial Resource and Education Center* apresenta o menu educação com vários programas que podem ser solicitados pelo visitante *on-line*, sobre: ensino contra *bullying*, *cyberbullying*, holocausto e direitos humanos para professores e alunos. Traz uma temática inovadora sobre direitos humanos na internet. Destaca o viés pedagógico dos direitos humanos por meio das técnicas de sensibilização no treinamento de agentes militares para conscientização dos DH das pessoas. Os textos dos *websites* desses 11 museus apresentam, claramente, um ou mais direitos humanos constantes na DUDH, o que aumenta a probabilidade de os visitantes terem um reforço positivo quanto à conscientização para os direitos humanos.

É perceptível que a menção aos direitos humanos nos *websites* de forma geral está ligada ao menu educação nos *websites* dos museus, e principalmente, oferecendo material didático para professores, profissionais e alunos, com uma temática variada e atual, como: *bullying* e *cyberbullying*, antissemitismo, genocídios contemporâneos, cursos presenciais para profissionais da área de segurança (militares) com uma visão nos direitos das pessoas.

6.4. Definindo Indicadores de DH para Museus em seus Websites

Antes de apresentar o quadro analítico de indicadores, torna-se oportuno realizar algumas considerações acerca de indicadores em geral. A proposta de criação de indicadores surgiu em 1920 nos EUA, com a finalidade de que a sociedade deveria ter dados que permitissem uma imagem precisa de si própria e de suas mudanças. O comitê presidencial foi criado em 1929 para produzir um relatório denominado de “indicadores sociais”, expressando um conjunto de medidas de mudança social. Contudo, o relatório teve poucos impactos imediatos, mas foi a partir de então que os dados passaram a ser coletados e sistematizados conforme a preocupação apresentada (RUA, 2004).

Após a Segunda Guerra Mundial, consolidou-se o conceito de indicadores sociais, com uma abordagem exploratória e empirista, focada no crescimento econômico, e uma ampla coleção de dados estatísticos, sobre taxas diversas como: desemprego, crimes, consumo etc., com a perspectiva de saber como as coisas são e ter uma ideia do que fazer. Na década de 1960, vários países compilaram regulamente os dados para compor indicadores sociais, demorando a perceber que as medidas para solucionar os problemas sociais teriam que amadurecer junto com os indicadores (RUA, 2004).

Na década de 1970, a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e a ONU elaboraram novos conceitos e metodologias para definição dos indicadores sociais que não abordassem somente uma política pública de quantidade, mas também de qualidade de vida. Período em que os indicadores sociais passaram a ser diferenciados e identificados como: indicadores sociais objetivos e indicadores sociais subjetivos. Os indicadores objetivos correspondem a estatísticas que representam fatos sociais e subjetivos representam percepções individuais e avaliações de condições sociais (RUA, 2004).

Para Rua (2004, s/p), “os indicadores não são somente dados, mas uma balança que permite ‘pesar’ os dados, que permite aferir os dados em termos de qualidade, resultado, impacto entre outros”. De forma geral, “os indicadores são instrumentos que contribuem para

identificar, medir e descrever aspectos relacionados a um determinado fenômeno ou objeto da realidade”, com a finalidade de traduzir, de forma quantitativa ou qualitativamente um ou mais aspectos da realidade social ou ação, de maneira a tornar operacional o seu acompanhamento (BRASIL. GMI, 2018, p.12). Para Filmer-Wilson (2006, p. 156) os indicadores são “ferramentas para fornecer informações específicas sobre o estado ou condição de um evento, atividade ou resultado”. O autor ressalta que,

Os indicadores podem ser declarações quantitativas ou qualitativas. Indicadores quantitativos para medir o progresso ou resultados em termos de quantidade, como o número de juízes treinados em direitos humanos ou a porcentagem de uma população que entende certos direitos humanos. Os indicadores qualitativos reúnem os dados que são melhor expressos e registrados de maneira não numérica, pois abordam questões de comportamento, visões e atitudes (FILMER-WILSON, 2006, p.156, tradução própria).⁴⁴

Para Rua (2004), os indicadores são medidas que quantificam ou representam resultados, características ou desempenhos de organizações, processos, serviços e entre outros. Os tipos de indicadores podem ser: estratégicos, de Processo (produtividade, qualidade, efetividade, capacidade) e de Projetos. Os indicadores são utilizados para contribuir para melhoria contínua dos processos organizacionais entre outras contribuições. Portanto,

É fundamental que os indicadores sejam direcionados para a tomada de decisões gerenciais voltadas para a solução dos problemas apontados, servindo de base inclusive para a revisão de metas já estabelecidas. Por isso, os indicadores não podem agregar mais trabalho no dia-a-dia nem tempo excessivo para serem coletados e obtidos. Assim, devem ser representativos para os processos e atividades, levando a análises e melhorias da forma mais prática e objetiva possível (RUA, 2004, s/p).

Por conseguinte, Jannuzzi (2005) destaca a importância de desenvolver indicadores que tenham um interesse prático para se desenvolver, após os objetivos, as ações pertinentes que permitam alcançar esses objetivos. O autor também recorda que as tecnologias da informação possibilitam sobremaneira o acesso à informação, o que favorece o uso de indicadores, mediante a transformação de informações estruturais que serão utilizadas para analisar e tomar decisões.

⁴⁴ No original: *As a general definition, indicators are ‘tools for providing specific information on the state or condition of an event, activity or outcome’.*² *Indicators can be either quantitative or qualitative statements. Quantitative indicators measure progress or results in terms of quantity, such as the number of judges trained in human rights or the percentage of a population that understands certain human rights. Qualitative indicators gather data that is best expressed and recorded in a non-numerical manner as they address questions of behavior, views, and attitudes* (FILMER-WILSON, 2006, p.156).

Considerando-se essas informações, é oportuno destacar que na presente tese defende-se a criação de indicadores de direitos humanos para *website* de museus do Holocausto, pois “os indicadores de direitos humanos podem desempenhar um papel poderoso na proteção e promoção dos direitos humanos” (FILMER-WILSON, 2006, p. 155). A finalidade é a de fortalecer em ação a missão dos museus do Holocausto, e disponibilizar ao visitante virtual/*on-line* o acesso a conteúdos e programas de DH, por meio de atividades colaborativas e interativas, fortalecendo *on-line* o que já é oferecido ao visitante físico dos museus do Holocausto.

O processo de construção de um indicador social ou de um sistema de indicadores “inicia-se a partir da demanda de interesse” (JANNUZZI, 2005, p. 138); no caso dos museus do Holocausto, a demanda dos visitantes por cultura e informação; e a busca da melhoria dos *websites* dos museus do Holocausto para fortalecimento da dimensão de direitos humanos, por meio de indicadores de demanda nos sites atuais, produzida por meio do estudo dos 20 *websites* de museus do Holocausto.

Segundo Tironi *et al.* (1991, p.11), um indicador deve, preferencialmente, possuir as seguintes características: a) ser de formulação simples; b) apresentar um grau satisfatório de cobertura e de resultados gerados; c) ser calculado com dados confiáveis e facilmente obtidos; d) deve referir-se, preferencialmente, às etapas dos processos no sentido de serem críticas aos resultados em relação às interfaces de atendimento a necessidades dos usuários. Com base nessas orientações, então, apresenta-se uma proposta de modelo de indicadores de Direitos Humanos para *websites* de museus do holocausto.

6.4.1 - Modelo de indicadores de Direitos Humanos para Websites de Museus do Holocausto (IDHWMH)

Conforme “Guia Metodológico para Indicadores” (BRASIL.GMI, 2018), os indicadores podem ser utilizados em vários momentos como parte do processo de elaboração de políticas e programas públicos, todos servem para sistematizar uma política sob a forma de um fluxo lógico que contém fases discretas de execução na forma de um processo.

Ao aplicar as ideias dos autores Januzzi (2005); Rua (2004) e Brasil. GMI (2018) para a criação de indicadores para os *websites* de museus do Holocausto, buscou-se simplificar a realidade dos *websites* desses museus, mediante a identificação do problema como ponto de partida para se conceber, elaborar, implementar e avaliar as ações que garantam o acesso à

educação em direitos humanos aos visitantes/usuários dos referidos *websites*. “A tendência é utilizar os indicadores como ponto de chegada, pois eles servirão para verificar os resultados que mais tarde podem servir como linhas de base para novas intervenções” (BRASIL.GMI, 2018, p.12).

Para Rua (2004, s/p.), os indicadores são medidas às quais “referem-se às informações que, em termos conceituais são mensuráveis, independentemente de sua coleta obedecer a técnicas ou abordagens qualitativas ou quantitativas”. Assim, buscou-se retratar a realidade dos *websites* estudados, pela mensuração dos dados elencados nos subcapítulos 6.1 ao 6.3, conforme quadro a seguir, para prosseguir com a construção de um modelo de referência para a criação de indicadores de Direitos Humanos para *websites* de museus do Holocausto (IDHWMH).

Quadro 23 – Resultado Geral da análise dos *websites* dos museus do Holocausto

RESUMO GERAL			Percentual	
	Sim	Não	Sim	Não
<i>Website</i> com fácil acesso	20	0	100%	0%
Informação acessível sobre os responsáveis pelo museu	20	0	100%	0%
Data da criação do <i>website</i>	0	20	0%	100%
Data da atualização do <i>website</i>	8	12	40%	60%
Missão - apresentação direta como missão no <i>website</i>	17	0	70%	0%
Missão - apresentação apenas de objetivos e visão no <i>website</i>	3	0	30%	0%
Usabilidade (facilidade de navegação em três cliques)	20	0	100%	0%
Rapidez no acesso (menos de três segundos)	20	0	100%	0%
Acessibilidade para deficientes na interface	3	17	15%	85%
Abordagem temática proposta	20	0	100%	0%
Educação - menus ou submenus	19	1	95%	5%
Educação - <i>links</i> para professores e alunos acessarem	19	1	95%	5%
Educação - atividades educacionais por meio de aplicativo	2	18	10%	90%
Educação - atividades educacionais colaborativas	0	20	0%	100%
Educação - espaço para troca de dúvidas	1	19	5%	95%
Pesquisas sobre a temática do Holocausto	20	0	100%	0%
Abordagem sobre DH no museu físico - palestras, cursos de verão, treinamentos	20	0	100%	0%
Abordagem <i>on-line</i> sobre DH - palestras <i>on-line</i> , fóruns e chats <i>on-line</i> , cursos <i>on-line</i>	0	20	0%	100%
Atividade digital sobre a temática do museu	1	19	5%	95%
Jogos digitais com a temática do museu	1	19	5%	95%
Comunicação para fóruns, chats e espaço para reflexão	0	20	0%	100%
Comunicação - publicação de comentários dos usuários	3	17	15%	85%
Comunicação - montagem de grupos	0	20	0%	100%
Mídias sociais – <i>links</i> para redes sociais	20	0	100%	0%
Mídias sociais - blogs	8	12	40%	60%
Mídias sociais - <i>sites</i> de turismo	4	16	20%	80%

Fonte: Elaboração própria (2020).

Os indicadores são medidas, ou seja, são uma atribuição de números a objetos, acontecimentos ou situações, de acordo com certas regras e são utilizados para a melhoria

contínua dos processos organizacionais (RUA, 2004), e “qualquer processo de construção ou seleção de indicadores deve buscar o maior grau possível de aderência a algumas propriedades que os caracterizem” (BRASIL. GMI, 2018, p.13). Com a mensuração dos dados coletados nos *websites* dos museus do Holocausto, destacamos os principais aspectos positivos e negativos encontrados na estrutura das *homepages* dos *websites*, apresentando a seguir um modelo de referência para a criação de indicadores de Direitos Humanos para *websites* de museus do Holocausto (IDHWMH).

Quadro 24 - Modelo de referência para criação de indicadores de Direitos Humanos para *Websites* de Museus do Holocausto (IDHWMH)

MODELO DE REFERÊNCIA POLÍTICAS PÚBLICAS PARA INDICADORES	CARACTERÍSTICAS DOS <i>WEBSITES</i> DOS MUSEUS DO HOLOCAUSTO
Identificação do problema Problemas foram identificados na análise de 20 <i>websites</i> de museus do holocausto, motivando uma ação para resolvê-los. Tal ação deverá ser avaliada pelos museus em seminários realizados pelo ICOM a partir do 2º semestre de 2020.	Positivas: Site apresenta performance de entendimento e rapidez no acesso; apresenta a missão, aborda a temática; há menus de educação e diversidade de ações em prol da atração de profissionais do ensino, Estão inseridos em redes sociais, blog entre outras; Oferecem mecanismo de busca; Negativas: Não têm data de criação e data de atualização da página; Acessibilidade não é oferecida aos deficientes diversos; Não oferecem ferramentas colaborativas; Não oferece acesso por meio de aplicativos para android e iphone; Não oferecem chats, fóruns, espaço para dúvidas do visitante <i>on-line</i>; Menus de educação não oferecem atividades colaborativas, cursos <i>on-line</i>, palestras <i>on-line</i>, treinamento <i>on-line</i>, atividades digitais, <i>Tour virtual</i>; educação em direitos humanos diretamente; Não oferecem informações sobre visitantes <i>on-line</i>.
Implementação Execução das atividades planejadas para alcançar os objetivos propostos	Inicialmente pelos museus do Holocausto
Monitoramento	Indicadores devem ser monitorados e avaliados periodicamente nos sites. Acompanhamento e verificação se as ações estão sendo executadas, permitindo medidas corretivas por parte do museu.
Avaliação	Verificar os resultados obtidos com a implementação dos IDHWMH, se tiveram um resultado esperado em educação DH.

Fonte: Elaboração própria, com base no Guia Metodológico para Indicadores (BRASIL. GMI, 2018).

Para Januzzi (2005, p.148), a etapa de elaboração do diagnóstico para a criação dos indicadores deve retratar a realidade social,

afinal, é preciso ter um retrato tão amplo e detalhado quanto possível acerca da situação social vivenciada pela população para orientar, posteriormente, as questões prioritárias a atender, os formatos dos programas a implementar, as estratégias e ações a desenvolver.

Por conseguinte, torna-se essencial que os indicadores sejam orientados para a tomada de decisões gerenciais, servindo de suporte para revisão de metas estabelecidas. “Os indicadores devem ser representativos para os processos e atividades, levando a análises e melhorias da forma mais prática e objetiva possível” (RUA, 2004, s/p.).

Quadro 25 - Modelo de Indicadores de Direitos Humanos para *website* de museus do Holocausto (IDHWMH)

Indicadores de DH para <i>websites</i> de Museus Holocausto	DESCRIÇÃO DOS INDICADORES
A educação em direitos humanos foi claramente definida em termos da missão e dos objetivos do museu? S/N	• Faz Referências ao conhecimento sobre direitos humanos, como sobre os próprios direitos, os direitos dos outros, os principais padrões de direitos humanos e mecanismos e a história dos direitos humanos; • Faz Referências a atitudes que refletem direitos humanos valores como igualdade, não discriminação, inclusão, participação na sociedade, respeito e compaixão pelos outros (especialmente os mais vulneráveis e marginalizados) e justiça; • Faz Referências a habilidades que permitem a promoção de direitos humanos, como a capacidade de analisar ambiente usando uma perspectiva de direitos humanos e trabalhar coletivamente com outras pessoas para resolver problemas;
As diretrizes incentivam a criação do menu educação, com atividades que promovam educação em direitos humanos? S/N	• Referências de políticas aos resultados dos alunos/usuários refletindo conhecimento, habilidade e atitudes em direitos humanos nos estágios da educação (por exemplo, ensino fundamental, ensino médio) • É feita referência ao número de horas por semana por mês • É feita referência à educação em direitos humanos como uma disciplina dedicada dentro do currículo, parte de um curso mais amplo de cidadania, ou integrado na aprendizagem existente áreas ou assuntos.
As diretrizes, após a criação do menu educação, incluem ferramentas colaborativas no site? S/N	• Utilização de métodos participativos de instrução • Discussão aberta • Aprendizado cooperativo • Solução interativa de problemas • Processos de instrução e aprendizado que são incluindo alunos/usuários, especialmente os mais vulneráveis e marginalizados

Fonte: Elaboração própria, com base em Januzzi (2005); Rua (2004); *Human Rights Education Indicator Framework* (2015); Brasil. GMI (2018).

A abordagem sobre Direitos Humanos, atualmente, parte da compreensão da efetiva existência de direitos legais que cada pessoa tem frente à sociedade, compreensão esta que, historicamente, não existia. Os direitos clássicos e os pré-Segunda-Guerra partem do pressuposto de que os indivíduos podem acionar e reivindicar direitos contra seus semelhantes. No entanto, a partir da Declaração Universal dos Direitos do Homem uma nova esfera de direitos começou a ser protegida, qual seja aqueles direitos protegidos e reivindicados frente à sociedade (DOLINGER, 2009). Surge a necessidade de proteção de

“direitos frente à sociedade”, à coletividade, no entendimento de que a promoção e a defesa dos direitos privados são classificadas como bem comum.

Daí a necessidade de conscientização dos destinatários dos dados e informações contidos nos *websites* dos museus, de propagar e divulgar a dimensão e importância dos preceitos insculpidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, como materialização da proteção universal reivindicada frente às catástrofes humanas advindas do Hitlerismo e do Fascismo. Nesse sentido é que a definição de indicadores contribui para a promoção e proteção de Direitos Humanos, via museus e fontes eletrônicas de informações históricas.

6.5 Recomendações Gerais, após Análise dos *Websites* dos Museus do Holocausto

De acordo com Gobira, Corrêa e Almeida (2019), um acervo cultural pode ser um gerador de conhecimento – entende-se que os museus do Holocausto, utilizando-se de ferramental tecnológico, são geradores de um conhecimento cultural que auxilia a reforçar a identidade do ser humano enquanto ser humano. Essa identidade universal ocorre quando o registro do Holocausto, o reavivamento da história das pessoas que foram protagonistas do ocorrido, as memórias dos sobreviventes, mesclam-se com a interação daqueles que visitam o museu. O aprendizado decorrente de espaços de reflexão, e as possibilidades de acesso a professores, estudantes, interessados no tema em geral, permitem que se rememore o passado e absorva lições para que o futuro não repita os erros que ocorreram na história da humanidade. O que se recomenda é a ampliação das formas de interação entre quem os acessa, de maneira a que esses museus possam se abrir mais à construção coletiva dessa identidade, rememorando e educando para não esquecer.

Conforme apontado anteriormente, é preciso que haja uma gestão da informação, permitindo o aprimoramento dos museus temáticos. Para tanto, recomenda-se, considerando-se os aportes de Motta, Barbosa e Barbosa (2019), o uso de *Big Data* para que as missões dos museus temáticos estudados nesta tese possam ter maior probabilidade de alcance. Vale ressaltar o quanto o *Big Data* pode contribuir para, no caso estudado pelos autores, possibilitar a gestão de dados e favorecer o alcance da missão do Museu Britânico, que foi o objeto de pesquisa de Motta, Barbosa e Barbosa (2019). Por meio do *Big Data*, as interações entre os usuários virtuais e o museu puderam ser mapeadas e se tornaram elementos de retroalimentação do sistema, permitindo a tomada de decisões mais assertivas em termos de

interação propriamente dita em plataforma virtual e propiciando espaço colaborativo para criar, gerir e compartilhar conhecimento.

Também é importante reforçar a criação de ações educacionais mais voltadas ao acesso *on-line*. Como apontado nos comentários do Quadro Resumo, no museu físico, encontram-se diversas ações educacionais para a temática, o oposto do que se identifica no museu *on-line* – então, seria pertinente dar atenção a esses aspectos e implantar ações educacionais no museu *on-line*, pois permitirão que mais pessoas possam interagir com os palestrantes e se aprofundar na temática dos direitos humanos.

No geral, observa-se que os 20 museus apresentam os nomes dos responsáveis pelos museus, o que é positivo, pois indica confiabilidade, e apresentam *website* com nome de fácil acesso, porém, não trazem informações sobre a data da criação e os responsáveis por essa criação. Este é um ponto negativo que se recomenda corrigir. Os *websites* deveriam trazer a data da criação, aspecto que nenhum dos 20 museus estudados apresenta, bem como a data da última atualização, item que apenas 8 dos 20 museus (40%) cumprem.

Sobre a missão, esta deve estar clara para o visitante *on-line* no menu sobre o museu e, no caso dos 20 museus estudados, 17 deles (70%) apresentam-na claramente e 3 deles (30%) apresentam apenas a visão e objetivos. Algumas características gerais positivas sobre esse aspecto estão no fato de que os museus abordam a preocupação com o patrimônio cultural; apresentam relação com a educação: ensinar, educar, incutir, combater, conscientizar etc. e abordam a temática de DH – combate à intolerância, respeito à diversidade, cidadania, responsabilidade cívica, justiça social, entre outros. A educação sobre o Holocausto tem o potencial de contribuir significativamente para a educação em direitos humanos.

No tocante à usabilidade dos *Websites* dos museus do Holocausto estudados, todos apresentam facilidade de navegação em três cliques, o que é positivo, visto que a teoria relacionada à facilidade de navegação destaca que o usuário deveria conseguir acessar a informação desejada no máximo em três cliques e que deve haver simplicidade - quem navega quer encontrar o mais rapidamente possível o objetivo da busca.

Sobre a interface “acessibilidade para deficientes”, este quesito é encontrado em apenas 3 dos 20 museus, ou seja, somente 15% dos 20 museus estudados têm essa facilidade. Pessoas diferentes acessam informações de formas diferentes. Ter um site acessível é garantir o direito à pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida exercer seus direitos de cidadania e participação social. Um *site* acessível contribui para que todos consigam ter a melhor experiência possível durante a navegação.

No que se refere à abordagem proposta, 100% dos sites abordam a temática proposta sobre o Holocausto em diferentes contextos. Esse ponto pode ser importante para reforçar a compreensão do Holocausto e dos direitos humanos - maneiras pelas quais o passado pode estimular críticas e autocrítica, permitindo que visitantes *on-line* reflitam sobre questões contemporâneas de direitos humanos.

Em contrapartida, constatou-se que nenhum museu realiza uma abordagem *on-line* sobre DH no que se refere à oferta de palestras, fóruns, chats e cursos *on-line*. Apenas um dos 20 (5%) oferece atividade digital sobre a temática do museu e apenas 1 (*Anne Frank House*) dos 20 (5%) oferece atividades digitais, incluindo o manual em pdf para educadores/professores. Já no quesito educação, nenhum museu oferece atividades colaborativas. Apenas 2 de 20 (10%) oferecem atividades por meio de aplicativo. Observa-se, portanto, que as atividades educacionais nos museus promovem a reflexão, porém não fomentam a aprendizagem colaborativa, ponto, então, que merece recomendação ao corpo diretivo para ação em prol dessa oferta. Ainda sobre educação, 19 dos 20 museus estudados (95%) apresentam menus ou submenus educação aprendizagem; 18 dos 20 (90%) apresentam *links* para professores e alunos acessarem, 13 de 20 (65%) apresentam “fale conosco”, mas somente um museu oferece espaço para troca de dúvidas. No museu físico, encontram-se diversas ações educacionais para a temática, o oposto do que se identifica no museu *on-line*.

A partir dessa constatação, seria pertinente dar atenção a esses aspectos e implantar ações educacionais no site, pois permitirão que mais pessoas possam interagir com os palestrantes e se aprofundar na temática dos direitos humanos. Estudar o Holocausto fornece inúmeros fatos Históricos de violações dos princípios básicos de direitos humanos e do sofrimento causado às vítimas, incentivando a criar *insights* sobre os direitos das pessoas e a necessidade de reconhecer valores e protegê-los.

Em relação à comunicação, nenhum museu oferece espaço para fóruns, chats e espaço para reflexão, nenhum permite montagem de grupos, apenas 3 de 20 (15%) publicam comentários dos usuários. Recomenda-se disponibilizar contato com responsáveis, proporcionar fóruns e espaço para reflexão, permitindo a partilha de ideias, e facilitar a comunicação entre usuários. Porém, no quesito “mídias sociais”, todos os museus trazem *links* para redes sociais, demonstrando a inserção dos museus nas plataformas sociais que têm como sua principal função o compartilhamento em massa de conteúdo e transmissão de informações. Recomenda-se, também, estudos futuros para identificar como o visitante

interage nas redes sociais e se as plataformas podem se tornar uma ferramenta para educação em DH.

De igual modo, é recomendável que se crie um sistema de retroalimentação que permita a identificação dos pontos-chave, e que o usuário aponte como desejados ou deficientes, os quais necessitarão de ações de gestão da informação pontual e eficiente. Ainda em relação a esse tema, seguindo o Guia Metodológico para Indicadores, elaborado pelo Ministério do Planejamento (BRASIL, 2018), o que se recomenda é que os museus temáticos criem indicadores que lhes permitam identificar, mensurar e agir sobre os aspectos da realidade que lhes propiciem o alcance de sua missão.

Ainda, em relação às recomendações, vale lembrar que a criação de indicadores e seu monitoramento consistem em duas ações administrativas importantes para que a organização possa caminhar em direção à meta que se propõe. No caso dos museus do Holocausto, essa importância dada a ações administrativas é reforçada ao se identificar, como apresentado anteriormente, que há aspectos educacionais essenciais a serem alcançados. Dada a eficiência que pode ser alcançada em ações tomadas com base em indicadores, recomenda-se que os museus adotem essa sistemática para poder avaliar suas ações e o impacto que estão causando em seus visitantes.

Assim, apresentam-se, a seguir, quadro sinótico com proposições de modelo que poderá ser adotado para os *websites* de museus que abrangem o tema Holocausto.

Quadro 26 - Educação em direitos humanos em programação escolar não formal ou extracurricular

Indicadores de monitoramento	Descrição / sub indicadores	Fonte de informação
As diretrizes incentivam atividades que promovam educação em direitos humanos?	Exemplos de atividades em toda a escola: • Dias de conscientização sobre direitos humanos • Oradores convidados em tópicos relacionados aos direitos humanos • Atividades de captação de recursos para um ser humano Direitos ou causa humanitária.	• Diretrizes emitidas por unidade do Ministério da Educação (e autoridades regionais ou locais, onde apropriado)
Apresentam estratégias implementadas para promover a educação em direitos humanos? (S / N) Descreva.		• Relatórios de unidades relevantes de Ministério da Educação (e regional, autoridades locais, quando apropriado) • Relatórios das escolas • Relatórios de parceiros civis organizações da sociedade.
As diretrizes incentivam atividades não formais ou extracurriculares em escolas (como clubes) que promovam	Exemplos de informações não formais / extracurriculares atividades escolares:	• Diretrizes emitidas por unidade do Ministério da Educação (e autoridades

ou estejam relacionados com a educação em direitos humanos, procurando desenvolver conhecimentos, habilidades e atitudes? (S / N)	Clubes de direitos humanos • Modelo das Nações Unidas • Clubes que promovem ações humanitárias e ações de desenvolvimento • Viagens de campo promovendo a compreensão dos direitos humanos e ação • Alcance da comunidade • <i>Links</i> entre estudantes de diferentes países.	regionais ou locais, onde apropriado).
Possuem informações não formais ou extracurriculares de atividades que promovem o desenvolvimento humano ou ações de educação implementadas? (S / N) Descreva.		• Relatórios de unidades relevantes do Ministério Educação (e regional ou local) autoridades, quando apropriado) • Relatórios das escolas • Relatórios da sociedade civil parceira Organizações.
As diretrizes incentivam práticas em toda a escola que refletem valores de direitos humanos (por exemplo, participação na governança, engajamento com famílias e membros da comunidade)?	• Exemplos de práticas em toda a escola que refletem valores dos direitos humanos: • Participação significativa dos alunos em tomada de decisão na escola • Relações respeitadas e fortes entre a escola e membros mais amplos da comunidade • Transparência e representatividade na governança • Políticas disciplinares que tratam os alunos com respeito. • Fortes vínculos entre administradores e professores com familiares e membros da comunidade • Oportunidades para estudantes e outros membros da comunidade escolar para organizar.	• Diretrizes emitidas por unidade do Ministério da Educação (e autoridades regionais ou locais, onde apropriado).
Possuem informações não formais ou extracurriculares de atividades que promovem o desenvolvimento humano por meio da educação? (S / N) Descrever		• Relatórios de unidades relevantes do Ministério Educação (e regional ou local) autoridades, quando apropriado) • Relatórios das escolas • Relatórios da sociedade civil parceira Organizações.
Existem diretrizes que incentivam as escolas a colaborar com organizações da sociedade civil de maneira formal, não formal ou extracurricular relacionados com a educação em direitos humanos nas atividades? (S / N)	Exemplos de organizações da sociedade civil: • Organizações nacionais ou locais de direitos humanos • Organizações nacionais ou locais envolvidas em temas de paz, desenvolvimento	• Diretrizes emitidas por unidade do Ministério da Educação (e autoridades regionais ou locais, onde apropriado).

	e democracia Organizações comunitárias • Grupos de jovens envolvidos em temas de direitos humanos • Grupos religiosos engajados em atividades humanas temas de direitos.	
As escolas estão colaborando com as organizações da sociedade na realização não formal ou extracurricular de atividades relacionadas à educação em direitos humanos? (S / N)		• Relatórios de unidades relevantes do Ministério Educação (e regional ou local) autoridades, quando apropriado) • Relatórios das escolas • Relatórios de parceiros civis organizações da sociedade.

Fonte: Elaboração própria, com base em *Human Rights Education Indicator Framework*, 2015, p.12-15, tradução própria.

Esse quadro visa trazer possibilidades de aprimoramento para os museus do Holocausto, incentivando seu corpo diretivo a analisar as questões apresentadas aqui e a adotarem ações que fortaleçam o cumprimento de sua missão em relação aos direitos humanos, como reforçado na teoria estudada, em especial, quanto à importância de existirem ferramentas de auxílio para formular, implementar, monitorar e avaliar os chamados indicadores de Direitos Humanos, constituídos de ações, programas e políticas de direitos humanos, ou seja, de indicadores de DH (FERREIRA, 2004; FILMER-WILSON, 2006; OHCHR; 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria apresentada demonstrou que os museus, ao redor do mundo, estão se fortalecendo como instituições dedicadas a facilitar a educação em direitos humanos, e procuram responder à cultura em evolução dos direitos humanos por meio de suas missões, exposições e iniciativas de programação. Ou seja, os museus têm buscado se afirmarem como espaços de representação da memória e se esforçando para criar uma cultura democrática e de respeito ao próximo. Com o advento da tecnologia digital, em especial da internet, os museus se abriram para experiências em ambientes digitais e vêm buscando a aplicação potencial da internet e de recursos digitais para dispor a um público bem maior, sem fronteiras geográficas, seus grandes acervos digitais. Em especial, escolheu-se a abordagem dos museus que tratam do Holocausto, pelo que esse evento histórico representa em termos de uma inflexão para toda a humanidade, sendo de grande relevância social e cultural no que concerne aos direitos humanos.

Também foi abordada a evolução da Ciência da Informação após a Segunda Guerra Mundial e a importância de compreender a informação no sentido de conhecimento comunicado, com o foco na relação entre o indivíduo e o conhecimento. Com as transformações digitais, a tecnologia passou a ser socializada e dispersa em distintos estratos sociais; logo, houve a democratização do seu uso e profundas transformações na informação e na comunicação. Como apontado no decorrer da tese, considerando-se essas modificações, as demandas sociais e o papel da ciência da informação, reforçou-se a importância da existência de museus temáticos que abordem assuntos envolvendo os direitos humanos e os eventos históricos que servem como conscientização humana sobre a importância do respeito a esses direitos. A abordagem dos direitos humanos, materializados após a Segunda Guerra na Declaração de Direitos Humanos (DUDH) de 1948, demonstrou o quanto tal documento tornou-se um efetivo marco nos tempos atuais no que concerne ao direito das pessoas, independente de sua etnia ou crenças.

Ao se considerar o papel do museu e sua abordagem que privilegia o caráter fenomênico e ressalta os novos paradigmas sociais, mais uma vez se reforça a importância da relação entre o ser humano e o museu enquanto instituição social que possibilita o contato deste ser humano com o conhecimento, com a realidade que está nas coleções que documentam a história da sociedade. Novamente, reforçou-se a relevância da realização de pesquisas que abordem o tema da ciência da informação como um meio para que o ser humano compreenda a sociedade e a cultura que o circundam e a do museu, enquanto instituição social que faz acontecer essa relação ser humano-

conhecimento, como é o caso dos museus temáticos que abordam o Holocausto. Ressalte-se, adicionalmente, o foco dos museus modernos para a prática dos direitos humanos, os quais passam, como apresentado na teoria, a serem elementos centrais para os museus a partir dos anos 1980.

As transformações digitais nas organizações também foram objeto de estudo nesta tese, por representarem mudanças sensíveis na busca do aprimoramento do desempenho das organizações e, conforme apresentado nas análises dos museus, sua importância pode ser constatada até mesmo para que se pudesse, metodologicamente, fazer a seleção dos museus a serem estudados. Após um primeiro levantamento de 63 museus que abordam o tema Holocausto, elegeu-se os 20 de maior acessibilidade, para que se pudesse realizar a análise de seus sites e desenvolver o modelo de acompanhamento de alcance da missão. Para tanto, foram utilizados os avaliadores de acessibilidade ASES e AccessMonitor como ferramentas para medir a acessibilidade dos *websites*.

Com esse estudo, foram alcançados os objetivos propostos inicialmente, a saber: como objetivo geral, contribuir para o estudo de *websites* de museus do Holocausto e outros museus temáticos na inserção dos direitos às pessoas, por meio da criação de um modelo de indicadores de Direitos Humanos (DH), com ênfase na abordagem da educação nessa temática; identificar os museus do Holocausto na esfera global e selecionar seus *websites*, a fim de analisar que elementos estão presentes nas páginas principais, cujo conteúdo faz referência aos direitos das pessoas, conforme a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH); estabelecer elementos comparativos entre *websites* dos museus do Holocausto estudados por meio de indicadores de Direitos Humanos, a fim de identificar a dimensão que apresentam os direitos das pessoas nesses *sites*. E por fim, criar um modelo de indicadores de direitos humanos para *websites* de museus do Holocausto que contribua para o alcance dos objetivos planejados dos museus quanto à educação em direitos das pessoas no século XXI.

Assim, os objetivos apresentados foram atingidos, visto que foi feita a análise dos elementos que estão presentes nos *websites* dos museus do Holocausto, cujo conteúdo faz referência aos direitos das pessoas, conforme a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). Identificou-se e analisou-se, segundo critérios propostos pela autora desta pesquisa, a composição dos *websites* dos museus do Holocausto. Verificou-se se as informações contidas nos *websites* desses museus remetem ao direito das pessoas, por meio de categorias da Declaração Universal de Direitos Humanos. Estabeleceu-se um conjunto de elementos comparativos entre *websites* dos museus do Holocausto estudados por meio de indicadores de

Direitos Humanos, a fim de identificar a dimensão dos direitos das pessoas nesses sites. E, por fim, criou-se um modelo de análise por meio das categorias levantadas pelos indicadores de Direitos Humanos, visando contribuir para o estudo do conteúdo de *websites* de museus temáticos.

Em relação à pergunta central da tese: os museus do Holocausto abordam direitos humanos em seus *websites* e, em caso afirmativo, como se utilizam de ferramentas virtuais para interagir com seu público e buscar a efetividade da sua missão? Os resultados apresentados permitem responder afirmativamente à primeira parte da questão e, em relação ao uso das ferramentas virtuais, os resultados resumidos no Quadro 23 demonstram que o uso dessas ferramentas não alcançou seu potencial e que há lacunas a serem preenchidas pelos gestores dos museus, para aprimorarem a probabilidade de alcançarem sua missão.

Conforme apresentado nesta tese, a tecnologia informacional do século XXI torna o usuário um produtor de sentidos da informação em uma forma imediata, assíncrona e autônoma, havendo um recrudescimento do impacto social da ciência da informação. Esta, em seu papel nos museus contemporâneos, reforça-se enquanto ciência que permite o reforço dos símbolos culturais. Cumpre ressaltar, como destacado anteriormente, que o museu tem sua importância social reconhecida pelo ICOM, por ser o espaço em que a sociedade pode olhar e refletir sobre os testemunhos materiais do que os seres humanos, de forma individual ou coletiva, produziram ao longo do seu tempo histórico na Terra. Ora, como memória cultural da sociedade, os museus têm por missão não apenas salvaguardar, mas também difundir informações cuja matéria-prima é a cultura, visando a uma plena reflexão do ser humano atuando no espaço histórico em que está.

Destaca-se a importância de conhecer as instituições museais que abordam a temática do holocausto e, principalmente, esse fenômeno museal cujo eixo central é a defesa e reivindicação dos direitos das pessoas ou grupos, por meio dos discursos sobre direitos humanos e de utilização de técnicas de mobilização e sensibilização quanto a abusos de poder, no que tange ao Holocausto.

O reforço à conscientização quanto às atrocidades como o holocausto é ampliado nos museus temáticos que são marcos, de fato, de lutas políticas e sociais, quando se utilizam ferramentas tecnológicas que permitem a criação e a manutenção de *websites*. A criação de um *website* de uma instituição museal contribui para a divulgação do conteúdo museológico sendo possível divulgar: exposições virtuais, documentários, resultados de pesquisa, projetos e outros. A arquitetura da Informação Digital auxilia no desenvolvimento dos *websites* de

museus proporcionando a divulgação do conteúdo, bem como permite incentivar o aumento de sua audiência na sociedade. O reforço também deve ocorrer mediante ações educacionais como palestras, chats, cursos e outros, para que os visitantes possam ter mais interação e aprofundamento sobre a temática dos direitos humanos.

Conforme ressaltado no decorrer desta tese, os direitos humanos devem ser o elemento central nos museus em que a temática é o registro da história humana com foco nos acontecimentos que resultaram na violação dos direitos da pessoa humana e, portanto, seu estudo demonstrou que a aplicação nos museus temáticos seguem essa abordagem, mantendo os direitos humanos em sua missão e nas ações em prol de alcançá-la.

Observa-se, portanto, que os museus estudados apresentam efetividade no uso das técnicas de mobilização e sensibilização que a tecnologia permite para levar à conscientização sobre abusos de poder e sobre os direitos humanos, aplicando as estratégias digitais no espaço expográfico que levam ao encorajamento do envolvimento dos visitantes com a temática e de sua conscientização sobre o tema.

No entanto, em relação à interação social e às atividades educacionais nos *sites* dos museus estudados, os resultados demonstram que os *sites* não oferecem interação *on-line* síncrona com o visitante. Porém, é possível ao visitante acessar no *site* os *links* para as redes sociais dos museus. As mídias sociais são ferramentas que proporcionam uma maior interação social entre o museu e o visitante *on-line*. As plataformas sociais oferecem a oportunidade de o museu falar com seu público, e não apenas para o público, incentivando seus seguidores a deixar comentários e a se envolver com a instituição. Recomenda-se, para futuros estudos, a análise das mídias sociais e a interação com o público *on-line* dos museus.

Nesse processo de pesquisa, ressalta-se o papel da gestão da informação nos *websites* desses museus que fazem uso das ferramentas tecnológicas, em especial seus *websites* institucionais em defesa dos direitos das pessoas, no sentido de conscientizar a sociedade atual para que fatos como o holocausto não aconteçam mais.

Destaca-se, adicionalmente, a importância do planejamento de um *website*, no sentido de essas instituições museais levarem em consideração a realidade em que estão inseridas, seus objetivos, sua missão e suas principais características. É importante ressaltar que a gestão da informação nos museus poderá contribuir para o mapeamento das informações sobre os seus acervos, levando em consideração os aspectos sociais e culturais dos artefatos que, quando apresentadas ao público, ponderarão seu significado social e cultural.

Cumpra lembrar as recomendações gerais que foram apresentadas nesta tese, em especial o reforço quanto à importância de os museus trazerem informações sobre a data da criação e os responsáveis por essa criação, bem como apresentar a data da última atualização. Embora os museus abordem a preocupação com a educação: ensinar, educar, incutir, combater, conscientizar etc., e abordem a temática de DH, devem destacar sua missão e agir em prol de sanar as deficiências encontradas em termos de acessibilidade e ações síncronas de troca.

Como limitações de pesquisa, tem-se o fato de que este estudo abrangeu um conjunto limitado de *websites*, havendo, por conseguinte, um universo maior a ser explorado para que se possa validar e aprimorar o modelo ora proposto.

Desse modo, como pesquisa futura sobre a temática recomenda-se aprimorar os modelos de indicadores de direitos humanos e sua efetividade nos museus temáticos, por meio da aplicação de ferramentas tecnológicas que aumentem a acurácia dos resultados sobre efetividade dos espaços museais virtuais no tocante à conscientização sobre os direitos humanos.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, Ben. **Holocausto**. 35 ed. São Paulo: WG Comunicações e Produções, 1976.

ABREU, Regina. Museus no contemporâneo: entre o espetáculo e o fórum. In: OLIVEIRA, Ana Paula de Paula Loures de; OLIVEIRA, Luciane Monteiro (org.). **Sendas da Museologia**. Ouro Preto, UFOP. 2012. Disponível em: http://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/capitulos/02-sendas_da_museologia.pdf. Acesso em: 12 mai. 2017.

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. Bibliotecas, arquivos e museus: convergências. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 162-185, jan/jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufjf.br/index.php/rca/article/viewFile/2737/2807>. Acesso em: 10 mar. 2020.

ALVARENGA, Lídia. Representação do conhecimento na perspectiva da ciência da informação em tempo e espaço digitais. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 8, n. 15, p. 18-40, jan. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2003v8n15p18>. Acesso em: 18 out. 2019.

ALVARENGA NETO, Rivadavia Correa Drummond; BARBOSA, Ricardo Rodrigues; CENDON, Beatriz Valadares. A Construção de Metodologia de Pesquisa Qualitativa com Vistas à Apreensão da Realidade Organizacional Brasileira: estudos de casos múltiplos para proposição de modelagem conceitual integrativa. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.16, n.2, p. 63-78. jul/dez.2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/459>. Acesso em: 20 fev.2019.

ANDRADE, Juliana Felipa Dias. **O museu na era da comunicação online**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade de Aveiro, Instituto de Ciências Sociais, Santiago/Portugal, 2008.

BARBOSA, Luiz Carlos Silva. Reflexos da Declaração Universal dos Direitos Humanos no Ordenamento Jurídico Brasileiro. **DIGE – Revista de Direito Internacional e Globalização Econômica**, São Paulo, v. 3. n 3. PUC-SP, p. 57-64, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/DIGE/article/view/38684/0>. Acesso em: 27 dez.2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A condição da informação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 67-74, jul. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392002000300010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 jan. 2018.

BEIERSDORF, Danielle. A memória do Holocausto; por meio do museu do Holocausto de Curitiba. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, 2., 2014, Florianópolis, SC. **Anais [...]**. Florianópolis, SC.: Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), 2014.

BERTONHA, João Fabio. Um mundo sem judeus. Esboços, Florianópolis, v. 26, n. 41, p. 206-213, jan./abr., 2019. [Seção] Resenha. Resenha da obra de: CONFINO, Alon. **Um mundo sem judeus: da perseguição ao genocídio, a visão do imaginário nazista**. São Paulo: Cultrix, 2016.

BONAVIDES, Paulo. **Curso de Direito Constitucional**. 19. ed., São Paulo: Editora Malheiros, 2006, p. 563.

BRASIL. **eMAG Modelo de Acessibilidade em Governo Eletrônico**. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação. Brasília: MP; SLTI, 2014.

BRASIL. GMI. **Guia Metodológico para Indicadores**. Orientações Básicas Aplicadas à Metodologia do Plano Plurianual. PPA 2016-2019. Indicadores – Orientações Básicas Aplicadas à Gestão Pública. Ministério do Planejamento Desenvolvimento e Gestão, Brasília, Jul. 2018.

BRASIL. MIDH, **Metodologia da Organização das Nações Unidas para Indicadores de Direitos Humanos**. Luiza Maria Borges Oliveira (org.). Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) / Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD) / Coordenação-Geral do Sistema de Informações sobre a Pessoa com Deficiência. Brasília: SDHPR/SNPD, 2012.

BRODSKY, Ricardo. Gestión de Archivos y Memoria de La Represión: La experiencia del Museo de la Memoria y los Derechos Humanos de Chile. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL MEMORIA, DIREITOS HUMANOS E REPARAÇÃO: políticas da memória, arquivos e museus, 2014, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Museu dos Direitos Humanos do Mercosul, 2014.

BRULON, Bruno. A invenção do ecomuseu: O caso do *Écomusée du Creusot Montceau-les-Mines* e a prática da museologia experimental. **Revista Mana Estudos de Antropologia Visual**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 267–295, 2015.

BRYSK, Alison. **Globalization and Human Rights**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2002.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte, Brasil. **Trabalho apresentado [...]**. Tradução de Ana Maria Rezende Cabral, Eduardo Wense Dias, Isis Paim, Ligia Maria Moreira Dumont, Marta Pinheiro Aun e Mônica Erichsen Nassif Borges. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 31 dez. 2014.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger; CARDOSO, Ana Maria Pereira; FERREIRA, Maria da Glória Achtschin; AZEVEDO, Marco Antônio de. (trad.). O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n.1, 2007, p. 148-207.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Holocausto: Crime contra a humanidade**. São Paulo: Ática, 2000.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Nazismo e Antissemitismo - Teorias e Práticas da Exclusão. *In: JORNADA INTERDISCIPLINAR SOBRE O ENSINO DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO*, 15., 2010, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação do Estado de São Paulo, 2010. p. 2-16.

CARTER, Jennifer; ORANGE, Jennifer. *Contentious terrain: defining a human rights museology*. **Journal Museum Management and Curatorship**, [s.l.], v.27, n. 2, p. 111-127, 2012.

CARTER, Jennifer; ORANGE, Jennifer. *The work of museums: The implications of a human rights museology*. **Federation of International Human Rights Museums Conference**. Slavery Museum, Liverpool, U.K.. 2011, p.1-18.

CARTER. Jennifer. Os Direitos em Prática: a Musealização e a Mediação dos Direitos Humanos e da Justiça Social na Era Neoliberal. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIA E MUSEOLOGIA: UNIVERSO IMAGINÁRIO*, 3., 2015, Belo Horizonte, MG. **Anais [...]**. Belo Horizonte, MG.: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015. p. 28-41.

CARVALHO, Ana Amélia. Indicadores de Qualidade de Sites Educativos. **Cadernos SACAUSEF – Sistema de Avaliação, Certificação e Apoio à Utilização de Software para a Educação e a Formação**. Ministério da Educação, Brasília/DF, n. 2, p.55-78, 2006.

CARVALHO, Ana Amélia; SIMÕES, Alcino; SILVA, João Paulo. Indicadores de Qualidade e de Confiança de um Site. *In: ALVES, Maria Palmira; MACHADO, Eusébio A. (org.). Avaliar as aprendizagens*. **Actas das Jornadas ADMEE**, Braga: CIED, 2005. p.19-31.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede: do conhecimento à política. *In: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (org.). A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política*. Centro Cultural de Belém, Portugal: Imprensa Nacional, 2005. p. 16-30.

CHOO, Chun Wei. **A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões**. São Paulo: Editora Senac, 2003.

COELHO. Daniela Vicedomini. **O museu do Holocausto de Curitiba sob uma perspectiva contemporânea**. 2015. Dissertação (Mestrado em Museu) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, Lisboa, 2015.

CORDOVIL. Maria Madalena. Novos museus novos perfis profissionais. **Cadernos de Museologia**, Lisboa, Portugal, n.º 1, p.21-35, out./nov. 1993.

COSENTINO, Milena Callegari. **A memória coletiva e a construção da identidade em famílias da Sociedade Israelita de Ribeirão Preto**. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, São Paulo, 2013.

CRUZ, Carlos Henrique Brito. Vannevar Bush: uma apresentação. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 11-13, mar. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142011000100001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 abr. 2019.

DANTAS, Sara Monteiro de Souza. **Os Museus do Holocausto: Recortes da história na visão do turista**. 2008. Monografia (Graduação em Turismo) – Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Turismo, Universidade Federal Fluminense. Niterói/RJ, 2008.

DANZINGER, Leila. Shoah ou holocausto? – a aporia dos nomes. Arquivo Maaravi, **Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, Belo Horizonte, n.º1, v.1, outubro de 2007. Disponível em: <http://leiladanziger.com/text/32shoah.pdf>. Acesso em: 20 out. 2016.

DECLARATORIA DE OAXTEPEC.1984. Disponível em: <http://www.iber museus.org/wp-content/uploads/2014/07/declaracao-de-oaxtepec.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2017

DECLARAÇÃO de Quebec. Declaração de Quebec, princípios de base de uma nova museologia, 1984. **Cadernos de Sociomuseologia**, [S.l.], v. 15, n. 15, p.223-225, jun. 2009. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/342>. Acesso em: 16 jul. 2017.

DECLARAÇÃO DE SANTIAGO DO CHILE.1972. Disponível em: <http://catedraunesco.ulusofona.pt/declaracao-santiago/>> Acesso em : 16 jul. 2017.

DUDH. DECLARAÇÃO UNIVERSAL DE DIREITOS HUMANOS. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content//DUDH.pdf>. Acesso em: 20 set.2018.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (dir.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DOLINGER, Jacob. **Direito e amor e outros temas**. Rio de Janeiro: Ed. Renovar, 2009.

DUTRA, Larissa Fernandes. **Gestão da Informação e Tecnologias: Diretrizes para Projetos da Interface de Museus Virtuais no Âmbito da Autenticidade**. 2018. Dissertação (Mestrado em Gestão e Organização do Conhecimento) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

ESPING-ANDERSEN, Gosta. As três economias políticas de *Welfare State*. **Revista Lua Nova**, São Paulo, Centro de Estudos Contemporâneos/Cedec, n.º 24, Sept. 1991.

FARO, Laurie M. C. *Digital Monument to the Jewish Community in the Netherlands and the Jewish Monument Community: commemoration and meaning*. **New Review of Hypermedia and Multimedia**, [s.l.], p.70-80, 2014.

FERREIRA, Ana Maria Jensen F. da Costa; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregório. A encontrabilidade da informação em web sites de museus. **Inf. Prof.**, Londrina, v. 5, n. 2, p. 79 – 101, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/infoprof/>. Acesso em: 20. jul. 2017.

FERREIRA, Djalma B.N. Uma contribuição para a elaboração de indicadores de Direitos Humanos no Brasil. **Bahia Análise & Dados**, Salvador, v. 14, n. 1, p. 225-232, jun. 2004.

FILMER-WILSON, Emille. *An Introduction to the Use of Human Rights Indicators for Development Programming*. **Netherlands Quarterly of Human Rights**, v.24, n.1, p. 155-161, 2006.

FRANCO, Maria Ighes Mantovani. Museus: agentes de inovação e transformação. *Cadernos de Sociomuseologia*. Lisboa: v. 57, n.13, p. 13-27, 2019.

GOBIRA, Pablo; CORRÊA, Fernanda; ALMEIDA, Karla Danitza de. Acervos Museológicos e a Cidade: Pensando o Acesso ao Patrimônio Artístico E Cultural. *Rev. CPC*, São Paulo, n.27, p.267-286, jan./jul. 2019.

GOLDBERG, Amos. *The “Jewish narrative” in the Yad Vashem global Holocaust museum*, *Journal of Genocide Research*, [s.l.], v. 14, ed. 2, p. 187-213, 2019.

GOMES, Clausi Maria do Porto. **Centros de memória acadêmicos: um estudo de multicasos na UFMG**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

GONZALEZ, Rachel. Keep the conversation going: how museums use social media to engage the public. *The Museum Scholar*, v. 1, n. 1, 2017.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Metodologia de pesquisa no campo da ciência da informação. *DataGramaZero* – Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, dez. 2000.

GREGOROVÁ, Anna. *La muséologie – science ou seulement travail pratique dumusée*, *MuWoP- DoTraM*, [s.l.], n.º1, 1980, p. 19-21.

GUIMARÃES, Paulo Henrique Monteiro; DIAS, Anacléia Soares Pereira; YOKOKURA, Júlia Satie; SILVA, Paula Luciana da. **Manual de elaboração de indicadores – 2016**. Governo do Estado de Mato Grosso, Secretaria de Estado de Planejamento – SEPLAN. Secretaria Adjunta de Informações Socioeconômicas, Geográficas e de Indicadores. Superintendência de Estatística, Indicadores e Gestão da Informação. Cuiabá, Mato Grosso, 2016.

HENRY, Shain. W3C. Essential Components of Web Accessibility. **World Wide Web Consortium**, [s.l.], 2005. Disponível em: <https://www.w3.org/>. Acesso em: 13 nov. 2019.

HOFFMAN, Felipe Eleutério; FROTA, Maria Guiomar da Cunha. Museus e justiça de transição no contexto brasileiro: memória e informação na construção de espaços de representação do trauma. *Em questão*, Porto Alegre, UFRS, v. 25, n. 2, , p. 278-299, maio/ago. 2019.

HUMAN RIGHTS EDUCATION INDICATOR FRAMEWORK.HREIF. **Key indicators to monitor and assess the implementation of human rights education and training**. Human Rights Education Associates, [s.l.], 2015. Disponível em: <http://www.hre2020.org/sites/default/files/Human%20Rights%20Education%20Indicator%20Framework.pdf>. Acesso em: 20 set.2018.

HUYSEN, Andreas. *En Busca del futuro perdido. Cultura y memoria en tiempos de globalización*. Tradução de Silvia Fehrmann. Fondo de Cultura Económica, México, 2002.

HUYSEN, Andreas. Mídia e discursos da memória. [Entrevista concedida a] Sonia Virgínia Moreira e Carlos A. de Carvalho Moreno. *Revistas Eletrônicas de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v.27, n.1, p.97-106, jan/jun. 2004.

ICOM. INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. *Code of Ethics for Museums*. Paris, França, Disponível em: <https://icom.museum/wp-content/uploads/2017/07/ICOM-code-En-web.pdf>. Acesso em: 14 set. 2017.

IOF-MG-Seminário internacional no TJMG debate museologia e direitos das pessoas. **Diário Oficial de Minas Gerais**, Belo Horizonte, p.4, set. 2015. Disponível em: http://jornal.iof.mg.gov.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/152446/noticiario_2015-09-30%204.pdf?sequence=1. Acesso em: 20 out. 2018.

JANNUZZI, Paulo de Martino. Indicadores para diagnóstico, monitoramento e avaliação de programas sociais no Brasil. **Revista do Serviço Público**, Brasília, v. 56, n. 2, p.137-160, abr/jun. 2005.

KAFURE, Ivette. Concepção interdisciplinar da interface do sistema de gestão da informação. **RICI - Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília. v. 2, n. 2, p. 53-70, ago./dez.2009.

KAPLAN, Andreas; HAENLEIN, Michael. **Users of the World, Unite!** The Challenges and Opportunities of Social Media. **Business Horizons**, v. 53, Issue 1, p.59-68, January–February 2010. Disponível em : <https://www.sciencedirect.com/science/journal/00076813>. Acesso em: 08 dez.2018.

KÜCK, G. "Tim Berners-Lee's Semantic Web" *South African Journal of Information Management*, v.1, Março. 2004. Disponível em: <http://www.sajim.co.za/index.php/SAJIM/article/download/297/288>. Acesso em: 10 fev.2019.

LAFER, Celso. A ONU e os direitos humanos. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 9, n. 25, p. 169-185, set./dez. 1995. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000300014 Acesso em: 20 ago. 2017.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Tradução de Maria Yeda F. S. de Figueiras Gomes. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

LEVY, Daniel; SZNAIDER, Natan. A institucionalização da moralidade cosmopolita: o Holocausto e os direitos humanos. **História Revista**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 261-285, jan./jun. 2012.

LEWGOY, Bernardo. Holocausto, trauma e memória. **WebMosaica - Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall**, Porto Alegre, v.2, n.1, p.50-56, jan/jun. 2010.

LEWIN, Helena. Solidariedade em tempos sombrios: tributo aos “Justos entre as nações”. **Webmosaica - Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 20-32, jan/jun. 2011. Disponível em: www.seer.ufrgs.br/webmosaica/article/viewFile/22358/13032. Acesso em: 24 nov. 2016.

LIMA, Fernanda Luíza Teixeira; CARVALHO, Aline Vieira de. Memórias em construção: o presente e o passado da ditadura militar chilena representados no *Museo de la Memoria y los Derechos Humanos*. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 25, n. 53, p. 81-105, Apr. 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/horizontes/2887>. Acesso em: 24 jul. 2019.

LU, Fangqing. *Museum architecture as spatial storytelling of historical time: Manifesting a primary example of Jewish space in Yad Vashem Holocaust History*. **Frontiers of Architectural Research**, 6 (4), p. 442–455, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.foar.2017.08.002>\ Acesso em: 2 dez. 2019.

MARTINS, Cesar Eugenio Macedo de Almeida; BARACHO, Renata Maria Abrantes Porto. Perfil do público-visitante dos museus disponíveis no site Era Virtual. **Ci. Inf. Rev.**, Maceió, v. 6, n. 1, p. 140-158, jan./abr. 2019

MAZZUOLLI, Valério de Oliveira. **Curso de Direito Internacional Público**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2012.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer afetos**. Signo da Relação 2. Cotidianos. 1. Ed. São Paulo: Edições Casa da Setta, 2018.

MENSCH, Peter Van. *Towards a methodology of museology*. 1992. Tese. University of Zagreb, 1992. Disponível em: <http://emuzeum.cz/admin/files/Peter-van-Mensch-disertace.pdf>. Acesso em: 15 out. 2019.

MENSCH, Peter Van. *The community museum as a place for remembrance: introduction*. **City museums on the move**. Amsterdam, 2012. p.11-13. Disponível em: https://issuu.com/amsterdammuseum/docs/new_city_museum_on_the_move. Acesso em:----

MILLE, Raymond De La Rocha. **Museums without walls: the museology of Georges Henri Rivière**. 2011. Thesis (Doctoral thesis) - Department of Cultural Policy and Management, City University London, London. 2011. Disponível em: <http://openaccess.city.ac.uk/2154/>. Acesso em: 13 jul. 2017.

MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de. **Organização e representação do conhecimento: Fundamentos teórico-metodológicos na busca e recuperação da informação em ambientes virtuais**. 2005. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/690>. Acesso em: 15 mai. 2017.

MORENO, José. O valor económico da informação na sociedade em rede. Observatório CIES Journal, [s. l.], v.9, n. 2, p.1-28, jun. 2015. Disponível em: <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/801>. Acesso em: 15 out. 2017.

MORVILLE, Peter. **User Experience Design**. Semantic Studios. jul. 2004. Disponível em: <https://www.usj.edu.lb/moodle/stephane.bazan/webdesign/morville.pdf>. Acesso em: 20 set. 2017.

MOSES, Anthony Dirk. *The Canadian Museum for Human Rights: The “Uniqueness of the Holocaust” and the Question of Genocide*. **Journal of Genocide Research**. [s.l.], v.14, jun. 2012. p.215-238. Disponível em: <http://www.dirkmoses.com>. Acesso em: 20 jun. 2016.

MOTTA, Fernanda Motta Vasconcellos; BARBOSA, Cátia Rodrigues; BARBOSA, Ricardo Rodrigues. Big Data como Fonte de Inovação em Museus: o estudo de caso do Museu Britânico. **Inf. & Soc.**, João Pessoa, v.29, n.1, p. 83-100, jan./mar. 2019.

NOTEBAERT, Jean-François; PULH, Mathilde; MENCARELLI, Rémi; GRAILLOT, Laurance; BOURGEON-RENAULT, Dominique; MARTEAUX-MENCARELLI, Séverine. *Quelles stratégies pour les musées sur Internet?* Entre «click and mortar» et «mortar and click», **Management & Avenir**, [s.l.], v. 44, n. 4, p. 147-164, 2011. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-management-et-avenir-2011-4-page-147.htm>. Acesso em: 20 set. 2017.

NUNES, Rosiane da Silva. **UNESCO: Património Cultural Imaterial e a Sociomuseologia**. 2011. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal, 2011.

UNESCO. *Recommendation concerning the promotion and use of multilingualism and universal access to cyberspace*. Paris. 2003. 10p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org>

OHCHR. *Office of the High Commissioner for Human Rights. Human Right Indicators - A Guide to Measurement and Implementation*, United Nations, 2012. Disponível em: https://www.ohchr.org/documents/publications/human_rights_indicators_en.pdf. Acesso em: 20 set. 2017.

ONU. BRASIL. **Conheça a ONU**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org>. Acesso em: 10 fev. 2018.

ONU BRASIL. **A declaração universal dos direitos humanos**. 70 anos. 2018. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/>. Acesso em: 10 fev. 2018.

ONU-CRPD. *Convention on the Rights of Persons with Disabilities*. [s.l.; s.d.]. Disponível em: <https://www.un.org/disabilities/documents/convention/convoptprot-e.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.

ORANGE, Jennifer; CARTER, Jennifer. *It's Time to Pause and Reflect: Museums and Human Rights*. **Curator: The Museum Journal**, [s. l.], v. 55, n. 3, p. 259-266, jul. 2012.

PACHECO, Ricardo de Aguiar; OLIVEIRA, Karoline Mery de. Os Museus e a Identidade das Instituições no Mundo Contemporâneo. **Revista História e Culturas**, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 7-21, 2018. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistahistoriaculturas/article/view/1155>. Acesso em: 24 set. 2018.

PILEGGI, Salvadore Flávio; FERNANDEZ-LLATAS, Carlos; TRAVER, Vicente. *When the social meets the semantic: Social semantic web or web 2.5*. **Revista Future Internet**, Nova York, 4, ed. 3, p. 852-864, set. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/fi4030852>. Acesso em: out. 2018.

POULOT, Dominique. O que é museu? *In*: POULOT, Dominique. **Museu e museologia**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 15-34.

PRIMO, Judite Santos. **A Museologia e as Políticas Culturais Europeias: O Caso Português**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto, Portugal, 2007.

PRIMO, Judite Santos. Pensar Contemporaneamente a Museologia. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, Portugal: Centro de Estudos de Sociomuseologia, 1999.

QUEIROZ, Daniela Gralho de Caneda; MOURA, Ana Maria Mielniczuk. Ciência da informação: história, conceitos e características. **Em Questão**, Porto Alegre, v.21, n.3, p. 25-42, ago./dez. 2015.

READING, Anna. *Digital interactivity in public memory institutions: the uses of new technologies in Holocaust museums*. **Media, Culture & Society**, [on-line], v.25, p. 67–85, 2003.

RICHARDSON, Roberto Jarry; PERES, Jose Augusto de Souza; WANDERLEY, José Carlos Vieira; CORREIA, Lindoya Martins; PERES, Maria Holanda de Melo. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, Juciara. *et al.* **Direitos Humanos: uma Declaração Universal**. Organização: PNEC-DH. Secretaria Nacional de Cidadania. Ministério dos Direitos Humanos. Brasília/DF.: ENAP, 2018.

RODRIGUEZ, Maria Helena; PRADAL, Fernanda Ferreira. **Olhares sobre indicadores de direitos humanos**. [s.l.], 2010. Disponível em: <https://fase.org.br>. Acesso em: 25 jun. 2019.

ROMANOWSKI, Joana Paulim; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Diálogo Educacional**, Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, v. 6, n. 19, p. 37-50, set./dez. 2006.

RUA, Maria das Graças. **Desmistificando o problema: uma rápida introdução ao estudo dos indicadores**. Brasília: ENAP, 2004. Disponível: <http://antigo.enap.gov.br/downloads/ec43ea4fUFAM-MariadasGraEstudoIndicadores-novo.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2017.

SANTA ANNA, Jorge. Aspectos epistemológicos da ciência da informação e o comportamento informacional: diálogos com Borko, Le Coadic e Saracevic. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 16, n. 2, jan. 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8649807>. Acesso em: 5 jun. 2018.

SANTOS FILHO, Iveraldo Oliveira dos. Direitos Humanos e a ONU: A Possibilidade de um Processo de Perdão para o Genocídio. **Revista Em Tempo**, Marília, v. 16, n. 1, p. 93-119, fev. 2017. Disponível em: <https://revista.univem.edu.br/emtempo/article/view/2199>. Acesso em: 28 may. 2018.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SCHWAB, Klaus. **A quarta revolução industrial**. Tradução: Daniel Moreira Miranda. São Paulo: Edipro, 2016.

SHALEV, Avner. **Looking Back, Moving Ahead: Yad Vashem at 60**. Blog do Yad Vahsem. 2013. Disponível em: <https://www.yadvashem.org/blog/looking-back-moving-ahead-yad-vashem-at-60.html>. Acesso em: 20 fev.2019.

SOTO, Moana. Os Museus e a Sociedade em Rede. **Revista Museologia e Patrimônio. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio-PPG-PMUS** Unirio, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 23-28, 2010. Disponível: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewArticle/65>. Acesso em: 20 out. 2017.

STRAIOTO, Fabiana. **A Arquitetura da Informação para a World Wide Web: Um Estudo Exploratório**. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, São Paulo, 2002.

TIRONI, Luís Fernando; SILVA, Luis Carlos Eichemberg; VIANNA, Solon Magalhães; MÉDICI, André César. **Critérios para geração de indicadores de qualidade e produtividade no serviço público**. Brasília: IPEA/MEFP, 1991.

WERSIG, Gernot; NEVELING, Ulrich. *The phenomena of interest to information science. Information Scientist*, [on-line], v. 9, n. 4, p. 127-140, Dec. 1975.

WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, Aug. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652000000200009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 jan. 2017.

XAVIER, Ana Isabel; RODRIGUES, Ana Luísa; OLIVEIRA, Felipe; OLIVEIRA, Gonçalo; COELHO, Inês; COUTNHO, Inês; MATOS, Sara. **A Organização das Nações Unidas**. Coimbra, Portugal: Humana Global, 2007. Disponível em: http://www.DireitosHumanosnet.org.br/abc/onu/onu_humana_global_onu.pdf. Acesso em: 10 out. 2017.

YASSUDA, Sílvia Nathaly. **Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, São Paulo, 2009. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/yassuda_sn_me_mar.pdf. Acesso em: 10 mar. 2020.

YIN, Robert. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS PESQUISADOS

ACNUDH. **Escritório do Alto Comissariado para os Direitos Humanos**. Disponível em: <https://acnudh.org/pt-br/o-escritorio/>. Acesso em: 20 mar.2018.

ANNE FRANK HOUSE. Disponível em: <https://www.annefrank.org/en/>. Acesso em: 15 fev. 2019.

ASES. **Avaliador e Simulador de Acessibilidade em Sítios**. Disponível em: <http://asesweb.governoeletronico.gov.br/ases/>. Acesso em: 01 dez. 2018.

BEIT HAEDUT - THE TESTIMONY HOUSE. Disponível em: <https://www.beit-haedut.org.il/he/>. Acesso em: 17 mar. 2019.

BUCHENWALD AND MITTELBAU-DORA-MEMORIALS FOUNDATION. 2018.

Disponível em: <https://www.buchenwald.de/en>. Acesso em: 15 mai. 2018.

CAPE TOWN HOLOCAUST AND GENOCIDE CENTRE. Disponível em:

<http://ctholocaust.co.za/>. Acesso em 10 ago.2019.

CERN. European Organization for Nuclear Research. Disponível em:

<https://home.cern/science/computing/birth-web>. Acesso em: 10 jan. 2019.

CORRIE TEN BOOM MUSEUM. Disponível em: <https://www.corrietenboom.com/en/home>.

Acesso em: 11 jan. 2019.

EL PASO HOLOCAUST MUSEUM AND STUDY CENTER. Disponível em:

<https://elpasoholocaustmuseum.org/>. Acesso em: 6 mar. 2019.

FIHRM-Federation of International Human Rights Museums. 2019. Disponível em:

<https://www.fihrm.org/home/>. Acesso em: 10 dez. 2018.

FHM. FLORIDA HOLOCAUST MUSEUM. Disponível em:

<https://www.flholocaustmuseum.org/>. Acesso em: 10 jan. 2019.

GHETTO FIGHTERS' HOUSE - HOLOCAUST AND JEWISH RESISTANCE

HERITAGE MUSEUM. Disponível em: <https://www.gfh.org.il/>. Acesso em: 18. fev. 2019.

GLOBAL DIRECTORY OF HOLOCAUST MUSEUMS.GDHM. Disponível em:

<http://www.science.co.il/jewish/Holocaust-museums.php>. Acesso em: 10 fev. 2017.

HOLOCAUST AWARENESS MUSEUM. Disponível em: <http://www.hamec.org/>. Acesso

em: 13 fev. 2019.

HOLOCAUST EDUCATION CENTER. Disponível em: <http://www.hecjpn.org/>. Acesso em:

25 fev. 2019.

HOLOCAUST MEMORIAL RESOURCE AND EDUCATION CENTER OF FLORIDA.

Disponível em: <http://www.holocaustedu.org/>. Acesso em: 15 mar. 2019.

HOLOCAUST MUSEUM. Disponível em: <http://theholocaustmuseum.info/>. Acesso em: 12

nov. 2016.

HOLOCAUST MUSEUM & CENTER FOR TOLERANCE AND EDUCATION.

Disponível em: <https://holocauststudies.org/>. Acesso em: 04 mar. 2019.

HOLOCAUST MUSEUM HOUSTON. Disponível em: <https://hnh.org/>. Acesso em:

20 jan. 2019.

HOLOCAUST MUSEUMS, MONUMENTS, AND MEMORIALS AROUND THE

WORLD. Disponível em: <https://www.nj.gov/education/holocaust/resources/world.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2018.

HOLOCAUST RESOURCE CENTER. Disponível em: <http://www.hrcbuffalo.org/>. Acesso em: 23. jan. 2019.

IBRAM – Portal do Instituto Brasileiro de Museus. Guia dos Museus Brasileiros. 2017. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/guia-dos-museus-brasileiros/>. Acesso em: 12 nov. 2017.

INTERNET LIVE STATS. [s.l.]. 2019. Disponível em: <https://www.internetlivestats.com/>. Acesso em: ago. 2019.

JEWISH HOLOCAUST MUSEUM AND RESEARCH CENTER. Disponível em: <http://www.jhc.org.au/>. Acesso em: 28 jan. 2019.

KAZERNE DOSSIN: MEMORIAL, MUSEUM AND DOCUMENTATION CENTRE ON HOLOCAUST. Disponível em: <https://www.kazernedossin.eu/EN>. Acesso em: 19 mar. 2019.

MAUTHAUSEN CONCENTRATION CAMP MEMORIAL. Disponível em: <https://www.mauthausen-memorial.org/>. Acesso em: 10 Mar. 2019.

MEMORIAL MUSEUM FOR CHILDREN OF IZIEU. Disponível em: <http://www.memorializieu.eu/>. Acesso em: 10 fev. 2019.

MHC - MUSEU DO HOLOCAUSTO DE CURITIBA. Disponível em: www.museudoholocausto.org.br. Acesso em: 10 jan. 2018.

MONTREAL HOLOCAUST MUSEUM. Disponível em: <https://museeholocauste.ca/en/>. Acesso em: 22 fev. 2019.

MUSEO DE LA MEMORIA Y LOS DERECHOS HUMANOS. Sobre o museu. 2019. Disponível em: <https://ww3.museodelamemoria.cl/sobre-el-museo/>. Acesso em 10 jan.2019,

MUSEUM OF JEWISH HERITAGE - MEMORIAL TO THE HOLOCAUST. Disponível em: <https://mjhnyc.org/>. Acesso em: 15 jan. 2019.

NATIONAL HOLOCAUST CENTRE AND MUSEUM.NHCN. Disponível em: <https://www.holocaust.org.uk/>. Acesso em: 1 mar. 2019.

NEJ/USP. Núcleo de Estudos Judaicos. Universidade de São Paulo. 2017. Disponível em: <http://nej.fflch.usp.br/>. Acesso em: 15 mai.2017.

PLATFORM FOR HUMAN RIGHTS INDICATORS FOR BUSINESS- HRIB. Business & Human Rights Resource Centre. Disponível em: <https://www.business-humanrights.org/en/platform-for-human-rights-indicators-for-business-hrib>. Acesso em: 10 ago. 2018.

SEMRUSH. Disponível em: www.semrush.com. Acesso em: 10 ago. 2018.

STATE MUSEUM AT MAJDANEK CONCENTRATION CAMP.SMMCC. Disponível em: <http://www.majdanek.eu/en>. Acesso em: 8 mar. 2019.

THE CAPE TOWN HOLOCAUST & GENOCIDE CENTRE. Disponível em: <http://ctholocaust.co.za/about-us/>. Acesso em: 20 mar. 2019.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. Brasil. 2018. Disponível em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil>. Acesso em: 25 fev.2018.

USHMM - UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Disponível em: www.ushmm.org. Acessos em: 11 ago. 2018; 20 set.2019.

YVHRC - YAD VASHEM. HOLOCAUST REMEMBRANCE CENTER. Disponível em: <https://www.yadvashem.org/>. Acesso em: 15 jan. 2018.

W3C. World Wide Web Consortium. Disponível em: <https://www.w3.org/Consortium/>. Acesso em: 20 ago.2019.

APÊNDICE A - Formulário para anotação de elementos traduzidos dos *websites* para categorização e análise dos sites, à luz da DUDH

NÚMERO _____

NOME DO MUSEU _____

MISSÃO OU OBJETIVO: tradução na íntegra do site

Menu Principal e sub menus

MENU PRINCIPAL (colocar o nome nessa linha) →							
SUB MENUS (nessa linha e descreva o sub menus a partir dessa linha, descendo →↓)							

Continua na próxima página se tiverem muitos menus e sub menus.

MENU PRINCIPAL (colocar o nome nessa linha) →							
SUB MENUS (nessa linha e descreva o sub							

menus a partir dessa linha, descendo →↓							

Redes sociais () NÃO () facebook () twitter () e-mail () instagram () youtube () _____ ()

_____ () _____ () _____

Banco de Dados () sim () não

Acervo: () fotográfico () vídeos () áudios () outros

Museu virtual () sim () não

Acessibilidade no site: _____

Línguas () Inglês () espanhol () francês () português () OUTRAS _____

DESTAQUE seja na comunicação, na interação e tecnologia (novidades tecnológicas) o que viu relacionado a direitos humanos, direitos das pessoas.
